

Marcos Eduardo Neves



**NUNCA  
HOUE  
UM  
HOMEM  
COMO**

# **HELENO**

NOVA EDIÇÃO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Marcos Eduardo Neves

NUNCA HOUVE UM HOMEM COMO  
**HELENO**



# Sumário

1. Gilda! 1947
2. Rebelde sem causa 1920-1933
3. Cidade maravilhosa 1933-1935
4. Gênio indomável 1935-1937
5. Dançando nas nuvens 1938-1939
6. A explosão do gênio 1940
7. Sangue novo 1941
8. Entre tapas e beijos 1942
9. Um ano às avessas 1943
10. Às armas, cidadãos! 1944
11. O "Diamante Branco" 1945
12. O "Clube dos Cafajestes" 1945
13. Nas roletas da vida 1946
14. Dupla personalidade 1946
15. Um astro de Hollywood 1947
16. A estrela solitária 1948
17. Buenos Aires conquistada 1948
18. Ovelha negra 1948
19. O "Expresso da Vitória" 1949
20. Enfim, campeão carioca 1949
21. À beira de um ataque de nervos 1950
22. O vírus Heleno 1951
23. O embuste 1951
24. O médico e o monstro 1951

- 25. Sombras da loucura 1952-1954
- 26. Nada além de uma ilusão 1954-1956
- 27. Vida depois da morte 1956-1959

Sumário de jogos e gols

Notas

Bibliografia

Agradecimentos

Índice onomástico

“Esmagado pelo coro ensurdecedor, Heleno não se continha mais. Daí em diante perdia o controle, mergulhando no mais denso e intenso clima de conflito e autopunição. Heleno aceitava a provocação como um perseguido, o mais invejado dos homens, convencido de que o mundo inteiro estava contra ele. E lá se ia o jogo, a beleza e a astúcia do seu futebol de encantos, para o mais irremediável do caos. A partir desse momento de comicidade trágica, entregava-se aos desatinos de sua psicose congênita, de adolescente mimado, intocável. Irritava-se, irritava os companheiros, desafiava árbitros e bandeirinhas, zombava do público, pronto.”

Geraldo Romualdo da Silva\*

---

\* *Jornal dos Sports*, série “Os monstros sagrados”, 1983.

# 1. Gilda!

1947

Adentrou o gramado o Fluminense, perfilando-se defronte às sociais. Seus atletas foram aplaudidos com frenesi. O Botafogo, ao fim do trote, tomou a tradicional chuva de vaias. Fazia parte do espetáculo.

Heleno de Freitas, o ídolo da massa alvinegra, batia bola para se aquecer. A aristocrática social de Álvaro Chaves não o perdoava, xingando-o sem cessar sempre que por lá colocava os pés. Afinal, jogara na base tricolor, era um “traidor”. O centroavante, titular da seleção brasileira, seguia tranquilamente se exercitando. E com um quê de narcisismo. Bem ou mal, adorava ser reconhecido.

Quando o Botafogo saía de casa para enfrentar times pequenos, os zagueiros o cutucavam:

– Lá vem o “viadinho” de Copacabana.

Tudo porque deixava o vestiário com as pernas brilhando da massagem de aquecimento, encharcadas de óleo. E um penteado à base de gomalina que, aliado à beleza física, dava-lhe um ar de Rodolfo Valentino de chuteiras. Era uma vedete.

Ao dar o pontapé inicial, rolando para Otávio, Heleno escutou um grito diferente:

– Gilda!

Reconheceu a voz – era um amigo seu, tricolor, do “Clube dos Cafajestes” –, sorriu, aceitou o desafio.

Começava o jogo.

Aquele berro despertou a argúcia da torcida pó de arroz, a do Fluminense, assim chamada com desdém pelas massas rivais por causa de seu perfil aristocrático. Gilda remetia à personagem de Rita

Hayworth no filme homônimo de Charles Vidor, que estreara cinco dias antes na cidade. Não havia apelido melhor. Gilda era mulher linda, glamourosa e temperamental. Capaz de derrubar homens cantando e jogando suas luvas para eles. Atributos que se encaixavam, exceto pelas luvas e melodias, em Heleno de Freitas de forma perfeita. Não tardou em virar coro da multidão.

– Gilda! Gilda! Gilda! – os torcedores do time da casa já começavam a incomodar. Heleno não podia pegar na bola que escutava a saudação. Começava a ser travada uma espécie de guerra psicológica, que, embora tentasse disfarçar, o desestabilizava emocionalmente.

Corajoso, impetuoso, Heleno seguia lutando, louco para fazer um gol. Quando errava um chute, não escapava da gozação:

– Gilda! Gilda! Gilda! – a massa se divertia, aliviava o espírito.

Sujo, no empurra-empurra da área, nos escanteios, segurava os colhões de adversários, artimanha que aprendera com os argentinos.

– Gilda! Gilda! Gilda!

Num lance, atracou-se com o meia Orlando Pingo de Ouro.

– Gilda! Gilda! Gilda!

Assim que o juiz Mário Vianna virou as costas para os dois, Orlando deu uma cotovelada em Heleno. Irascível, o goleador alvinegro se vingou sem medir consequências. Com força diabólica, arrancou o cordão do pescoço dele.

– Gilda! Gilda! Gilda!

A torcida teimava em não se calar. Nas arquibancadas e sociais, uma festa só. Ainda mais com o resultado nitidamente dando certo. Ainda que o Botafogo estivesse vencendo, Heleno estava a um passo da insalubridade. Maliciosos, o teste psicológico perduraria por todo o segundo tempo.

Heleno se martirizava a cada “Gilda!”. As provocações minavam-lhe mais e mais os nervos já desgastados. E não era só “Gilda!”. Marchinha de carnaval da época, o público esgoelava-se cantando “Helena, Helena, vem me consolar!”, música de Antonio Almeida. O centroavante reagia. Ou correndo até a lateral do campo para

ensaiar passos de Carnaval, ou distribuindo “bananas” para as arquibancadas.

– Escandalosa! – berrava um ou outro. Mas “Gilda! Gilda! Gilda!” era o som que tomava conta do ambiente. E de seu espírito atormentado.

O ídolo reagiria de forma agressiva. Agressiva e pornográfica. Sabendo que a alta burguesia das Laranjeiras concentrava nas cadeiras várias senhoras de família, Heleno fez que ia mostrar a genitália para as sociais.

– Uh! Cafajeste! – respondiam. E tacavam veneno, em perfeita sincronia: – Gilda! Gilda! Gilda!

“Houve um instante em que a torcida tricolor gritou com todas as suas forças: ‘Gilda! Gilda!’ Heleno olhou o placar, meditou, e só depois de concluir a jogada colocou o indicador e o médio em V, como que antecipando a conquista do segundo gol. E teve sorte, porque Teixeira fez o segundo.”<sup>1</sup>

O Botafogo ganhou de 2 × 1. O outro gol foi assinalado por Geninho. Ironizando os tricolores – fez sinais de que espalhava pó de arroz pelo rosto –, Heleno de Freitas, a melhor figura em campo, saiu do gramado nos ombros da torcida.

Duas semanas depois, o astro viveu o mais memorável dia de sua carreira. Na última partida do turno, 12 de outubro de 1947, o estádio da rua General Severiano ficou pequeno para Botafogo e América. Foi um jogo fantástico. Incansável, destemido, Heleno fez dois belos gols. Era um virtuose da pelota. Na metade do segundo tempo o Glorioso se acomodou, permitindo que o time rubro crescesse e, surpreendentemente, empatasse. O pior estava por vir. O goleiro Ary Nogueira César tomou uma bolada na cabeça e desmaiou. Como o médico não conseguiu reanimá-lo, teve de deixar o campo. O zagueiro Gérson dos Santos passou a tomar conta das traves. Qualquer chute a gol era um golpe de emoção nos corações botafoguenses.

Com a igualdade no marcador, Heleno teve uma crise de nervos. Friamente, buscou a bola nas redes e a levou ao meio, mas o que se viu no restante do jogo foi um atacante alucinado. Gesticulava sem

parar, incitava os companheiros, xingava deus e o mundo. Revoltado, o treinador Ondino Viera chegou perto dele numa jogada colada à linha lateral e gritou:

– Continue assim que eu vou te responsabilizar pelo placar!

Heleno retribuiu com um olhar cheio de ódio. De repente, começou a fazer misérias em campo. Numa investida, sozinho com a bola dominada, quase marcou seu terceiro. Aproximava-se o final do jogo e os zagueiros americanos não desgrudavam do artilheiro.

“Mas veio uma bola alta na área e Heleno saiu do chão como um bailarino clássico, leve, macio, fácil, como se tivesse asas... Ninguém pôde impedir que ele mandasse a bola de cabeça para um companheiro, que a devolveu alta. Na corrida, um salto de Heleno e cabeçada magistral no canto. Então, houve outro milagre: o goleiro Osni voou e, com a ponta dos dedos, pôs a *corner*. Aí só faltaram agarrar o Heleno e amarrá-lo.

“Devia faltar um ou dois minutos. Heleno fingiu desinteresse no *corner* e saiu da área para amarrar as chuteiras. Todos os zagueiros se preocuparam então com Nílton, *half* forte e alto, bom cabeceador. Todos pularam sobre Nílton, que deixou a bola passar. Heleno entrou na área como um tufão e a bola foi limpinha para ele. Osni subiu de braços abertos, mas Heleno, lá no alto, deu com a testa na esfera e a mandou ao chão, bem no cantinho atrás dele. Nem sei como pôde fazer isso”, escreveu, estupefato, o presidente da Federação Metropolitana de Futebol – e sobrinho de Getúlio – Vargas Neto, colunista do *Jornal dos Sports*.

Narrando a partida pela Rádio Globo, Luiz Mendes se recorda de que, depois de seu terceiro gol no jogo, Heleno deu um pique até Ondino e vociferou:

– Agora, seu gringo filho da puta, quero ver você me responsabilizar!

O árbitro apitou o fim da batalha, Botafogo 3 × 2. Imediatamente os companheiros alvinegros o carregaram em triunfo. Era normal que torcedores, enlouquecidos, invadissem o campo e suspendessem seus heróis nos ombros. Mas os próprios

jogadores, era um fato novo. Uma prova de que era mesmo diferente. De que nunca houve um homem como Heleno.

## 2. Rebelde sem causa

1920-1933

Heleno nasceu em berço esplêndido, numa tradicional família de São João Nepomuceno, município inserido na mesorregião da Zona da Mata mineira, e que faz parte da microrregião de Juiz de Fora. A cidade, cuja população é estimada em 25 mil pessoas, localiza-se a 322 quilômetros da capital do estado, Belo Horizonte. Da cidade do Rio de Janeiro distancia-se 247 quilômetros.

Com parques 408 quilômetros quadrados, a mineira São João Nepomuceno não passava de uma bucólica cidade entre montanhas e carros de boi, com ruas, vielas e calçadas de pedras rombudas, que somente aos domingos se mexia, graças ao movimento da roça que vinha para a missa. Conhecida como cidade garbosa, da moda e da alegria, terra de belíssimas cachoeiras, trilhas, rios, matas, ainda hoje é possível se admirar fazendas, ricos casarões coloniais, alegria e receptividade em sua gente. E um patrimônio histórico que remete aos tempos dos barões do café.

Em 1920, Oscar de Freitas não era barão, mas um próspero negociante de café. E não só de café. A Casa Americana, propriedade sua, também refinava açúcar. Os Freitas, que sempre ocuparam cargos importantes e de destaque na Velha República, tinham negócios variados, como roupas, armarinhos, ferragens, louças, chapéus, calçados, papéis e tintas. Oscar era sócio de seu irmão Lincoln, o mais abastado da família, e de Gomes de Freitas, que se desdobrava para acumular, juntamente com os negócios, a gerência da agência da Caixa Econômica local. Uma de suas irmãs, Maria de Freitas, casou-se com o advogado Francisco Zágari, e a outra, Ida, com Carlos Pinheiro, que exercia cargo de destaque no

Banco do Brasil. O outro irmão, Euclides, era médico. Enfim, entre os Freitas nunca se aventaria a hipótese de que fossem gerar para o mundo um jogador de futebol.

Natural de Pombal, Oscar era casado com uma moça de Cataguases, mas criada em Ouro Preto, chamada Maria Rita de Freitas. Perdendo a bela silhueta com o passar dos anos, não perdia o respeito na cidade. Chamada por todos de Dona Miquita, orgulhava-se de ser uma das primeiras professoras do Grupo Escolar Coronel José Braz, onde seus filhos cursariam o primário.

Embora se completasse um quinto de século XX, não só São João Nepomuceno como todo o país parecia ter se estagnado no anterior. Poucas eram as mudanças permitidas por aquele rodízio, aparentemente eterno, entre presidentes ora de Minas ora de São Paulo. Naquele começo de ano, Epitácio Pessoa dirigia a nação de pouco mais de 30 milhões de pessoas. As finanças não iam mal; permitiam até despesas de vulto. Enquanto as duas paixões nacionais – o futebol e o Carnaval – floresciam.

Em âmbito mundial, sem sequer imaginar que se tornaria uma marca milionária, aos trinta anos a inglesa Agatha Christie explodia com *O misterioso caso de Styler*. E, se sua literatura seria sucesso no Brasil, o que dizer do esporte nacional, que traduzia cada vez mais a autoconfiança do povo? Na metade do ano, quando pela primeira vez participaram de uma Olimpíada, os brasileiros conquistaram, nos Jogos da Antuérpia, na Bélgica, suas três primeiras medalhas. Todas na prova de tiro. Inclusive uma de ouro.

Antes disso, porém, as emoções do Carnaval. Se o Rio foi contagiado pelas primeiras marchinhas, São João Nepomuceno não deixou por menos. A cidade se dividiu entre os bailes dos clubes Democráticos e Trombeteiros de Momo, além dos blocos e cordões de rua, que, em meio a palmas e vivas dados em profusão, atraíram centenas de visitantes dos municípios vizinhos.

Todavia, numa das noites carnavalescas, o clima em uma das casas da rua do Totó<sup>1</sup> estava longe de ser festivo. Enquanto Dona Miquita dava à luz um novo rebento, na chácara da família, aos vinte minutos do dia 12 de fevereiro, os Freitas passaram maus bocados

para salvar filho e mãe. Tamanha a aflição que Dona Miquita, mulher de muita fé, fez até uma promessa: dar ao filho, ou filha, nome de santo, caso sobrevivesse. Como era devota de Santa Helena, por nascer homem, decidiu, seria Heleno. Heleno de Freitas. Nada melhor que um nome abençoado para protegê-lo ao longo da vida.

Cresceria o pequeno Heleno ao lado dos cinco irmãos, Rômulo, Marina, Heraldo, Oscar e Vera Maria – os gêmeos Lúcio e José Lúcio morreram ainda crianças.

Marina era a mais velha. Gordinha, cabelos pretos que escorriam até os ombros, revelava desde pequena, ninando bonecas no colo, traços da dona de casa cuidadosa e amorosa que seria. Ajudaria muito a mãe a cuidar dos irmãos. Como Rômulo, seu primeiro, e que lhe deu muito trabalho. Lindo semblante, bem moreno, cabelos em forma de onda e olhos azuis que, quando molhados, tendiam ao verde, se jamais gostou de brincar de bola, assim que cresceu passou a se gabar do seu indiscutível sucesso com as mulheres. Antes de se formar, no Rio de Janeiro, em direito, Rômulo chamava a atenção por sua beleza e simpatia. Quando bem-sucedido, trabalhando no departamento jurídico do Sesc, casou-se e teve herdeiros, sem jamais deixar de aventurar-se na boemia do então Distrito Federal.

Segundo homem a nascer, desde pequeno Heraldo apresentava-se como o de melhor gênio. Sorridente, cativava as pessoas com um olhar. Cresceu sempre amigo, alegre e comunicativo. Nas peladas era dos primeiros a ser escolhido. Muitos o aconselhavam a seguir a carreira de jogador de futebol, mas, com problemas sucessivos no joelho, teve de abandonar a bola. Mesmo assim, seria diretor do Mangueira Futebol Clube, um dos melhores clubes da região. Magro, 1,78 metro de altura, olhos negros como os cabelos, também se formaria em direito no Rio, mas para voltar e trabalhar em sua terra.

Oscar seria outro a desistir do futebol, apesar do dom. Quatro anos mais velho que Heleno, foi a criança mais pacata e tranquila da casa. Sossegado, para não dizer fechado, só se rebelava quando, jovem, o chamavam de Oscarito – personagem que fazia sucesso em peças e filmes. Com olhos claros, cabelos lisos e 72 quilos

satisfatoriamente distribuídos por 1,75 metro, formar-se-ia na Faculdade de Odontologia, na Urca, montando em seguida um consultório na avenida Nossa Senhora de Copacabana, esquina com Joaquim Nabuco. Determinado a construir família e apaixonado, firmaria matrimônio com Irene Ramos, dando-lhe como o maior presente o sobrenome Freitas.

Sobrenome que Vera Maria, a caçula, herdara de nascença. Morena alta, de cabelos lisos, pele branca, aparência de europeia, simpática e com tendência para engordar, tinha uma beleza que lhe valia o corpo sempre inconstante. Adulta, ao ser desposada, Vera Maria não trocou os deveres de funcionária pública – trabalhava no IBGE, também na Urca – pelas tarefas do lar.

Antes de Vera, dando uma pequena volta na história, naquele segundo mês de 1920, veio ao mundo Heleno. Dentre todos, quem possuía os olhos mais brilhantes, cheios de vida. Ao mesmo tempo, disparado, o mais tímido, mais introvertido. E, paradoxalmente, o mais exaltado, como assegura sua prima Ema Zágari, filha de Maria de Freitas:

– Ele defendia os mais jovens, aprontava a maior confusão, se irritando com o que não achava certo. Desde pequeno foi assim.

Todos os irmãos eram muito queridos na cidade. Apontados como os mais bonitos e bem-cuidados da região, foram sempre tratados a pão de ló pelo pai e pela mãe, cada vez mais gorda, bochechuda, olhos carregados. Apesar da idade, Dona Miquita não se descuidava de apresentar-se sempre bem-vestida. Colecionava turbantes, mas não era de ostentar. Dona de um sorriso sincero, sua alegria de viver começava e acabava dentro de casa, onde passava horas contando histórias para os pimpolhos, e onde, com o passar dos anos, acolhia com educação e delicadeza os amiguinhos que seus meninos diariamente convidavam.

Não achava Dona Miquita que carinho demais podia atrapalhar a formação dos rebentos. Quanto a Heleno, por exemplo, o mimo era tanto que a matriarca o queria sempre limpinho, arrumadinho, engomadinho. Heleno pouco brincava no chão, como qualquer guri,

fosse de bola de gude ou pião, temendo se sujar. Seu negócio era pique e corda de pular. Aos seis anos começou a demonstrar notável interesse pela leitura. Ficava horas se entretendo com livros e coleções, sozinho, encantado.

Criança desconfiada, ansiosa, o pequeno Heleno temia cometer atos ridículos. Perturbava-se, por exemplo, quando um brinquedo seu quebrava. Era como se tudo estivesse perdido. Ficava agitado, impaciente. Mas era um mundo de felicidade e confiança quando se mostrava capaz de desempenhar sozinho qualquer tarefa solicitada, principalmente se o êxito viesse acompanhado dos honestos elogios dos adultos amigos de seu pai. Os de fora o tinham como muito agradável. Arrebatando-os com deliciosas gargalhadas, seu charme jovial conquistava qualquer um.

No café da manhã, porém, irritava-se se no copo de leite enxergasse vestígios de nata. Criado com regalias e fartura, os pais prometiam qualquer coisa que lhe interrompesse o pranto desconsolado. Seu Oscar era bastante amoroso com Heleno – instituíam a disciplina, não o castigo, enquanto sua mãe apoiava-lhe as tendências. Na profissão que optasse, daria a maior força. Desde que escolhesse ser médico ou advogado.

O problema é que, entre os irmãos, Heleno sempre foi o mais vidrado em futebol. Durante sua infância o esporte bretão tornou-se sucesso popular no país. Embora pretendesse seguir o roteiro dos irmãos, formando-se no Rio, Heleno não se desgrudava da redonda. Na cidade, havia um escavado improvisado de campo, demarcado por quatro estacas, onde, entre pedras e buracos, chutou sua primeira bola, feita com meias de mulher, que perdia depressa a forma, ainda mais com todos a lutarem por ela ao mesmo tempo. Às vezes, podia ser encontrado ali, até porque gostava de pescar lambari num córrego próximo. Juntava o útil ao agradável.

Tinha muita intimidade com a pelota tanto em campos duros quanto nos de terra batida. Não tardou a treinar no Mangueira, sendo dirigido pelo mano Herald, um dos atletas do time de cima. O clube era o principal da região; o maior rival do Botafogo e do Operário locais. Aos sete anos, atuando entre os mais velhos,

Heleno já cavava seu espaço. Da reserva do infantil, rapidamente se tornou titular. Ao contrário do que pregaria mais tarde o “Príncipe Etíope” Didi, para Heleno treino não era treino, era jogo – e de vida ou morte.

Disputava cada lance como se estivesse em guerra; vencer era questão de honra. Invariavelmente arrumava encrenca. Uma vez Heraldo decidiu expulsá-lo, para repreendê-lo, impor limite. Altivo, gênio forte, Heleno recusou-se a sair. Para reforçar sua autoridade, Heraldo o arrastou pelo campo do meio à lateral e, como o irmão ainda resistia, dirigiu o restante do treino a segurá-lo com o pé sobre seu pescoço.<sup>2</sup>

O infantil do Mangureira logo se transformou na mais temida equipe das redondezas – por contar com Heleno. Segundo seu vizinho Renê Mendonça, o jogador se enfezava com tudo, embora não guardasse rancor:

– Vi Heleno no começo da carreira, atuando pelo Mangureira. Jogava o fino, de *half*-esquerdo,<sup>3</sup> *half*-direito, onde fosse. Mas a qualquer momento podia se tornar intolerável. Que foi que deu na sua telha, Heleno? Sequer respondia. Num piscar de olhos, transformava-se no sujeito mais desagradável do mundo.<sup>4</sup>

Companheiro de Heleno no Grupo Escolar, a melhor escola pública da região, Renê sentia que o guri tinha algo de especial. Além de compor músicas e jogar muita bola, era quem melhor se apresentava na sala de aula e na igreja – a mãe sempre tentou encaminhá-lo, tanto que Heleno confessava e comungava –, apesar de, algumas vezes, zangar-se por qualquer contrariedade.

Como na hora das refeições. Heleno dava bastante trabalho à Dona Miquita, pois agora seu feijão não podia ter casca, o arroz não podia estar molhado e o bife, com ele, devia ser sempre fino e sem gordura. E nada, nada de cebola. Tinha alergia e nojo.

Apesar das idiossincrasias, sempre foi o mais querido da mãe e aquele em quem o pai depositava as maiores esperanças. O velho Oscar queria que se tornasse um doutor, de anel e diploma, ou general como Floriano Peixoto, valente e patriota. Heleno pensava

da mesma forma. Jogar bola era bastante divertido, mas ser advogado era seu grande sonho.

Por volta dos oito anos, em casa, com a sala repleta de visitas – os velhos e sisudos amigos do pai –, Heleno erguia atrevidamente sua voz infantil às alturas defendendo tese. Falava, com olhar de indignação, das futuras condenações inexoráveis que aplicaria aos mais tórridos criminosos. Fossem eles ricos e tentassem suborná-lo, dizia:

– Eu lhes cuspiria as ventas e as condenações seriam perpétuas!

Nessa parte foi interrompido pelo pastor Clementino, presente à reunião. Procurando acalmar seu espírito conflitante, o religioso só lhe fez crescer a raiva. Ao denunciar o feio pecado de escarrar a face de um irmão...

– Considerar um criminoso meu irmão – replicou, na hora, Heleno. – Ah, isso nunca!

Disse-lhe isso e botou as mãos nos bolsos. Lançou um olhar em torno e notou que os velhos senhores, amigos do pai, sorriam a bastar daquilo que o sacerdote fora obrigado a escutar.

– Se todos os advogados tivessem a mentalidade do pastor Clementino – discursava Heleno –, não repelindo subornos nem cuspiendo no rosto de quem os propusera, os pobres e oprimidos teriam de clamar pela justiça divina, porque clamar pela justiça da Terra é que não poderiam, ou, se clamassem, não arranjariam nem para o café – concluiu, insolente.

Palavras tais, argumentos expostos por um menino que beirava os nove anos, causaram impacto. Aqueles respeitáveis fidalgos foram a seu encontro, apertaram-lhe a mão e teceram elogios a sua personalidade. Heleno chegou a ser comparado a Cícero.<sup>5</sup>

– Não, talvez nem Cícero fosse tão eloquente na sua idade – comentou, amável, um velhinho.

O elogio motivou Heleno a permanecer insensível perante o pastor. Quando deixou a sala, vangloriado pelos aplausos que recebera, um turbilhão de imagens tomou-lhe a mente. Viu-se crescido, advogado famoso. Projetou um futuro de sucesso e glória.

Da infância Heleno não esquecia a primeira vez que entrou em um circo. Nada o maravilhou mais que o trapezista – e sua coragem para dar o salto da morte. Os outros personagens do espetáculo se apresentaram a seus olhos como “miseráveis fósforos apagados”, diria anos mais tarde. Quando o anfiteatro se despediu da cidade, foi tomado por cólera. Até matutar uma solução que lhe aplacasse a ira. A ideia luminosa: inaugurar com os irmãos e alguns amigos um novo picadeiro. Em casa.

Com a permissão dos pais, chegava o dia da estreia. A garotada toda da região se juntou para ver o acontecimento. Seu lar virou um formigueiro humano. Ninguém faltou. Lá estavam, novamente, o pastor Clementino e sua senhora, e, principalmente, Margarida, a filha de seu professor no primário.

Embora menina, Margarida se enquadrava perfeitamente no tipo “mulher fatal”. Lançava olhares ora doces ora vampirescos. Namorava três ao mesmo tempo. Certa tarde, numa tentativa desesperada e inútil, Heleno foi procurá-la, com sua autoridade de futuro advogado, para conduzi-la ao “caminho do bem”. Traduzindo: foi rogar que deixasse em paz aqueles três corações sofredores, três meninos que não tinham mais vontade de estudar, muito menos de aparecer em campo para defender as cores do Mangueira.

Primeiramente, Margarida riu do pobre coitado. Depois o percebeu melhor; começou a se insinuar. Recitou que jogava tanto, fazia composições tão bonitas, dançava tão bem nos bailes do Democráticos... Falava tudo sorrindo, meio envergonhada, soltando olhares cálidos, inquietantes. Acabou conquistando-o. Heleno se tornou sua quarta e mais bela vítima.

Quanto ao circo, as exposições foram abertas com Heleno no papel principal. O primeiro número do espetáculo era, justamente, o salto da morte – desastrosamente encerrado. De tão mal-executado, quase morreu de verdade. Quebrou a cabeça, machucou a clavícula, teve de tomar doze pontos na coxa e, como o corte da perna infeccionou, passou um mês de cama. Em compensação, todo dia Margarida o visitava, como se fosse enfermeira. Quando ele gemia,

ela o beijava. Talvez intuindo a lei de Skinner – estímulo/resposta –, Heleno passou a gemer sempre.

A alegria terminou com a morte prematura do pai, aos 46 anos, em 11 de novembro de 1931. Oscar foi levado por uma pneumonia que, à época, era praticamente fatal, devido à falta de antibióticos. A família pôs luto por quase meio ano:

– Nem brincamos carnaval três meses depois – conta Ema Zágari.

O medo de seus impulsos agressivos, combinado com o conhecimento da morte como algo real, próximo, causou em Heleno insônia, madrugadas maldormidas. Chegaria a trocar o dia pela noite. Pelo menos, lia bastante durante as horas de vigília.

O forte golpe da perda do marido fez com que Dona Maria Rita agisse. Após dois anos vivendo em Barbacena, onde Heleno cursou a primeira e segunda séries do segundo grau no Ginásio Mineiro, a matrona mudou radicalmente o destino dos Freitas. Com Rômulo a cantar e decantar as vantagens do Rio de Janeiro, vendeu, em junho de 1933, a casa e os negócios da família para que toda a prole tentasse a sorte na capital federal.

### 3. Cidade maravilhosa

1933-1935

O Rio de Janeiro que encontraram respirava política. Havia três anos, a cidade presenciara a revolução que impediu o eleito Júlio Prestes de tomar posse na presidência da República. Em voga desde 1894, a “política do café com leite”, que alternava no poder os partidos republicanos paulista e mineiro, provocara a reação de Rio Grande do Sul, Paraíba e até Minas Gerais na indicação do sucessor de Washington Luís. Estava formada a Aliança Liberal, que, após a morte de João Pessoa,<sup>1</sup> caminhou em marcha resoluta rumo ao Distrito Federal para tomar o poder e deixar o país nas mãos do líder Getúlio Vargas, agora o chefe do governo provisório.

A linha-dura tomava conta do mundo. Se nos Estados Unidos Franklin Roosevelt colocava em prática o “New Deal”, seu plano para superar a severa crise econômica provocada pela quebra da bolsa de Nova York, ocorrida em 1929, poucos repararam o teor de outras notícias que estampavam regularmente os jornais. Em Portugal, Salazar criara seu “Estado Novo”. Meses depois o Japão abandonava a Liga das Nações. Na Alemanha, Adolf Hitler, seu chanceler, assumia o papel de *Führer* com o Partido Nazista no poder. Desejando vingar as heranças malditas do pós-guerra, como a cruel recessão, Hitler defendia a superioridade da raça ariana para, ao negar as instituições básicas da democracia liberal, incitar uma luta pelo expansionismo na Europa. Ganhava a população usando sem freios os meios de comunicação e transformando comícios em verdadeiros espetáculos. Na Itália, o governo de Mussolini era cada vez mais áspero e desumano. Volta e meia as manchetes dos principais periódicos do Distrito Federal, como o *Jornal do Brasil*, o

*Correio da Manhã*, o *Diário de Notícias*, *A Noite* e o *Diário Carioca*, omitiam tais informações. Os recursos tecnológicos eram bem modestos. Havia muitas dificuldades para se comunicar a longa distância.

Mas o Rio, em si, era um caldeirão de novidades. Dona Miquita, Heleno e Vera Maria, que só conheciam a cidade por fotos, logo constataram que a cidade era maior, bem maior do que imaginavam. Milhares de automóveis, motocicletas e caminhões faziam de suas ruas uma autêntica sinfonia de buzinas. Proliferavam ônibus de dois andares, os “chopes-duplos”, que viajavam do Centro ao Pavilhão Mourisco, em Botafogo. Eram da Light, estofados e confortáveis. Os táxis, geralmente pretos, cobravam por quilometragem e não por hora. Nas calçadas, inúmeros reclames com letras garrafais, expostos nos muros, eram lidos por homens de bigode, sem pressa mas determinados, e por mulheres elegantes, que desfilavam seus perfumes e colônias, atraindo a atenção do sexo oposto. Quase todo mundo usava chapéu. Um dos locais de maior concentração de chapéus era o boêmio Café Nice, na avenida Rio Branco. Como também era bastante concorrida a Galeria Cruzeiro, a metros dali. O Centro era o coração do Rio. A alma eram as músicas.

As escolas de samba ainda engatinhavam, mas seus desfiles já eram bem-vistos pela elite e pela classe média. O carnaval de rua fora movido pelo som de “Linda morena”, de Lamartine Babo, e “O teu cabelo não nega”, de Lamartine e dos irmãos Valença. Naquele 1933, Francisco Mignone escrevia seu bailado afro-brasileiro, “Maracatu do Chico-Rei”, mas havia muito que não era a clássica, e sim a negra, a música que se tornava a melhor expressão da essência nacional.

A música invadia as casas pelo rádio, que vivia fase de expansão desde que o governo liberara a veiculação de comerciais. O aparelho era obrigatório nos lares; acalentava o povo por misturar música erudita com popular em meio a programas de variedades. Num deles, na Rádio Cajuti, “o rei da voz” Francisco Alves lançou o cantor Orlando Silva – que se revelaria seu principal rival artístico.

A beleza da capital federal tocava os estrangeiros, que prometiam voltar e cumpriam. Fiéis admiradores das praias, da vida noturna, do charme e glamour das pessoas, os turistas vinham despreocupados, apenas para curtir, curtir e gastar. Quem tinha bala na agulha assinava a ficha de entrada no suntuoso Copacabana Palace. Local que Heleno muito iria frequentar. Na mocidade. Pois, aos treze anos, ao desembarcar as malas, o que mais fez foi conferir o que havia de melhor nos cinemas.

Logo de cara, notou que Hollywood combinava com o Brasil. Ginger Rogers e Fred Astaire, por exemplo, pela primeira vez dançavam juntos em *Voando para o Rio*, uma expressiva homenagem ao país. Pouco antes – Heleno não pôde contemplar –, sua musa, a linda Greta Garbo, estrelava *Grand Hotel*, da Metro Goldwyn-Mayer, junto a John Barrymore. Quanto aos filmes nacionais, uma voz já conhecida nas rádios, Carmen Miranda, a mais brasileira das portuguesas, começava a se impor, tornando-se figura marcante e assídua nos telões.

Dona Miquita acertou em se mudar. No Distrito Federal as escolas superiores formavam os bacharéis que construía a elite política do país. Meio caminho andado, já que seus filhos eram aplicados na escola, loucos por livros. Naqueles idos, florescia a inteligência brasileira, sendo publicados marcos como *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, e *Evolução política do Brasil*, de Caio Prado Júnior. Por viverem em ambiente no qual se lia muito e se conversava profundamente sobre quaisquer assuntos, Heleno e seus irmãos ampliavam suas aptidões verbais e intelectuais.

A cidade fez bem aos Freitas. A liberdade de movimento e a circulação de ideias eram maiores. A família se instalou no Posto 6, na rua Conselheiro Lafaiette, 29, 3º andar, apartamento 7. Copacabana podia parecer provinciana, seus moradores levavam uma vida simples e tranquila, mas sua beleza era tão valorosa que já havia apartamentos de aluguel por temporada, destinados a estrangeiros e turistas que vinham ao Rio passar o verão na praia. Ou, a exemplo dos Freitas, se estabelecer.

Curioso, Heleno percorria todos os cantos de Copacabana. E de Botafogo. Pois, enquanto tomava conhecimento dos prazeres da capital, a cidade se vestia de preto e branco com o bicampeonato do Botafogo Football Club. Heleno se apaixonou pela festa que a torcida fez no estádio de General Severiano – festa que só findaria em 1935, com o até hoje único tetracampeonato dentro de campo de uma agremiação na cidade. Como disse anos mais tarde João Saldanha, “nada como um time campeão para conquistar o coração de um garoto”.<sup>2</sup>

Mas não era apenas por causa do famoso futebol carioca que Heleno ansiava todo dia sair de casa. Também sentiu amor à primeira vista pela praia, onde repousava o corpo na areia para contemplar o sol ou catar tatuí. Areia branca, céu azul, mar limpo e sol forte, de que mais precisava?

De mulheres. Afinal, fora matriculado no rígido São Bento, próximo à praça Mauá, famoso pela segregação de sexos. A primeira atividade física de Heleno no Rio foi a azaração dos *footings* pela avenida Atlântica.

Os *footings* eram caminhadas sem compromisso por entre o Lido e o Posto 5. Como se fosse o único *point* de uma cidade do interior, era ali o melhor local para as moças se exibirem, enquanto os homens paqueravam ou discutiam política ou futebol. As cariocas mais modernas e elegantes, que na areia trajavam maiôs compridos e comportados, nas caminhadas desfilavam diversas tonalidades de azul e vermelho em vestidos com enfeites de renda, faixas de cetim, golas *jabot* e laços de crepe *georgette*. O estilo exigia um corpo frágil, esguio e delicado. Envoltas de leques, luvas, lenços e poderosos chapéus, abusavam de sensualidade quando conduziam à boca, com classe, seus cigarros Bungalow ou Magnólia.

Heleno gostava de andar de bicicleta sem destino por Copacabana. Sua mãe só pedia uma coisa: que não fosse a Ipanema. O bairro vizinho sofria com o descaso das autoridades. As ruas eram esburacadas e a praia mais parecia um imenso matagal. Além da falta de policiamento, seu saneamento era precário. Mesmo

assim, muitos já decantavam o Arpoador como o local ideal da cidade para os banhos de mar.

Ainda que julgasse belíssimo o mar, mergulhar não era a praia do mineiro Heleno. Ao contrário dos meninos de sua idade, jamais ousou pegar jacaré. Antes do advento do surfe, os garotos se esbaldavam entrando nas ondas de peito, sem tábua. Como não sabia nadar, Heleno somente os contemplava, não encarava. Tinha muita saúde, era queimado de sol, mas seu negócio era em terra firme. *Habitué* da praia da moda, a parte em frente ao Posto 6, em breve transformaria, poucos metros distante, o corpo mirrado num de atleta. Em outro esporte.

Apesar da profissionalização do futebol, ocorrida em janeiro, as páginas esportivas de destaque nos jornais eram endereçadas ao turfe. Heleno pouco se apetecia com os equinos, mas era apaixonado, louco por carros. Marcou presença no Grande Prêmio do Rio de Automobilismo, no circuito da Gávea. Em 8 de outubro de 1933, 35 pilotos, alguns internacionais, como o alemão Hans Stuck, atraíram uma multidão, aglomerada nas calçadas. Manuel de Teffé, francês radicado no Brasil, venceu a prova com um Alfa Romeo de seis cilindros. Heleno suspirou e disse para si mesmo que ainda teria um carrão importado.

Enquanto não podia dirigir, deslumbrava-se com a excelência dos cinemas. Não perdia um filme no Rian. Arrependimento? Talvez ter assistido ao polêmico Match da Morte – a íntegra dos treze assaltos da luta entre Primo Carnera e Ernie Schaaf, na qual o segundo, um jovem boxeador, perdeu a vida trabalhando. Em seu bom coração não havia espaço para tragédias.

Os outros esportes eram interessantes, mas a paixão do jovem era mesmo o futebol, já bastante popular na cidade. Depois de décadas como esporte amador e elitista, praticado por filhos de boa família, a profissionalização prometia embates ainda melhores nos grandes estádios. Se, anteriormente, alguns atletas pobres recebiam gorjetas de sócios ricos para representarem seus clubes – o famoso amadorismo marrom –, daquele ano em diante a certeza era de que

os melhores jogariam, independentemente de credo ou classe social. Sendo ainda pagos para isso.

Mas Heleno não era assíduo dos estádios. Quando não estava na classe, estava em Copacabana, mais precisamente no Posto 4, assistindo às partidas dirigidas por Antônio Ferreira Franco de Oliveira, o Neném Prancha. Admirava cada jogada, sentado no paredão da avenida Atlântica – como era chamado o calçadão, que as pessoas precisavam pular para pisar os pés descalços na areia fofa. Na época, o futebol de praia ateava fogo na paixão dos cariocas. O paredão vivia cheio onde tinha jogo. Heleno via aquelas rixas disputadas com ardor, truncadas, se estremecia de raiva quando zagueiros desesperados distribuíam pontapés para intimidar atacantes habilidosos. Ficava louco para entrar. O problema é que era tímido demais para se enturmar com desconhecidos.

Figura que se tornaria folclórica no futebol brasileiro, aos 27 anos o humilde Neném Prancha ainda era um obscuro jogador do Carioca que fazia sucesso na praia pela forma diferente de comandar seus meninos. Fluminense de Resende, filho de um biscateiro e uma doméstica, chegara ao Rio em 1917, adotado por uma família que morava na rua Constante Ramos, em Copacabana. No pedaço de praia ali em frente, fundou, com um jogo de camisas e duas bolas de borracha, seu primeiro time, o Posto 4 Futebol Clube. Alegria de muitos garotos.

Parrudo, alto e pesando oitenta quilos, seu corpo forte escondia um mulato solitário, feio e introvertido, para muitos tido como assexuado. Nada disso. Como muitos treinadores de praia daquele tempo, Neném Prancha satisfazia suas necessidades hormonais com algumas crianças sem talento que tinham como maior desejo integrar uma equipe de futebol.

Estes e, principalmente, os que pareciam ter melhor futuro nos campos, Neném agradava pagando refrigerantes, oferecendo sorvetes, tentando se tornar uma espécie de guarda-costas dos meninos. Pelas mãos e pés enormes – 23 centímetros e sapatos 44, respectivamente – recebeu o apelido de Prancha. Quanto à boca, era uma metralhadora de pérolas.

Com uma boina na cabeça para espantar o sol, Neném gesticulava sem parar, dava autênticos sermões nos intervalos, embora sempre falasse mansamente, com carinho e ternura. Não se banhava no mar, mas, se necessário, mandava os indisciplinados darem um mergulho de cinco minutos, “para refrescar a cuca”. Com o tempo, teria problemas de vista. Mesmo assim, preferiu não enxergar bem a usar óculos. Afinal, não precisava. Sentia craque pelo cheiro.

Heleno se enfeitiçou pelo uniforme do time de Neném Prancha – camisa preta e branca como a do Botafogo, mas de listras horizontais, e short preto. Do paredão o guri apreciava o fino trato que o astro Pirica aplicava na pelota. E se identificava com o espírito alegre do centroavante João Alves Jobim Saldanha, um rebelde de dezessete anos prestes a se filiar ao Partidão (o Partido Comunista Brasileiro), que, se tinha pouca intimidade com a bola, estava sempre pronto para encarar qualquer encrenca.

Os principais rivais do Posto 4 FC eram o Lá Vai Bola, o Atlântico, o Cruzeiro e o Huracán. Mais tarde, duelos memoráveis seriam travados em campeonatos organizados com times como o Posto 3 Atlético Clube, o Ouro Preto, o Escrete Guanabara, o 103 FC – nome que remetia à linha dos ônibus mais modernos do Distrito Federal –, o Copacabana, o Americano e o 11 Garotos. Quem organizava o 11 Garotos era Catulino Veloso. Respeitado mas ruim de bola, Catulino foi na verdade quem pronunciou a famosa frase, atribuída anos mais tarde a Neném Prancha: “Arrecua os arfe previtá catástre.” Neném não falava assim – pelo contrário, era até filósofo. Catulino, sim, era capaz de confundir seus próprios jogadores: “Centra alto rasteiro! Centra alto rasteiro!”

Heleno não via a hora de penetrar este universo. Um dia o instinto foi mais forte e ele tomou coragem para ir até Prancha implorar uma chance.

– Não fiz fé no menino – confessaria Neném. – Sempre o via acompanhando o jogo da calçada, a distância. Fiquei surpreso quando ele apareceu de calção pedindo para jogar. Tão

compenetrado, e de repente parecia um demônio atormentado por mil deuses a correr endiabrado pela areia.<sup>3</sup>

Como eternizou o escritor Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte-Preta, de quem Heleno se tornaria amigo, na crônica "O ídolo":

Um dia nós saímos rua abaixo. De calção bem curtinho, toalha no pescoço, íamos para a praia, como fazíamos todas as tardes, jogar futebol na areia.

Aos poucos iam chegando todos; uns pulavam o paredão e vinham bater bola, outros ficavam lá por cima mesmo, de conversa, esperando os retardatários. Quando não faltava mais ninguém, começava a distribuição de camisas.

Aproximei-me de um grupo, já metido no seu "uniforme", quando alguém segurou-me pelo braço para apresentar o novo jogador. Era um garoto magro, moreno, de cabelos muito lisos. Veio com um andar gingante, apertou-me a mão com um sorriso e, logo em seguida, o jogo começava.

Nada de pontapés sem bola, nem trancos, nem nada. Tudo correndo normal, a gente gritando os nomes uns dos outros, pedindo ou mandando passes, alegres e divertidos, que não havia nada mais alegre e divertido do que jogar futebol na areia ...

Mas naquele dia foi diferente. Sem ninguém compreender por quê, o jogador novo, de repente, saiu dando murros no ar, esbravejando cheio de ódio, a dizer que não era palhaço, que quebrava a cara do primeiro que lhe fizesse um *foul*.

Quando o jogo acabou, na rua acima, de volta para casa, alguém me disse, comentando a briga: "Aquele camarada é maluco."<sup>4</sup>

Em 1934 Vargas assumiu, oficialmente, a presidência da República. O uso político das rádios se revelaria um traço marcante de sua gestão. Não havia como fugir. Getúlio percebia que a comunicação era o melhor canal para propagar sua política às camadas mais pobres da população.

Precocemente, Heleno não só se informava pelas emissoras como folheava os jornais do dia, assim como a revista *Beira-Mar*, uma espécie de "porta-voz" da Zona Sul carioca. Defronte às bancas, parava à cata de boas-novas. Que às vezes não eram boas, como a eliminação da seleção brasileira na Copa da Itália, em plena primeira fase. Que às vezes eram trágicas, como o triste fim de Ernesto Nazareth.

Foi terrível para o menino saber que o compositor, um gênio da música brasileira, morreu afogado na represa da Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, tentando fugir do hospício. Cabisbaixo,

Heleno descobriu que a vida podia ser cruel. Não com ele, mas com os outros.

Para ele o mundo era euforia. Desde que entrou, não mais saiu do time de Neném Prancha. Na verdade, pela tenra idade, do segundo time. Jogando de zagueiro, Heleno se dava em cada disputa, cada lance contra os atacantes adversários. Tinha de fazer o melhor, afinal, no gol estava um topetudo, gorducho e amedrontado Sérgio Porto. Um guri de apenas onze anos que tremia só de pensar na bola se aproximando.

Além de Porto, figuravam no time o jovem Sandro Moreyra, um ponta-direita preguiçoso para correr – jogava na parte dura da areia, próximo ao mar. Faria Lima era, na ponta esquerda, o inverso: cheio de fôlego. Neném também gostava de pontas abertos e ofensivos como Roberto Silveira, muitas vezes escalado. Gildo Borges era um atacante diferenciado. Sem dúvidas, o que mais arriscava a gol. E o que menos acertava o alvo. O meia Neves era o craque da equipe.

Quanto a Heleno, cujo temperamento inconstante despertava a curiosidade dos “torcedores” do Posto 4, Neném bem que tentava aconselhar:

– Não adianta reclamar da marcação do juiz, Heleno! Só vais conseguir ser expulso. Jamais um juiz voltou nem voltará atrás de uma decisão por obra de estrilos de um jogador! Joga teu jogo e deixa o juiz apitar, menino!

Assim pregava, mas em questão de minutos Heleno era novamente posto para fora pelo árbitro. Neném preferia assumir a culpa. Acreditava que poderia, com sua experiência, lapidar aquele diamante bruto. O guri valia o esforço, sabia tudo, parecia conhecer de outras vidas os segredos da areia. Sem falar em sua devoção à equipe. Mesmo quando caía doente na cama, conseguia encontrar estímulo para defender o Posto 4 uma ou duas horas depois. Com um gorro a conter-lhe os lisos cabelos, pernas finas e cara de mau, o comprido e bonito Heleno levou seu time ao triunfo na primeira liga formada pelos clubes de Copacabana. Vocação de craque, seu futebol começou a ser reconhecido no bairro.

Contagiado pelo grupo com que frequentava a praia, em abril de 1935 Heleno se inscreveu como sócio do Botafogo. Em pouco tempo, começaria a fazer história pelo clube.

## 4. Gênio indomável

1935-1937

O Botafogo Football Club foi fundado em 12 de agosto de 1904 por colegiais cujas idades variavam entre catorze e quinze anos, num velho casarão da rua Humaitá com o Largo dos Leões. Ganhou as cores da Juventus italiana e, 21 anos depois, por aforamento, herdou do presidente Artur Bernardes o terreno de General Severiano. Seu primeiro título carioca data de 1907. Em dezembro de 1928, num badalado baile, o clube inaugurou o palácio Wenceslau Brás, sua sede. E com três gols do artilheiro Carvalho Leite, no primeiro dia de outubro de 1930, saudou a nova iluminação do estádio enfiando 6 × 3 no Atlético Mineiro. Desde 1932 era o campeão da cidade. Formara a base da seleção de 1934 e rechaçava o regime profissionalista, disputando uma liga menor.

Apresentado por João Saldanha a Togo Renan Soares, o popular Kanela, que dirigia o futebol amador concomitantemente ao basquete e ao polo aquático do clube, desde o começo em General Severiano Heleno fez questão de aplicar-se como nenhum outro dentro das quatro linhas. Ao contrário de João, que sem pestanejar faltava aos treinos para se doar às causas comunistas. Saúde de ferro e energia de sobra, desejava vestir logo o uniforme.

A pressa era contida por Kanela. Sorte de Heleno: ninguém melhor para saber a hora certa de soltar suas feras. O treinador escolheu para o menino o dia 3 de agosto de 1935, quando o Botafogo recebeu em casa o Santos, futuro campeão paulista daquele ano. À época, muitos times entravam no gramado com corbelhas para oferecer aos adversários; uma forma de se evitar brigas. O Santos, nessa ocasião, entrou. Mas o Botafogo estava com

espírito guerreiro. Goleou o oponente por 9 × 2 – até hoje, o maior placar da história do clássico –, com direito a três gols do centroavante Carvalho Leite e outros dois de Leônidas da Silva, o artilheiro solitário do Brasil no Mundial da Itália. Na preliminar de juvenis desse jogo, estreou, de *half*-esquerdo, Heleno de Freitas no Botafogo. Vitória sobre o São Cristóvão por 3 × 2.

Os juvenis do clube ficaram, ao fim do Campeonato Carioca, com o título, mas um dos jogadores campeões, por outras razões, não comemorou muito. João Saldanha, zagueiro titular, sentiu o baque do fracasso da insurreição de esquerda ocorrida em fins de novembro. Os protagonistas do levante, que entrou para a história como a “Intentona Comunista”, foram dominados por Exército e Marinha, tanto no 3º Regimento da Infantaria, na Praia Vermelha, quanto na Escola de Aviação, no Campo dos Afonsos. Muitos dos rebeldes, que passaram a ser perseguidos pelo governo, eram amigos de João.

Pouco interessado nos acontecimentos políticos, Heleno consolou o parceiro sem deixar um só momento de vibrar por dentro com o sucesso indiscutível de seu primeiro ano no esporte. Começou a ficar em dúvida: seguiria mesmo os passos dos irmãos ou levaria a sério a carreira de jogador? No dia a dia do clube, convivendo com alguns meninos ignorantes e maltrapilhos que sabiam apenas jogar bola, ou nem isso, que imploravam para ser contratados, por não saberem fazer outra coisa na vida, gente que vinha de longe e morava no clube para ter onde ficar, Heleno seguiu estudando. Bem melhor ser doutor.

O aroma salgado da praia invadia os lares de quem residia nas proximidades do paredão. Apesar do entra e sai de personalidades mundiais no Copacabana Palace, um ar de tranquilidade e paz tomava conta do bairro. Tumulto gostoso, só em fevereiro. Apesar de viver uma infância privilegiada, em seu primeiro Carnaval na cidade Heleno deixou de lado seus livros de cabeceira – a preferência era por obras de Dostoiévski, o sombrio autor de *Crime e castigo* – para incorporar uma alma tipicamente carioca.

Avesso a fantasias, desdenhava dos pierrôs e colombinas com que os outros de sua idade enfeitavam as ruas para, com Saldanha, Sérgio e Mauricinho Porto, Lamana, Sandro Moreyra e George Rangel, subir nos bondes em movimento, apavorando sua mãe e sua irmã Marina. Na Praça Onze, a Portela vencia o primeiro desfile oficial das escolas de samba, mas a música na ponta da língua do povo era "Cidade maravilhosa", de André Filho, repetida sem cessar nos blocos e cordões. Heleno não era adepto das batalhas de confetes e serpentinas; mais reservado, preferia flertar com as adolescentes. Pintoso, gostava de ser o centro das atenções. Namorador, caminhava com as meninas até encontrar um lugar onde nem pai nem mãe pudessem atrapalhar suas investidas.

Sentia-se superior. Não ouvia uma vantagem que não tivesse outra maior para contar. Jogando nos juvenis do Botafogo, autoconcebia-se um artista, um talento tão reluzente quanto aqueles que se apresentavam nas grandes emissoras. Pressentia poder vir a ser como os ídolos do rádio. Conhecido não por alguns, mas por muitos. Se possível, por milhões.

Enquanto ainda não era, deliciava-se por impressionar as mulheres nos *footings* pela Atlântica. Andando sem destino de um lado para outro, esguio e bem-arrumado, paquerava bastante, lançava olhares até mesmo para as mais velhas, garotas na faixa dos vinte e poucos anos, olhares muitas vezes retribuídos. Charme irresistível, de roupa esporte, camiseta sem mangas e bermuda estampada, cigarro entre os dedos e cabelos pretos escorrendo na testa, Heleno julgava-se o maior, o mais belo, o mais bonito. Julgava-se o melhor dos homens.

Assim que Maria Lenk venceu o primeiro Sul-Americano Feminino de Natação, no Rio, chegando em primeiro nas provas de peito e costas, a moda carioca dos anos 1930 descobriu o esporte, a vida ao ar livre e os banhos de sol. Seguindo as exigências das atividades esportivas, os saíotes de praia diminuía sensivelmente, as cavas aumentavam e os decotes tornavam-se cada vez mais ousados.

As mulheres redesenhavam suas silhuetas. Ombros largos, quadris estreitos, cabelos curtos. Algumas, com cachinhos na nuca. Na areia, maiôs ousados, de látex ou algodão, desnudavam os ombros e quase toda a coxa. As mais recatadas se contentavam com roupões que, religiosamente, tudo escondiam. Já nas caminhadas, bolsas pequenas a tiracolo, arriscavam sapatos de saltos grossos, ao passo que as mais elegantes desfilavam de sandálias. À noite a maquiagem se acentuava. Pó de arroz, *rouge*, batom, influências do cinema norte-americano, enfeitavam as musas que seguiam o padrão de beleza imposto pelas misses.

Se muitas delas sonhavam com Heleno, melhor para ele, apaixonado por todas. Na verdade, apaixonado por si próprio. A admiração que impunha ao sexo oposto servia como medição do reflexo, afirmação de seus próprios dotes másculos. Qualidades extracampo que muitas comprovavam *in loco* nos banhos de sol no Posto 6, praia límpida e de beleza ímpar, ainda com amendoeiras ornando a areia, ou mesmo nas peladas do Posto 4. Nunca tantas mulheres passaram a conferir, entre gritinhos e suspiros, as rixas fortes travadas naquele trecho de areia.

Ali Heleno fazia o maior carnaval. Dedicava as vitórias às meninas, colecionava e destruía corações, jogava por música. Música que, por sinal, se confundia com a recém-criada Rádio Nacional. Líder de audiência nas décadas seguintes, a primeira grande emissora brasileira conquistava o público com um sem-fim de programas de auditório, que contavam com os principais artistas de então. Encampada pelo visionário Getúlio Vargas, era principalmente por meio das ondas da Rádio Nacional que o governo difundia o sentimento nacionalista que o ditador pregava. O que era estrategicamente necessário. O mundo continuava uma incógnita.

Em questão de meses, foi formado o eixo Berlim-Roma e Hitler decidiu iniciar o expansionismo alemão ao invadir a Renânia, região a oeste do país. A onda de violência não se restringia ao ambiente europeu. Entre abril e maio de 1936, numerosas prisões atingiram os oponentes de Vargas e dividiram a opinião pública. Até mesmo o

prefeito do Rio, Pedro Ernesto, acabou sendo aprisionado, por apoiar a Aliança Nacional Libertadora, dos comunistas.

Os Freitas nunca andaram tão preocupados. Depois de Dona Miquita fazer sua oração diária pelo bem da família, os irmãos debatiam os assuntos que mexiam com o Brasil e o mundo nos momentos em que se reuniam – café da manhã e jantar. Apenas o caçula permanecia em silêncio naqueles bate-papos diários entre os homens da casa. Individualista ao extremo, exceção para com os familiares, com quem era doce, se a atmosfera nacional não era das melhores, paciência. Para Heleno, importava o reconhecimento cada vez maior de seu talento como atleta.

Ao fim de 1936, quando deu para trás a cisão esportiva<sup>1</sup> e, premido por dificuldades financeiras, o Botafogo extinguiu seu Departamento de Menores, Heleno não demorou a encontrar novo clube. Aceitou de prontidão o convite do atacante Preguinho e ingressou no juvenil do Fluminense, passando a treinar nas Laranjeiras. Sem nunca se esquecer, contudo, dos grandes parceiros de praia, como Sandro Moreyra, Sabiá, Sérgio Porto, Jayme Terra, Juju e Paulinho Goulart. Como o Rio era menor, as pessoas que interessavam podiam facilmente ser encontradas nos principais *points* da época. E Heleno os procurava sempre, para pôr o papo em dia.

Estudioso, culto, só matava aulas no São Bento caso precisasse, inevitavelmente, treinar no Fluminense ou defender a invencibilidade do Posto 4. Era jogar e se irritar. Por nada, seus nervos minavam e, num rompante, esquecia-se de que aquele que cometera o pecado de errar um passe era um companheiro, um amigo – esquecia que errar é humano. Mas era um baita jogador. Como afirmava Neném Prancha, “mau jogador é o indisplicente, mistura de indisciplinado e displicente”. E de displicente Heleno não tinha nada.

Pelo contrário, aquele garoto bronzeado de praia era aplicado em excesso. Nas Laranjeiras, o treinador uruguaio Carlo Carlomagno achava-o à frente dos demais, apesar de rebelde, aparentemente incorrigível. O técnico estava no gramado quando Heleno incendiou

o treino esbofeteando um companheiro que o atingira num lance. Tinha pavor de ser chutado por trás.

Excelente em termos técnicos, Heleno, com a bola nos pés, era um dos orgulhos da base tricolor. Anulava os pontas, esbanjava categoria. Ainda a ensaiar os primeiros passos no juvenil, um profissional – o meia argentino Santamaria – sugeriu a Carlomagno o aproveitamento do menino no time. Isso numa época em que o Fluminense transbordava talentos na equipe principal.

– Será um craque, Carlomagno!

– Poderá sê-lo, mas por enquanto é muito jovem, Santamaria.

Sugestão rejeitada, Heleno seguiu lutando. O problema é que era estourado. Rara a vez em que não brigava em campo. Com o tempo Carlomagno chegou à conclusão de que Heleno devia se irritar tanto por, sendo tão talentoso, ter de ficar marcando alguém. Talvez se acalmasse no ataque. Afinal, o *half* tinha de procurar o adversário, o corpo a corpo, enquanto o atacante fugia, evitava ao máximo.

Quem primeiro sugeriu a mudança de posicionamento foi João Coelho Netto, o centroavante tricolor Preguinho, autor do primeiro gol do Brasil em Copas do Mundo. Num amistoso entre o Operário e o Olímpico, em São João Nepomuceno, em maio de 1936, Heleno, jogando pelo Operário, anulava o veterano astro e ainda marcou dois gols de cabeça. Impressionante a decisão com que subia ao ataque.

Assim como o mítico Friedenreich, que em 1935 vestira as cores do Flamengo, o destino de Heleno era, de *half*-esquerdo, virar atacante. Porém, surpreendido num coletivo por Carlomagno, ao ser escalado na frente, desconfiado, não gostou nem um pouco da história. Achou que era perseguição do treinador. Durante meio tempo aguentou firme, depois perdeu a paciência, colocou as mãos na cintura e bradou para o técnico:

– E aí, seu gringo, vamos parar logo com esta merda?

Carlomagno, que também não era flor de se cheirar, se enfezou. Heleno nem teve tempo de se defender. Valente, o uruguaio correu até ele, levou-o ao chão apertando-lhe a garganta e o chamou de tudo quanto era nome.

– Por hoje, é isso! – exclamou, limpando as mãos cheias de terra.

– Espera aí – Heleno fez beijo – que eu vou chamar meus irmãos...

Carlomagno partiu outra vez para cima. Agarrou-o por um braço e instigou. Seus irmãos estavam em casa? Iria até lá, para facilitar as coisas. Esperaria no meio da rua. Era assim o uruguaio, topava qualquer parada. Heleno sabia. Então pensou melhor e não quis botar os parentes naquela roubada, até porque nada tinham a ver com a história. E se Carlomagno desse mesmo nos manos? Melhor que morresse tudo ali. Deu sorte que juntou gente, muitos dizendo que Heleno era só um menino. Um menino que, embora campeão juvenil, agora com as três cores do clube, era incrivelmente mimado e para lá de irresponsável.

Mais fácil fazer do que evitar. E melhor – com maior visibilidade. O novo centroavante Heleno aperfeiçoava-se na posição tanto no clube quanto nas peladas de praia. Uma das máximas de Neném Prancha – “No futebol, o terceiro pé é a cabeça” – bem pode ter surgido nessa época. Exímio finalizador pelo alto, Heleno seria mais tarde apelidado de “o homem que chutava com a cabeça”.

E se estava a caminho da perfeição como atacante, “matador” já era quando marcado por meninas. Continuava causando furor entre as que, nas areias debaixo do maior sol de Copacabana, o assistiam a esbanjar saúde em disparadas rumo ao gol.

Apesar da vigilância paterna, as moças da cidade já tinham liberdade para escolher seus namorados. Os hábitos da vida norte-americana e europeia penetravam o Brasil, provocando mudanças nas concepções de vida das classes médias e abastadas. O beijo romântico ao melhor estilo Hollywood não escandalizava mais as famílias. Os filmes norte-americanos exibiam homens e mulheres incomparavelmente belos, vestidos por figurinistas sofisticadíssimos e levando vidas fascinantes. Os padrões morais se transformavam com rapidez, escandalizando alas conservadoras da Igreja. Nas noites, os trajes passaram a admitir ousados decotes, que

sugestivamente revelavam as costas femininas. Nos bailes, o tamanho dos decotes aumentava.

Sempre alinhado, bem-penteado, com Brylcreem a fixar-lhe os cabelos, logo Heleno chamou atenção nas festas do Botafogo e do Fluminense. Terno azul-marinho vincado nas dobras e escovado, fazia boa figura antes mesmo de completar dezoito anos. No suntuoso palacete de General Severiano havia bailes quase todo sábado, no salão nobre. Os bailes do Botafogo eram de tarde; à noite eram os do Tricolor. No Botafogo, atletas, mesmo negros, podiam entrar. Já no Fluminense, quando permitido, os jogadores tinham de penetrar escondidos, pelos fundos. Mas se dançava com o pé direito nas noites, Heleno parecia entrar sempre com o pé esquerdo no gramado.

Atento a todas as categorias do clube, Carlomagno permaneceu de olho no comportamento do jovem. Num coletivo, ao vê-lo destemperar-se, o advertiu:

– Por favor, senhor Heleno, mais cuidado com os companheiros.

– Não fode, gringo!

Não podia deixar para depois. Dedo em riste, o uruguaio bradou:

– Fora! Não te quero mais neste clube!

Houve quem tentasse dissuadi-lo, propondo uma trégua, para o bem do Fluminense.

– Eu já o perdoei outras vezes. É louco. Aqui não ficará!

A diretoria fez com que voltasse atrás com a palavra. Para manter a dignidade, Carlomagno deixou o clube. Retornou a seu país com aquele moleque atravessado.

O Carnaval de 1937 foi embalado pelo coro da marchinha “Mãe eu quero” e pela cerveja Cascatinha, que tinha grande publicidade, mesmo com as gigantes Brahma e Antártica à disposição. Linda Batista foi eleita a “rainha do rádio” e a esbórnica contaminou toda a cidade. Havia muito não se via tanta alegria no semblante dos cariocas.

Em novembro a temperatura caiu. Canceladas as eleições presidenciais de 1938, Vargas, mais ditador do que nunca, dava um golpe dentro do golpe, instaurando o Estado Novo. A divulgação do Plano Cohen, uma farsa que relatava um suposto golpe comunista, tinha por intenção criar um clima de terror na população que justificasse a permanência de Getúlio no poder. A armadilha foi bem-sucedida. Logo entrou em vigor uma nova Constituição, redigida no ano anterior por Francisco Campos. Ao quebrar o princípio de harmonia e independência entre os poderes, o presidente passou a controlar também o Judiciário e o Legislativo, além de extinguir os partidos políticos, fato que revoltou até os integralistas, que antes o apoiavam. Inspirada claramente nos moldes fascistas vigentes na Europa, a ditadura civil sustentada pelo Exército gerou tumulto nas ruas e tortura nos porões.

Juntando-se a Graciliano Ramos, os escritores Jorge Amado e Rachel de Queiroz foram presos por subversão, e seus livros, respectivamente *Capitães de areia* e *Caminhos de pedra*, queimados numa praça pública de Salvador. No turbulento Distrito Federal, o chefe de Polícia Filinto Müller instituía severas punições aos opositores do regime.

Apesar da violenta repressão – o uso da força era legitimado por um discurso anticomunista e nacionalista –, o prefeito do Rio, Henrique Dodsworth, propiciava uma revolução urbanística na cidade. Como exemplo, foi modernizada e eletrificada a estrada de ferro Central do Brasil. Em Copacabana, alguns edifícios de pouco menos de trinta metros começaram a ser levantados na orla. Bancos, hospitais, escolas, farmácias, enfim, todo um exuberante e promissor comércio se ativava a plenos pulmões no bairro.

Adolescente preocupado com sua aparência ante os outros e si mesmo, Heleno percorria as lojas para vislumbrar as novidades que chegavam de Paris, Londres, Berlim e Nova York. Para a confecção de elegantes ternos e agasalhos, tecidos de lã e seda eram sua preferência. Tinha o gosto refinado dos milionários que, a passeio, chegavam à cidade pelos luxuosos vagões do “trem dos senadores”.<sup>2</sup> Comerciantes a negócios, cafeicultores podres de ricos que vinham

perder, sorrindo, incalculáveis fortunas no cassino do Copacabana Palace, no Atlântico e no da Urca.

Enquanto não tinha idade para desbravar o sedutor mundo dos jogos, Heleno se dividia entre as peladas na areia, os bailes nos clubes e os de formatura, e os cinemas do bairro. O Metro Copacabana rodava os filmes que mais lhe apeteciam. Único do Rio com poltronas estofadas e ar-condicionado, Heleno o aproveitava para, vez ou outra, junto às fanzocas da praia, curtir saliências em meio à escuridão. Os bolinadores às vezes assistiam ao mesmo filme das 14 às 22 horas. Heleno não precisava de tanto. Feliz com a vida, gabava-se contando as proezas diárias para os amigos. Com eles se soltava, revelando-se um humorista inato.

Ótimo piadista, segundo o jornalista Geraldo Romualdo da Silva, “pode-se dizer que Heleno foi o primeiro professor de humor de Sérgio Porto, que primeiro ouvia e depois, se tomasse gosto, espalhava as piadas Brasil afora”.<sup>3</sup> No entanto, as melhores tiradas não eram para todos. Fechado e às vezes prepotente, Heleno contava numa só das mãos os amigos, selecionava companheiros, indispondo-se quase diariamente com eles, mas fazendo as pazes no dia seguinte. Quem era “de fé” o aceitava assim. Podia ser inconstante, vá lá, mas era boa-praça.

Insensível, Heleno fazia graça até com as condições de saúde, precárias, crônicas no país. Só no Distrito Federal moravam seiscentos leprosos. Se a tuberculose matara 100 mil pessoas em 1936, no ano seguinte seriam registrados 500 mil casos no Brasil. Noel Rosa, “o poeta da Vila”, uma das vítimas, morreu aos 27 anos, no auge da produtividade. Fora a lepra e a tuberculose, ainda havia cerca de 13.509 psicopatas internados em dezesseis estados brasileiros. Entre as principais causas da psicopatia, destaque para a sífilis e o alcoolismo. Pior que essa cruel realidade era o tratamento relegado aos doentes. Dos 35 manicômios existentes no país, somente em seis estados havia peritos psiquiátricos.

## 5. Dançando nas nuvens

1938-1939

Quando saiu do meio de campo para o ataque, Heleno de Freitas ganhou em impetuosidade, passou a fazer gols em penca, mas não mudou de gênio. Era estupidamente problemático.

Sua ficha no Fluminense é histórica. Não coube em um único cartão. Entre os principais “feitos”, Heleno conseguiu ser suspenso pela federação por quatro jogos por ter arrumado confusão, pelos juvenis, contra o Flamengo, em 25 de novembro de 1936. Por ofensas à arbitragem, foi suspenso contra o Olaria, em 9 de dezembro de 1937. Pelo mesmo motivo, pegou dois jogos de molho após enfrentar o América, em 19 de junho de 1938, já como amador. Aliás, devido aos incidentes no mesmo dia, foi suspenso pelo próprio clube, por duas semanas. Detalhe: era o capitão da equipe – uma forma de ver se essa condição, com a qual teria de dar o exemplo, o faria se controlar. Mas não; continuava o mesmo. Começou a ser considerado um caso perdido, alguém que nunca chegaria a craque por causa do gênio.

Até que outro técnico uruguaio apareceu em sua vida. Com pose de intelectual, Ondino Viera, ao chegar ao clube, em 1938, teve uma conversa séria com o rebelde:

- Eu tenho uma proposta para fazer a você, Heleno.
- Qual é?
- Se você controlar os nervos durante, vamos dizer, uns meses, eu lhe darei um contrato, rapaz.

Heleno aceitou. Até conseguiria se manter dócil nas quatro linhas. Mas não a ponto de convencer Ondino. Pois, se não brigava,

irritava-se fácil e visivelmente. Não tinha paciência com os erros dos próprios companheiros; queria que todos fossem do seu nível. Para piorar, a seu lado, no ataque, nem Ari Menezes (mais tarde presidente da Federação Metropolitana de Basquete) nem Raul jogavam como ele. Sendo assim, por qualquer coisinha Heleno levantava os braços, esperneava.

– Você tem de partir de um princípio, Heleno. – Ondino passava um braço em volta dos ombros do jovem. – Um jogador que se irrita não pode produzir cem por cento.

A irritação, filosofava o treinador, o fazia perder o domínio sobre si mesmo. Heleno argumentou que estava angustiado, aguardando a assinatura do contrato. Disse mais. Falou que o Fluminense tinha logo de se definir a seu respeito. Havia outro clube interessado em seu futebol, à espera apenas de um sinal. Ondino entendeu que ele estava querendo contar vantagem e não se comoveu. Péssima aposta.

Apaixonado por todo gol que marcava, quando Ondino Viera, por medida de emergência, pensou na hipótese de retorná-lo ao meio de campo, Heleno, contrariado, perdeu de vez a paciência e abandonou o clube. Impertinente, filho de família tradicional que não precisava em absoluto do futebol para se manter, solicitou o cancelamento da sua matrícula de sócio-atleta. O Fluminense nem discutiu. Sua demissão data de 7 de outubro de 1939.

No mesmo dia em que deixou o Tricolor, João Saldanha o encontrou em Copacabana:

– Volta para o Botafogo, Heleno, seu lugar é lá...

Saldanha, que frequentava o Alvinegro como sócio desde que chegara à cidade, em 1931, captava que o elegante Carvalho Leite – não apenas médico formado, pneumologista, como bem-casado com a Miss Brasil Vânia Pinto – vinha em franca decadência. Heleno, que poderia cobrir essa lacuna, não pensou duas vezes.

Ninguém, fora Saldanha, imaginava Carvalho Leite sendo substituído à altura por um garoto de dezenove anos. Ainda mais que a competição por uma vaga era ferrenha – o Botafogo, que

cedera cinco atletas para a Copa do Mundo da França, no ano anterior, tinha vários jogadores consagrados no elenco. Carvalho Leite era o grande ídolo do clube. Naquele 1939, quando o Alvinegro teve tudo para levantar o caneco carioca, seria, inclusive, o artilheiro da cidade. A Heleno restou, contrariado, retornar à armação de jogadas e mostrar que tinha bola suficiente para atuar em qualquer faixa do campo.

Se a bola girava, o mundo também dava suas voltas. A Itália de Mussolini juntava-se a Japão e Alemanha, abandonando a Liga das Nações. Menos de dois meses depois, Hitler assumia em pessoa o comando do Exército alemão. Chumbo grosso vinha pela frente. Lá fora e aqui.

Liderados pelo médico Belmiro Valverde,<sup>1</sup> no dia 11 de maio os integralistas insatisfeitos surpreendiam pela ousadia de invadir o Palácio Guanabara. Queriam matar o "traidor" Getúlio e, claro, tomar o poder. A guarda e a família do presidente resistiram às balas por cinco horas até as tropas da polícia chegarem. A tentativa de golpe foi frustrada devido à própria desorganização.

Desorganização que não faltou na ação da polícia no interior de Sergipe, quando em julho, após fugas bem-sucedidas, foram assassinados o temido cangaceiro Lampião e sua mulher-macho Maria Bonita. A vitória dos "mocinhos" ao fim da batalha contra os bandidos foi fichinha perto do que continuava a ocorrer fora do país.

Na Espanha, o general Francisco Franco instalava sua ditadura. Já a União Soviética se unia aos alemães: estabeleceram um pacto de não agressão. Em setembro de 1939, as tropas de Hitler invadiam a Polônia. Fim de papo: dois dias depois, França e Grã-Bretanha declaravam guerra à Alemanha. Eclodia a Segunda Guerra Mundial. Entrar em combate era questão de tempo para o Brasil.

Por travar seus embates internos, Vargas preferiu de início se omitir quanto ao posicionamento diplomático brasileiro em relação ao conflito. Seguindo neutro na guerra, precavido e a se esforçar para conquistar o povo, Getúlio criou o Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP, que de cara suspendeu o alvará de 61 publicações contrárias ao regime. Apesar da censura, o governo

empregava vultosas quantias na publicidade dos atos oficiais, o que garantia a expansão industrial da imprensa no período. Era pegar (leve) ou largar.

Não apenas na política o país efervescia. O jovem baiano Dorival Caymmi, por exemplo, veio ao Rio fazer carreira e, ao se apresentar na Rádio Transmissora, revelou o samba "O que é que a baiana tem". A música foi logo incluída no filme *Banana da terra*, e Caymmi assinou exclusividade com a poderosa Rádio Nacional. Com 1,50 metro de altura e talento gigantesco, Carmen Miranda estrelava *Banana da terra* se vestindo pela primeira vez de baiana. Carinhosamente foi batizada de "a pequena notável". Com o Brasil ficando pequeno demais para ela, em 1939 a diva do Cassino da Urca embarcou para os Estados Unidos. O empresário norte-americano Lee Schubert, encantado com sua performance, a "sequestrou" para a Broadway.

Para personificar a excelente relação entre norte-americanos e brasileiros, em seu novo filme Walt Disney apresentou sua mais nova invenção, o Zé Carioca, um papagaio simpático que usava panamá e roupa de marinheiro. Nota triste: que Grande Otelo, uma das atrações do Cassino da Urca, recebedor de elogios de personalidades internacionais como Josephine Baker e Sammy Davis Junior, convidado pessoalmente por Disney, foi impedido de emprestar a voz ao personagem, devido ao contrato que tinha com a casa de espetáculos.

Otelo já era estrela dos palcos. E no teatro os atores tinham mais importância do que as próprias peças. Exceção para as de Oduvaldo Vianna, que se aliava a grandes intérpretes, como Procópio Ferreira e Dulcina de Moraes. Heleno gostava da arte cênica. Desde que fosse obra séria, de Shakespeare, por exemplo, que selecionasse o público. Esteve presente no lançamento do Teatro do Estudante do Brasil, um projeto concebido e dirigido por Paschoal Carlos Magno, com elenco de universitários, para dar força a companheiros de Copacabana que iniciavam carreira. Com a curiosidade aguçada, bateu palmas para a montagem de *Romeu e Julieta*, com Paulo Porto e Sonia Oiticica em cena.

O público preferia as atrações mais apelativas da Praça Tiradentes. Walter Pinto renovara o seu *cast* de coristas. Dobrando-lhes o salário, seduziu as mais belas garotas do Cassino da Urca, buscou outras na Europa, em Cuba e até no Japão. O ingresso custava o dobro do preço de uma sessão de cinema, para arcar com os custos dos cachês dos artistas. Até os anos 1940, para se ouvir e assistir às apresentações ao vivo de música popular, era necessário frequentar os teatros ou programas de auditório.

Já nos Carnavais daquele Rio romântico, os mais festeiros tomavam prises de lança-perfume, droga liberada em épocas de momo. Heleno não negava um bom lenço por perto, mas não precisava desses artifícios para se divertir. Pouco antes de sair de casa, fazia questão de beber ao menos duas xícaras de café, para despertar o espírito. Houvesse café, visto que festa, para ele, não era apenas em fevereiro. Todo fim de semana era sagrado. Sábado e domingo pareciam feitos para jogar bola e curtir bailes.

Dançava muito bem. Aprumado com ternos talhados em tropical brilhante, importados da Inglaterra, ou de linho branco, sabia conduzir as parceiras em valsas e polcas como ninguém. Sua preferência, no entanto, era jazz. A música norte-americana estendia sua popularidade ao restante do planeta. As pessoas cantavam e dançavam ao som das *big bands* – trilha sonora de uma época, de toda uma geração.

Com o pretexto de curtir jazz, muitas moças iam aos bailes em busca de paixões arrebatadoras. Heleno só tinha olhos para as rigorosamente bem-vestidas, delicadamente perfumadas, confiantes e bem-humoradas, como ele. Entre as donzelas com vestidos longos e decotados, com ou sem babados, e as que trajavam longos de jérsei de seda que modelavam seios e quadris, preferia as duas. Muitas não resistiam ao charme daquele jovem, sentindo-se perdidamente atraídas por ele. Galante, simpático, atencioso, Heleno acendia os cigarros das musas tocando-lhes com sutileza a mão, no que as arremessava a um mundo íntimo de velas e sussurros. Por elas, abria portas e dava passagem, puxava cadeiras, era um

gentleman. Seu fascínio provinha de uma dosada mistura de protocolo e ousadia.

Mas era compulsivo; tinha a necessidade de novas conquistas. As mulheres, no entanto, pareciam não ligar. Derretiam-se quando o viam adentrar os salões. Poucas supunham que se tratava de um forte candidato a profissional do futebol.

Até o surgimento do Maracanã, em 1950, era no campo do Vasco da Gama que algumas das principais partidas da cidade aconteciam, devido à capacidade de o estádio acolher excelente público, 40 mil pessoas nas arquibancadas. Em 26 de novembro de 1939, antes de os profissionais botafoguenses levarem 5 × 4 do América, em São Januário, Heleno estreou, de *half*-direito, na preliminar. Era o Torneio Misto, disputado por amadores e profissionais. Seu futebol começou ali a cativar a massa de alvinegros.

Em dezembro, o jurista paraibano João Lyra Filho assumiu o posto maior do Glorioso – apelido conquistado após o sucesso no Carioca de 1910. Entre as primeiras medidas, o dirigente assinou com Heleno, para assegurá-lo em General Severiano. O Fluminense ainda tinha esperanças de que, irritado com seu temperamento, o Botafogo viesse a desistir do jovem. Chovia torcedor em Álvaro Chaves perguntando como aquele talentoso rapaz pôde sair tão facilmente para o rival.

Seu primeiro contrato continha cláusulas hoje inconcebíveis, como a que o obrigou a estudar inglês ou francês simultaneamente ao curso superior. Filho de senador, o presidente João Lyra Filho era assíduo da casa de Lincoln, tio de Heleno, e de alguns de seus primos mais velhos, como Mauro de Freitas. Futuro reitor da Universidade do Estado da Guanabara, atual Uerj, Lyra Filho sabia quão austera era a educação mineira e queria preservá-la. A bem da verdade, jogar futebol naquele tempo era visto como profissão menor.

Sendo indisfarçável o talento do jovem, não demorou para que Heleno de Freitas fosse batizado nos profissionais. Como não podia haver mais de um amador no time e, devido a várias contusões no

elenco, o Botafogo precisou de seu futebol num jogo internacional, a antecipação de sua profissionalização foi requisitada. Heleno aceitou sem titubear. Passou a ganhar seiscentos cruzeiros por mês, mas o dinheiro era o de menos: vibrava pela realização do sonho. O sonho de defender o clube pelo qual torcia.

E, de quebra, aparecer na mídia. Além do *Jornal dos Sports*, começava a circular *O Globo Sportivo*, outro empreendimento de Mário Filho, este com Roberto Marinho, estampando as melhores fotos dos embates e crônicas elogiosas às estrelas do campo. Ser o nome do jogo e virar capa do semanário era o desejo de Heleno. Por três dias o atacante pouco dormiu, sonhando com a estreia. Mas no dia 21 de dezembro, escalado pelo técnico Dori Krueschner como meia-direita – o húngaro não o enxergava como centroavante –, entrou contra o San Lorenzo e decepcionou. Era melhor que não jogasse. Foi substituído ainda no primeiro tempo, na acachapante derrota por 5 × 1.

Curioso que, três dias depois, coincidentemente, debutou no Flamengo outro jovem que daria muito o que falar. Um ano e meio mais moço que Heleno, Thomaz Soares da Silva, o Zizinho, pegava a brecha deixada por Leônidas num treino para não mais sair do time. Heleno não teve a mesma sorte; a goleada fora pesada demais. Para não queimar a prata da casa, o Botafogo o deixou por três meses nos aspirantes. O jovem se encheu de raiva de Krueschner:

– Nunca nos toleramos – confessaria.

No dia a dia, porém, Heleno provava que podia, sim, disputar a posição de Carvalho Leite. Dono de um estilo que lembrava tanto um centroavante europeu clássico, desbravador de defesa, como um típico brasileiro, habilidoso e criativo, era um batalhador terrível e cerebral, com incrível vontade de vencer. Empolgando a massa torcedora, cada vez mais encantada pelo fogo de suas atitudes, aquele guri genial e genioso, impetuoso, que partia para cima dos beques sem medo de cara feia, se tornava cada vez mais popular na cidade. Ainda que estressasse o grupo.

O jogador Zezé Moreyra verificava em Heleno algo diferente, embora não soubesse precisar o quê:

– Certo jogo errei um passe e ele veio me dizer uma porção de palavrões: “Como é, seu velho, ainda não aprendeu a passar? Desista, vá fazer crochê!” Quando entramos no vestiário, ameacei-lhe quebrar a perna, mas ele já estava distante. Acho que nem sequer se lembrava do que havia dito.<sup>2</sup>

## 6. A explosão do gênio

1940

O Rio continuava em expansão. Se em 1920 o recenseamento apontou cerca de 1 milhão e 157 mil habitantes na cidade, em vinte anos o Distrito Federal comportava 600 mil pessoas a mais. Entre as 886 mil mulheres e os 878 mil homens, a grossa maioria era de jovens. Mais da metade da população era formada por menores de idade.

Craques, decididamente, não faltavam no país. Mas ídolos, os 40 milhões de brasileiros só tinham três: o presidente Getúlio Vargas; Orlando Silva, “o cantor das multidões”; e o artilheiro Leônidas da Silva. O centroavante dispensava comentários dentro de campo, mas não era modelo de conduta. Em 1936, já tendo disputado uma Copa do Mundo, o Botafogo, para humilhá-lo, vendeu seu passe ao Flamengo, diz-se, depois de o flagrarem furtando um relógio no clube. Na Gávea, o “Diamante Negro” deu a volta por cima. Entrou para a história ao tirar o Rubro-Negro da fila em 1939 – ano seguinte ao de sua consagração como artilheiro do Mundial da França, competição transmitida para o Brasil pelo rádio.

Entre os três ídolos em evidência, Heleno de Freitas gostaria de ser como Leônidas, que recentemente vencera com sobras uma enquete promovida por uma marca de cigarros, sendo eleito, por quem de direito, o jogador mais popular do país. No entanto, seguia estudando. Cursava direito em Niterói. Chegou até a desempenhar função pequena no escritório da Hime & Cia. Na firma, de família tradicional de botafoguenses, Heleno mais batia ponto do que qualquer outra coisa. Tinha dúvidas se queria mesmo advogar. O convívio, na praia e fora dela, com tantos apaixonados pelo

Botafogo, acabou por fazer dele um alvinegro da melhor qualidade. Na hora em que assinou o primeiro contrato com o clube, por exemplo, virou-se para as pessoas que o cercavam e resmungou, com ar de pouco-caso:

– Para que tanto papel, se o Botafogo sabe bem que dentro deste coração não cabe outra esperança?

Cabreiro, o clube se resguardava. Teria Heleno de pagar cinco contos por cada infração disciplinar que cometesse. Em compensação, ganharia cem mil-réis a cada vitória, e metade em caso de empate.

Com o dinheiro do contrato Heleno comprou seu primeiro carro. Num tempo em que automóvel era só para ricos, e carro importado, hobby de milionário, o atleta mostrou sua classe adquirindo um Chrysler, último tipo. Entre os jogadores de futebol, somente ele e Leônidas podiam se gabar por dirigir carrão na capital federal. Os outros iam treinar a pé, de ônibus ou, os mais sortudos, de carona.

Embora formada na maioria por atletas do Rio, o fiasco da seleção brasileira nas principais competições sul-americanas – as Copas Roca e Rio Branco – não interferiu em nada na motivação da cidade, que aguardava com otimismo a participação de seus clubes no Campeonato Carioca. Preparando-se para a competição, com Cabrita no gol e Heleno no ataque, o Botafogo, em 17 de março de 1940, venceu uma seleção da liga niteroiense por 7 × 0. Heleno aparecia no grupo com a força de um turbilhão.

Perfeccionista, obcecado pelo toque exato, o centroavante era clássico na acepção da palavra. Apesar dos rompantes dentro de campo para obter a vitória, tinha classe, inteligência, visão de jogo. Dava passes de calcanhar como ninguém. Assim como ninguém se doava tanto ao clube quanto ele.

Os treinamentos do Botafogo eram em período único, às oito da manhã. Segunda-feira os atletas folgavam – nada mais justo depois dos esforços despendidos nas partidas de domingo. Chegando ao clube, na terça, dia do “individual” – um teste físico, sem bola –, os

jogadores seguiam direto para o vestiário, última porta à esquerda do campo. Os atletas, em geral, não primavam pelos trajes, quando muito apareciam de paletó, velho e barato, logo repousado no gancho da parede, junto ao chapéu.

Meia hora antes do treino, chegavam ao clube os jornalistas setoristas, três ou quatro, que até se davam bem com os jogadores. Não costumavam pegar no pé de ninguém até porque o Rio era pequeno – fatalmente acabariam se esbarrando. Em dia de treinos e jogos, ficavam no campo desenrolando os fios de seus microfones, que se emaranhavam feito macarronada, enquanto esperavam os atletas. Raramente entravam no vestiário.

Tais jornalistas, desde o começo, chocaram-se com o requinte de Heleno. Cada dia com um terno, sempre impecável, o jovem sempre parecia estar indo ou voltando de uma noite fina. Mas, tão logo tirava a roupa e descansava os pés dos sapatos marrons de pelica alemã, se nivelava aos demais.

Havia um rito. Em primeiro lugar, cada um esperava sua vez de se pesar. Não adiantava mentir quanto ao peso porque o médico, se observasse qualquer retrocesso na bateria de exercícios, aumentaria muito a carga. Descendo da balança, botavam o uniforme. O roupeiro trazia o material numa cestinha, entregava a cada um o par de tênis, os meiões pretos com duas finas listras brancas, o calção branco ou negro e a camisa cinza. Os roupeiros sabiam como Heleno gostava de seus uniformes – passados, limpos, cheirosos e com o corte bem apurado, para não lhe incomodar os movimentos. Adorava camisas regatas. Mas, se estivesse quente demais, treinava nu da cintura para cima.

Do vestiário os atletas saíam para o campo, onde esperavam por eles o treinador e o preparador físico. Sem que ninguém mandasse, começavam a dar voltas ao redor do gramado. Quatro pelo menos, 1.600 metros, para aquecer. Depois, rápido descanso, muita água e, mesmo ofegantes, em grupos de no máximo quatro, preparavam-se para a ginástica sueca: alongamento, trabalho de pernas, braços, abdome, saltar cavaletes, pular barreiras, piques de cem metros.

Tudo feito, tchau e bênção. Tomavam um banho gelado e retornavam apenas na manhã seguinte.

Quarta-feira era um "individual" seguido de contato com bola – todas da marca Superball, oficiais. Uma hora e meia de treino, mais ou menos. Treinos táticos, divididos em ataque e defesa. Uns centravam bolas altas nas cabeças de Carvalho Leite e Heleno, de um lado do campo; o restante ensaiava reposição de bola dos goleiros, no outro. Exaustivos chutes a gol aqui; beques tirando da área cobranças de *corner* ali. Na quinta-feira começava o martírio: os jogadores levavam as malas para, após o coletivo, partir direto para a concentração.

O Botafogo costumava se concentrar no Parque da Cidade, na Gávea. Uma senhora mansão, com jardins tratados, piscina, mesas de bilhar e pingue-pongue. Quem podia – Heleno e alguns dirigentes – ia de carro. Os jogadores desciam na sexta para mais um coletivo. Sábado relaxavam. Muitos, na sinuca. Heleno, jogando xadrez com os cartolas.

À noite, quando um ou outro dirigente, cansado, roncava de terno e gravata, os atletas se juntavam para valer grana. A preferência era por dado, pif-paf, gamão. Heleno gostava de jogar pif-paf, *bridge* e matador, uma variante do dominó que exigia maior raciocínio, e com dificuldade achava parceiros para pôquer. Por conta disso, preferia a companhia dos diretores. Passava horas com eles, jogando, lendo jornal, discutindo os rumos do planeta ou simplesmente papeando. Os jogadores, como sempre, não se sentiam à vontade em meio a dirigentes. Somente Heleno.

A dedicação do rapaz àquela rotina semanal de exercícios aumentou-lhe a massa muscular com o passar dos anos. Já seu condicionamento técnico seria posto à prova em breve, no final de abril, assim que fosse dada a largada do Campeonato Carioca de 1940.

Quase dez dias depois do aniversário de Getúlio Vargas, que transformara a data em festa nacional, e a 72 horas de outro motivo de farra para os "trabalhadores do Brasil", como o ditador se referia

ao povo – o anúncio, no campo do Vasco, de que todos que batalhavam por seu pão de cada dia teriam um salário mínimo –, a cidade vibrava com a abertura do primeiro turno do campeonato. No dia 28 de abril, o Alvinegro entrou em campo diante do São Cristóvão com seus craques de nomes pitorescos – Aymoré Moreyra, Graham Bell e Araraquara; Zezé Procópio, Pacheco e Canali; Álvaro, Tadique, Carvalho Leite, Pascoal e Patesko.

Zezé entraria no decorrer do jogo, na vaga de Pacheco. Néelson, no lugar de Pascoal. Mas seria outra substituição que mudaria a história da partida – e, por que não, do próprio Botafogo. Contundido, Carvalho Leite deu a vez à promessa do clube. Heleno ficou surpreso quando, junto ao alambrado de São Januário, viu o sinal para entrar em campo. Começou na meia-direita, mas logo se dirigiu ao comando do ataque, deslocando Pascoal, ainda em campo, para sua antiga posição.

Do ponto de vista da disposição de jogadores, tínhamos o desenho de uma pirâmide cujo vértice acabava no goleiro. Algo como um 2-3-5; o inverso do que hoje é usual. Naquele tempo, segundo o jornalista Armando Nogueira, o futebol era solto, livre e descontraído, com os mais fracos tendendo à retranca, para escaparem de goleadas, e os grandes não cedendo a esquemas defensivos, mas buscando o gol com todos os riscos.<sup>1</sup>

Desembaraçado, aos oito minutos do segundo tempo, Heleno se aproveitou de uma indecisão da zaga e chutou forte, sem chance para Madalena, que vinha fechando a meta. Aos 31, o juiz Sá Pereira Peixoto validou o segundo gol do Botafogo. Patesko centrou para a área e Heleno, impedido, matou a bola, avançou com ela dominada e tocou com calma para as redes. No último lance do jogo, Heleno arriscou com violência no ângulo e Madalena se desdobrou para mandar a *corner*. Final: Botafogo, ou melhor, Heleno 2, São Cristóvão 0. Conforme expôs a revista *Sport Ilustrado*:

A linha alvinegra ganhou em agressividade com a entrada de Heleno no lugar de Carvalho Leite. Trata-se de um *player* futuroso, com qualidades indiscutíveis para figurar com êxito. Principalmente quando passou a comandar o ataque, deu outra vida ao quinteto, que até então se ressentia da falta de um centroavante.

Uma semana depois, o jovem disputava seu primeiro clássico como titular. Foi derrotado pelo Flamengo, não marcou gol, porém soube que ninguém menos que o grande Leônidas da Silva o considerou a principal figura em campo. Seu primeiro gol em clássico se deu em São Januário, justamente contra o Fluminense, seu ex-time, no dia 9 de junho. O Alvinegro chegou a abrir 3 × 0 em 18 minutos, sendo o último de Heleno. Patesko correu pela esquerda e centrou; Moisés tentou cortar e não foi feliz; o ex-tricolor saltou junto com o zagueiro e fulminou Batatais de cabeça.

No intervalo, procurado por repórteres ávidos por uma única frase que fosse, Heleno, sincero e feliz pela aproximação da mídia, não mediu palavras. Revelou os segredos de suas indefensáveis cabeçadas:

– O cotovelo é um recurso extremo para desnortear o adversário e amparar a queda – confessou. – Nunca devemos esperar que a bola bata em nossa cabeça, mas saltar ao seu alcance, buscando imprimir a trajetória que desejamos.

A alegria do jovem só não foi maior porque, na etapa final, o forte Fluminense – de Pedro Amorim, Romeu, Tim e Hércules – chegou ao empate.

O resultado provou que o Botafogo era um time envelhecido. Não suportava correr até o fim, perdendo pontos em jogos já decididos. A base do clube vinha sendo mantida desde 1934.

Um dos pontos mais sentidos foi o do empate com o Madureira, dia 19 de maio. Após o jogo, no vestiário, irreconhecível, o tesoureiro Júlio, indócil e nervoso, virou-se para João Lyra Filho:

– Presidente, não sou mais tesoureiro! Quero minha demissão! Não suporto mais as humilhações do Heleno, quanto mais seus desaforos!

Tudo porque o atacante, ao receber o bicho do empate pela metade, insatisfeito, diante dos demais jogadores atirou as notas no rosto de Júlio, desatinado. E ainda o mandou enfiá-las no rabo.

Lyra Filho foi obrigado a chamá-lo à sua sala, para uma conversa de homem para homem.

– Heleno, você deve estar muito rico! Já pode desfazer-se de uma quantia e mandá-la enfiar-se no rabo de um servidor do clube o qual respeito pela correção e pela grandeza de sentimento. Lembre-se de que você tem mãe viúva, que o ama de forma incontida. Como sua mãe se emocionaria caso você aplicasse aquele dinheiro jogado fora na compra de um farnel com frutas, daquelas que só os mais afortunados podem provar...

Entendendo o recado, Heleno levantou-se, foi à tesouraria, pediu desculpas ao sujeito e retomou o dinheiro. Sensivelmente contrariado.

Heleno protagonizou o fato mais pitoresco do turno. Contra o Bonsucesso, na Gávea, nos instantes finais, com o Botafogo no ataque, ouviu-se o apito de José Pereira Peixoto a marcar impedimento. Heleno zangou-se com o juiz e berrou poucas e boas. Assim que o árbitro virou o rosto para procurar o autor da indisciplina, Carvalho Leite, que estava próximo a Heleno, foi expulso. Sem compreender o porquê.

Era muita inconsequência. Três dias antes, em 23 de maio, Heleno fora punido em cem mil-réis pelo clube. Havia deixado a cidade para cair na gandaia com Tim – amizade que nasceu no Fluminense – na noite de Petrópolis, apesar da ordem expressa da presidência recomendando repouso para que cumprisse seus compromissos profissionais.

Apesar das multas, o Botafogo não pegava pesado com ele. Naquele tempo, era raro os jogadores pagarem pela indisciplina – os figurões dos clubes abriam o bolso; achavam prejudicial cutucar seus principais talentos. Em se tratando de Heleno, a questão se complicava ainda mais. O atleta sempre fora, na vida privada, um bom conversador. Provocava apenas dentro de campo. Ali, sim, era irascível, convencido, pretensioso. Fora das linhas era um rapaz fino. Quando queria ou bem entendia, mas era. Desse modo, as rugas entre o Glorioso e Heleno só serviam para dar mais sabor à reconciliação.

Em 18 de agosto de 1940, João Lyra Filho rescindiu o contrato de Krueschner e contratou o austero Ademar Pimenta. Que fez somente uma exigência – ter carta branca no clube. Como primeira medida, exigiu a contratação de Efigênio de Freitas Bahiense, o Geninho, avante do Palestra Itália mineiro (hoje Cruzeiro). A começar pelo sobrenome, o meia formaria dentro de campo com Heleno uma afinada dupla.

Mineiro de Belo Horizonte, Geninho foi o oitavo filho do velho Bahiense num total de seis homens e três mulheres. Passou a infância entre a casa e a igreja, ameaçado de palmadas caso respondesse de forma insolente às dominicais convocações maternas para acompanhá-la à missa. Desde pequenos, os meninos preferiam os campinhos do bairro. Melhor de todos, Geninho começou a carreira no Tiradentes, clube sustentado pela força pública de Minas Gerais. Ali aprendeu o que era a vida. Para jogar no time, serviu como policial – ganhando pouco e ralando muito, usando farda e tendo obrigações puxadas, até de patrulhamento. Exemplar fora das quatro linhas, dentro virava xerife. Do Tiradentes se transferiu para o Palestra, atual Cruzeiro, com a espinhosa missão de substituir o meia titular Orlando Fantoni, negociado com o Vasco. Aos 21 anos, estava em grande fase quando Pimenta o indicou para o Glorioso.

No Rio, Geninho se tornou capitão da equipe com extrema rapidez. Botafoguense até no bairro (morava perto do estádio de General Severiano, num apartamento bancado pelo clube), a responsabilidade adveio de seu comportamento. Sisudo, nem um pouco brincalhão, aquele mulato alto, comprido e de bigodinho ralo treinava mais forte que qualquer outro e era bastante inteligente, perfeito para ser a voz do treinador em campo. Tinha muita personalidade. Calado, só quando andava sem rumo pelo clube de cabeça baixa, encabulado, passando e repassando a mão pelo rosto. Era assim até alguém chamá-lo para um bate-papo, quando então extravasava um sorriso simpático. Ótima pessoa, amigo de todos, Geninho foi também escrevente e investigador da polícia. Trabalhou com o delegado Brandão Filho, um alvinegro visceral que recrutava seu contingente, quando possível, no próprio clube.

Em campo, o meia se entenderia de maneira perfeita com Heleno:

– No começo, Heleno era apenas muito valente e com fome de gols – comentou Geninho, anos mais tarde. – Em pouco, se transformaria no comandante.<sup>2</sup>

Lá fora, o mundo continuava girando. Paris fora ocupada pelos alemães. No dia 27 de setembro o Japão aderiu ao eixo Berlim-Roma, assinando um pacto de dez anos. Era nítido que o planeta passava por problemas. Assim como o Botafogo. Não seria por trocar de técnico ou contratar Geninho que o clube resolveria o seu. Pelo menos, por seu potencial, Heleno, em meio à crise técnica do time, foi efetivado como titular, ao lado de Carvalho Leite.

Seu primeiro gol contra o arquirrival Flamengo se deu nessa fase. Foi com General Severiano lotado, em 24 de novembro. A partida fez valer a expectativa. Aos 26 do primeiro tempo, Pascoal cobrou *corner* e Heleno subiu para cabecear para baixo, vencendo o goleiro Yustrich. Delírio geral. Interrompido momentos depois, quando Zizinho recebeu de Leônidas, avançou e atirou com violência, de fora da área. O empate persistiu até o fim.

Em 1º de dezembro, Heleno foi pela primeira vez expulso como profissional. Tinha de ser contra o ex-clubes. Quem vencesse tiraria o outro da briga pelo título. O Fluminense abriu o placar das Laranjeiras e Heleno empatou, ao emendar um cruzamento de sem-pulo. Sua exclusão, no entanto, desestabilizou o time, que perderia por 3 × 1. Na época, jogador expulso podia ceder o lugar a outro. Quando o corajoso Mário Vianna, que pertencia à polícia especial de Vargas, mandou o atacante para o chuveiro, Néelson entrou no posto de Heleno e o resultado foi uma lástima.

O *Jornal do Brasil* registrou a intemperança da jovem revelação alvinegra:

É digno de registro o gesto do *player* botafoguense Heleno, pisando propositadamente no jogador Bioró, do Fluminense, razão pela qual foi muito justamente expulso de campo pelo juiz Mário Vianna.<sup>3</sup>

O Botafogo terminou a temporada de 1940 em quarto lugar – o campeão foi o Fluminense. Ainda tímido, Heleno marcou cinco gols em treze jogos. Mesmo quando perdeu as chances na competição, o Glorioso continuou levando muita gente aos estádios. Boa parte atraída, como as donzelas dos bailes, por aquele rapaz tido como temperamental, mas que, sem sombra de dúvida, era majestoso com a bola dominada.

## 7. Sangue novo

1941

A década de 1940 assistiu à edificação de inúmeros prédios em Copacabana. O bairro se firmava como chique e de exuberante vida noturna. Os endinheirados se dividiam entre seus dois cassinos, o Atlântico, na avenida homônima, esquina com Francisco Otaviano – por sinal, mesmo local do antigo cabaré Mère Louise –, e o Copacabana, que pertencia ao hotel Copacabana Palace, um dos mais belos do mundo.

Construído a partir do projeto do arquiteto francês Joseph Gire – inspirado nos hotéis Negresco, em Nice, e Carlton, em Cannes –, o Copacabana Palace foi levantado na avenida Atlântica por Octávio Guinle; sugestão de Epitácio Pessoa, então presidente da República. O chefe da nação estava empenhado em dotar o Distrito Federal de um hotel de nível internacional, numa época em que a extensa e linda praia de Copacabana era quase deserta. Inaugurado com pompa no inverno de 1923, com a imponência de seus 12 mil metros quadrados, o hotel continua sendo o mais suntuoso edifício do gênero na América do Sul.

Em 1930, seus salões sediaram o primeiro concurso de Miss Universo – isso num tempo em que as candidatas nem sequer mostravam as pernas. Três anos depois, serviu também de cenário para o filme *Voando para o Rio*. No hotel, podia-se apreciar o melhor da música negra norte-americana. Além da fabulosa orquestra do violinista Simon Boutman, composta por vinte a trinta músicos, apresentaram-se, ao longo dos anos 1940, as *little bands* dos maestros Copinha, Steve Bernard e Zacharias. Sem falar no insofismável *crooner* francês Jean Sablon.

Não é exagero afirmar que o Copacabana Palace alçou a fama e a internacionalização do bairro. Ponto de convergência da alta sociedade carioca, valorizou os terrenos vizinhos na orla. Tanto seu cassino como o Atlântico, embora menos luxuoso, atraíram personalidades de todo o mundo. Alguns de seus clientes eram os homens mais ricos da nação.

A capital federal era o maior centro de jogatina do país. Tinha uma elite milionária, que, bastante fortalecida pelo Estado Novo, se divertia dia após dia nas mesas dos cassinos. No Copacabana era possível se avistar os poderosos Guinle, donos da Companhia Docas de Santos, os Lage e os Seabra, entre outros. Entre as mulheres, destacavam-se nos salões a primeira-dama Darcy Vargas, sua filha Alzira e a poetisa Adalgisa Néri.

Funcionando de terça a domingo, no cassino Copacabana havia teatro, bar, restaurante e três salões – embora mulheres sem parceiros só pudessem frequentar um deles. Nas quartas e sextas era preciso usar traje a rigor. Em ocasiões especiais, cada cliente tinha direito a uma garrafa de champanhe. Os principais fregueses as recebiam num balde de gelo, entregue, em pessoa, pelo indefectível *maître* Fery Wunsch, desde 1930 no hotel.

Também desde os anos 1930, os famosos bailes do Copacabana Palace tornaram-se conhecidos pela animação e pelo luxo. Assim como os do Theatro Municipal e os do Iate Clube – entre eles, o famoso baile do Havaí –, em períodos carnavalescos. Nas proximidades do Municipal, de manhã, milhares de pessoas se juntavam para curtir o Cordão da Bola Preta, numa bela avenida Rio Branco de pista em mão dupla, dividida por canteiros e palmeiras. Quando a noite descia, dentro do teatro, o grupo Anjos do Inferno metia bronca ao reprisar o samba-exaltação “Brasil pandeiro”, de Assis Valente.

Menos glamourosos, mas bastante concorridos, eram os bailes do High-Life Club, um palácio magnífico na rua Santo Amaro, na Glória, e o do Atlantic, no Fluminense. Naquele ano de 1941, o hit entoado a plenos pulmões foi a marchinha “Alá-lá-ô”, que, por motivos profissionais, Heleno não teve o prazer de cantar.

Para a temporada, o Botafogo injetou sangue novo no time. Rejuvenesceu o elenco, dando oportunidade à nova geração que surgia na base. João Lyra Filho assegurava que o Alvinegro mudaria para melhor, com muito trabalho e à custa de sacrifícios, método e disciplina. Foram dispensados, entre outros, Martim, Álvaro, Canali, Néelson e Perácio. O último, no dia 20 de fevereiro. Desgostoso com o clube, Perácio dera declarações polêmicas à imprensa sem se retratar. Por conta disso, foi negociado com o Flamengo, clube pelo qual brilharia.

A fim de entrosar a equipe para o Campeonato Carioca, o Botafogo retornou, após cinco anos sem viagens internacionais, ao México. Os atletas embarcaram no transatlântico *Argentina* em 8 de janeiro de 1941. Adhemar Bebiano foi o chefe da delegação e Zezé Moreyra, irmão do goleiro Aymoré, assistente do técnico Pimenta – que, por sinal, já estava de cabelo em pé quanto a Heleno. O centroavante faltava a treinos individuais sem avisar, fazia o diabo, e o clube sempre a passar a mão em sua cabeça. Pimenta não quis nem saber. Aquietou Heleno com o banco.

Em 9 de fevereiro o time estreou contra o Estudiantes de La Plata, que também excursionava pelo planalto mexicano. Mais difícil do que o adversário era vencer a sensação de inferioridade, naqueles tempos, diante de qualquer equipe argentina. Sendo assim, até que o resultado foi excelente: 1 × 1. Ao vencer, em Guadalajara, o Jalisco, num jogo em que o pau comeu, o cartaz do clube cresceu no país. Nesse jogo, já com 21 anos, Heleno ganhou a vaga de titular. E marcaria, na partida seguinte, dois gols no campeão nacional, Atlanta, jogo de arbitragem encomendada.

Os jornais locais apontavam o Botafogo como o melhor clube brasileiro que já cruzara terras mexicanas. A invicta campanha se concretizou com os 5 × 3 sobre o combinado Espanha-Astúrias – um dos gols de Heleno, o nome do jogo. Enquanto a violência imperava, o avante se esgoelava:

– Pra mim! Passa pra mim que dou um jeito neles!

Impressionante sua atuação. Assim que a partida terminou, os jogadores e brasileiros residentes no país cantaram o Hino Nacional

ao lado do embaixador Carlos de Lima Cavalcanti. No vestiário, o diplomata homenageou Heleno com um chapéu típico e disse:

– Espero vê-lo em breve, brilhando pela seleção!

Ao descobrir que o jovem estudava direito, mais, que tinha um primo, Mauro de Freitas, diplomata de carreira, perguntou-lhe sobre a vontade de exercer a profissão.

– É, embaixador, até que eu gostaria de seguir carreira...

– É o futebol que te impede?

– Não, embaixador, é a alegria, o orgulho de me sentir exatamente o que sou agora!

Carlos de Lima Cavalcanti sorriu, mas não entendeu. Para ele, motivo de orgulho era fazer a história do país, trabalhar a coisa pública, ter poder. Pertencente a uma tradicional família pernambucana, o advogado nordestino ocupara posição de destaque na articulação do movimento armado que depusera o presidente Washington Luís, em 1930. Aos 48 anos, entre outros cargos, Cavalcanti havia exercido a mesma função de embaixador na Colômbia. Estava convencido de que não seria jogando bola que um dia aquele carismático jovem se daria o respeito.

Na tarde seguinte à vitória sobre o Espanha-Astúrias, a delegação, em vários carros, avançou rumo aos Estados Unidos. Extenuado, o time sofreu sua única derrota na excursão diante de um combinado nova-iorquino. Fora a temperatura rigorosa, o Glorioso teve de jogar num campo de beisebol sem um naco de grama, cujas medidas eram tão ridículas que os goleiros defendiam até tiros de meta.

Em Nova York, enquanto os jogadores brasileiros caminhavam sem jeito pelas ruas, Heleno passeava sempre elegante, desembaraçado, muito à vontade:

– Ele ficava o tempo todo demonstrando seus conhecimentos de inglês – lembrou Geninho.<sup>1</sup>

Ao desembarcar no Rio, a recepção da torcida alvinegra para os jogadores foi inesquecível – valeu pelo Carnaval que haviam perdido. No cais do porto, muitos aplausos para saudar os heróis. Heleno foi dos últimos a descer do navio – trouxera alguns baús cheios de

discos de boleros e jazz, chaveiros, moedas estrangeiras, óculos, livros, novos ternos, tudo a que tinha direito. Na tarde seguinte renovou o contrato: assinou até 1943. Se atuasse em pelo menos cinquenta por cento dos jogos receberia um agrado a mais. Os juízes passavam sufoco com ele. Ninguém reclamava mais do que Heleno, que já entrava em campo marcado pela arbitragem.

Até quando o juiz era “da casa”, ficava difícil compreender certas atitudes suas. Várias vezes, de visita à terra natal, o jogador frustrou a torcida que se espremia para vê-lo no campo do Mangueira. São João Nepomuceno não acreditou quando, num dos amistosos, depois de ter esgotado as lotações do acanhado estádio, num rompante, Heleno deixou o gramado 15 minutos depois de entrar. Tudo porque o ponteiro foi até o fundo e cruzou por trás do arco, de forma bisonha:

– Só apareço de novo quando você aprender a jogar bola! – humilhou o companheiro, tirando a camisa para sair de campo.

Noutra, a situação foi ainda pior. Pouco depois da saída, num ataque de seu time, um conhecido jogador da região preferiu abrir a bola na esquerda, enquanto o famoso goleador estava solto na direita:

– Quer saber, não vou ficar aqui não! – retirou-se, revoltado. Isso porque o jogo não valia nada.

Heleno costumava jogar essas peladas sem compromisso pelo Escrete Guanabara. Um dos melhores times da praia de Copacabana, o Escrete se reforçava de astros de grandes clubes para faturar um troco em outras cidades. A linha de ataque era composta por Sandro Moreyra, Mauro Mico, João Saldanha, Heleno e Gastão Bode, o Gastão Carvalho – filho de Gustavo Carvalho, presidente do Flamengo e autor do primeiro gol da história rubro-negra. Quando não tinha outro jeito, Sérgio Porto pegava no gol, mas o titular era Portela. Na defesa, a dupla Pirica e Jayme Terra, que também chegou a atuar pelo Glorioso, se impunha aos atacantes adversários pela categoria. O Escrete saía do Rio para jogar sempre que os atletas estavam de férias em seus clubes. Além de Heleno, volta e meia entravam no time o ponta-direita Bacalhau –

que jogava no Fluminense e morreria cedo, atropelado por um ônibus na saída do Jockey, em 1944 –, Magnones e Tim, também do Tricolor.

Um dos amistosos, nesse tempo, ocorreu em Cabo Frio. Heleno, João Saldanha, SpineIli, Russo e Pirica pegaram um bonde na estrada de ferro Central do Brasil e se mandaram ao encontro dos demais. Ao chegarem à cidade, numa rápida volta, notaram em várias portas cartazes que anunciavam “Hoje! Hoje! Grande jogo! Ali no campo!”, seguido do nome de cada fera presente. Tim ficava no portão do estádio usando a camisa do goleiro como sacola e depositando o dinheiro do “ingresso” para dentro. Normalmente, os jogos eram às 16 horas. Quando faltavam cinco minutos para começar, Tim dava um abatimento: dois por cinco. Então fechava o portão e deixava o dinheiro numa das traves, com o goleiro a tomar conta. Não era muito, mas dava para as despesas e uma bela cervejada. O tesoureiro era um amigo de Heleno do Posto 6, Paulo Cotoco.

Terminado o jogo, os atletas voltaram para o hotel. Depois do banho, saíram para gastar o lucro. Cidade pequena, eis que some Cotoco. Todos procuram e nada de encontrá-lo. Acharam-no horas depois, em uma rinha de galo, a estourar todo o dinheiro levantado. Para evitar maiores constrangimentos, Heleno pagou a cerveja do próprio bolso. Depois destituiu o parceiro da tesouraria.

Apesar de um ou outro desencontro, eram grandes companheiros. Curtiam, juntos, obras-primas do cinema, como *Cidadão Kane*, que consagrou Orson Welles. Após as sessões, ou antes das noitadas, a turma se encontrava para uma sinuca no café do Baltazar. Eram dois bilhares próximos, o do Baltazar e o do Carnera, dois sócios. Para sair de um para o outro, bastava atravessar a Nossa Senhora de Copacabana, na altura da Bolívar. Heleno preferia o do Baltazar. Botafoguense confesso, havia um retrato seu na parede.

Foi justamente no Baltazar que Heleno agendou a primeira apresentação do Escrete Guanabara em sua cidade natal. História que merece ser contada com mais detalhes.

Tim e Pirica disputavam uma partida de bilhar enquanto Russo e João Saldanha<sup>2</sup> discutiam sobre a próxima pelada. Que cidades lhes trariam lucro? Onde se apresentar da próxima vez? Não faltava opção – afinal, todo mundo queria ter a oportunidade de assistir ao Escrete. Que, pela quantidade de talentos disponíveis, pouco deixava a desejar em relação à seleção carioca.

Era Saldanha soltando as opções sem ninguém se empolgar. Até que, num estalo, Heleno quebrou mais de cinco minutos de silêncio propondo:

– Agora vocês têm de ir lá na minha terra, São João Nepomuceno!

O choque foi geral:

– Onde é que isso fica? Nunca vi no mapa! – desdenhou Milton, atleta do Fluminense.

– Não chateia! É ali perto de Juiz de Fora, quer dizer, nas imediações. É lugar importante, sabia? Lá passa trem e tudo. Meu irmão vai lá e arranja o *match* na mesma base: cinco pratas a entrada e a renda é nossa! Cabem 3 mil pessoas e o campo é bem cercado. Fica no alto de um morrinho. É uma boa, gente!

Virando-se para Paulo Cotoco, emendou:

– E lá é melhor porque não tem briga de galo. Nosso dinheiro está garantido!

A questão foi discutida, mas Heleno mentiu, dizendo que eram umas cinco horas de trem. O expresso saía da Leopoldina, passava por Petrópolis, dava uma volta em Corrêas, seguia por Nogueira e Itaipava, antes de subir a Zona da Mata. Advertiu que São João Nepomuceno era parada importante:

– Ali o trem fica mais de cinco minutos!

Acreditando em Heleno, o time foi formado. O tricolor Russo, prudente, avisou:

– Nessa eu vou. Vai o Milton, o Magnones, o Tim e o Maneco. Mas tem de ser na moita. Fomos jogar aquela segunda vez em Macaé e o Fluminense multou todo mundo. Se não for na moita, a gente se estrepa.

O papo era no fundo do café. Mal Russo acabou de falar e uma grossa voz paraibana se levantou:

– Eu acuso! Impossível e impermissível! Vou denunciar no Botafogo! Vocês jogaram sábado, véspera de um jogo importante, e ninguém quis correr. Não vou permitir! – sentenciava Kanela bem de trás do grupo, para desespero de Heleno, Saldanha e Pirica, os alvinegros do time.

Silêncio geral. A aventura parecia fadada ao fracasso quando Ganso Patureba, o falso diretor daquele time cigano, de forma solene propôs:

– O Sr. Kanela tem razão. Mas o jogo é beneficente e os quinze contos de réis irão para uma casa de caridade local. Trata-se de um orfanato e estamos comprometidos. Pobres das freirinhas, ficarão desapontadas...

Ganso tocou fundo Kanela, que, ponderando, revisou a situação. Ingênuo, aceitou a partida, mas com uma condição:

– Vou junto! Esse jogo é no meio da semana e pode até ser considerado um treino.

Virando-se para Heleno, indagou:

– Quantas horas até lá?

– Três e meia! – afirmou, com segurança. – O trem sai às seis horas da Leopoldina e chega lá às nove e meia da manhã.

Kanela topou. Proferiu que não estragaria aquela ação de caridade e acabou sendo nomeado o chefe da delegação do combinado.

A viagem levou quase dez horas, no meio de muita poeira. Chegaram exaustos. Inocente, Kanela ainda perguntou:

– Onde fica o orfanato?

– Fica um pouco afastado, não se vê daqui! – despistou Heleno.

Foram para o campo, a renda andou perto dos quinze contos, o que tocava uns oitocentos mil-réis para cada. Uma grana preta, visto que o mais pomposo bicho do Fluminense, clube que pagava melhor, não chegava a trezentos. Depois do jogo, os atletas voltaram ao hotel para trocar de roupa e se jogar para os bailes do Democráticos

e do Trombeteiros. Na saída para a noite, um pianista, de smoking, brincava sozinho no saguão com um baralho às mãos.

Os jogadores retornaram por volta das duas da matina. O trem saía às cinco; iam dormir o mínimo quando passaram por um quarto aberto e pegaram Kanela a xingar a dama. O jogo era ronda e, pelo montante de dinheiro na frente do pianista, o saldo que haviam feito já era. Era o último golpe e Kanela gritou:

– Vale um conto!

– Está bem, meu mancebo! É só botar o dinheiro em cima da mesa... – rebateu o pianista.

Kanela contra-atacou:

– Pode dar o golpe, pago depois. O dinheiro está lá no quarto. Já perdi quinze contos e tenho direito!

O pianista não se comoveu:

– A galinha come com o bico no chão. Ou o dinheiro ou vou dormir... Eis que Heleno se faz presente:

– Dá o golpe e vale a fala!

– Está bem, está bem... – disfarçou, assustado, o músico. – É falando que os homens se entendem, não é mesmo?

Então Kanela bateu, ganhou, e o parceiro de mesa soltou:

– Muito bem... Agora vou dormir!

– Este jogo por acaso tem hora marcada? – Heleno instigou.

– Não tem! – animou-se Kanela.

Fim da história: o carteadado se estendeu até os últimos momentos antes da partida do trem. A certa altura, já sem nenhuma agilidade nas mãos, o pianista implorou:

– Agora estou no meu limite. Posso ir dormir?

Heleno respondeu em nome de todos:

– Pode.<sup>3</sup>

Enquanto Londres era bombardeada pelos alemães, que em seguida tomariam Atenas, em abril de 1941 Getúlio Vargas baixou o decreto-lei que oficializava os esportes. Estava criado o Conselho Nacional de Desportos, ou CND, entidade que se responsabilizaria pelo futebol do país. Nascia assim a legislação esportiva no Brasil.

A intenção era boa, porém, desde aqueles tempos, os dirigentes já faziam o diabo para confundir o torcedor. A liga que organizava o futebol do Rio – que passara a se chamar Federação Metropolitana de Futebol – modificava a fórmula de disputa do campeonato, que teria agora quatro turnos, todos contra todos. Que sacada! Apesar de o Botafogo enfrentar quatro vezes o Flamengo, o Bonsucesso disputaria quatro jogos contra o Canto do Rio, uma mostra da insensatez. Mesmo assim, a competição seria sucesso de público. Afinal, eram muitas as inovações. Entre as quais, haviam sido finalmente adotadas as regras internacionais da Fifa, com destaque para a suspensão da lei de substituição de jogadores, em voga desde 1925. Foi extinta a figura do cronometrista e, pela primeira vez na história de nosso futebol, os jogos passaram a ser disputados em dois tempos de 45 minutos.<sup>4</sup>

Na mesma época, João Lyra Filho renunciou à presidência do Botafogo em nome do banqueiro Eduardo de Góis Trindade. Sentindo-se desprestigiado por torcedores que queriam a volta de Lyra Filho – sumidade que se tornaria, ainda, ministro e presidente da Caixa Econômica Federal –, Trindade também abandonaria o barco, sendo substituído pelo então diretor-geral Luís de Paula e Silva. Uma síntese da crise interna do clube às vésperas do início da principal competição. Para solucionar a questão, no dia 12 de maio, Benjamim Sodré, o famoso Mimi Sodré do passado alvinegro, exemplo de lealdade, glória do Botafogo, assumiu a presidência, acalmando as duas correntes que vinham se chocando em General Severiano.<sup>5</sup>

Para agravar a situação, seriamente contundido, no mesmo mês Carvalho Leite pendurou as chuteiras. O centroavante, que jamais vestira outra camisa que não a do Glorioso, deixava uma marca de 275 alegrias em 325 jogos pela equipe profissional, tendo sido por três vezes o artilheiro do Carioca – em 1936, 1938 e 1939. Leite passou a ser médico do clube.

Incrível que a torcida, como antecipara João Saldanha, pouco sentiu a falta do centroavante. Heleno de Freitas, com seus cabelos repartidos, em campo demonstrava uma sede de vitória jamais vista.

Esguio, 1,85 metro bem distribuídos, peitoral avantajado, era um trator quando entrava driblando pela área e nem com reza o anulavam em bola aérea. Suplantava sem problemas Carvalho Leite, o maior ídolo do clube até então.

E agora sonhava em desbancar Leônidas. Trilhando seu destino, Heleno marcou um gol na vitória sobre o América, em 25 de maio. O jornal *A Noite* resumiu sua participação:

Há de se destacar, desde logo, a eficiência do ataque do Botafogo com a inclusão de Heleno, um chefe de ataque vivo, nervoso, mas bastante controlado para decidir jogadas e constituir permanente perigo às defesas adversárias.

Quando, em junho, o Botafogo massacrou o São Cristóvão por 8 × 1, a torcida sentiu o cheiro do título. Heleno, deslumbrante, marcou cinco gols, um mais bonito que o outro. Era a confirmação de que o Botafogo estava voando na competição. E Heleno, na vida.

Todos se assustaram quando, em 26 de junho, a Alemanha decidiu romper o acordo estabelecido e invadiu a União Soviética com mais de 3 milhões de soldados. Na verdade, todos os homens. A maior parte das mulheres ansiava mais por romance do que se preocupava com guerra. Naquela época, flertar até a hora de chegar em casa era permitido, muita coisa podia, menos uma. Não havia nada pior para uma família do que ter alguém em casa se aventurando com jogador de futebol. Era de matar qualquer pai de desgosto. Os próprios atletas, quando estudavam, ao se apresentarem aos pretensos sogros, escondiam o fato, dizendo a profissão que seguiriam. Alguns cursavam faculdades. Não encaravam a bola como meio de vida, mas como esporte. No máximo, como paixão passageira.

Todavia, para as meninas pouco importava se Heleno de Freitas era jogador. A beleza física dele fazia seus corações suspirarem. Ainda por cima universitário, era o solteiro mais cobiçado do pedaço. E, se parecia um maluco em campo, fora dele elas é que eram loucas – por ele.

No salão nobre de General Severiano, Heleno mais do que nunca se reunia à elite carioca em inesquecíveis noites dançantes e badaladíssimos concursos, como os de Miss Brasil. Virou figurinha fácil nos maiores eventos sociais da época. E também nos principais embates esportivos. Se o time da praia precisasse muito dele, nem discutia – mesmo que o Botafogo atuasse no mesmo dia. Com regalias, jogava de manhã na praia e depois pelo Glorioso.

Era um demônio que adorava massacrar o Lá Vai Bola. O baixinho Marechal, que viraria uma espécie de “dono” do time, achava que era sacanagem, que Heleno só fazia mesmo questão de jogar contra sua equipe. Mas não. Heleno ia quando lhe dava na telha, independentemente do adversário. Travava batalhas campais não apenas contra o Lá Vai Bola, mas contra o perigoso Ouro Preto, de Raphael de Almeida Magalhães, um cracaço que trocava a bola pela política. Seria governador do estado do Rio e ministro da Previdência.

Outros times muito motivavam Heleno. O da Urca, fortíssimo, valia-se de talentos como Tovar e Rubinho, amadores do Botafogo. Já o 103 era engraçado de se ver, pelos calções verdes e floridos. Mais que adversários, o 103 deu-lhe bons amigos. Como o goleiro Dutra, o *half* Sirica e, principalmente, Carlinhos Niemeyer. Com quem, anos mais tarde, viria a frequentar uma das turmas mais famosas e polêmicas da história do Rio de Janeiro.

Invictos havia onze jogos, a cada nova partida os torcedores alvinegros se sentiam mais seguros. Somente foram se preocupar em fins de agosto – por sinal, mesma época em que a Rádio Nacional lançou o “Repórter Esso”, com o locutor, de cara, narrando o ataque de aviões alemães à Normandia. Quem poderia prever que, após sequências de glórias, o Alvinegro fosse sucumbir diante do modesto Canto do Rio, levando de 6 × 3 no Caio Martins? Foi um sinal. O terceiro turno, sim, mereceu uma borracha. Para culminar a pífia campanha, derrota de 4 × 0 para o Vasco.

Pouco mais de um mês após Chico Landi vencer o GP do Rio, que, por conta do momento conturbado, teve apenas pilotos

brasileiros e carros movidos a álcool, o embate com o Flamengo, a 2 de novembro, foi encarado como questão de honra. E num jogo ríspido, cheio de lances violentos – principalmente depois de Heleno marcar um dos gols após ajeitar com a mão a bola que lhe escorregava pelo peito –, o Botafogo triunfou pela terceira vez consecutiva diante do rival. Roubando um total de sete pontos do Flamengo, num tempo em que a vitória valia dois, General Severiano foi às nuvens. O resultado serviu para impedir o Rubro-Negro de chegar ao título.<sup>6</sup>

A disputa foi eletrizante. O sistema de jogo em diagonal apresentado pelo Flamengo de Flávio Costa – treinador da equipe desde 1934, ano em que pendurara, na Gávea, as chuteiras – era a sensação do campeonato. Numa autêntica guerra de nervos, Sá e Domingos da Guia foram expulsos, deixando o Flamengo com nove. A bomba-relógio explodiu no primeiro minuto de jogo com o gol de Heleno. Enfrentando o inimigo com seu temperamento voluntarioso, o craque fez outro antes dos cinco. Pascoal fechou o placar do primeiro tempo. O ponteiro Vevé e o gaúcho Pirillo descontaram na segunda etapa.

O Tricolor levantou a taça em fins de novembro, no famoso Fla-Flu da Lagoa. Ao Glorioso coube a terceira colocação. Aliás, com o título, não tivesse o Flamengo vencido em 1939, o Pó de Arroz das Laranjeiras seria, até hoje e provavelmente para sempre, o único hexacampeão da história dos campeonatos do Rio.

Heleno foi a principal figura do Alvinegro na competição. Marcou 26 gols em 29 jogos. Premiado por sua destacada participação, foi convidado a integrar um combinado de jogadores do Botafogo e do Fluminense que, representando o Rio, enfrentou a seleção gaúcha em dezembro, nas Laranjeiras.

Formando o ataque com Rongo, Russo, Romeu e Hércules, Heleno de Freitas, autor de dois gols, foi o destaque da vitória carioca por 5 × 4.

## 8. Entre tapas e beijos

1942

Ainda em 1941, o Brasil acompanhou a trama de sua primeira radionovela, *Em busca da felicidade*, patrocinada pelo creme dental Colgate. Carmen Miranda assinou contrato para atuar em Hollywood; Nelson Rodrigues, irmão de Mário Filho, apresentou sua primeira peça, *A mulher sem pecado*; e o livro *Jeca Tatuzinho*, escrito por Monteiro Lobato para os Laboratórios Fontoura, alcançou a marca de 10 milhões de exemplares vendidos. Desde 1935 no Rio, o flamenguista fanático José Lins do Rego, autor de *Menino do engenho* e *Usina*, lançava *Água mãe*, assinalando a presença do futebol na literatura brasileira. A nação transbordava arte; o mundo se perdia em guerra. No dia 15 de dezembro os alemães cercaram Stalingrado. Tensão para mais de um ano.

Com o Brasil ainda longe da confusão, a revista *Cultura Política* vendia o país como novo e eterno. Contribuía para isso a Rádio Nacional – ao instalar seu sistema de ondas curtas, a emissora finalmente pôde ser sintonizada em qualquer ponto do território brasileiro. A própria ditadura abrandava, com a violenta repressão dando lugar a ambições econômicas. A ênfase de Getúlio agora era dotar o país de indústrias, como a recém-criada Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda. A pátria crescia e parecia se aproximar do futuro, apesar do retrocesso que era ver o mundo em guerra. Um conflito que, por sinal, provocava situações inusitadas. Os grandes anunciantes, por exemplo, eram obrigados a se manter na mídia com campanhas institucionais, mesmo sem ter produtos para vender, por conta do desabastecimento.

Um dos poucos produtos a não escassear foi jogador de qualidade. Já havia o consenso de que o Brasil era um celeiro de craques. Não era qualquer país que tinha à disposição nomes como Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Heleno de Freitas, Romeu Pellicciari, Perácio, Pirillo, Cláudio, Luizinho, Hércules, Zizinho, Tim. Uma pena que a guerra tenha adiado a disputa da Copa do Mundo em 1942. O mundial seria no Brasil ou, mais provável, na Alemanha, não existisse Hitler. Prejuízo enorme para o futebol brasileiro, não somente a Copa foi postergada como a seleção não disputaria partidas internacionais por mais de dois anos. Na roleta do destino, azar de Heleno.

Nas roletas dos cassinos, porém, muita sorte. Não no jogo propriamente dito, mas na atmosfera que o rodeava. Desde que fora atacada a frota norte-americana do Pacífico, na base de Pearl Harbor, matando 3.389 pessoas, a conversa na alta sociedade não saía da declaração de guerra do Japão aos poderosos Estados Unidos. Aliás, saía sim, quando, ao deixar a chave de seu mais novo Hudson com o manobrista, Heleno de Freitas, o atleta mais falado da época, invadia o Cassino da Urca com pose de galã. Beleza, luxo, segurança, motor de seis cilindros, conforto – o carro era um estouro. Maior responsável pela renda familiar, Heleno tinha noção de sua importância para o lar, porém, mesmo em tempos imprevisíveis, não freava o impulso consumista que lhe inflava o ego.

Ao se reforçar com o meia argentino Alfredo González, o Botafogo se viu pronto para, em 1942, resgatar um título que lhe fugia havia sete anos. A federação voltava a estipular o campeonato em três turnos completos, todos contra todos. O Alvinegro estreou no primeiro deles vencendo o perigoso Madureira, do trio Isaías, Lelé e Jair Rosa Pinto, “os três patetas”,<sup>1</sup> na Gávea, por 5 × 2. Três gols de Heleno.

O atacante deu tudo de si no jogo porque, semanas antes, houvera sido multado em cem mil-réis pelo novo presidente do clube, Eduardo Trindade, “independente da penalidade que vos será imposta pela FMF”. Sua façanha: ter sido expulso num jogo do

Torneio Início, disputado em dois tempos de apenas dez minutos. Entretanto, com o Botafogo hipnotizado por seu carisma, a multa foi revertida. A título de gratificação, Heleno receberia cinco contos se até o último dia do ano não aprontasse mais nenhuma.

Contra o Flamengo, em 12 de abril, empate em um gol – marcado por Heleno. O Rubro-Negro não contava mais com Leônidas – depois de oito meses preso por falsificação de documentos, o “Diamante Negro” foi negociado com o São Paulo, na maior transação do futebol brasileiro até então. Mas tinha ainda Domingos Antônio da Guia. Segundo Mário Filho, nesse dia Álvaro Chaves presenciou uma cena mítica. Com a palavra, o jornalista:

Domingos pegou uma bola a um metro do gol do Flamengo, pisou-a, chamou todo o ataque do Botafogo para cima dele. E lá foram os cinco, com Heleno na frente, Geninho por último. A torcida do Flamengo virou o rosto, não quis ver, a torcida do Fluminense é que olhava fascinada para o Da Guia, um contra cinco. Da Guia deu o primeiro drible, de milímetros, o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto. Depois, estendeu um passe de cinquenta metros para Vevé, lá na ponta esquerda. ... Então Domingos da Guia se voltou para a social do Fluminense, perfilou-se, depois se curvou e estendeu o braço direito, num daqueles cumprimentos rasgados que exigiam um chapéu com penacho para varrer o chão.<sup>2</sup>

Houve quem acreditasse que Heleno se comportaria. Em 15 de maio, o centroavante foi tentado por todos os zagueiros do São Cristóvão e não se enervou. Resultado: marcou quatro gols e pela primeira vez foi eleito o “Craque da semana” da revista *O Globo Sportivo*.

Todavia, o que era para durar oito meses não durou dois. Em 27 de maio, o Botafogo se sentiu no direito de revisar seu contrato, impondo-lhe uma espécie de “livro de ponto”, que entraria em vigor no dia 12 de junho. Heleno teria de chegar, no mais tardar, às 23 horas em casa, na Conselheiro Lafaiette, para o registro do pernoite. Frutos de uma noitada em Copacabana.

Ao lado do Café do Carnera havia um prédio em construção onde insatisfeitos com Vargas se encontravam escondidos. João Saldanha aproveitava o local para inscrever todo mundo como comunista. Certo dia, os clandestinos saíam da reunião para o Carnera, João à frente, sempre destemido, liderando a trupe, quando a polícia

chegou. O pau comeu; todo mundo foi preso. Heleno, que não era de briga, resolveu atravessar a rua para dialogar com a tropa de choque. A discussão, embora áspera, não levou a lugar algum. Sem mais detalhes, o Botafogo descobriu, no dia seguinte, que seu melhor jogador havia se envolvido numa confusão de madrugada. Heleno foi advertido com a imposição do registro do pernoite e, depois, multado em trinta mil-réis. Mesmo assim, pouco se lixou:

– Mais vale uma companhia agradável do que alguns mil-réis. Dinheiro não é tudo para mim.

A história do “livro de ponto” correu a cidade e irritou tanto Heleno quanto João Saldanha, que por um tempo foi, mais que seu companheiro de praia e clube (defendeu o Botafogo como atleta até 1941, quando fraturou a perna num choque com Perácio),<sup>3</sup> seu amigo inseparável. Achando a história toda um absurdo, ainda mais porque Heleno, apesar dos pesares, era dos mais dedicados, Saldanha resolveu enfrentar os poderes constituídos do Glorioso.

Revoltados com a vigilância ostensiva, Heleno e João dividiram o aluguel de um sobrado em Copacabana, reservando-o para seus encontros amorosos. O apartamento ficava em cima de uma funerária, propriedade de um tal Custódio. Como o síndico do prédio logo se negou a lhes liberar a chave da portaria, devido às festas barulhentas que proporcionavam de madrugada, depois das dez da noite os dois só conseguiam entrar em casa pela funerária. Coitadas das mulheres, que tinham de fazer milagres para manter o desejo intacto após cruzar aquele ambiente mórbido, que cheirava a formol. Como sugere o jornalista João Máximo, “muitas namoradas foram perdidas nessa pouco romântica passagem pelas dependências de seu Custódio”.<sup>4</sup>

O primeiro semestre de 1942 deu muita alegria aos donos de jornais brasileiros. Notícia quente não faltou. Em janeiro, o diretor Orson Welles, hospedado no Copacabana Palace, num rompante de fúria, arremessou do quarto várias cadeiras na piscina do hotel. No mesmo mês, Getúlio Vargas cortou relações diplomáticas com Itália e Alemanha. Hitler continuava passando dos limites – no final de

março, instituiu a câmara de gás nos campos de concentração de Auschwitz. Mergulhando de cabeça na guerra, os Estados Unidos respondiam aos japoneses bombardeando, de uma feita, Tóquio, Yokohama, Nagoya e Kobe.

A atmosfera de terror, no entanto, não remetia apenas ao conflito. Nos melhores cinemas do Rio, como o São Luiz, o Carioca, o Odeon, o Capitólio, o Ritz, o Pathé e o Glória, Bela Lugosi protagonizava *O lobisomem* e Spencer Tracy horrorizava em *O médico e o monstro*. Alegria, festividade, só na época do Carnaval. Após perder o momo de 1941 por estar viajando, Heleno se entregou de corpo e alma aos prazeres da carne em 1942.

No dia 14 de fevereiro, conferiu Linda Batista no baile do Botafogo. O salão nobre estava impecável. A ornamentação levava a assinatura de Gilberto Trompowski, considerado o “decorador das festas mais elegantes da cidade”. Com duas orquestras contratadas, a dos Anjos do Inferno e a de George Brass, para penetrar o local era preciso desembolsar sessenta mil-réis pelo convite.

Favorito das meninas e alvo indiscreto das matronas enfeitadas, no baile Heleno lambia-se de amor pelas primeiras e, beijando-lhes a mão como um autêntico cavalheiro, tratava com esmerada educação as segundas. Se abusava da dança como válvula de escape aos instintos, gostava mesmo de pedir uma bebida e lançar olhares de três ou mais segundos às mais bonitas. Excitadas e ansiosas, as mulheres sonhavam, será que ele vai me puxar para dançar? Puxava e as seduzia.

Os pais tentavam dissuadir suas filhas de provar dos beijos de Heleno dizendo que ele era um “boto”. De acordo com a lenda, “boto” era todo e qualquer rapaz bonito, sedutor e envolvente que encantava as moças nos bailes para levá-las à beira de um rio e engravidá-las, mergulhando em sequência nas águas e se transformando em um boto. O problema é que elas bem queriam ser aproveitadas por aquele peixe.

O temor das famílias não era pela formação de Heleno, longe disso, mas pelo que vinha demonstrando em campo. No começo de junho, no empate com o Vasco em Álvaro Chaves, o atacante mais

uma vez se destemperou. No calor da disputa, após entrar firme no goleiro Walter, foi advertido de forma verbal pelo beque Osvaldo e reagiu descalibrado, socando, sem mais nem menos, o zagueiro magricela.

Na semana seguinte, estreando no retorno, o Botafogo venceu o Madureira fora de casa. O jogo foi dramático, com a virada ocorrendo nos últimos minutos – dois gols-relâmpago de Lula. Enquanto os times deixavam o campo, Manoel Pessanha, o Lelé, pegou Heleno de jeito com uma rasteira. Mal caiu, Heleno levantou-se e se atracou com o adversário. O conflito foi serenado pela chegada da cavalaria. Imediatamente Lelé foi conduzido pelas autoridades à delegacia, onde foi autuado e posto em liberdade mediante fiança. Heleno seguiu direto para a enfermaria.

O Alvinegro vivia um momento decisivo fora das quatro linhas. Não pela chegada de Neném Prancha para a rouparia dos “comedores” – aqueles que vinham dos mais distantes cantos do país e moravam sem regalias no clube, treinando em busca de um lugar ao sol –, nem pela montagem de um grande time de amadores, obra de Kanela. É que no dia 11 de junho os dois Botafogos disputavam, entre si, uma partida de basquete no Mourisco, quando Albano, do Botafogo Football Club, a uma semana de completar 33 anos, morreu no intervalo: ataque cardíaco fulminante. O caixão saiu da sede, e Augusto Frederico Schmidt, presidente do Clube de Regatas Botafogo, propôs a Eduardo Trindade, do BFC, a fusão que unificaria as duas agremiações. Não havia mais razão para permanecerem separadas.

A tragédia fez os alvinegros mais antigos se lembrarem de Dinorah, zagueiro campeão em 1910. Dinorah foi vítima do tiroteio em que seu irmão, o tenente Dilermano de Assis, matou o escritor Euclides da Cunha. Euclides vinha sendo traído pela esposa, Ana, apaixonada por Dilermano. Se o autor de *Os sertões* morreu no episódio, Dinorah levou um tiro de espingarda que o tornou inválido. Deprimido, preferiu se atirar nas águas do rio Guaíba, em Porto Alegre, sua cidade natal, a viver longe dos campos.

Heleno não conhecia a triste história de Dinorah. Era movido pelo presente. O tempo passava e nada tirava de sua cabeça que teria de um dia degolar o Fluminense, que não confiara no seu futebol. Atordado, nos 2 × 1 sobre o Tricolor, em General Severiano, chutou sem piedade Vicentini, e o juiz, amedrontado, só o advertiu. Melhor para o Botafogo. Aos 25 do segundo tempo, Geninho fez o cruzamento para Heleno selar a vitória. Nos instantes finais, Batatais e Heleno, acirrando a rivalidade do “clássico vovô”, trocaram pontapés na área sem que a arbitragem percebesse. O Glorioso, invicto, assumia a ponta da tabela.

– Heleno vinha buscar a bola muito além do meio de campo e estava sempre em posição definida para recebê-la também. Viesse como viesse, sabia distribuir bem. Mesmo vigiado, de costas para o gol, sabia chutar. Não me recordo de alguém, na década de 1940, que fizesse aquele tipo de jogo, brilhante e nervoso, para o gol – esclareceria Geninho. – Ele teria ganhado milhões se surgisse anos depois. Em seu tempo não havia TV para popularizar e valorizar um craque, apenas rádio. E qual o locutor que, após ter entrevistado jogadores semialfabetizados, não se esforçava por extrair algumas palavras do doutor Heleno de Freitas? Ele sabia analisar o jogo com argúcia, desancar um juiz e chamar os adversários de pernas de pau.<sup>5</sup>

Enquanto Marlene Dietrich e Gary Cooper estrelavam *Desejo*, nosso Zé Carioca protagonizava *Alô amigos*, com direito à “Aquarela do Brasil”, samba de Ary Barroso, na trilha sonora. O orgulho nacional parecia inabalável. Apesar da certeza de que os brasileiros iriam à guerra, a apreensão não foi a tônica do fim de ano. Os filmes nacionais eram puro otimismo. *Caminho do céu*, com Grande Otelo, Rosina Pagã e Eros Volusia, não passava de uma expressa deferência à FEB, a recém-criada Força Expedicionária Brasileira, com música de Ary Barroso e direção de Milton Rodrigues, irmão do jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues.

Em 15 de agosto, após submarinos alemães afundarem cinco navios mercantes brasileiros na costa, matando 607 homens, o Brasil

finalmente declarou guerra ao Eixo. A recessão, a falta de gasolina e os ataques marítimos tiraram João Saldanha do sério. Decidido a não ficar parado diante de tantos infortúnios, ao lado de Gastão Carvalho e outros amigos de Copacabana, Saldanha saiu a quebrar bares de alemães em seu bairro e em Ipanema. Os principais alvos foram o Berlim, hoje Bar Lagoa, o Renânia, mais conhecido como Jangadeiros, e Alpino, no Leme, Alemão e Zeppelin. Mais uma vez, todo mundo em cana.

Apreensiva, a população passou a temer novos ataques que poderiam vir não de Saldanha, mas do oceano. Quem tinha dinheiro preferiu matricular seus filhos na primeira escolinha de natação do país, aberta por Maria Lenk no Copacabana Palace, a deixar seus rebentos no perigo da praia.

Nesse clima de intranquilidade, o Botafogo perdeu seu único jogo no Campeonato Carioca. No dia 23 de agosto, o Flamengo fez 3 × 0 no primeiro tempo, sendo que, ao anular um gol legítimo de Heleno, Mário Vianna inutilizou qualquer esboço de reação. Faltando sete minutos para o final, o artilheiro, revidando falta de Domingos, chutou o argentino Volante – que emprestaria o nome à posição – com pitadas de crueldade. Sem titubear, Mário Vianna o botou para fora. Heleno saiu de campo vaiado de forma impiedosa pela torcida que lotava a Gávea.

Heleno podia entrar numa com qualquer um, mas não era besta de se meter com Domingos da Guia. A categoria do “Divino Mestre” era de tirar o sono dos atacantes antes mesmo de se concentrarem. Como narra Mário Filho em *O sapo de Arubinha*:

Uma vez Domingos deu uns vinte dribles seguidos em Heleno de Freitas. Heleno foi para cima dele, Domingos tomou-lhe a bola e com o pé parecia que amolava uma navalha. Heleno acompanhava o movimento do pé de Domingos, ia para cá, ia para lá, Domingos apressando o movimento, mais depressa, mais depressa, a torcida de boca aberta, como se estivesse num circo e a banda tocasse anunciando o salto-mortal de um trapézio de tantos metros de altura, sem rede. Até que Heleno se esparramou no chão.

Heleno deixou o gramado revoltado com Da Guia. Chegou a confessar ao fotógrafo Alberto Mustafá Sued – irmão do futuro colunista Ibrahim Sued –, que trabalhava atrás do gol:

– Se fosse outro, Alberto, se fosse outro...  
– Fosse outro o quê, Heleno?  
– Se não fosse Domingos, eu daria um soco na cara dele!  
– Domingos fez alguma coisa com você?  
– Se fez! – Heleno mordeu os lábios de raiva. – O Domingos chegou perto de mim e disse: “Escute uma coisa, Heleno: é melhor você ficar por longe, lá pelo meio do campo. Não adianta fazer força, correr, molhar a camisa. Você não vai mesmo pegar na bola que eu não deixo.”

Suspirou um pouco e expirou, numa tacada:

– E eu pensei que era brincadeira. Não era, não.

Não foi mesmo. Como comprovou Zizinho:

– Domingos adorava brincar com o Heleno. Deixava-o louco, a xingar todos nos tiros de meta que seu goleiro batia. A bola vinha pelo alto e o Heleno ia ao encontro dela, desde a área até o meio-campo, para tentar, de cabeça, fazer sua jogada característica com um dos pontas ou um dos meias que entrassem por trás de Domingos, que vinha colado com ele. Os dois na corrida, a dois passos de o Heleno saltar, o Da Guia parava e afastava-se um passo. O Heleno subia o máximo que podia, fazia um esforço danado, raspava a bola, que ia morrer no peito do Da Guia.<sup>6</sup>

Em meados de setembro, 3 × 3 com o São Cristóvão, ponto que fazia falta. Alegando má-fé da arbitragem, o Botafogo tentou, em vão, anular o resultado do jogo na federação. Heleno marcou um gol de falta e outro num frango de Joel. Fez mais. Num lance na área, depois de ríspida discussão, tacou terra na boca do goleiro – fato até então jamais registrado.

No dia 4 de outubro, o Rio de Janeiro presenciou o jogo mais conturbado do campeonato. Campos Salles só teve três minutos de futebol. No quarto, o artilheiro americano César agrediu Zarci com um soco. Fechou o tempo. Policiais correram para todos os lados, as torcidas invadiram o campo e os dois times brigavam enquanto o juiz, em vão, trilava o apito sem parar. Após dez minutos de confusão, César foi expulso e sua vítima, para a enfermaria. Assim que os policiais retiraram o atacante rubro, Heleno o acompanhou

de pertinho, desafiando-o a fazer com ele o mesmo que fizera a Zarci. Quando a partida recomeçou, no primeiro ataque Heleno fez 1 × 0.

Sob as vistas complacentes do árbitro, Heleno e a zaga vermelha se agrediam mutuamente. Ambiente cada vez mais carregado, aos 34 minutos Gritta cometeu falta dura em Heleno – que se levantou de imediato, apanhou com as mãos a bola e a levou até o rosto do zagueiro, como quem diz “toma, engole”, ou coisa pior. O beque respondeu à provocação com um tabefe. E outro rubro, Oscar, que vinha correndo em direção ao lance, emendou outro sopapo em Heleno. Pronto, mais confusão. Nova invasão de campo, até que o péssimo Fioravanti d’Ângelo expulsou Gritta, Oscar e Heleno, protagonistas da lambança. Inexplicável foi que Heleno voltou a campo dois minutos depois. O América discutiu, mas suportou o absurdo até o final do primeiro tempo, vencido por 3 × 0 pelos alvinegros.

O clube da casa demorou a voltar do intervalo. Seus dirigentes caminharam até o juiz e murmuraram qualquer coisa em seu ouvido. Então, o América deu a saída entregando a bola a Heleno e não se moveu. O atacante matou a esfera e, sem que ninguém o incomodasse, avançou sozinho contra as onze estátuas vermelhas para marcar o gol mais tranquilo de sua carreira. O juiz apontou para o meio de campo e o América recusou-se a dar nova saída. Após 15 minutos, com os dois times parados em cada metade do gramado, Fioravanti acenou os braços, dando por encerrada a melancólica disputa.

Mesmo sendo derrotado mais vezes que o Botafogo, o Flamengo de Flávio Costa, Domingos e, principalmente, Zizinho levantou o caneco em 1942. O Glorioso acabou atrapalhado pela overdose de empates na competição: oito. Como consolo, renovando as façanhas de Nilo e Carvalho Leite, Heleno de Freitas faturou a artilharia do campeonato. Foram 28 gols em 25 jogos, o que lhe rendeu significativo aumento de salário.

Heleno era o grande nome da cidade. Se seu temperamento inconstante o tornava cada vez mais popular, deliciava-se enfurecendo multidões. Vibrante, apaixonado, explosivo, era a maior estrela dos estádios.

Em agosto, a revista *Sport Ilustrado* trouxe como capa a matéria "Heleno, artilheiro e craque grã-fino".

Heleno é o tipo perfeito do grã-fino. Ele dita modas. Veste-se com grande apuro. As roupas são impecáveis na confecção e a sua coleção de gravatas causa inveja aos milionários. Dificilmente, no futebol atual, pode-se apontar craques do gramado que também são craques no salão. Heleno reúne os dois predicados. E pode-se dizer que, dada a sua condição social, o artilheiro do Botafogo é craque apenas por esporte.

As mulheres compareciam em massa aos estádios para vê-lo. Notavam que seu ritual era sempre o mesmo. Chegando ao campo de jogo Heleno era logo cercado. Delicado e atencioso, cumprimentava os repórteres, principalmente os responsáveis pelas transmissões de rádio, como Oduvaldo Cozzi, "o locutor solitário", da Mayrink Veiga, e Gagliano Neto, "o *speaker* do mundo", da Rádio Nacional. Tratava muito bem Ribeiro Martins, da Rádio Cruzeiro do Sul, conhecido como "o *speaker* galã": e Mário Provenzano, "o locutor de alto quilate", da Tamoio. E parecia íntimo de Antônio Cordeiro, que controlava a Resenha Esportiva Superball ao lado do comentarista Renato Murce. Ao vê-los, Heleno se aproximava com a mão estendida para, sorrindo, apertar com força, como que mostrando caráter.

Ao irromper com o uniforme do vestiário o mulhério suspirava, enquanto seus respectivos pais e namorados se contorciam de ciúmes. Batendo os pés e soltando gritinhos, as moças faziam tudo para chamar a atenção do astro. Heleno sabia. Durante o aquecimento, buscava um rosto bonito no alambrado ou nas sociais para levar a campo consigo. De vez em quando, mandava um sugestivo piscar de olhos para seduzir a fêmea.

Depois das partidas Heleno acelerava rumo às mais refinadas rodas boêmias do Rio. A preferência era o Cassino Atlântico, que ficava a um passo de casa. No local, apreciava as performances das orquestras de Fon-Fon e Romeu Silva. Mas não comparecia aos

cassinos somente por causa das músicas, por mais agradáveis que fossem. Precisava, após tantos dias em companhia só de homens, admirar as meninas.

Os cassinos serviam, para as mulheres, como grande palco de moda. Algumas seguiam Chanel, com conjuntos de saia e blusa ou *tailleurs* com ombreiras. No inverno, capinhas curtas, luvas, cintos, sapatos e bolsas que combinavam entre si. Fumante inveterado, Heleno acendia um Continental atrás do outro com isqueiro de ouro, e com classe bebia seu uísque calmamente, escolhendo a musa da noite. Percebia que, agora, eram elas que viravam o pescoço quando ele passava.

– Heleno fazia o coração da gente ficar todo arrepiado – confessa a ex-vedete Ester Tarcitano. – O sucesso dele nos atraía.

Mas o jogador não se entregava para a primeira pistoleira que lhe jogasse charme. Corpos esguios e delicados, de preferência malhados com ginástica, tinham mais chances com ele. Conseguia, num primeiro olhar, imaginar as divas na intimidade da alcova, de lingerie de seda com rendinha e cinta-liga. Chave de carro de luxo na mão, dinheiro no bolso do terno e foto em capas de revistas, Heleno de Freitas era o galã que satisfazia plenamente as moças liberadas da época.

## 9. Um ano às avessas

1943

com grandes músicos e intérpretes a proliferar – um exemplo, Nelson Gonçalves, *crooner* do Cassino Copacabana –, o Brasil não pulou carnaval em 1943. Nem poderia, com o país em guerra. Muitos eram os problemas a solucionar. A alternativa para a escassez de gasolina, por exemplo, foram automotores movidos a gasogênio, um combustível mais barato. E que mesmo assim gerava despesa. Para ser instalado, o gasogênio requeria um equipamento acoplado na traseira dos veículos.

A diversão nos bailes, festas, cassinos, shows e eventos, ao longo do ano, respondeu pelo nome de foxtrote, ritmo importado dos salões de dança norte-americanos. Um dos melhores locais para se dançar foxtrote não era o Cassino Atlântico, o predileto de Heleno, mas o segundo de sua preferência, o badaladíssimo Cassino da Urca.

Bairro criado pela valorização do solo à beira-mar, na Urca ficava o hotel Balneário, na rua João Luiz Alves. Com 34 aposentos, o lugar se tornara famoso dez anos antes, quando transformado em cassino. Associado a Nicolas Ladamy, Abgar Renault e João Daher, o empresário Joaquim Rolla fez com que o Cassino da Urca se destacasse nos “anos dourados” do jogo no Distrito Federal.

Dotado de refrigeração perfeita, o cassino reunia um complexo de diversões para acompanhar as horas de lazer, além dos jogos de roleta, principal atividade da casa, no segundo andar. Seu diretor artístico, Jaime Redondo, trazia nomes nacionais e internacionais para incrementar o *grill-room*, que ficava no térreo. Quando os

espetáculos estavam para começar, o público era avisado, para que cessasse a dança. Então, por meio de um sistema de roldanas de ferro, erguia-se uma gigantesca plataforma que complementava o palco. Shows com Grande Otelo, a peruana Yma Sumac e Alvarenga e Ranchinho – uma dupla caipira que parodiava políticos como Getúlio Vargas – abrilhantavam a noite.

Carlos Machado comprovava ser mesmo o rei da noite carioca. À frente da orquestra Brazilian Serenades, o elegante gaúcho, metido em uma casaca azul-turquesa e de batuta na mão direita, de pé, defronte aos músicos, movimentava os braços feito um maestro de verdade. O som era um primor. Grandes figurões da cidade se reuniam para acompanhar os shows de Machado e da não menos empolgante orquestra de Gaó. A seleção das pessoas ficava a cargo dos leões de chácara, muito bem-pagos para isso.

O lugar era fino. Em ocasiões especiais, para poder entrar, os porteiros exigiam traje a rigor, longo para as mulheres e smoking para os homens. Os vestidos das mulheres eram sempre uma atração, assinados por costureiros famosos do Rio e de São Paulo, que ali exibiam suas criações. Para os homens, além do smoking – terno preto com gola de seda, camisa branca, faixa de cetim preta e gravata borboleta –, havia também o *summer-jacket*, criado para o verão, que se diferenciava pela cor do terno, branca, e o *dinner-jacket*, terno branco ou azul claro, o preferido das grandes personalidades.

O “café-soçaito”, por exemplo, surgiu do advento do Cassino da Urca. Antes da casa, a elite frequentava o Cassino Copacabana – então sem shows, ambiente austero. Graças às imperdíveis atrações da Urca, tornou-se assídua a presença de um grupo que, entre conversas sem aprofundamentos, doses de uísque ou champanhe e muito glamour, alimentava os colunistas sociais. Sintetizando, o “café-soçaito” nada mais era do que a nata da sociedade. As maiores celebridades da época; os admirados pelo grande público. Nomes como Álvaro Catão, Horácio Klabin, Fernando Delamare, Heleno de Freitas.

No palco levantado por Rolla, havia sempre para o seletto público do Cassino da Urca momentos maravilhosos para compor sua caríssima e atraente programação. O local acolheu a mais extraordinária sequência de espetáculos artísticos assistidos no Rio – Bing Crosby, Martha Eggerth, Pedro Vargas e por aí vai. Sem mencionar a quantidade de malabaristas, acrobatas, sapateadores, ilusionistas e instrumentistas de renome no exterior, contratados a peso de ouro para corresponder ao alto nível exigido pelos clientes.

Herivelto Martins, em voga com o sucesso de “Laurindo”, e Dalva de Oliveira, “a voz deliciosa”, começavam na casa. Que tinha também como atração uma das mulheres mais bonitas da cidade. Capa das principais revistas da época, a mineira Maria Bicalho de Andrade integrava o corpo de balé do cassino. Assim como Anselmo Duarte – o primeiro grande galã do cinema nacional –, que fazia números de tango, conga e maxixe. A cantora Leonor Bruno, mãe de Nicete, era uma das artistas de maior prestígio. Montou com a família o “show dos irmãos Bruno”, recorde de aplausos por bom tempo.

Heleno se tornou “sócio” do Cassino da Urca. Não tinha ainda uma turma milionária para acompanhá-lo no Copacabana Palace e, se fosse para ir sozinho, preferia a comodidade do Cassino Atlântico, mais próximo de casa. Para a Urca conseguia parceria até de sobra. Em geral, entrava no local com Pirica, Tim, Ermelino Matarazzo, Patesko e outros jogadores que, desmentindo a classe, não gostavam apenas dos teatros de revista da Praça Tiradentes ou dos cabarés da Lapa. Também o acompanhava Fernando Aguinaga, um botafoguense ferrenho enturmado com o círculo do poder. Para Heleno e os seus havia sempre uma bem-localizada mesa reservada.

A excelente prosa do jovem conquistava todos. Mineiro como ele, o proprietário do cassino, Joaquim Rolla, ex-testa de ferro de políticos importantes, deslumbrou-se com seus modos. Assim como o fotógrafo da casa, Oscar Ornstein. Em meio àquele ambiente de luxo e ostentação – inúmeras senhoritas adornavam-se com joias resplandecentes e casacos de pele –, Heleno descobriu que uma das

feras do time de praia da Urca, aquele que tinha Tovar e Rubinho, era instrumentista na casa: Fafá Lemos.

Além de Fafá, o francês Henri Salvador – na verdade, natural da Guiana Francesa – mandava no pedaço como *crooner* da orquestra de Ray Ventura. O pianista Dick Farney, ao lado de Fafá e de seu irmão Cyl Farney, até 1944 cantaria – e encantaria – na orquestra de Machado. Virginia Lane, nova estrela da Mayrink, se desdobrava. Era atriz de cinema e *lady-crooner* na Urca. Heleno fixava mais sua atenção nela do que nas próprias fichas de aposta. Perdia dinheiro nos cassinos, mas era um bom, um excelente partido.

Desprezando as famosas chanchadas – produto, para ele, “de ínfima qualidade” –, Heleno ia cedo para o Cassino da Urca. Apesar de apelativas, deve-se às chanchadas o fato de a indústria brasileira ter sobrevivido à maciça concorrência estrangeira. Para Heleno, no entanto, as chanchadas ofendiam a moral, os bons costumes e o bom gosto. Mais jogo era a companhia distinta que tinha na casa noturna.

Sabendo que a orquestra de Carlos Machado tocava durante o jantar e no baile que se seguia, Heleno chegava antes. Perambulava pelas mesas de jogo a apreciar a movimentação das grossas quantias de dinheiro. Conhecia todos os hábeis e desconfiados crupiês daquele ambiente fascinante. Quando arriscava uma jogada, todos em volta o admiravam. A seu lado, roçando o cangote, mulheres trêmulas embeveciam-se com a fragrância da colônia inglesa de um dos maiores ídolos da cidade. Ídolo de seus filhos, ídolo de seus maridos. Capa de jornal dia sim, dia também. Estrela do Botafogo. Do agora Botafogo de Futebol e Regatas.

A maior alegria do Botafogo em 1942 se deu no dia 8 de dezembro, quando, motivados pela tragédia ocorrida em junho com Albano, o futebol e o remo enfim se unificaram. Dessa associação datam duas importantes mudanças, além do novo nome escolhido para o clube: o time passou a jogar com calções negros, e para o escudo ganhou uma estrela solitária.

Mas tudo de ruim aconteceria com o futebol botafoguense no ano seguinte. Sem faltar chances para se redimir. Em março de 1943, a federação promoveu o Torneio Relâmpago, disputado pelos grandes Botafogo, Fluminense, América, Vasco e Flamengo; depois, o Municipal, uma espécie de Taça Guanabara disputada em campo neutro; por fim, o Carioca, no qual dez clubes se enfrentaram em dois turnos – feição que perdurou até 1948.

Havia muito Heleno não falava com o técnico Pimenta. Quando o treinador, antevendo que perderia a queda de braço, pediu demissão, o Botafogo tentou trazer Carlomagno – sem obter sucesso, para a sorte do centroavante. O Alvinegro decidiu-se por Mário Fortunato. Com ele no comando, o Glorioso fez boa figura no Municipal – Heleno, deslumbrante, marcou onze gols em nove jogos – e foi às avessas no Carioca. Em toda a história até então, sua pior colocação. Heleno afundou junto. Demorou quase dois meses – mais precisamente oito jogos – para desencantar no campeonato.

Depois de quatro derrotas consecutivas, o presidente Eduardo Trindade agiu com energia. Sacou da equipe, por um jogo, González e o goleiro Ary, ambos por deficiência técnica. Sobrou também para o ídolo. Como na derrota de 3 × 0 para o América, Heleno voltou a jogar mal, a diretoria o suspendeu, ele e Patesko, por dois meses, alegando que estavam esbanjando a rodo nos cassinos. Foram vistos deixando a Urca a altas horas da manhã em plena sexta-feira. A suspensão seria convertida em multa de 480 cruzeiros para cada, quase sessenta por cento dos vencimentos de Heleno, quando, juntos e atônitos, os dois pediram desculpas e se ofereceram para jogar sem remuneração alguma.<sup>1</sup>

Não o compreendiam, mas Heleno se sentia tão à vontade nas casas de jogos e shows quanto no Botafogo. Sua vida era dadivosa demais para desperdiçá-la apenas com os encargos de profissional da bola. Jovem e bonito, precisava gastar as energias, curtir sua mocidade. Ainda mais com o time não empolgando.

Campeonato perdido com rodadas de antecedência, o Alvinegro, que não teve Geninho durante a temporada – ruptura de menisco –,

se desfez de González e Caieira e, com a base se juntando aos profissionais, no dia 15 de agosto superou o Canto do Rio por 4 × 3, três gols de Heleno. Inconstante, a saga de derrotas tornou a voltar no jogo seguinte. Flamengo 4 × 2.

Segundo Domingos da Guia, Heleno estava agitadoíssimo:

– No Botafogo jogava o Ivan. Ele chutava a bola para a frente de qualquer maneira. Durante a partida, o Ivan deu um bico e, com o vento, a bola voltou contra o gol do Botafogo, que estava perdendo de 3 × 0. O Heleno virou-se para mim e comentou: “Domingos, estão perdendo de 3 × 0 e ainda jogam a bola pra dentro do próprio gol...”<sup>2</sup>

Mas Heleno não só reclamava. Jogava, e muito. Mário Filho escreveu acerca de um de seus dois gols no jogo:

Heleno estava na linha da chamada grande área, de costas para o gol. Parou com a bola no peito, virou-se com ela ainda no peito, e viu a área cheia de flamengos, o gol lá no fundo. Se deixasse cair a bola no chão, teria de travar combate com vários adversários, que já o cercavam, esperando justamente que ele fizesse o que qualquer um faria. Heleno de Freitas, então, curvou-se um pouco para trás, empinando o peito, deixando a bola onde estava e avançou assim, com ela no peito. Ninguém podia fazer nada contra ele. Se lhe quisessem tirar a bola, pará-lo, travá-lo, era pênalti. Perto do gol, Heleno de Freitas deixou cair a bola e fuzilou o quíper do Flamengo.<sup>3</sup>

Como que trocando palavras, o consagrado escritor uruguaio Eduardo Galeano também eternizou o lance:

Heleno estava de costas para o arco. A bola chegou lá de cima. Ele parou-a com o peito e se voltou sem deixá-la cair. Com o corpo arqueado e a bola no peito, enfrentou a situação. Entre o gol e ele, uma multidão. Na área do Flamengo havia mais gente que em todo o Brasil. Se a bola caísse no chão, estava perdido. E então Heleno pôs-se a caminhar, sempre curvado para trás, e com a bola no peito atravessou tranquilamente as linhas inimigas. Ninguém podia tirá-la sem fazer falta, e estavam na zona de perigo. Quando chegou às portas do gol, Heleno endireitou o corpo. A bola deslizou até seus pés. E ele arrematou. ...<sup>4</sup>

Em meados de setembro, os beneméritos solicitaram uma reunião que visava a reorganização do Botafogo para a temporada de 1944. Nessa importante sessão foi criada uma comissão especial para cuidar apenas do futebol do clube. A primeira medida dos novos dirigentes: suspender o contrato de Heleno de Freitas por

tempo indeterminado. O motivo? Além de temperamental, não vinha correspondendo tecnicamente.<sup>5</sup>

Sérgio Porto pôs em xeque essa questão do “temperamental” em crônica publicada em seu livro *A casa demolida*:

(Heleno) brigava com todo mundo e, em vez ajudar, inibia os companheiros. Os jornais mentiam a seu respeito, inventavam histórias, diziam que ele, fora do campo, era um gentleman.

Mas não era. Nem dentro nem fora do campo ele era gentleman. Apenas um homem de nervos esbandalhados, vítima de um irrecuperável desequilíbrio nervoso. Das arquibancadas era difícil notar e os jornais puseram em moda a palavra temperamental, para definir seu mau gênio.

Mariozinho de Oliveira assina embaixo:

– Era complicado lidar com o Heleno. Ele tratava mal as pessoas na rua, e de graça. Rechaçava meninos que lhe pediam autógrafos. Uma vez eu, ele e o comandante Edu andávamos na avenida Atlântica quando surgiu um menino de uns doze anos rogando um autógrafo.

– Tira a mão de mim, moleque, sai pra lá! – foi sua reação, olhos cheio de cólera.

– O Edu puxou-o pelo braço e o forçou a assinar o pedaço de papel.

Heleno de Freitas recebeu apenas a metade de seus vencimentos enquanto esteve impedido de envergar a camisa do clube. Detalhe: fora sacado por deficiência técnica justamente quando tinha marcado sete vezes em cinco jogos. Mas há de ser dito, um centroavante de sua categoria, com a parceria que tinha, só somar nove gols num Carioca de dois turnos é, ainda mais devido à época, algo praticamente inadmissível.

A nova punição mexeu com os nervos de Heleno. Amador por vocação, o jovem universitário não aceitava que futebol fosse assunto de legislação federal. Mas a Consolidação das Leis do Trabalho acabara de entrar em vigor. Os salários à metade, no entanto, vingaram pouco: os figurões do clube intervieram a seu favor. Alguns, para se arrepender mais tarde.

O poeta, político e empresário Augusto Frederico Schmidt, influente no Botafogo, adorava Heleno como um filho. No vestiário, sempre tentava amansar a fera. Pedia para não se exaltar com os colegas, o goleador prometia não gritar mais, e, caso se controlasse mesmo, ganhava recompensas. Augusto Frederico queria o bem de Heleno e, conseqüentemente, do Botafogo. Tinha tato para levá-lo.

Às vezes, claro, Heleno tinha uns rompantes com ele. Então o diretor se magoava; prometia nunca mais se meter com o jogador. Vinha a vitória do Botafogo, Schmidt ia dar um abraço forte em cada atleta. Heleno ficava à espera do dele. "Pensando bem", matutava o dirigente, "eu é que devia estar errado, devia ter esperado um pouco; jogador sai de campo com muita adrenalina, só se acalma debaixo de uma boa ducha de água fria."

Certa vez, numa tarde infeliz de seu centroavante, junto ao alambrado de General Severiano, Augusto Frederico Schmidt berrou, com o intuito de ajudar, para alertar seu jogador predileto:

– Olhe bem para quem você está passando a bola, Heleno!

Olhar raivoso, o atacante se enfezou:

– Tome! – Imediatamente tirou e arremessou a camisa na direção do dirigente. – Venha aqui correr no meu lugar, seu filho da puta!

Como contou o jornalista Carlos Rangel, "naquele instante o poeta baixou a cabeça, enquanto o terrível palavrão emudeceu as sociais".<sup>6</sup>

Heleno foi banido dos últimos quatro jogos do clube no campeonato – vencido novamente pelo Flamengo. O Botafogo terminou em sétimo, um ponto à frente do antepenúltimo. Posição inaceitável para os padrões de sua tradição.

O pior é que Heleno havia começado o ano com o pé direito. Em janeiro, o Palmeiras, campeão paulista, acenou com uma proposta tentadora para contar com ele em sua poderosa linha de ataque. Em fevereiro, ainda com apetite, o artilheiro marcou um dos gols mais rápidos de sua carreira, aos trinta segundos, contra o Atlético

Mineiro. Correndo feito um puro-sangue, era a maior aposta da temporada.

Mas não era unanimidade. Até nos rachas de praia, fossem pelo Posto 4 ou pelo Escrete Guanabara, se mostrava insuportável. Naqueles tempos de guerra, quando a luminosidade da avenida Atlântica era propositadamente precária para despistar possíveis inimigos, no final das peladas da areia, que começavam por volta das cinco da tarde, não havia quem pudesse, com a noite surgindo, enxergar o jogo cem por cento. Raros os casais presos à beira-mar por atentado ao pudor – nem a polícia descortinava os indecentes. Num dos jogos do Guanabara, já à noite, Heleno teve uma briga decisiva com seu amigo João Saldanha. Num lance errado do companheiro, saiu falando mais do que devia:

– Quer saber? Você é um merda!

– Ah, sou, é? – João agachou-se, catou um punhado de areia com uma das mãos e arremessou nos olhos do arrogante. Com Heleno meio cego, foi fácil sair espancando-o. Naquele momento, estremecia sensivelmente a relação entre os dois.

Como explica seu ex-companheiro de equipe Gastão Carvalho:

– Ninguém aguentava o Heleno. Ele, por seu jeito difícil, nunca deve ter tido um amigo de verdade, do peito.

Heleno passou a não jogar mais pelo time. Mas continuou *habitué* da areia. Os outros “clubes” não o dispensavam, caso quisesse entrar. Mesmo desequilibrando as partidas, atuava como “convidado especial”. Quando passava um jogo inteiro sem se irritar – normalmente se abrissem vantagem de cara –, a festa era completa, com todos a correr felizes para cumprimentá-lo. Poucos queriam saber de brigas naquele tempo.

Menos ainda de guerra. Mas o noticiário era inevitável – afinal, os Aliados começavam a virar o jogo. Nos dias 27 e 29 de março, Berlim foi bombardeada. Em julho, os Aliados invadiram a Sicília e alvejaram Roma mais uma vez. Dias depois, um avião da Força Aérea Brasileira punha a pique o submarino alemão U-199, recolhendo doze sobreviventes. Em setembro a Itália capitulava, com Roma ocupada.

Quando, no final de novembro, em meio a três dias de violentos bombardeios a Berlim, a Força Expedicionária Brasileira foi criada por Vargas, Heleno treinava no Botafogo e aproveitou a veiculação da notícia para perturbar seus companheiros:

– Agora vamos ver quem é homem mesmo! Duvido que alguns de nós não sejamos recrutados. Por mim, mandava para essa guerra o Limoeirinho...

O jogador em questão não conseguia mais ver o artilheiro por perto. Artilheiro nada, carrasco. Em agosto, após uma derrota para o América, Limoeirinho, aos prantos no vestiário, pedia até para voltar a Recife:

– Esse Heleno maltrata a gente! Ninguém serve para ele! Eu não jogo nada, o Tovar é um medroso, o Diaz é um burro de chuteiras...

O atacante, que não vingou no futebol, foi o primeiro alvo da fúria implacável de Heleno de Freitas. Em outra partida, enfiaram uma bola no fundo que Limoeirinho não alcançou. Heleno gorou:

– Esse cara não corre nada. Deve ser tuberculoso!

Por falar em tuberculose, nessa época o genial Nelson Rodrigues se projetava com *Vestido de noiva* – uma peça revolucionária, encenada no Theatro Municipal sob a direção do polonês Ziembinski, um dos muitos refugiados de guerra.

Foi em 1943 também que Rita Hayworth estrelou *Bonita como nunca*. Mas bonita como nunca estaria a atriz em *Gilda*, três anos depois. Um filme que, para Heleno, não precisava ter existido.

## 10. Às armas, cidadãos!

1944

Abrandados os ânimos em General Severiano, Mimi Sodré pôde devolver a Eduardo Trindade a presidência do clube. Estabelecida a união dos dois Botafogos, porém, o dirigente renunciou ao cargo. Sua missão estava cumprida. Em 7 de janeiro de 1944, o conselho deliberativo elegeu a jovem e dinâmica figura de Adhemar Bebiano para terminar o mandato. Como vice-presidente, Augusto Frederico Schmidt, que fez do ex-jogador Martim Silveira o técnico da equipe.

Estreando no Torneio Relâmpago, o Glorioso esmagou o Flamengo por 6 × 2 em 8 de março, numa linda noite em São Januário. Foi sua mais marcante vitória na competição. Aos 11 minutos, já vencia por 4 × 0, dois gols de Heleno. Ao fim do primeiro tempo, escandalosos 6 × 0. Pelo Municipal, dia 9 de abril, novamente no campo do Vasco, o Flamengo pediu a forra e perdeu de novo. Três gols de Heleno, que ainda desperdiçou um pênalti. Botafogo 4 × 2.

Nessa partida saiu faísca. Num lance pela ponta, faltavam dez minutos para o final, Heleno se deparou com o truculento Artigas. Os dois vinham tendo ao longo do jogo vários entreveros. Nesse momento, com um parado diante do outro, Heleno fintou Artigas de maneira constrangedora. Levou o rapa. Transtornado pelo drible, o zagueiro, possesso, atirou-se sobre Heleno aos socos e pontapés. Chutou-o de pé, deitado, e, quando o atacante levantou-se para fugir, foram três minutos sem futebol, com Artigas a correr alucinado atrás de Heleno. Ambos expulsos, a primeira grande briga do ano acabou num posto policial.

Abriu-se inquérito e, todos viram, ao menos dessa vez Heleno houvera sido vítima. Artigas confessou que enlouquecera. Heleno nada lhe disse no lance; apenas o fintou de uma forma que lhe perturbara os sentidos. Heleno compareceu à delegacia para explicar que o ocorrido foi coisa de jogo. Quis tirar a queixa, o que desarmou Artigas.

O delegado deu fim ao caso. A federação, não. O Tribunal de Penas reuniu-se na sala da presidência da FMF para julgar a ocorrência. Os dois atletas tiveram de aguardar a convocação dos advogados numa sala. Acomodaram-se num confortável sofá de couro; Heleno num canto, Artigas em outro – uma terra de ninguém entre os dois. Cada um olhando para um lado, nada de boa-noite, como vai. Quando entraram, o mais interessante, na hora de um falar mal do outro, os dois se confundiram em gentilezas. Artigas se culpava; Heleno o inocentava. Um querendo ser mais cavalheiro do que o outro. O botafoguense, por certo, não podia ser – afinal, apanhou bastante. Mas bem tinha do que se culpar.

Ainda no primeiro tempo, numa dividida violenta, Artigas mandou Heleno para fora do campo. Não satisfeito, chegou perto do atacante e o desafiou:

– Você não é o doutorzinho das candangas?

Heleno não deixou por menos, e ainda fez uma proposta indecente:

– Sou, sim. Aliás, a mamãezinha marcou encontro comigo para esta noite. Vais *querer* participar da suruba?

Artigas até que esperou muito. No fim das contas, após a reunião, foi suspenso por dois jogos. A Heleno coube uma pequena multa. Quando saíram da sala, os dois, curiosamente, voltaram a não trocar uma única palavra. Nem sorriram um para o outro quando tentaram, ao mesmo tempo, apertar o botão do elevador.

Enfim, o grande dia. Após dois anos de saudades, o Brasil voltava a campo. Em 17 de maio de 1944, num Pacaembu lotado – quebrando seu recorde de bilheteria até então –, o centroavante Heleno de Freitas, sob o comando da dupla de treinadores Flávio Costa e

Joreca (este, português de nascimento), estreava pela seleção brasileira. Justamente contra o Uruguai, adversário que, seis anos mais tarde, marcaria a ferro e fogo aquela geração.

O centroavante botafoguense passou o primeiro tempo no banco assistindo à vitória por 1 × 0. O ataque começou com Luisinho, do São Paulo, na direita, o palmeirense Lima na esquerda e “os três patetas” Lelé, Isaías e Jair, recém-contratados pelo Vasco, a infernizarem a zaga adversária. Naquela noite de quinta-feira, entusiasmadíssimo com a festa proporcionada pelas 45 mil pessoas presentes, Heleno recebeu de Flávio Costa, no intervalo, a incumbência de substituir Isaías. A intenção era fazer com que os beques recuassem, prender-lhes a atenção. Só que Heleno fez mais. No jogo em que Jair Rosa Pinto, autor de três gols, considerava ter sido o da sua consagração na seleção, Heleno de Freitas cravou seu primeiro gol com a camisa branca de gola azul. Luisinho escapou pela direita e, quando todos esperavam que chutasse, centrou para trás. Antes de a defesa espanar surgiu Heleno, fulminante, aos 17 minutos, ampliando a vantagem para 2 × 0.

Terminou 4 × 0. E engana-se quem pensa que Heleno, na seleção, esteve mais calmo. Data desse jogo sua primeira polêmica no escrete. Pressentindo sofrer falta de Morales, o atacante defendeu-se com uma violenta cotovelada na nuca do adversário. Desacordado, Morales foi retirado de campo e não pôde voltar. Solicitando à arbitragem que expulsasse Heleno, o celeste Ricardi foi posto para fora.

A seleção havia se concentrado no luxuoso Excelsior, no centro de São Paulo. Heleno deixou muita gente de boca aberta no hotel. Local onde se esbarravam políticos, banqueiros, gente do melhor nível social, o centroavante dava a impressão de nunca ter frequentado outro ambiente. Nem os chefes da delegação se mostravam tão à vontade. Quem era aquele rapaz, perguntavam-se, como um jogador de futebol pode esbanjar tanta segurança de si?

O espantoso é que um filho de boa família podia, na época, até se meter a jogar futebol. Em campo, porém, desaparecia. Já Heleno, em campo, se destacava tanto quanto no suntuoso salão do hotel.

Gravemente doente, Martim Silveira foi substituído pelo mineiro Ítalo Fratezzi, o popular Bengala, no terceiro jogo do Carioca de 1944. E uma derrota para o Fluminense gerou novas e significativas modificações no futebol do clube. Luiz Aranha tornou-se diretor profissional e constituiu João Saldanha, João Domingues Vaz e Dino Ferreira para auxiliá-lo na missão.<sup>1</sup>

Naquele momento, o fim da guerra parecia próximo. Embora a Alemanha seguisse lutando, inclusive tendo lançado as primeiras bombas voadoras sobre Londres, Roma havia sido libertada pelos Aliados, que, ao mesmo tempo, desembarcaram em peso na Normandia. O Brasil enviara a Nápoles o primeiro escalão da FEB, um contingente de 5.379 homens. Dentre eles José Perácio, atacante do Flamengo, que de tão forte, aos trinta anos, mais parecia um tanque. Mas o Rubro-Negro não foi o único time a ser desfalcado no Rio. Avalizando o prognóstico de Heleno, quatro atletas do Botafogo foram convocados, ainda que só embarcassem para a Itália em setembro. Limoeirinho não estava entre eles. Sorte ou azar, continuaria convivendo com Heleno.

Na segunda semana de agosto o artilheiro quase não jogou contra o Vasco. Por ter se omitido na acachapante derrota de 5 × 1 para o Canto do Rio, Luiz Aranha o puniu em duzentos cruzeiros por deficiência técnica, além de suspendê-lo por tempo indeterminado. Cabreiro, Heleno irrompeu a sala do diretor para implorar nova oportunidade. Assegurando que o vexame não passava de acidente de percurso, ganhou a chance. E contra o Cruz-Maltino, em General Severiano, suando a camisa do início ao fim, cumpriu uma de suas melhores exibições na carreira.

Terminado o jogo, Botafogo 2 × 1, todo mundo quis tocar em Heleno. Corre-corre atrás dele, Adhemar Bebiano se esqueceu da multa e meteu a mão no bolso, procurando-o com os olhos em meio à multidão. Iria dar-lhe, seguramente, o maior bicho de sua vida. Augusto Frederico Schmidt, ao encontrar o presidente na lateral do campo, o abraçou emocionado:

– Não precisa, Bebiano, pode tirar a mão da carteira. Se é o bicho do Heleno, nem esquenta, eu já dei!

No jogo seguinte, outra vitória. A partida contra o São Cristóvão caminhava para o final quando o centroavante, que recebia mais dos dirigentes por cada gol marcado, esperou um cruzamento da ponta cheio de terra na mão. Enquanto chegava a bola, levantou o corpo no ar para a cabeçada e espalhou tudo. Assim, matou os zagueiros e o goleiro, que saíra no abafa. Um a zero Botafogo. Gol dele.

O momento feliz não era só de Heleno. Animavam os brasileiros os rumos que a guerra tomava. As atuações de Marlene Dietrich em *Atire a primeira pedra* e as de Gary Cooper e Ingrid Bergman em *Por quem os sinos dobram*, filmes que reestrevam no Rio, foram menos comentadas na saída dos cinemas do que a libertação de Paris pelos Aliados. Confiantes desde a invasão da Normandia, os trabalhadores franceses entraram em greve, tornando insustentável a situação vivida pelos alemães no país.

No feriado de 7 de setembro, a avenida Presidente Vargas, a mais importante mudança na paisagem do Rio – que, para dar vazão ao crescente fluxo de veículos, rasgava a cidade num retão –, foi inaugurada com uma multidão entusiástica a apreciar a imponente parada militar e ovacionar o Hino Nacional, executado sob a regência de Heitor Villa-Lobos. Três dias depois foi a vez de General Severiano se encher de igual entusiasmo. Delírio, gritos de guerra – não a Mundial, claro! – para celebrar a entrada de Botafogo e Flamengo em campo, um mundo de bandeiras. Nem parecia que havia um clima de despedida no ar.

Mesmo na Europa, os pracinhas ficavam por dentro das amenidades que transcorriam no Brasil e se comunicavam com os parentes. Um dos meios era o suplemento *O Globo Expedicionário*. Ao ler o tabloide, sentiam-se super-heróis. As matérias traduziam o entusiasmo provado pelas ruas a cada feito dos soldados. Apesar do permanente temor de novas baixas, havia um quê de orgulho no país. Talvez por ser a única pátria sul-americana a lutar ao lado das Nações Unidas.

Alívio para uns, martírio para outros, a segunda leva para a Itália ficou para setembro. Nesse mês, a cidade foi desfalcada de sete

atletas. Os “escolhidos”: Ary Agostinho dos Santos, o Timbira, jogador de basquete do Vasco, 26 anos; Olincio Monteiro da Rocha, o Bidon, amador do Madureira, 23; Labatut Rodrigues da Silva, amador do Olaria, 26; e os quatro do Botafogo. Dois amadores: Henrique Fernandes Torquato, o Dunga, 26 anos; e Emérito dos Reis, o Mato Grosso, 27. Os dois profissionais do clube chamados pela FEB foram Walter Fazzoni, um ex-corintiano de 23 anos; e Efigênio de Freitas Bahiense, o Geninho, no auge de suas 27 primaveras.

Por mais que o Botafogo tenha tentado de tudo para impedir a saída de seus atletas do país, nada conseguiu. Walter e Geninho poderiam jogar no fim de semana, mas em seguida teriam de se incorporar ao Exército, para se inteirar sobre o que deles se esperava na Itália e iniciar a concentração para o embarque.

Geninho, compenetrado na medida do possível, desligou-se do futuro próximo para, em seu último jogo no campeonato, enfrentar o bicampeão da cidade. Mesmo sem Domingos da Guia, vendido para o Corinthians, a torcida rubro-negra, confiante, compareceu em bom número a General Severiano. Viram Heleno abrir o placar aos vinte minutos, em cobrança de falta. Um gigante na segunda etapa, o comandante marcou o terceiro do clube, aos 25. Minutos mais tarde, jogo definido, Geninho, em jogada pessoal, chutou forte de fora da área e fechou o caixão, Botafogo 5 × 2. O Flamengo alegou que a bola explodiu no travessão e voltou – mas, provavelmente, bateu no ferro que sustenta a rede dentro do gol. O obeso Aristides Figueira, o popular Mossoró, apontou para o meio de campo e os dirigentes rubro-negros exigiram que seus atletas sentassem. Lavando a alma, a arquibancada botafoguense cantou em coro:

– Senta, meu filho, para não apanhar de mais! – Uma festa só.

O mítico “jogo do senta” – que fez Armando Nogueira, então um jovem recém-chegado de Xapuri, no Acre, apaixonar-se pelo Botafogo – foi uma despedida à altura para Geninho. O meia mereceu selar a vitória com aquele petardo. Dali para a frente só teria notícias de petardos em outro continente. A 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária – o contingente brasileiro que se integrara

ao 5º Exército para, junto a soldados norte-americanos, ingleses e sul-africanos, entrar em combate – participava de várias batalhas no Vale do Pó. E esperava por ele.

A bordo do navio-transporte *General Meyghs*, que partiu para Nápoles em 22 de setembro, Geninho não era mais um jogador de futebol brasileiro, e sim um dos 25.335 homens que a FEB escolheu a dedo para bem representar a nação na guerra. Um calafrio inevitável, por mais que o panorama não fosse dos piores. A força aérea italiana desde maio resistia com menos de 350 aviões, enfrentados pelos mais de 4 mil a serviço dos Aliados. Em meados de outubro, enquanto Geninho desembarcava na Europa, o ministro da Guerra de Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra, era todo elogios aos briosos pracinhas. Não era pra menos. Até aquele momento, os brasileiros haviam aprisionado 68 alemães.

A batalha de Monte Castelo se iniciou no dia 26 de novembro, pouco mais de um mês após o Flamengo se sagrar, pela primeira vez, tricampeão carioca, com Zizinho comendo a bola, provando ser o principal rival de Heleno no trono de melhor jogador da cidade.

Apesar de o título ter escapado, o bom trabalho de Bengala foi reconhecido pela diretoria alvinegra. Assim como o de Heleno. Exuberante, em dezembro, durante o Campeonato Brasileiro, o jogador nada fez senão confirmar os méritos de maior centroavante em atividade no país. Se seu primeiro gol pela seleção carioca foi assinalado contra os mineiros – de cabeça, claro –, sua melhor apresentação aconteceu no segundo dos cinco jogos decisivos contra os paulistas. Numa vitória incontestável, 3 × 1, Heleno festejou duas vezes com a torcida que lotou as dependências de São Januário.

A língua ferina de Heleno de Freitas injetou rivalidade na decisão. No dia 10 de dezembro de 1944, em São Paulo, o Rio perdeu por 4 × 3. O resultado, normal; incompreensível foi o que aconteceu na entrada em campo. Furiosos torcedores paulistas tacaram ovos e bolas de gude na cabeça dos cariocas. Uma garrafa se espatifou perto de Heleno, que se vingou ofendendo os mal-educados:

– De que você mais gosta aqui em São Paulo, Heleno? – perguntou um repórter, momentos antes do jogo.

– Do aeroporto.

– Por quê? – ingênuo.

– Porque é o lugar mais próximo de se ir embora.

A declaração polêmica se espalhou pelo estádio e esquentou o clima no Pacaembu. E foi só o começo. Série empatada em 2 × 2, a semana que antecedeu à finalíssima foi tensa. No dia 12, a esperança de os soldados brasileiros conquistarem Monte Castelo antes do inverno ruía pela terceira vez, com nova recuada diante dos alemães. No dia 15, os amantes da música choraram a morte prematura de Glenn Miller. Então a serviço da banda da força aérea norte-americana em apresentações na Europa, o avião que levava o trombonista de Londres a Paris simplesmente desapareceu do mapa.

No dia 18, porém, o Distrito Federal voltou a sorrir. No jogo decisivo do Brasileiro, em São Januário, a seleção carioca despedaçou os fortes paulistas mais uma vez por 3 × 1. Leônidas não foi páreo para Heleno, que, embora sem deixar sua marca, aterrorizou a defesa inimiga com jogadas de puro efeito. A equipe campeã posou com Batatais, Nílton e Norival; Ivan, Danilo e Jaime; Pedro Amorim, Zizinho, Heleno, Ademir e Jorginho.

O impacto da guerra diminuía sensivelmente o espaço destinado à música nas rádios. As notícias veiculadas pelo “Repórter Esso” despertavam mais a atenção dos brasileiros. Embora a quantidade de cantores, grupos e compositores requisitados pelo grande público não permitisse o aniquilamento dos programas de auditório. Era um sucesso o “Trem da alegria”, apresentado por Lamartine Babo, ao vivo do João Caetano. Já Ary Barroso alternava suas transmissões, que incluíam os jogos do Flamengo, com viagens internacionais e trabalhos de trilha sonora. Entre outros longas, compôs as músicas do filme *Você já foi à Bahia?*, de Walt Disney, um dos concorrentes ao Oscar.

Jogadores de futebol, quando iam ao cinema, escolhiam a três por dois os filmes de Charles Chaplin e de Disney – nestes, então, se

empolgavam feito crianças. Sucesso nos quadrinhos, desenhos realmente animados eram novidade nas telas. Tendo um pouco mais de tempo, saíam da sessão direto para as *megastores* da época. Quem tinha o Credi-Mesbla na carteira comprava boas roupas em até dez prestações. De noite, era lei para os jogadores conferir as peças – ou pernas – da Praça Tiradentes. Assistiam às lindas mulheres da Grande Companhia Argentina de Revistas e às mais decantadas vedetes das chanchadas, ficando em ponto de bala para as baladas. Fossem na Lapa ou na Cinelândia.

Na Lapa, os cabarés eram frequentados não apenas por malandros, como Miguelzinho, Boi e Madame Satã, mas por artistas e intelectuais – de San Thiago Dantas e Jorge Amado a Cândido Portinari e Rubem Braga. Num ambiente para lá de etílico, as moças semidespidas levantavam as pernas dançando cançã; erotismo no ar. Na Cinelândia, várias eram as atrações dos *dancings* – desde *little bands* tocando samba, foxtrote, bolero e tango a cantores em busca de sucesso. Nos concorridos Brasil e Avenida, mulheres picotavam cartão por três minutos de dança. Cento e oitenta segundos para se ganhar a menina sem precisar gastar mais grana na noite. Tudo muito decente. Fim de festa, somava-se a quantidade de furos no cartão e, geralmente, o cliente assumia seu prejuízo. Não era fácil ganhar mulher naquele tempo.

Depois dos *dancings*, a parada era a Taberna da Glória, onde varavam a madrugada. Um ponto de encontro e tanto. Radialistas, compositores, Ary e Lamartine, jogadores de futebol, artistas de teatro, vedetes, caso não estivessem lá, certamente eram encontrados no Bolero, na avenida Atlântica, ou no OK, no Lido, de acordo com o que queriam fazer da noite.

Heleno não frequentava nada disso. Nem que lhe pagassem. Não suportava o popular; ia no fino. Com um nome a zelar e status de ídolo da cidade – embora cada vez mais avesso a fanatismo de torcedores e, em diversas ocasiões, fugindo da mídia, que o vigiava não somente em campo mas também na vida pessoal –, preferia ficar recluso, com os amigos mais chegados, no Cassino da Urca. Ou no Atlântico. Onde, recentemente, seduzira o coração da bela

Diamantina, principal *crooner* da casa. Com ela viveria momentos inesquecíveis.

De tão desagradáveis.

## 11. O “Diamante Branco”

1945

O bom humor imperava. Com Oscarito e Beatriz Costa a levarem o João Caetano às gargalhadas, a principal atração do começo de 1945 foi a comédia “A cobra tá fumando”, título que remetia ao andamento da guerra. No Teatro Recreio, Walter Pinto apresentava “Maria Gasogênio”, peça estrelada por Dercy Gonçalves. A excêntrica atriz de 37 anos esculachava o drama dos transportes na mesma época em que uma artista completa dava os primeiros passos na carreira. Com apenas quinze anos, a futura Fernanda Montenegro – Arlette na certidão de nascimento – passava no concurso para locutora da Rádio Ministério da Educação e Cultura, na qual desempenharia também as funções de redatora e radioatriz.

A qualidade de vida da cidade era excelente. Apesar de uma má vontade do povo. Uma marchinha dizia: “Cidade que me seduz / de dia falta água / de noite falta luz.” Mas naquele Rio de Janeiro de clima quente e úmido, amenizado pelas brisas, os coeficientes de mortalidade eram menores do que os registrados em países de primeiro mundo. Até que, em janeiro, muita gente quase morreu do coração. No instante em que o “Repórter Esso”, “o primeiro a dar as últimas”, avisou que Leônidas da Silva não defenderia a seleção no 18º Campeonato Sul-Americano de futebol, no Chile.

Curtindo as férias em Buenos Aires, Leônidas não se apresentou na concentração na data marcada. A contusão alegada não convenceu Flávio Costa. Ganhava Heleno uma oportunidade de ouro para provar que o “homem de borracha” não fazia mais falta. Que agora era ele o principal goleador do país.

Enquanto, nos céus da Europa, os pilotos da Força Aérea Brasileira atingiam um depósito bélico nazista, perto de Spezzia, Heleno voava rumo a Porto Alegre (os aviões não realizavam voos diretos para Santiago) com a seleção brasileira. E partia tirando onda. Fazendo questão de se mostrar milionário, embarcou com 32 mil cruzeiros para despesas pessoais. Mais que muitos dirigentes.

Após a escala na capital gaúcha, a delegação, chefiada por João Lyra Filho, seguiu a Buenos Aires, onde os atletas repousaram duas noites antes de atravessar, de trem, a Cordilheira dos Andes. Chegando ao Chile, a seleção se instalou no Hotel Savoy. A paisagem era esplendorosa. O silêncio das montanhas, suas sombras brancas de gelo ao redor, algo de outro mundo. Embora a imensidão desértica parecesse pouco convidativa ao humor dos jogadores.

À primeira vista, aquela pacata serenidade não afligiu Heleno. Resoluto, o atacante entrou no Savoy convencido de que viraria atração no torneio. No hotel, nem demorou. Sua mala era capaz de rivalizar com a de qualquer estrela de Hollywood: .

– Ele levou mais de dez ternos na bagagem. Todos de bom tecido, casimira inglesa – conta o titular Oberdan Catani, goleiro do Palmeiras.

Complementando, Zizinho:

– Eu gozava muito ele com esse negócio, porque não precisávamos disso, no que ele retrucava: “Vocês ficam assim porque meus ternos são feitos pelo mesmo alfaiate do Getúlio Vargas!”

Era verdade. Numa época em que abundavam grandes alfaiates na cidade, como Jota Brum e D’Amato, era com De Cicco, exclusivo do presidente, ministros e afins, que, em casa, Heleno de Freitas pedia o corte e ainda escolhia a fazenda. Linho e tropical, seda e casimira, vinham de fora para Heleno, que em tudo procurava chegar na frente. Sua preferência era por tecidos ingleses. De Cicco moldava seu tropical em padrões sóbrios, escuros e com cortes clássicos, mesmo em modelos esportivos. O que por si só já era novidade: um esportivo-clássico.

Predileto de cidadãos influentes, magnatas da imprensa, da política e das finanças, como Assis Chateaubriand, Benedito Valadares, Arthur da Costa e Silva, Henrique Dodsworth e Walther Moreira Salles, o italiano De Cicco tinha uma tesoura mágica. Cortar terno com ele custava uma nota. Cobrava rios de dinheiro por uma casaca, fortunas pelo smoking, mas isso não era problema para Heleno, sempre pontual nos pagamentos. De Cicco atendia gente famosa. Personalidades, como ele.

No Chile, Heleno logo se tornou bastante popular pela maneira como se vestia. Todas as manhãs, engomadíssimo, caminhava até a recepção do Savoy, em busca de correspondências dos parentes. À porta era o máximo aonde se podia chegar. A concentração era rigorosa: sair do hotel, nem pensar.

Bem que muitos queriam. Em meados de janeiro, com o brusco tremor de terra que houve em Santiago, o ponta-direita Tesourinha se apavorou. Já a imprensa estrangeira se surpreendeu mesmo com a ausência de Leônidas. Perguntavam se o Brasil estava mesmo tão rico a ponto de dispensar o artilheiro do São Paulo. Resposta dada logo na estreia, em 21 de janeiro, quando a seleção meteu 3 × 0 na Colômbia. Heleno deixou sua marca. Aos 13 minutos, Tesourinha deu o passe e, quase caído, o centroavante fuzilou o goleiro Acosta.

No dia seguinte, pequena folga após o almoço. Tendo recebido pela vitória a gratificação de 1.500 pesos da CBD, os jogadores saíram pelas ruas atrás de discos e pulseiras de prata peruanas de recordação. Ao voltar, enquanto seus companheiros se deleitavam com as bugigangas adquiridas, Heleno permaneceu horas no saguão do hotel ouvindo Frank Sinatra e Diana Shore e papeando com amigos jornalistas. Na conversa, soube que a aviação brasileira destruíra uma fábrica de pólvora em Milão e um importante depósito de munições numa região próxima a Brescia. E vibrou com a notícia de que o I Congresso Brasileiro de Escritores, no Rio, fincara o pé em eleições diretas para a presidência da República.

Acostumado com o quarto – e com as moças que circulavam pelo Savoy –, o centroavante rebelou-se assim que o grupo foi transferido para uma solitária mansão na avenida Macul. Inventou uma

contusão no tornozelo. Para mostrar pulso, Flávio Costa de imediato o sacou do time. Quando viu que seu substituto, o corintiano Servílio, participou bem da vitória sobre a Bolívia, Heleno se contorceu, mas pediu perdão.

Como precisava de seu futebol, Flávio Costa deu-lhe nova chance. Teria de matar um leão: a partida era contra a forte seleção uruguaia, do goleiro Maspoli e do valente capitão Obdulio Varela. Na semana do jogo, os dirigentes colaram na concentração cartazes que tinham por objetivo motivar os atletas para a batalha que seria travada em campo. "O segredo das grandes vitórias está na disciplina", mostrava um dos reclames. "Não há glória sem sacrifício", estampava outro. A estratégia deu certo. Contra os uruguaios, show de bola brasileiro. Com dois gols de Heleno, irrepreensíveis 3 × 0. O mítico ataque, escalado pela primeira vez naquele dia 7 de fevereiro, apresentou Tesourinha, Zizinho, Heleno de Freitas, Jair Rosa Pinto e Ademir Menezes. A plateia andina deixou o estádio encantada.

Na tarde seguinte, a Rádio Mayrink Veiga irradiou um programa só de mensagens destinadas aos jogadores que, ao vivo, escutavam seus familiares e podiam, pela rádio, trocar saudades com eles. O ambiente estava ótimo. Heleno e Domingos da Guia pediram licença a João Lyra Filho e, obtendo-a, comemoraram a vitória com uma taça de champanhe.

Os jornais do Chile se perdiam em elogios ao talento de Heleno, enaltecendo seu estilo, suas jogadas de calcanhar, sua volúpia de ganhar. A fama da estrela ajudou a levar 60 mil pessoas ao Estádio Nacional no dia 14 de fevereiro. No entanto, mesmo fazendo um gol de cabeça, em novo levantamento de Tesourinha, Heleno não impediu a derrota para a Argentina de Méndez, Pontoni e Losteau, 3 × 1, num jogo em que o árbitro Nobel Valentini se mostrou muito rigoroso com o Brasil.

– Morri quando o apito de Valentini deu fim ao jogo. Tanta era nossa supremacia que nunca perdi a esperança do triunfo, senão diante da fatalidade do jogo acabado – sintetizou Heleno.

Não seria ousadia dizer que o Brasil esteve melhor do que o rival:

– Teve um lance no jogo em que cruzaram a bola, o Tesourinha a cabeceou, ela bateu na trave e voltou, o Heleno, que vinha chegando, emendou de primeira e ela bateu novamente na trave, voltando e passando por cima dele – lamentou Zizinho.<sup>1</sup>

Por causa de Heleno, que, devido à má qualidade da comida, só se alimentava de frutas, no dia 15 de fevereiro a CBD enviou ao Chile um cozinheiro brasileiro. Bastou ver feijão, carne-seca, sopa de legumes, bife à francesa, tomates recheados, melão e queijo na mesa para que o jogador chutasse a greve de fome para escanteio. Até então isolado e fumando muito, tornou-se mais sociável. Quando jogava pif-paf com alguns companheiros, sempre a valer, não havia ninguém mais tranquilo e disposto a aceitar a derrota do que ele. Na hora de honrar a dívida, chegava a confundir o parceiro:

– Queres em quê? Cruzeiro, libra, dólar ou peso?

Tinha no bolso moedas de vários países, seu maior hobby.

O jogo com a Argentina aconteceu num domingo de Carnaval no Brasil. Para não atçar as saudades, nenhuma marchinha tocou na concentração naquele dia. E também por respeito ao atacante Ademir, que havia acabado de perder a mãe.

Em vez de dividir, a derrota para os rivais uniu ainda mais o grupo. Os atletas firmaram um compromisso bacana. Diariamente um deles se responsabilizaria por arrumar a mesa, trazer a comida, essas coisas. Ninguém nunca reclamou. E apenas Heleno se recusou a cooperar, afinal de contas, se sentia diferente. Filas de chilenos – e, claro, chilenas – o cercavam ansiosos por um autógrafo. Até inventaram, numa coluna vespertina, que se casaria com uma menina local, que apenas ganhara, após duas semanas de insistência, uma foto sua.

A volta por cima veio no jogo seguinte. No dia em que as tropas brasileiras se colocaram em posição de combate, com os três regimentos da divisão prontos para convergir mais uma vez na direção de Monte Castelo, os pupilos de Flávio Costa meteram 9 × 2 no Equador – até então a maior goleada da história da seleção brasileira. Heleno marcou duas vezes, dando também um para

Zizinho, um para Jair e, para o ponta-esquerda Jorginho, dando um gol e a barração. Como se recordaria Jair Rosa Pinto:

– Nesse jogo o Heleno implicou o tempo todo com o Jorginho, que era menor de idade. O Jorginho tinha saído daqui titular. Heleno enchia muito o saco dele. Ficava falando que ele jogava num time de merda, que o América não tinha camisa, essas coisas. O Jorginho foi se aborrecendo, num dado momento começou a chorar e, no vestiário, quebrou uma garrafa e partiu pra cima dele; a gente o segurou. O Flávio Costa sacou o Jorginho; tinha uma queda fantástica pelo Heleno. O Jorginho nunca mais jogou no time. E o Ademir ficou com a ponta esquerda.

Embora Zizinho tenha dito ao longo da vida que jamais se atritara com Heleno, Jair Rosa Pinto quebraria o mito de que o atacante, com a camisa da seleção, era dócil, disciplinado:

– Quando tomávamos café ele era nosso amigo. Mas botava o uniforme e entrava em campo, se transtornava, ficava diferente. Passavam vinte minutos e não tinha feito gol, como contra o Equador, se alucinava. Cheio de banca, chegava pra mim e pro Zizinho e dizia: “Como é que eu vou fazer gol com essas meias que eu tenho aqui, que não me passam a bola?” Caramba, queria meias melhores que a gente? O goleiro Medina, baixinho mas muito ágil, falava para ele que não meteria gol nenhum, aí ele descontava na gente. Quando fez o primeiro se acalmou; acabou fazendo outro. Mas não nos pediu desculpas depois.

Pedir desculpas era um suplício para Heleno. Afinal, considerava-se melhor do que os companheiros. Na concentração, era capaz de bater papo horas a fio com jornalistas e dirigentes sobre literatura, política, música, pintura; dominava qualquer assunto. Chamava a atenção também pelo modo como se portava à mesa. Pernas elegantemente cruzadas, sapatos importados, um cigarro atrás do outro, não tinha jeito, Heleno de Freitas acabava sempre sendo tratado de forma especial.

No dia 25 de fevereiro de 1945, Leão Gracie, o embaixador do Brasil no Chile, reuniu a delegação pátria numa deliciosa feijoada, servida

sem uma única gota de bebida alcoólica. Na ocasião, gentis senhoritas brasileiras que residiam em Santiago se vestiram da melhor forma para conhecer Heleno de Freitas. Muitas lhe pediram um gol de recordação. Heleno prometeu cumprir, não por elas, mas por si próprio. Afinal, a histórica cipoada sobre o Equador não obtivera a repercussão que merecia, por conta da tomada de Monte Castelo, a mais importante vitória brasileira na guerra. Heleno sabia, teria de acabar com os donos da casa para ser recebido no Brasil como herói.

Em 28 de fevereiro, mais de 80 mil pessoas superlotavam o Estádio Nacional de Santiago. O Brasil, de camisas e calções brancos, enfrentava o Chile no que deveria ser a decisão do Sul-Americano. Não foi porque, na preliminar, os argentinos venceram o Uruguai, tornando-se campeões. Contudo, a massa encarou a decisão do vice como se fosse a grande final. Pela falta de alambrados no estádio, constantes invasões atrasaram a entrada em campo dos esportes. Na hora em que surgiram, o interminável foguetório serviu de estímulo para o centroavante brasileiro, àquela altura o grande nome do torneio.

O Brasil entrou com Oberdan, Domingos e Nílton Canegal; Biguá, Rui e Alfredo dos Santos; Tesourinha, Zizinho, Heleno, Jair e Ademir. Aos 18 minutos, Heleno tocou na esquerda para Jair, que preparou para Ademir. O atacante pernambucano do Vasco centrou da canhota para o meio da área, e Heleno testou firme para as redes. Estava selada a vitória brasileira. Era a consagração de Heleno de Freitas, artilheiro do campeonato. O goleador atingira seu ápice durante a competição; foram suas mais destacadas apresentações em toda a carreira. A torcida da casa o aplaudiu de pé quando ele deixou o campo, acenando lenços brancos. Uma cena de arrepiar qualquer mortal. Menos Heleno:

– A falta do título constitui decepção para mim. Nós merecíamos  
– resmungou, ao sair do estádio.

Analisando a competição para um jornal carioca, Heleno economizou. René Pontoni, prestigiado atacante do San Lorenzo, foi

o centroavante que mais o impressionou. Sobre Norberto "Tucho" Méndez, o carrasco brasileiro na competição:

– É igual a tantos outros.

"Os que esperavam ver em Santiago Leônidas viram um jogador impressionante, que chegou a ofuscar o prestígio de um Pontoni, da equipe argentina, terminando por merecer a classificação de centroavante número 1 do campeonato", estampava o *Sport Ilustrado*, referindo-se a Heleno.

Diria Ademir Menezes:

– Heleno jogou no Chile como poucas vezes vi alguém jogar.

Terror das defesas, valente e audacioso, entregava-se às disputas, invadia áreas sem temer chuteiras desleais, vibrava com o jogo. Críticos de toda a América o elegeram o mais completo centroavante do continente. Ao desembarcar no Brasil, uma banda militar tocava suas músicas prediletas. Em meio a abraços e gritos de torcedores, um repórter do *Jornal dos Sports* o indagou:

– Houve exageros na concentração, Heleno?

– Estou com medo desta pergunta! – sorriu.

Mas respondeu:

– A concentração em Macul, tão severa, tão claustral, prejudicou-me um pouco. Fora isso saiu tudo perfeito, ou quase. Vivemos em família, comandados por duas figuras extraordinárias: o doutor Lyra Filho e o Flávio Costa.

Ary Barroso, o "locutor da gaitinha", aproveitou a data para batizá-lo como o "Diamante Branco". Nas ruas, um cordel tomou a boca do povo:

*Nascido em São João Nepomuceno*

*Lá viveu com seus pais*

*Esse Heleno de Freitas*

*Que deixou Leônidas para trás*

Os elogios não pararam por aí. Até hoje há quem afirme que Tesourinha, Zizinho, Heleno, Jair e Ademir formaram o maior ataque da história do futebol nacional.

Por seu desempenho no Sul-Americano, Heleno de Freitas se projetou em âmbito internacional. Revistas lhe deram espaços ilustrados; jornais, manchetes gloriosas. O jogador foi sondado por agentes do argentino Newell's Old Boys, que ofertaram ao Botafogo 150 mil cruzeiros por seus gols. No entanto, o jogador não demonstrava vontade de deixar o país:

– O futuro a Deus pertence. Meu sentimento me sugere sempre o dever de prestar ao Brasil todo o serviço de que seja capaz, e me anima não trocar amigos velhos por novos. Será quase impossível a minha saída do Brasil, pois seria duplamente ferido o meu coração: além de brasileiro, ele é botafoguense.

Com declarações feitas dessa, ganhava ainda mais sua torcida. Automaticamente renovado o contrato com o Alvinegro, desta vez por dois anos, o centroavante passou a receber 1.200 cruzeiros, o teto do clube, fora 90 mil cruzeiros de luvas, e rechaçou uma suculenta proposta do Corinthians. Para auxiliá-lo na tarefa de enfim dar um título aos torcedores, contaria agora, em 1945, com o mineiro Gerson dos Santos, do Cruzeiro,<sup>2</sup> o amigo Tim e o ponta de lança Octavio Sérgio da Costa Moraes, o Otávio, que se profissionalizara após a conquista do tricampeonato carioca amador pelo Botafogo.

Três anos mais jovem que Heleno, Otávio era uma das grandes promessas da base alvinegra. Paraense de Belém, neto de índios mundurucus, foi criado por uma família fervorosamente católica que chegou ao Rio em 1931, morando de início no bairro do Flamengo. Aos oito anos, o menino já chutava bola na areia da praia. Mais cedo que o normal, participava das famosas "linhas de passe", atuando ao lado do pai, Genaro, e de seus amigos mais velhos. Preocupado com o interesse desmedido do adolescente pelo esporte, Genaro – que era gerente de banco, mas sempre quis ver o herdeiro de fardão azul, como oficial da marinha – dispôs-se a colocá-lo num internato, para que o filho não pensasse em futebol o dia inteiro. Matriculado no Salesiano Santa Rosa, em Niterói, aos quinze anos Otávio se mudou para o Santo Antonio Maria Zacaria, no Catete. Mesmo inclinado a levar os estudos a sério, no colégio, bastava ouvir

barulho de bola no pátio para desejar o fim da aula. À frente dos colegas em matéria de habilidade, desenvolveu ali seu futebol moleque, driblando as árvores prostradas em cantos estratégicos do campo. Logo entrava no juvenil do Fluminense, aceitando um convite do clube. Por sinal, frequentava Álvaro Chaves desde os doze anos, como escoteiro.

Centroavante magro e raçudo, Otávio sonhava ser como o artilheiro Alfredinho. Apaixonado por fazer gols de letra, recebia muitos conselhos de Carlomagno, treinador dos profissionais tricolores. Aos dezessete anos, em 1940, foi promovido a amador. Mas seu destino seria trilhado longe das Laranjeiras. Seduzido por uma proposta irrecusável de Kanela, que montava uma imbatível equipe de amadores, Otávio se transferiu de supetão para o Botafogo. Moreno de cabelos lisos, brincalhão e bom conversador, estreou nos profissionais em 11 de julho de 1943, na derrota de 3 × 2 para o São Cristóvão, em Figueira de Melo. No ano seguinte se profissionalizou para, com a chegada de Bengala, ganhar a vaga de titular. Não no comando do ataque, mas na meia. Seria desperdício prescindir de seu talento, deixá-lo não se sabe quanto tempo a disputar a posição de Heleno de Freitas.

Fora a intimidade com a bola, em 1945 Otávio estudava arquitetura no Museu de Belas-Artes. Universitário como Heleno, nunca escondeu que se espelhava na estrela alvinegra. Motivo de orgulho, dele foi um dos melhores amigos no meio. Ao lado do bom de bola Tim e do arquimilionário Ermelino Matarazzo.

Herdeiro do conde Francesco Matarazzo, gigantesco industrial do começo de século e maior fortuna do país na época, acima até dos Guinle, Ermelino se irritava com os maldosos comentários de que jogava no Botafogo por pistolão. Bom goleiro, esforçado, fazia o diabo para provar o contrário, dedicava-se como qualquer outro, mais até, embora saía técnico, entrava técnico, ninguém o escalava. Por quase sete anos foi o terceiro goleiro do clube – isso no melhor de sua forma. Brilhava mais na concentração, jogando 21 ou sete e meio. Engraçado como dinheiro puxa dinheiro: em geral era

Ermelino quem faturava em cima dos outros. Dos que não tinham muito e também do próprio Heleno.

O defeito de Heleno, que destruía na sinuca e no pingue-pongue, era ser “bailarino” nas cartas: dançava o tempo todo. Ia com qualquer jogo, não tinha paciência. Os parceiros sabiam que estava sem nada na mão, mesmo assim ele arriscava, queria jogo. Não importava perder ou ganhar, o barato era jogar. No pôquer, apostando sem cobertura, quebrava a cara, mas, sendo a sua vez, não gostava de passar. De jogadores a cartolas, todos adoravam enfrentá-lo numa mesa.

– Vai, De Freitas! – mandavam, enquanto Tim tentava demovê-lo de perder dinheiro:

– Não vai, não, De Freitas! Estou vendo na tua cara que estás na pior. Todo mundo sabe. Mesmo que compres umas cinco cartas, vais levar um caldo sem tamanho... Pode passar, vai. Passa, vai, passa! – impacientava-se.

– Não, senhor – encerrava Heleno, com prepotência. – Estão pensando o quê? Que eu sou otário?

Bico fechado na mesa. Se alguém respondesse com sinceridade, Heleno era capaz de arremessá-la pelos ares.

Aliando-se na luta contra o nazifascismo, o Brasil restabelecera relações diplomáticas com a União Soviética. Fato extremamente positivo, que rendeu elogios até do líder do PCB, Luís Carlos Prestes, a Getúlio Vargas. Por ironia, o mesmo que enviara sua mulher, a revolucionária Olga Benário, grávida, de bandeja, para as desumanas tropas da Gestapo, polícia secreta nazista.

Caminhando para a vitória final na Itália, os pracinhas tomaram Montese em 14 de abril. Uma semana depois os soviéticos entravam em Berlim, o que forçou Adolf Hitler a se matar na noite do dia 30, para estragar o inenarrável prazer que teriam se o capturassem. Dois dias antes, os brasileiros haviam aprisionado uma divisão alemã inteirinha, a 148ª, inclusive todo o seu estado-maior. Enquanto isso, na região do lago de Como, Benito Mussolini caía nas mãos dos *partigiani*,<sup>3</sup> que o executariam a sangue-frio.

No segundo dia de maio, os Aliados aceitaram a rendição de todas as forças alemãs na Itália. A Alemanha havia perdido no país mais de 86 mil homens. Sem mais razão para continuar, os alemães, no dia 8 de maio, renderam-se de forma incondicional. Depois da desistência da Itália, fim de linha também para eles.

Pressionado pela opinião pública, Vargas anistiou os presos políticos do Estado Novo. O comunista Luís Carlos Prestes, livre após nove anos, juntou 100 mil pessoas num comício em São Januário. Dez dias antes, porém, em 13 de maio, uma gigantesca massa de torcedores de todos os times do Rio correu para o campo do Vasco por outro motivo. Não dava para perder a volta do internacional Heleno à cidade.

Em jogo contra o Madureira, válido pelo Municipal, a vitória do Botafogo eram favas contadas. No entanto, no auge da glória, o centroavante, que havia pouco brilhara no Sul-Americano, frustrou milhares de admiradores com uma reestreia melancólica.

## 12. O “Clube dos Cafajestes”

1945

As reportagens de futebol eram diferentes naquele tempo. Não havia problema de espaço nos jornais. Às vezes o resultado aparecia, quando muito, escondido no pé da matéria. O leitor era obrigado a ler a história inteira, passo a passo, para descobrir o placar do *match* da tarde ou noite anterior. Preocupados com a estética, os jornalistas teciam verdadeiros romances nas crônicas dos jogos. Alguns, como Geraldo Romualdo da Silva, do *Jornal dos Sports*, e Ricardo Serran, de *O Globo*, tinham textos brilhantes.

Também eram de cinema as transmissões de rádio. Amplificadores enormes, que precisavam ser carregados em pesadas malas por, no mínimo, duas pessoas, chegavam ao local das partidas cerca de uma hora antes do início do jogo. Táxis levavam os repórteres e fotógrafos a campo. Estes, de paletó e gravata. Ainda não se reservavam roupas esportivas para eventos esportivos.

Em cada estádio havia um lugar específico para acomodar os *speakers*. Em General Severiano, os locutores se ajeitavam em cabines colocadas entre as duas torres, na pista, tendo uma visão diagonal, quase que do *corner*. Na Gávea, também ao nível do campo, havia uma espécie de cabine coletiva na lateral próxima à arquibancada, onde todos se amontoavam para poder fazer o jogo. Nas Laranjeiras, os *speakers* subiam em cadeiras de tênis. Lá do alto, inseguros mas com visão privilegiada, narravam os confrontos. Já em São Januário, era das sociais, onde se sentam hoje os sócios proprietários, que se realizavam as transmissões.

Para aquele Botafogo e Madureira, cuja maior atração era o retorno de Heleno aos estádios do Brasil, estavam no campo do

Vasco, preparados, os radialistas Oduvaldo Cozzi e Gagliano Neto. Cozzi era conhecido por suas indefectíveis freadas:

– Im-pe-di-do! – mandava assim que o bandeira acionasse seu instrumento de trabalho.

– Pu-niu o juiz! – se acontecesse alguma falta desleal.

Cozzi criava também expressões que caíam no gosto popular, como “tapete verde” e “patina na jogada”. Muita gente que o escutava incorporava seu vocabulário nas rodas de conversa. Em menos de um mês, virava verbete.

Gagliano Neto, por sua vez, era impecável quando abria as transmissões. Tinha sempre na ponta da língua frases bem-elaboradas:

– Céu totalmente azul nesta tarde em São Januário...

E foi exatamente desta forma que o locutor se comunicou com o público pela primeira vez naquele dia 13 de maio, momentos antes de o Botafogo partir em trote do vestiário. O humor dos torcedores é que nublarla.

Jogadores no gramado a cumprimentar as sociais, faz-se o coro uno e eufórico:

– Heleno! Heleno! Heleno!

Era o ídolo, sabia disso. Vaidosíssimo, o atacante caminhou até a mesa do árbitro para assinar a súmula. Simpático, aproximou-se do temido Mário Vianna com um presente às mãos: uma coleção completa de tangos de Carlos Gardel, trazida de Buenos Aires, última parada depois do Chile e antes do Brasil.

O juizão se derreteu:

– Ora, Heleno, não precisava ter se incomodado! Só você mesmo para uma gentileza como essa... Muito obrigado, de coração!

Começado o jogo, porém, na primeira bola lançada Vianna apitou o impedimento claro do comandante do ataque. Na segunda, a mesma coisa. Heleno cochichou com Otávio:

– Sapo, este juiz maluco está me perseguindo. Não quer que eu pegue na bola. Cuidado quando me lançar; a coisa está feia para

mim...

O parceiro não deu a mínima e esticou outra para ele, mas Heleno de novo partiu antes. Ao ouvir o apito, enlouqueceu. Abrindo os braços, gritou para Vianna, num flagrante desrespeito:

– O que é que há, ô palhaço? Tá a fim de me prejudicar?

Não correra quinze minutos de jogo e era expulso.

Mário Vianna passou a vida inteira tecendo elogios a Heleno, uma grande figura fora do campo. Dentro, infelizmente, não pôde conhecê-lo melhor. Era sempre obrigado a expulsá-lo.

Heleno comprovou outras vezes a pecha de mais polêmico jogador da América. Em junho, inconsequente, chutou a bola em um torcedor, na derrota para o Vasco. Semanas depois, numa partida cheia de incidentes contra o América, em São Januário, foi expulso ao lado de outros seis: seus companheiros Tim e Spinelli e mais quatro atletas rubros – dentre eles seu desafeto Jorginho e o jovem Danilo Alvim, que viria a ser craque do Vasco e da seleção.

– Comecei como coringa do Heleno – esclarece Otávio. – Tínhamos de estar preparados para jogar sem ele, porque em todos os jogos ele fazia um teatro qualquer.

Apesar de tudo, o estilista homem-gol valia o ingresso. Tratava a bola com delicadeza. Corpo ereto, cabeça erguida a procurar o parceiro mais bem-colocado, segundo o beque Gerson dos Santos, jogador como ele jamais existiu:

– Era perfeito nas cabeçadas e habilidoso com a bola nos pés. Seus passes eram precisos, verdadeiras obras de arte. Só tivemos um desentendimento. A partida estava difícil, falhei numa jogada e ele me advertiu. Discutimos muito. Mas sabia que Heleno não gostava de perder. E que não admitia erros grosseiros. Ele fazia os passes perfeitos e exigia que a bola lhe fosse assim também passada.<sup>1</sup>

Em casa, Dona Miquita pedia a Heleno que tentasse se conter pelo menos com os companheiros de time. O filho retrucava:

– Não, mamãe! Eles recebem salários e têm de fazer o melhor pela camisa que defendem.

Capaz de lançar com a cabeça do centro do gramado para qualquer dos flancos, achando coisa menor fazer gol de bico, Heleno era sempre perdoado por companheiros, torcedores e diretores. Até porque, acabado o jogo, se esquecia do que aprontara e era capaz de gentilezas que desarmavam.

Uma vez, Adhemar Bebiano saía de General Severiano olhando em volta à procura de um carro. O belo Dodge, novo xodó de Heleno, se aproximou.

– Para onde o doutor deseja ir? – perguntou Heleno. – Para Copacabana? Entre. Te levo até lá.

Assim era Heleno: educadíssimo, quando queria. Como assegura Otávio:

– Fora de campo, tinha maneiras de um lorde. Era cordial, gentil, uma beleza de rapaz, elegante e com uma estampa muito boa. Fazia sucesso em qualquer roda, sempre causando muito impacto, por seus gestos, sua conversa.

Na hora da preleção, antes dos jogos do Botafogo, o ex-presidente Eduardo Trindade costumava se reunir com os atletas no vestiário para, com palavras fortes, incentivá-los. Com Heleno, porém, falava depois, de maneira comedida, num canto:

– Você, Heleno, que é de condição social superior...

As orelhas de Negrinhão ardiam, Ivan trincava os dentes, Ary baixava a cabeça. Chegava em campo, Heleno corria como qualquer outro e jogava mais que todos. Fim de jogo, chegada a hora da recompensa, aparecia alinhadíssimo, pronto para sair, cheio de pressa.

Não engomava demais o panamá, mas o laço da gravata era bem dado, colarinho duro, alto, gola do paletó baixa. Sua elegância estava também naquela atitude de despreocupação. Apesar da testa um pouco franzida nos momentos em que falava, sempre com ar de enfado, aborrecido, como que a não achar graça em nada.

Estabilizado como ídolo internacional, mais do que nunca Heleno de Freitas seguiu marcando presença nas altas rodas cariocas. Sucesso,

vida de príncipe, de dia batia ponto na piscina do Copacabana Palace. À noite, girava o circuito dos cassinos.

– Todas as figuras da sociedade carioca frequentavam o badalado Cassino da Urca – salienta o economista Mário Saladini. – Na década de 1940 o Rio era uma cidade alegre, com cassinos abertos e o dinheiro rolando solto.

Heleno foi apresentado à elite do jogo por Mauro de Freitas, seu primo diplomata, filho de seu tio Lincoln. Por intermédio dele conheceu Benjamim Vargas, irmão de Getúlio, homem forte do regime. “Bejo” Vargas e Heleno se cumprimentavam cordialmente, embora o primeiro fosse por demais truculento. Certas vezes ordenava a interrupção da música ambiente do Cassino da Urca para que tratasse de “importantes assuntos políticos” com seus correligionários. Revólver na cinta, era capaz de dar tiros para o alto, se revoltado com perdas sucessivas nas mesas de jogo. O terror era constante, já que apostava de forma compulsiva.

Avessos ou não a futebol, Heleno se enturmava com políticos, banqueiros, empresários e intelectuais em voga, mas repudiava desconhecidos. Selecionava parceiros, não se sentava à mesa de qualquer um, muito menos permitia que alguém bancasse o bicão à sua custa. Odiava o chato e o burro. E adorava os que levavam a vida como ele: intensamente.

Foi nessa época, no auge de sua popularidade, que Heleno de Freitas se “associou” ao mítico e profano “Clube dos Cafajestes”, a mais famosa instituição da boemia carioca. Jovens alegres, mulherengos, bons de copo, criativos e brigões, quase todos políglotas e com nível superior, que tinham como quartel-general o ambiente “florido” do restaurante Alvear, na avenida Atlântica, onde hoje fica o Arab, ao lado do Manoel & Joaquim. Os “cafajestes” estremeciam as noites com as mais disputadas festas do Rio. Onde, nos salões, champanhe e uísque transbordavam em taças, enquanto, nas alcovas, as mais deslumbrantes mulheres da sociedade eram desvirginadas com alegria.

– Usávamos este título, mas não tínhamos nada de cafajestes! Estávamos, sim, cinquenta anos adiantados em relação aos outros

homens – afirma Mário Saladini, presidente do “Clube”.

A origem do apelido? O grupo achava ridículo o comportamento de certas pessoas que queriam se passar por melhores do que realmente eram, ostentar uma vida que talvez nem pudessem levar. Sempre que possível, a turma assustava, ou mesmo humilhava, esses farsantes. Nessa época, numa das vezes em que entraram numa boate, alguém soltou:

– Lá vêm aqueles cafajestes...

A turma gostou. Desde então, achando um barato o título, ele foi adotado.

Heleno, no entanto, não batia ponto no “Clube dos Cafajestes”. Aparecia de vez em quando, se pudesse ou estivesse a fim. O Rio de Janeiro era mais provinciano; quando queriam, todos se encontravam nos lugares de sempre.

Foi o “cafajeste” Sérgio Porto quem apresentou Heleno aos demais da turma. Nomes como o milionário Mariozinho de Oliveira, o compositor Paulo Soledade, o futuro homem de cinema Carlinhos Niemeyer. E aquele que viria a ser, indiscutivelmente, o seu melhor amigo: o comandante Edu.

Carlinhos Niemeyer servira à Força Aérea Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial. Estagiando como piloto de caça nos Estados Unidos, em 1945 viajou a Hollywood para dar uma namoradina em Carmen Miranda, e na volta, com o fim da guerra, entrou para a aviação civil. Então conheceu a sua alma gêmea: o irreverente Eduardo Henrique Martins de Oliveira.

Louro, jovem, corajoso e galante, Edu era um conceituado piloto da Panair do Brasil. Cativava todos pela simpatia, personalidade forte e a alegria de viver. Na praia, praticava tudo quanto era esporte e sua valentia muitas vezes era encarada como “folga”. Numa das brigas em que se meteu, ao desafiar o comissário pernambucano Padilha, levou um tiro na perna, na esquina da avenida Atlântica com a Rodolfo Dantas. Antes do episódio, Edu jogava de *half*-esquerdo na areia. Dentro e fora de campo, Heleno tinha profunda admiração por ele. Como narra Mariozinho de Oliveira:

– Certa vez, estava em casa com uma ex-namorada do Edu. Ela estava com raiva dele, ofereci uma bebida a ela e ficamos numa ótima, se é que você me entende. O Heleno soube, não vi problema, ele era meu amigo. De repente ouço uma barulheira na porta. Era o Edu:

– Abre isso aí, seu filho de uma puta!

– Escondi a garota no tanque de lavar roupa, botando umas garrafas por cima. Quando abri a porta, o Edu entrou com o Heleno a tiracolo, gritando: “Onde está aquela vadia?!” O Edu procurou por ela a casa toda – atrás da cortina, debaixo da cama, dentro dos armários – e o Heleno atrás dele feito guarda-costas. Quando o Edu já estava indo embora, o Heleno lembrou: “Faltou dentro do tanque!” Para quê? O Edu tirou as garrafas, ela apareceu e foi brabo. Ele veio me pagar o maior esporro, “nunca pensei que logo você...”, aquele discurso furado. E o Heleno: “Estás vendo como sou teu amigo, Edu? Que amigo de merda esse aí que você tem!” Cara, eu podia ter levado um tiro por causa do danado do Heleno! – sorri, hoje, Mariozinho.

Como qualquer “cafajeste”, Heleno era chique, cheio da grana, tinha um conversível na garagem, fascinava as mulheres. Era arrasador nos dois sentidos. Sua favorita, Diamantina, por exemplo, uma loura escultural que ganhava a vida no Cassino Atlântico como *crooner* da orquestra do maestro Fon-Fon, sofria horrores com ele.

Cintura fina, pernas de fora em saias que lhe realçavam as curvas, seios fartos, Diamantina era uma mulher e tanto. No começo, perdera a conta de quantos ramalhetes seu camarim ganhou de Heleno. Conheceu o craque por intermédio de sua amiga Zita. Bailarina do Municipal, Zita, à época, namorava Pirica, e com a dupla botafoguense dividia uma mesa no cassino. Faltava alguém para acompanhar Heleno. Seria Diamantina. No entanto, o que começou como um conto de fadas, com o passar do tempo, foi virando pesadelo.

Não foram poucas as vezes em que, ciumento, depois de uma apresentação em que julgou tê-la visto piscar olhos para os

milionários da fileira da frente, Heleno invadiu seu camarim metralhando-a com palavras ásperas. Mesmo que fosse ele quem merecesse ouvir sermões. Inconstante, infiel e, o pior, extremamente desejado, Heleno às vezes se esquecia do nome de uma ou outra com quem acordava ao lado. Levando uma vida glamourosa, mas promíscua, não é exagero sugerir que a doença tomou conhecimento de sua existência por volta dessa época.

A primeira esposa de Otávio foi conquistada graças ao parceiro de ataque. Quando o show de Diamantina começava no Atlântico, Heleno se jogava de fininho para o Cassino da Urca. Galinha, fora as que se deitavam com ele, namorava tanto Diamantina quanto Olga Mendes de Oliveira.

Também loura, mais alta do que a rival, cabelos até os ombros, olhos castanhos, cintura de violão e pernas grossas, Olga era tão bonita de rosto quanto de corpo. Uma mulher interessantíssima. E fogosa. Descendo as escadas do palco com penugens multicoloridas por sobre os ombros, cheia de charme, caras e bocas, era das mais cobiçadas dançarinas da Urca.

– A Olga não sabia da “oficial” – recorda Otávio. – Mas nós, jogadores, sabíamos. Diamantina tinha um ciúme bárbaro do Heleno. Uma vez foi dar uma incerta na Urca: estávamos eu, Tim e Pirillo no *grill*, e ela deu o flagra no Heleno com a Olga. Foi uma merda! Pior que ele fez o maior papelão. Foi-se embora com a Diamantina e deixou a pobre da Olga sozinha. Coitada, ela nem sabia... Ficamos consolando a moça e, claro, do seu lado. Afinal, o Heleno era rei em fazer sacanagens desse tipo.

Otávio acabou namorando Olga. Semanas depois, informado por Pirica, Heleno, num treino, o chamou num canto para acertar os ponteiros:

– Qual é, rapaz, está namorando a minha namorada?

– Que tua namorada, cara? Fez um papelão ridículo e ainda diz que ela é sua namorada? Ela foi tua namorada. Agora é minha.

Só se separaram em 1954.

Em julho, regressavam ao Rio as primeiras tropas brasileiras que haviam lutado na Itália. Com a chegada do *General Meyghs* ao cais do porto, um mundo de bandeiras, confetes e serpentinas explodiu nas ruas do Distrito Federal. O povo se manifestou com entusiasmo na acolhida aos pracinhas, que, ovacionados, desfilaram pela cidade. As comemorações renderam dois dias de bailes no Copacabana Palace e no Country Club. Acompanhado dos "cafajestes", Heleno se esbaldou de lança-perfume naquele Carnaval fora de época.

Mas o Japão permanecia em guerra e, com isso, o planeta vivia o temor da ameaça nuclear. Os Estados Unidos, depois de Hiroshima, mostravam seu poderio lançando uma segunda bomba atômica, que exterminou a também japonesa Nagasaki. Três dias depois, em 12 de agosto, Vasco e Botafogo faziam, em São Januário, uma partida não tão explosiva quanto o contexto da época, mas a seu modo lembrando guerra.

A violência imperou desde o primeiro apito. Guilherme Gomes ouviu todos os impropérios do mundo de Heleno, que, longe das vistas do árbitro, cuspiu no rosto do zagueiro Sampaio ao fim da peleja. O atacante reclamou de violência os noventa minutos, mas Gomes não lhe deu a mínima. Carimbado na lista negra dos juízes, não mais tinha créditos com a arbitragem.

Ao contrário de Geninho, que tinha crédito com o país inteiro. Na bela manhã de 22 de agosto, o meia reaparecia triunfante, junto ao segundo escalão da FEB. Assim que o "Mariposa" atracou no porto, lanchas e canoas acenaram flâmulas e bandeiras para o navio, enquanto barcos saudavam com entusiasmo os bravos heróis. O nome de Ary Barroso, presente ao evento, no entanto, foi o mais gritado pelos fãs. Mesmo assim, o compositor não se deu ao luxo de sequer acenar para a sua "torcida". Estava doido para rever Perácio, craque do seu querido Flamengo.

Mas o primeiro a dar as caras foi o botafoguense Walter, redondo, embora menos que Perácio – que apareceria inchado, com quase seis quilos a mais. No momento em que o diretor alvinegro Luiz Aranha gritou "Lá está o Geninho! É ele, é ele!", *flashes* partiram de todos os lados. Assim que localizou o dirigente, o atleta

mineiro não coube em si de satisfação. Pudera. Estava novamente em casa, são e salvo. Naqueles sete meses e dezenove dias de ação na Itália, o país chorara a morte de 430 pracinhas e treze oficiais, sendo oito da FAB.

Dever cumprido, Geninho tinha consciência do quanto colaborara para a vitória. Sua missão não foi lutar na linha de frente, mas manter elevado o moral da tropa; contribuir para que o espírito de luta e o bom humor não se esvaíssem entre os homens. Extremamente disciplinado, subordinado ao general Mark Clark, do 5º Exército, embora as tarefas no *front* variassem de acordo com as necessidades e determinações do comandante, o que Geninho pegou de mais "pesado" foi a responsabilidade pelo transporte do comando oficial. Ele e Perácio, os motoristas do C.O. Apenas a partir do dia 2 de maio de 1945, quando houve o cessar-fogo, de simples soldado Geninho se transformou em destaque da corporação. Jogando bola.

A pedido dos italianos, ávidos por futebol, foi organizado um combinado de brasileiros, que se exibiu por diversas cidades. Colhendo calorosos aplausos, além de Geninho, Perácio e Bidon tornaram-se bastante populares no país da bota.

Depois de golearem um time de ingleses por 6 × 2, visando o equilíbrio, os britânicos propuseram a disputa de um "campeonato do Mediterrâneo". E quem ajudou na montagem do time do 5º Exército, formado basicamente por brasileiros e britânicos? Ninguém menos que Giuseppe Meazza. Que, ao lado dos Aliados naqueles meses, firmou sincera amizade com Geninho.

Aos 34 anos, Meazza, principal atacante da Itália bicampeã mundial em 1934 e 1938, defendia o Varese quando se conflagrou a guerra. Ele, que daria o nome ao Estádio San Siro, em Milão, já era uma lenda do futebol. Maior ídolo da Internazionale, defendera a equipe desde quando esta se chamava Ambrosiana. Empolgado pela amizade estabelecida durante o rico convívio com Meazza, Geninho chegou a convidá-lo para se mudar para o Brasil. Queria a lenda viva atuando a seu lado, no Glorioso.

Instituído o torneio, os atletas aliados se prepararam em Florença. Treinaram uma única vez, num estádio fechado, e nos dias seguintes jogaram o campeonato, levando um quê de alegria aos sofridos civis italianos, fanáticos pelo esporte. Desconhece-se quem faturou o torneio; pouco importa, o espírito não era para mais competição. Sabe-se, porém, que nas quartas-de-final do "Allied Soccer Championship", dia 5 de maio de 1945, o time do 5º Exército entrou em campo com Gooch, Howshall e Shaw; Clarke, Fields e Coller; Furness, Geninho, Bidon, Perácio e Walter. A equipe venceu o 2º Distrito por 4 × 0, três gols de Bidon e um de Geninho. Explica-se aí a popularidade de Bidon.

Antes de retornar ao Brasil, Geninho não defendeu apenas o time do 5º Exército. Esteve a serviço de outras "frentes" também. Assim, manteve-se bem-condicionado. Foi, sem dúvida, o boieiro mais valorizado dos campos, arrasados, da Itália. Motivo de muita alegria.

Contudo, naquele final de agosto, após sorrir para Luiz Aranha, o mulato finalmente chorou. Não conteve as lágrimas ao pisar o solo brasileiro:

– Aqui estamos, graças a Deus, com saúde e querendo ainda mais o nosso Brasil! – desabafou perante as câmeras. – Mas tomara Deus que nunca mais tenhamos de sair do país para esse fim!

O folclórico Perácio preferiu tentar enganar. Virando-se para os jornalistas, Ary Barroso entre eles, emendou, na maior cara de pau:

– Peguei no pesado, abri trincheiras e, no fim, vocês só veem seis quilos a mais de banha em mim?

Walter se desmanchava em agradecimentos a Luiz Aranha, pela assistência que o clube lhe dispensou à família durante a sua ausência. Contudo, o que mais comoveu o diretor foi a dúvida do bem-informado Geninho:

– Domingo agora é contra o Flamengo, não?

– Sim, e precisamos ganhar esse jogo...

– Quero participar dessa sopa, doutor Luiz...

A comissão técnica preferiu dar-lhe uma boa folga, para que, descansado, se reincorporasse ao grupo. Geninho não enfrentou o Rubro-Negro quatro dias depois, mas foi homenageado pelo clube

em seu tradicional baile de sábado. No domingo, a alegria se completou. Vitória alvinegra no clássico; indiscutíveis 3 × 1.

O retorno de Geninho deu-se apenas em 14 de outubro, contra o Vasco. Durante a concentração para essa partida, resignado, Heleno viu os holofotes se voltarem para o companheiro. O mulato passava as noites juntando gente, que ouvia com atenção seus mais sensacionais devaneios. Alguns acreditavam piamente que Geninho, na Itália, ficou na linha de frente, entrou em trincheiras alemães, deu tiro e foi alvejado. Ou que esteve em Monte Castelo, numa casa que foi bombardeada, vendo amigos morrerem em seus braços, sem que nada pudesse fazer.

Heleno, Tovar e Otávio, os universitários do time, não caíam na conversa, por mais sedutora que parecesse. Sabiam que, visados pelo grande público, qualquer baixa relacionada a atletas, principalmente os de ponta, seria de péssima repercussão para o governo – que, insensível, os mandara à Itália, apesar dos severos protestos de incontáveis torcedores e influentes dirigentes.

Finalmente, a guerra terminava. Após a segunda bomba atômica explodir Nagasaki, em agosto de 1945 o Japão se rendeu. Novos ares seriam respirados em todo o planeta. Inclusive no Brasil.

Com sua ditadura desgastada pela derrota iminente do nazifascismo, Vargas determinou que em 2 de dezembro haveria eleições diretas para a sua sucessão. Nas ruas do Centro, Senhor Abravanel, um visionário camelô de catorze anos, fez então o seu primeiro grande negócio: vender carteiras para títulos de eleitor. Anos mais tarde, Abravanel tornou-se conhecido por todo o país, sob o codinome Silvio Santos.

Em outubro, por volta da criação da Organização das Nações Unidas, circulou o rumor de que Getúlio nomearia seu irmão Benjamim Vargas para comandar a polícia do Distrito Federal. No Cassino da Urca, "Bejo" teria dito em uma roda de amigos que encomendara trezentos colchões e camas para a chefatura de polícia, pois, assim que assumisse, prenderia todos os generais que estavam conspirando. Heleno escutou a conversa e até achou graça.

Mas, no dia 29, o presidente foi deposto pelo alto comando do Exército e José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal, assumiu o comando da República interinamente. Chegava ao fim o Estado Novo.

Depois de anos de ditadura, as eleições de dezembro despertaram grande interesse na população. Mais de 6 milhões de brasileiros foram às urnas. A vitória coube ao marechal Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra do Estado Novo, candidato da coligação PSD/PTB. O resultado causou surpresa. Que Vargas desfrutava de grande prestígio junto aos trabalhadores, todos sabiam. Mas o repúdio da massa ao antigetulismo, associado a interesses de ricos, assombrou pela ampla vantagem de Dutra sobre o segundo colocado, o brigadeiro Eduardo Gomes.

Servindo novamente à seleção brasileira, Heleno fora um dos principais cabos eleitorais do candidato da UDN, a União Democrática Nacional. Na reta final da campanha, contribuiu, ao arrumar destaque na mídia para suas declarações simpáticas ao brigadeiro, um dos sobreviventes dos 18 do Forte.<sup>2</sup> Baqueou com sua derrota.

E sofreu com o Botafogo. O Alvinegro dessa vez se despediu do Carioca na penúltima rodada, ao empatar sem gols com o São Cristóvão. Na fila desde 1936, o Vasco garantia em 1945 o primeiro título invicto da história do profissionalismo. Entrava nos trilhos o "Expresso da Vitória", o mais vitorioso esquadrão cruz-maltino de todos os tempos.

Depois do sucesso alcançado no último Sul-Americano, Heleno de Freitas não esperava ter mais uma vez de disputar posição na seleção brasileira. Mas teve. Ainda em evidência no futebol nacional, Flávio Costa se viu na obrigação de levar o veterano Leônidas da Silva para as disputas das Copas Roca e Rio Branco – sem Copas do Mundo, duas das principais competições do continente, em conjunto com o Sul-Americano.

Durão, Flávio Costa controlava os passos de Leônidas, Tim e Heleno, os mais irrequietos do grupo. O goleador botafoguense nem conseguiu liberação para fazer prova na faculdade. Tim queria

acompanhá-lo – dizia que ia comemorar o aniversário da esposa. Mas seleção era coisa séria para o treinador. Mesmo os impedindo, nada adiantou: os dois fugiram na noite. Como necessitava de Heleno, Flávio poupou o centroavante, mas o sacou do time titular. Tim não teve melhor sorte. Foi cortado.

Segundo Armando Nogueira, Heleno de Freitas era imbatível no teste de memória em que cada concorrente é obrigado a citar o nome de um jogador de acordo com a letra inicial convencional.<sup>3</sup> Divertimento que muitos chamam de “Stop”. Mas no baralho, preferência de onze em cada dez boleiros, o craque meio que se isolava. Como revelou Jair Rosa Pinto:

– Gostávamos de ronda, um jogo mais dinâmico. O Heleno preferia pif-paf, que era mais de pensar. Ele gostava muito de jogar com o Tim, que era bom nisso. Quando o Tim foi dispensado, o Heleno ficou muito sozinho.

Por pouco tempo. Como o Brasil perdeu o primeiro dos três duelos para a Argentina, comprovando as teses do “platinismo”, seu retorno ao escrete foi antecipado. E o Brasil, com ele, deu de seis nos rivais. Seis a dois, em 20 de dezembro, com Heleno brilhante desde o momento em que entrou, na segunda etapa, para tomar de vez a posição de Leônidas. Acabava um complexo. Estavam devolvidos, com juro e correção monetária, aqueles 5 × 1 sofridos em 1939, que baixaram por meia década nossa estima perante os platinos.

Três dias depois, antevéspera de Natal, brasileiros e argentinos tornavam a se encarar. O vencedor herdaria a Copa Roca.<sup>4</sup> Heleno abriu o placar de São Januário após o 0 × 0 do primeiro tempo. No passeio dado pela seleção, de ruim mesmo só o incidente com Ademir – pacato toda vida, num choque casual o vascaíno fraturou a tíbia do beque Battagliero.

A decisão terminou 3 × 1. Com o Brasil campeão, festa para Heleno de Freitas, o craque do jogo. Estava eleito aos olhos do povo o sucessor legítimo de Leônidas da Silva.

## 13. Nas roletas da vida

1946

Heleno de Freitas revezou com Leônidas dois jogos na Copa Roca, mas mostrou nítida superioridade. Quando entrava, embutia mais ímpeto no ataque, facilitando os trabalhos de Zizinho e Chico. Durante a disputa da Copa Rio Branco, em janeiro de 1946, esbanjando disposição nos treinos, o "Diamante Negro" fez tudo para reverter o quadro. Queria provar que, para ele, o tempo não passava.

Ao contrário do que se poderia supor, Leônidas não tinha qualquer tipo de desavença com o goleador do último Sul-Americano. Na concentração do escrete, na estância hidromineral de Caxambu, dormia no quarto vizinho ao de Heleno, mas todas as noites os dois caminhavam juntos, jogavam dominó, trocavam impressões sobre os campeonatos do Rio e de São Paulo. Brincavam dizendo que um seria titular do outro. Uma briga saudável, principalmente para a seleção.

Minutos antes do primeiro coletivo, após dias de exaustivos treinamentos físicos, quando as camisas foram distribuídas, coube a Leônidas uma azul e a Heleno, a de cor branca. Pintou a discussão de quem seria o titular.

Leônidas atiçava:

– Ô, De Freitas, eu acho que você vai ficar no banco com o Otávio!

Heleno se desesperava. Os jogadores aproveitavam para botar a maior pilha. No surreal bate-boca, uma zoeira infernal.

Dá-se um minuto e surge Domingos da Guia, que andava pelo corredor.

Ao abrir a porta, o zagueiro percebe a confusão:

– Que barulheira é essa? Qual é o problema?

– Quero saber quem de nós – apontou Heleno o dedo a si próprio e a Leônidas – é o titular. Qual a sua camisa, Da Guia?

– Não sei. Ainda não fui no quarto pegar. Mas é isso que vocês querem saber? Vou lá, então, buscar a camisa. Para acabar logo com essa lenga-lenga.

Voltou com a azul. Então Heleno se motivou ainda mais para o coletivo. E o jovem pré-selecionado Otávio, emocionado por fazer parte daquele grupo de monstros – Leônidas, Heleno, Domingos, Jair Rosa Pinto, Ademir – em sua primeira passagem pelo escrete, pôde assistir a uma jogada de outro mundo:

– Foi inesquecível. Meteram uma bola no Heleno, o Da Guia foi com muita sede e o Heleno, sutil, deu um totó, um lençol, balão, enfim, um banho de cuia no “Divino Mestre”. A cidade inteira, que estava no estádio, fez aquele “Oh!!!”. O Heleno matou no peito, só que, no instante em que a bola tocou o chão, o Da Guia girou rápido por trás dele e tomou-lhe a pelota com inigualável categoria, completando outro balãozinho. O estádio veio abaixo.

Após a perda da Copa Rio Branco (nos dois jogos contra o Uruguai, uma derrota e um empate), de 16 de janeiro a 10 de fevereiro de 1946 a seleção permaneceu reunida para disputar, em Buenos Aires, o 19º Campeonato Sul-Americano. No desfile de abertura, Heleno foi o porta-bandeira da comitiva brasileira. Raro momento de descontração. O clima na Argentina era dos piores – devido às duas surras que os platinos haviam levado na Copa Roca. A recepção à delegação foi gélida. Não houve pedidos de autógrafos. Muito menos pose para fotografias.

Despreocupado com os fatores extracampo, Flávio Costa não sanara sua principal dúvida. Não sabia se começava com Leônidas ou Heleno. A cada dia, a cada treino, o primeiro perdia lugar para o segundo. Na estreia, o treinador optou por Heleno, que aumentou

sua dor de cabeça ao marcar dois gols sobre a Bolívia: Brasil 3 × 0. O problemão se esvaiu com a contusão do "Diamante Negro" num treino antes do segundo jogo, contra o Uruguai. Devolvendo na mesma moeda os 4 × 3 da última Copa Rio Branco, Heleno, autor do terceiro gol, seguiu intocável no time.

Por pouco tempo. No dia 29 de janeiro, Flávio Costa, insatisfeito por Heleno não vir se empenhando, fez do surpresa Leônidas da Silva titular contra o Paraguai. Só lançou o artilheiro do Botafogo no segundo tempo, depois de seguir para o intervalo em desvantagem, recuando o "Diamante Negro" para a meia-esquerda. No empate em um gol, a única vez em que Heleno e Leônidas, duas das maiores lendas do futebol brasileiro daqueles idos – o tripé fechava com Zizinho –, jogaram juntos na seleção. Por coincidência, o último jogo do "Homem Borracha" representando o país.

No terceiro dia de fevereiro, Heleno voltou à equipe titular, contra o Chile. Não estava em seus melhores dias – nem precisou. Na máscula vitória brasileira por 5 × 1, "Mestre Ziza", o Zizinho, fez quatro gols.

Encararia o Brasil agora a dona da casa na decisão. Sentindo-se obrigados a devolver as derrotas humilhantes da Copa Roca, os argentinos continuavam péssimos anfitriões. Os jogadores brasileiros, na semana do jogo, não puderam sequer sair do hotel. Proibidos de treinar no estádio do River Plate, se prepararam no campo do San Lorenzo, longe do local da partida e em péssimas condições.

A minutos do início da final, Battagliero – o zagueiro que teve a perna quebrada num choque com Ademir –, numa cadeira de rodas, deu uma espécie de "volta olímpica" para os 90 mil pagantes, reforçando o ambiente de ódio no estádio. Sensacionalistas, as rádios portenhas acusavam os brasileiros de covardes. Soldados em volta do campo, tensão no ar, Flávio Costa mandou a campo Luís Borracha, Domingos da Guia, Norival e Zezé Procópio; Danilo e Jaime; Tesourinha, Zizinho, Heleno, Jair Rosa Pinto e Chico.

O Brasil, melhor, dominou a partida. O adversário tinha de ser respeitado: seu ataque contava com craques como Vicente De la

Mata, Méndez, Pedernera, Labruna e Losteau. Mas a seleção não tomou conhecimento e impôs seu ritmo, mesmo com o juiz Nobel Valentini permitindo à Argentina descer o sarrafo.

No primeiro grande momento do jogo, Danilo, num só lance, deu dois balões no genial atacante do River Plate, Angel Amadeo Labruna, que retribuiu esmurrando o rosto do brasileiro. Pronto, estava formado o primeiro bolo. Depois disso, até para bater lateral o jogador brasileiro tinha de pedir licença a intrusos. Se pisasse no pé de alguém, então, saía o maior sururu. Fortes emoções, clima quente, numa entrada maldosa, o beque José Salomón tentou pegar Jair, que, percebendo, se protegeu com a sola, no que o argentino levou a pior. Tudo de que precisavam.

A torcida invadiu o campo com a polícia nem aí. Aliás, os soldados do Exército até ajudaram na tarefa de espancar os brasileiros. Porradaria generalizada, Chico socou um argentino e foi agredido imediatamente por seu marcador, Fonda. Em vez de se abrigar atrás de Procópio, que esbofeteava Losteau, o ponteiro saiu correndo. Atrás dele, policiais e torcedores que haviam pulado o fosso. Um soldado botou o pé na frente, Chico tropeçou e caiu feio. Foi carregado para o vestiário sangrando no rosto. Na confusão, Domingos correu para cima de Méndez e bateu até no De la Mata, seu ex-companheiro de Boca Juniors. Enquanto a polícia, mofina, golpeava a cassetetes o braço esquerdo de Jair Rosa Pinto.

Definitivamente, não era uma partida, mas um campo de batalha. Por medida de precaução, o chefe da delegação, Ciro Aranha, mandou o time para o vestiário ainda no primeiro tempo. Uma hora e quinze minutos sem futebol, os jogadores tiraram o uniforme para se acalmar num banho frio. Porém, quando Ciro Aranha avisou ao árbitro que o Brasil não voltaria a campo, um oficial de polícia, de sobrenome Perón, espumando, irrompeu pela porta. Assegurou que não se responsabilizaria pela reação da massa caso a seleção não retornasse. A torcida estava no estádio desde as sete horas da manhã. Não haveria como conter tamanha fúria.

Zizinho se apavorou:

– Eu tenho família – bradou ao treinador. – Não é justo que eu tenha de voltar a campo!

Heleno protestou em nome do grupo:

– Por mim, até volto. Não gosto de abandonar briga pelo meio, e pouco me importo, a esta altura de minha carreira, se deixar o futebol, mesmo porque tenho outros meios para viver. Mas a situação está realmente feia, eles estão dando para inutilizar, querem mandar um para o hospital, e se um dos nossos tiver uma perna quebrada, poderá ficar irremediavelmente condenado na profissão. Diante disso, acho melhor não voltar a campo, em benefício do próprio futebol brasileiro, de que a maioria dos que estão aqui representa a nata, e que, sem nós, este futebol estará prejudicado.

Flávio Costa, então, mandou Leônidas se aquecer. Pela petulância, Heleno ganhava a eterna antipatia do técnico. Ciro Aranha interveio e, a muito custo, convenceu o artilheiro a permanecer entre os onze.

Frios, os heroicos brasileiros voltaram a campo, com Ademir no lugar do trêmulo Zizinho, e jogaram como João Saldanha: sem medo. Enquanto houve futebol, o Brasil continuou superior, embora fossem três os adversários a se derrotar: os argentinos, o ambiente hostil e, o mais difícil, a arbitragem do uruguaio Nobel Valentini. Que, claro, sabia de que forma escaparia ileso do estádio: Argentina 2 × 0.

– Acho que, se tivéssemos feito um gol, se estivéssemos na frente, talvez a gente fosse até morrer – confessa Jair Rosa Pinto.

Graças à balbúrdia, os platinos foram impedidos de jogar Sul-Americanos. Brasil e Argentina não se enfrentaram por uma década. Só voltaram a medir forças em fevereiro de 1956.

Fora dos campos, durante a gestão Dutra, o Brasil participou ativamente da criação da Organização das Nações Unidas, a ONU, inclusive sendo eleito membro não permanente do Conselho de Segurança. Apesar disso, o governo do marechal foi medíocre. Valendo-se das divisas para importar em massa bens de consumo, o

país não incentivou a industrialização. E, se promovia a abertura democrática, mantinha restrições aos direitos dos trabalhadores. Recebeu como resposta uma enxurrada de greves. Que ocorriam, principalmente, nas duas grandes metrópoles: Rio de Janeiro e São Paulo.

Das 125 estações de rádio existentes no país, treze estavam instaladas no Distrito Federal. A capital paulista possuía onze. Com 450 mil habitantes a mais que São Paulo, o Rio era a cidade mais populosa do Brasil, quase 1 milhão e 800 mil pessoas. Embora contabilizasse, ano a ano, cerca de 7 mil cidadãos mortos pela tuberculose.

Como, tecnicamente, cada doente contaminava outros três, chegava-se à conclusão de que perambulavam por volta de 21 mil infectados na capital federal. Essa massa mórbida transitava por todos os lados, trocando bacilos em cafés, festas, restaurantes e cinemas.

Para não se misturar com o povão, Heleno costumava dar almoços em casa para os amigos mais chegados, nos fins de semana. Os “cafajestes” não faltavam. Ao término do banquete, todos satisfeitos, Heleno, gozador, passava o chapéu para que soltassem esmolas à sua mãe, cada vez mais devota. A turma brincava:

– O santo deve ser você, certo? – sorriam, com Heleno, descontraído, a oferecer um beijo carinhoso nas bochechas rosadas de Dona Miquita.

Os almoços de Heleno foram uma constante no apartamento da Conselheiro Lafaiette. Quem comparecia saía com ao menos um livro emprestado. As maiores novidades do mercado descansavam em suas prateleiras. Obras como *O lustre*, segundo romance de Clarice Lispector, *Esplendor e decadência de John Barrymore*, a biografia do ator, escrita por Gene Fowler, e *Romola*, de George Elliot. Na cabeceira, surpreendendo e só para impressionar, repousava *Retrato do artista quando jovem*, de James Joyce. A essa altura Heleno comprava livros para ostentar; não gastava mais seu valioso tempo com leitura.

Na hora do repouso, sim, colocava os melhores discos na invejável eletrola Zenith, de último tipo. Nela, deslizava suavemente um toca-discos automático, possibilitando mais de meia hora de canções sem interrupção. A Zenith tocava até doze vinis seguidos. Com um poderoso alto-falante, reproduzia, com a fidelidade e pureza possíveis para a época, a tonalidade natural dos sons. Sua predileção, além de bons sambas, era por músicas de Bunny Berigan, Harry James, Benny Goodman, Lester Young, Billie Holiday e Jimmy Rushing. Nomes que a maioria absoluta de seus companheiros de clube confundia com de atores de cinema.

Enquanto Heleno tinha dinheiro de sobra, a Europa se encontrava arrasada. Perspicaz, o presidente dos Estados Unidos, Henry Truman, aproveitou o panorama caótico do Velho Continente para estabelecer sua doutrina. Interessado em ampliar suas áreas de influência pelo mundo, o momento era propício. Por meio do Plano Marshall, procurou-se recuperar a economia europeia, atrelando os países beneficiados às estruturas capitalistas. O famoso toma lá, dá cá.

Os norte-americanos se sentiam os donos do mundo. Tudo girava em torno deles. Música gravada por mais de vinte intérpretes nos Estados Unidos, no ano em que Roberto Roberti – ao lado de Mário Lago, um dos coautores de “Aurora” – ganhou centenas de milhares de cruzeiros de direitos autorais, Carmen Miranda foi a mulher que mais pagou imposto de renda na terra do Tio Sam.

Por aqui, a revista *A Cigarra*, dirigida por Frederico Chateaubriand, montava uma redação poderosa, formada por profissionais como Helio e Millôr Fernandes, Accioly Neto e Edmar Morel. Alcançou a marca de 90 mil exemplares vendidos. À época, o Rio aplaudia a inauguração da avenida Brasil e Copacabana sorria. Não pelo comércio varejista, que contava com 793 estabelecimentos, nem pela população do bairro, que beirava os 75 mil felizardos. Muito, pelo surgimento dos primeiros biquínis nas areias da praia. Mas, principalmente, pela homenagem de Braguinha e Alberto Ribeiro, que a eternizava como a “Princesinha do mar”. Maior sucesso musical de 1946 na voz de Dick Farney, “Copacabana” é tida

como precursora da bossa nova, por sua melodia e harmonia sofisticadas.

Sofisticado também era o anexo do Copacabana Palace, erguido sobre as antigas quadras de tênis. Liberal, ao contrário do hotel, no edifício podiase entrar com várias mulheres e má intenção. O anexo fervilhava. Passou Heleno a nele se hospedar constantemente, junto a uma ou outra tiete mais apetitosa. O fotógrafo francês Jean Manzon, seu amigo pessoal, por várias vezes aliviou sua Rolleyflex de indiscretos flagrantes sobre a estrela do futebol nacional, que estacionava seu possante na porta do prédio. Manzon sabia que, em vez de cutucar a fera, melhor seria manter uma fonte como ele, que rendia reportagens de bastante repercussão. Embora nenhuma tão importante como a que acabara de preparar, sobre os bastidores dos cassinos cariocas.

Quando seguia para as casas de jogos, onde participava dos grandes jantares da *high society*, Heleno caprichava no perfume. Para ele, homem precisava ser homem, ter cheiro de homem. Assim sendo, valia-se de lavandas inglesas. Se não fossem inglesas, e legítimas, não comprava. Seu receio mais impulsivo era escorregar no terreno da dubiedade.

Nos cassinos, Heleno cumprimentava os poderosos do local. Homens aparentemente cultos, respeitados, de boas maneiras, que tratavam seus fregueses como se fossem velhos amigos, os magnatas do cassino conversavam, mais do que com os clientes, com seus gerentes. A linguagem era cifrada. Enquanto seus agentes fiscalizam os próprios fiscais, para saber se alguém “caiu do cavalo”, ou seja, se algum empregado tentou furtar a casa, os maiorais do cassino se preocupavam mais em saber se havia muitos “fichinhas” no estabelecimento. “Fichinhas” eram os apostadores que perdiam pouco, mas eram assíduos – perdiam sempre. Não eram odiados, tampouco bem-vistos. Os melhores clientes, sem dúvida, eram as “estrelas”. Os bons perdedores, aqueles que arriscavam bastante em cada jogada.

Até mesmo nos cassinos Heleno era uma “estrela”. Não comprava fichas menores de cem cruzeiros. Em geral, apostava as sedutoras de duzentos cruzeiros. Onde o jogo era animado, estava na mesa a espiar. Cheio de pose, com leve sorriso na boca e cigarro entre os dedos, na outra mão havia várias fichas para jogar quando quisesse. No momento em que testava a sorte, espalhava-as com displicência por sobre o “tapete verde”.

O ruído das fichas era monótono mas excitante. De uma feita o boieiro impulsionava a roleta e, com um ágil movimento de dedos, lançava a bolinha de marfim na sua trajetória:

– Jogo! – coordenava o crupiê, dando início às apostas.

Então a roleta girava, fascinante. Alguns olhos se fixavam na mesa; outros, na roleta; alguns, na bolinha; a maioria, em Heleno. A bolinha pipocava entre números e cores enquanto as riquezas passavam de mão em mão, ao sabor de seu capricho.

– Feito! – Agora ninguém mais podia jogar.

A bolinha então ia parando lentamente. Com Heleno a notar ao seu redor o dissipar de vãs esperanças.

– Vermelho, 36! – saía o veredicto, enquanto o crupiê raspava a mesa.

Heleno então guardava as fichas que lhe restavam e passeava pelo salão. Alguns deixavam o jogo cabisbaixos. Após lucros efêmeros, saíam da casa arruinados. Não sabiam que, nos cassinos, a grande arte é perder pouco. No fim de cada noite, os contadores e fiscais, que começavam a trabalhar por volta das 21 horas, sob as vistas do gerente, retiravam um mundo de cédulas de dentro das urnas de aço, somando em seguida o produto do trabalho e do esforço de milhares de “viciados”.

E bota “viciados” nisso. A cidade seguia uma tradição. “Jogava-se e bebia-se muito”, escreveu Zuenir Ventura em seu livro *Cidade partida*. O Rio de Janeiro era a Monte Carlo da América do Sul. Só na capital da República e em Niterói, mais de 300 milhões de cruzeiros eram sugados todo ano dos cidadãos. Em dias úteis, a aquisição de fichas no Cassino da Urca, que contava com quinze roletas, quatro mesas de bacará e oito de campista, chegava a 800

mil cruzeiros. Aos sábados beirava 1 milhão de cruzeiros. Nos domingos, vendia-se quase 1 milhão e 200 mil cruzeiros em fichas que não arredavam da casa. O lucro de Joaquim Rolla era fabuloso, visto que o cassino, onde 208 funcionários trabalhavam exclusivamente na jogatina, despendia, no máximo, 130 mil cruzeiros por noite, entre despesas e o imposto pago à prefeitura.

Faturava alto também o Cassino Copacabana. Cerca de 300 mil cruzeiros de segunda a sexta, sendo que o capital do sábado girava em torno de 400 mil cruzeiros e, aos domingos, o lucro líquido chegava a 800 mil cruzeiros. Ou seja, ganhavam a bagatela de 9 milhões de cruzeiros mensais.

O que rendia menos era o Cassino Atlântico. Vendia entre cem e 150 mil cruzeiros nos dias úteis. Aos sábados, não passavam de 250 mil; 300 mil cruzeiros nos domingos. Lucro que, apesar de ser o mais modesto entre as casas da cidade, beirava os 50 milhões de cruzeiros por ano.

Aquele mundo milionário deslumbrava Heleno. Não imaginava que tal prazer estava com seus dias contados. Assustou-se quando Dutra ordenou o fechamento das casas. O governo Vargas terminara havia pouco, e tudo o que fosse ligado ao antigo regime precisava ser abolido. Políticos e pessoas chegadas ao ex-ditador continuavam gastando rios de dinheiro nos cassinos. Assim, o jogo estava ligado à ditadura, por meio de favorecimentos diversos, e tornava-se necessário voltar à decência pública, para reforçar a credibilidade do país.

Tudo começou com Jean Manzon. Se Assis Chateaubriand, antevendo as consequências, recusou-se a publicar na revista *O Cruzeiro* as fotos escondidas que seu principal fotógrafo tirara da dinheirama correndo solta pelas mesas do Cassino Atlântico (afinal, o dono do estabelecimento era seu amigo e todos os cassinos anunciavam nos "Diários Associados"), Roberto Marinho, do concorrente *O Globo*, não desperdiçou a oportunidade. Durante o mês de abril, *O Globo* publicou uma série de reportagens que chocou os brasileiros. Dutra se viu obrigado a, no dia 30, baixar o decreto que proibiu o jogo no país. Mais de 40 mil pessoas que

trabalhavam de forma direta ou indireta nos 79 cassinos em atividade no Brasil estavam no olho da rua.

Se Joaquim Rolla desativou seus negócios na Urca e em Icaraí, não fez o mesmo com o famoso Quitandinha, um hotel de sucesso em Petrópolis. O Cassino da Urca fechou as portas exatamente por não ter um hotel de sustentação, como o Quitandinha e o Copacabana – que também transformou o espaço, antes destinado a jogos, em palco de shows e atividades turísticas.

Desativado, o Atlântico virou, por um tempo, uma espécie de filial do Botafogo de Futebol e Regatas em Copacabana. Kanela conseguiu, junto aos proprietários da casa, transformar o local na sede social do clube no bairro.

Nesta época, deu-se início as desavenças entre o treinador dos amadores e o respeitável diretor Carlito Rocha. Como na “sede” de Copa havia muito carteadado, muita aposta entre os que frequentavam o pedaço, Carlito, sem papas na língua, chamou o ex-Cassino Atlântico de BFR, sim, mas “Botafogo de Futebol e Roleta”.

A partir dos anos 1940, com o fim da era do *swing*, os músicos de jazz evoluíram. O movimento *bebop* constituiu um salto qualitativo – conquista observada no tripé básico do idioma musical: melodia, harmonia e ritmo. Coincidência ou não, o jazz se transferia dos grandes salões, onde as bandas se apresentavam em bailes efervescentes, para o aperto dos enfumaçados *nightclubs*.

Quando os músicos do Rio, que haviam perdido mercado com o fim dos cassinos, saíram à procura de trabalho, foram contratados por donos de boates, que proliferavam na cidade. Apesar do luxo da Meia-Noite, no Copacabana Palace, a mais badalada pela alta-roda era a aberta no térreo do Hotel Vogue, entre a Nossa Senhora de Copacabana e a Atlântica, na avenida Princesa Isabel.

Enquanto o Copacabana Palace contratava para a gerência do Golden Room Oscar Ornstein, ex-Urca e Quitandinha, que de cara fechou uma temporada inteira de bolero com o mexicano Pedro Vargas, a boate do Hotel Vogue era inaugurada pelo barão Von

Stuckart, ex-diretor artístico do Copa, com o auxílio do português Duarte Atalaia, imediatamente após a firme decisão de Dutra.

Antes de vir para o Brasil, o barão, nobre austríaco que defendeu sua pátria na Primeira Guerra Mundial, viajara por toda a Europa. Fundara na França a boate Tout Paris, tida como a mais chique da "Cidade Luz". Experiente, preocupado com os detalhes, Stuckart levou para o Vogue o primeiro mundo em música e gastronomia. Em suas mesas, eram servidos, pelos *maîtres* Ramon e Luís, o melhor café do país e jantares de gala, com lagostas e o melhor da comida russa. Entre outros pratos, a boate introduziu o *stroganoff* no menu da noite carioca.

– Olha, eu viajei muito, mas a boate mais animada, mais charmosa, era a do Hotel Vogue. Quem foi lá não pode dizer o contrário – afirma Mariozinho de Oliveira, que se recorda das "canjas" do norte-americano Louis Colle, um dos maiores cantores da época.

Campeã em prestígio, sexta e sábado eram os dias mais concorridos. Pelos dois andares da casa, que se tornaria reduto de Ibrahim Sued, circulavam figuras ilustres, como Teresa e Didu Souza Campos, os Matarazzo, Lili e Horácio Carvalho, os Mayrink Veiga, enfim, a fina flor da sociedade. Naquele templo do requinte, o pianista austríaco Sacha Rubin saudava a chegada dos *habitués* com suas canções prediletas. "Solitude" tocava à entrada de Jacinto de Thormes, pseudônimo de Maneco Müller, principal colunista social da época. "Invitation" era para a impecável Lourdes Catão. "Never Let Me Go", a predileta de Beki Klabin. Quando Sacha interrompia qualquer outra canção para tocar "My Foolish Heart" – autoria de Ned Washington e Victor Young –, era o sinal de que adentrara o recinto Heleno de Freitas.

Os notívagos grã-finos se apaixonaram, à primeira vista, pela meia-luz da espelhada Vogue, que, além de elegância e conforto, oferecia bebidas finas e música romântica isenta de batucada. Na boate, Heleno assistiu a Araci de Almeida, "a dama da Central", resgatar o repertório de Noel Rosa. Também se apresentaram no local, entre outros, Dolores Duran, Ângela Maria e Sílvio Caldas.

Gastão Carvalho, parceiro de ataque de Heleno no Escrete Guanabara, também soltava a voz, substituindo o amigo Caldas quando este não podia comparecer.

Acompanhando as músicas, as refinadas mulheres do Vogue mais pareciam sussurrar. Sem saber, mexiam com os instintos de Heleno – como qualquer atleta, seu nível de testosterona era elevado. Geralmente sentado ao lado de três ou quatro amigos – quase sempre Mariozinho de Oliveira, Ermelino Matarazzo e Edu –, na boate o jogador procurava quem pudesse vir a saciá-lo. Vez ou outra encontrava.

Queria satisfação sexual, mas pouco se importava com a dona do corpo que usaria. Não se interessava por questões como virgindade, pelo contrário, adorava se tivessem algo mais, experiências para compartilhar. Entre quatro paredes, embora não fosse adepto de orgias e bacanais, como seus amigos “cafajestes”, Heleno se esmerava para superar as expectativas.

Suas, não delas.

## 14. Dupla personalidade

1946

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1946 o alto escalão da Fifa se reuniu para avaliar onde seria realizada a próxima Copa do Mundo. Ocupada e acusada de inúmeros crimes de guerra, a carta da Alemanha ficou fora do baralho. Com a Europa arrasada, o Brasil manteve a candidatura e ganhou a imensa responsabilidade de sediar o Mundial de 1950, após doze anos sem competição.

Heleno gostou da notícia – embora lamentasse a ausência do torneio em 1942 e, principalmente, agora em 1946, quando estava voando na parte física e técnica. Mesmo assim, bom saber que na própria terra, diante de sua legião de fãs, disputaria sua primeira Copa. Motivado, encarou com bastante expectativa os campeonatos da cidade. Estava mais do que na hora de conquistar seu primeiro título pelo Botafogo.

Forçado por todas as correntes, Adhemar Bebiano foi reeleito presidente do clube. Zezé Moreyra se firmava como preparador físico e João Saldanha, como diretor de futebol. Apenas o treinador Bengala preferiu deixar o projeto e voltar à sua Belo Horizonte natal. Retomou Martim Silveira as rédeas do time.

Ou não. Pois Heleno, na esfera psicológica, mostrava-se o mesmo. Em 30 de março, no empate com o Fluminense nas Laranjeiras, foi expulso por Vicente Gentil ainda no primeiro tempo. Era seu segundo jogo pelo clube no ano, e teve de esperar pelo terceiro. A federação o suspendeu por duas partidas, por desacato à autoridade do árbitro.

Heleno já entrara em campo transtornado. Corriam boatos de que sua amada Diamantina tinha outro homem. Que, assim como

ele, que se doava em campo, ela também se doava – a outros braços. Como dizia o romancista francês Honoré de Balzac, “a fama é uma casa cuja cozinha não se vê”. Heleno se alucinava com a hipótese de estar, ele, Heleno de Freitas, tomando chifre. Ao, propositadamente, sair mais cedo de Álvaro Chaves, não ouviu sermão de ninguém e acelerou para o Cassino Atlântico. Assim que a encontrou aos beijos com outro, incendiou-se. Espancou-a na frente de meio mundo.

– Você não devia ter feito isso comigo! – chorava a *crooner*, esparramada e entreaberta no chão, enquanto seu amante, assustado, fugia de fininho, e Heleno de Freitas, enlouquecido, precisava ser contido pelos seguranças.

Amor bandido, horas depois os dois reatavam a paixão doentia. No fundo, Diamantina adorou aquele ataque de ciúmes. Através do ciúme nos olhos de Heleno, pôde, enfim, avaliar quanto era por ele desejada.

Se na vida pessoal Heleno apresentava traços de insalubridade, com a bola nos pés continuava o mesmo. Contra o Madureira, pelo Municipal, Botafogo 5 × 0, três gols dele. Em 19 de maio, na Gávea, 12 × 0 no Canto do Rio. Guerreiro incansável, o atacante comemorou seis vezes, seu recorde em partidas oficiais. Duas semanas depois, fascinava o público na vitória sobre o Fluminense, na casa do adversário, por 6 × 4. Mesmo jogando no sacrifício, com dores no tornozelo, meteu quatro gols.

No Botafogo, estava sozinho. Não como jogador, mas como ídolo. Quando o clube brigava com ele, quando parecia que se daria mal, marcava um gol e o Alvinegro logo fazia as pazes. Também, como não fazer? Pois no momento em que os dirigentes se aborreciam, Heleno era o primeiro a lhes dar razão. Nunca se zangava.

Rapaz de boa prosa, bastava o juiz iniciar a disputa para ficar ranzinza, nervoso, irritante, cheio de tiques. A imprensa jamais cogitou a hipótese de patologia. Preferia acreditar que, apenas por não gostar de perder, Heleno mandava torcida, adversários,

companheiros e árbitros a lugares menos poéticos. Ou inventava respostas ainda mais mirabolantes:

“Parece que seu cartaz no Sul-Americano contribuiu para que Heleno se pervertesse completamente no setor disciplinar”, opinava o *Mundo Esportivo*.<sup>1</sup>

Tecnicamente, a bem da verdade, o artilheiro estava irresistível. Após a diretoria anunciar a contratação do cruzeirense José Braga, o Braguinha, em agosto Heleno assombrou a Gávea com um gol de cinema, marcado por cobertura no rubro-negro Borracha, que saíra em desespero ao seu encontro. A ovação, indescritível, unificou as arquibancadas.

Dois meses mais tarde, contra o mesmo Flamengo, o outro lado da moeda. Desfalcado, o Botafogo vencia por 2 × 1 quando Gerson, em choque com Pirillo, teve a vista seriamente atingida. Inutilizado, o beque foi fazer figura na ponta esquerda. Sobrou para Heleno. Até então o mais agressivo do ataque, o goleador foi, absurdamente, recuado para a defesa, onde, ainda assim, anulou Perácio. Este, já no segundo tempo, ofendeu-lhe a dignidade. Heleno perdeu a cabeça, esbofeteou-o e foi expulso. O Flamengo somaria os dois pontos.

Os jornais tentavam desvendá-lo:

“Heleno é desse jeito porque o criaram assim, porque o deixaram andar errado e porque facilitavam-lhe coisas”, palpitava O *Globo Sportivo*.<sup>2</sup>

Em 11 de agosto, contra o Bangu, Heleno perdeu um pênalti. Por ter sido ele, ninguém reclamou, ninguém falou nada. Exceção ao mesmo semanário:

Por muito menos, toda gente sabe, Heleno faz um alarido dos diabos e só falta expulsar de campo o pobre companheiro, apenas porque chegou atrasado na bola, ou só porque teve a criminosa inspiração de arrematar com defeito um passe que era gol certo. Mas domingo, Heleno achou até quem lhe tocasse carinhosamente a cabeça e quem lhe dissesse que aquilo não era nada. Coisas da vida, coisas do Botafogo, onde Heleno é Deus.

Deus e o diabo. Se o Alvinegro estava vencendo, era a sanidade em pessoa. Bastava, porém, o jogo se complicar, para que Heleno se

voltasse contra os próprios camaradas. Não respeitava quase ninguém. Somente Geninho e Ávila.

– Engolíamos tudo o que fazia, porque sabíamos que ele entrava em campo para ganhar. Mas ele não era burro de se meter com o Geninho, não. O Geninho o amassaria, se ousasse levantar o tom de voz para ele – explana Otávio.

Acabada a partida, ou mesmo o primeiro tempo, tinha colega de clube querendo enfiar a mão em Heleno:

– Ele era capaz de fazer as coisas mais escrotas que alguém podia fazer com um companheiro de equipe – assegura Otávio. – Ele esculhambava o Braguinha pra caramba, desmoralizava os mais simplórios. O Braguinha era muito simples, pacífico, não era de briga. Teve um jogo em São Januário em que, ao lado da social, saiu uma bola pela lateral. Como a gente estava empatando, o Braguinha, com pressa, nem esperou o Juvenal: bateu logo, para adiantar o jogo. Mirou o peito do Heleno e errou. Acabou escutando:

– Porra, Braguinha, nem com a mão?

Por ter atuado sempre próximo ao centroavante, Otávio nem faz força para se recordar de outra ironia:

– Passe largo, a bola ia saindo pela linha de fundo, faltavam uns dez minutos, todo mundo morto e, para alcançar, o Braguinha engatou a quinta, deu um gás tremendo. Enquanto estava no pique, correndo alucinado, Heleno o ridicularizou: “Aproveita, Braguinha, e vai direto! Vai direto, não precisa voltar não!”

Juvenal também não se esquece do martírio vivido pelo ponta-esquerda:

– O Braguinha, coitado, quando o via por perto, fugia do raio de visão dele. Doido para acertar os cruzamentos na cabeça do Heleno, não conseguia. Lembro que, momentos antes de um jogo, no vestiário, quando o treinador jogou uma camisa para o Braguinha, o Heleno se revoltou sem mais nem menos: “Mas ele vai jogar?! Bem, bola para ele, sabem que não dou. Para quê? Ele não devolve...”

Aos dezenove anos, Braguinha era o inverso de Heleno. Não tinha nome, status, muito menos boa formação. Seus estudos resumiam-se ao básico de uma escola pública gratuita: cinco anos.

Heleno, que não ia com a cara dele, deitava e rolava. Uma vez, um amigo pessoal comentou com Braguinha que não entendia como ele suportava o centroavante. No que ouviu:

– Eu só, não! O Botafogo inteiro!

Otávio dá razão ao ponteiro:

– Heleno dizia coisas impublicáveis. Coisas de pôr fim à paciência de qualquer um. Mas, fora de campo, esquecia o que havia dito e se transformava num cavalheiro.

Como o protagonista do livro *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson, Heleno de Freitas parecia ter dupla personalidade. Dentro de campo, um felino. Fora, capaz de ensinar boas maneiras até a dirigentes. Tinha figurão do clube que, na sede, numa reunião, diante de Heleno, se sentia malvestido, inferiorizado socialmente.

Em 1946, Paulo Amaral foi indicado para jogar no Botafogo. Mesmo antes de se tornar preparador físico, já era um touro. Atleta completo, praticava boxe e levantava pesos. No Flamengo, no ano anterior, substituindo o titular Biguá, enfrentou a fúria de Heleno de Freitas em uma partida do Torneio Municipal, disputada nas Laranjeiras.

No segundo tempo, Heleno deu um passe perfeito, entre dois zagueiros, para Otávio. Na base da raça, Paulo Amaral conseguiu com a ponta da chuteira, por trás do ponta de lança, desviar a *corner*. Heleno se virou para o parceiro de time e rosnou:

– Porra, Sapo, até um merda desse tira a bola de você!

Não perdia por esperar:

– Falei: “Tá bom, deixa esse carinha cair aqui por perto, para ele ver o que o espera” – assevera Amaral. – Caramba, onde é que ele arrumava coragem? Eu tinha 21 anos e era muito maior do que ele...

Esperto, Heleno não mais descambou pelas redondezas de Amaral. Sorte a dele e também da equipe rubro-negra, que, com bem menos trabalho, triunfou por 2 × 0.

Passaram-se meses e agora Paulo Amaral fazia seu primeiro treino em General Severiano. Colocaram-no de zagueiro, tendo como

adversário direto ninguém menos que Heleno. Se o centroavante estava apenas treinando, para Amaral aquele coletivo era jogo. Queria mostrar serviço para, quem sabe, arrancar um contrato.

– Num lance, dei uma entrada mais ou menos violenta nele. O Kanela, auxiliar do Martim, apitou falta. Virei de costas e trotei para o meio da área, para me posicionar para o levantamento. O Heleno veio para cima de mim, correndo com a bola debaixo do braço. Só me dei conta quando parei. Ele me chamou, eu virei para ver o que era e ele estendeu para mim a redonda, dizendo: “Quer a bola, valentinho?” Me enfezei, tirei-a dele e, com as duas mãos, a taquei com força em seu rosto. Aí o melado escorreu de seu nariz e acabei sendo expulso do treino. Nem sei por que me contrataram. Talvez tenha sido exatamente por isso. Por tê-lo enfrentado de igual para igual.

Continua Amaral:

– Heleno agia assim ou assado durante o jogo ou treinando. Fora de campo, era um rapaz espetacular. Tanto que, no dia seguinte, eu já como jogador do Botafogo, ao fim do treino ele gentilmente me ofereceu carona. Ele morava em Copa e eu, em Ipanema. Não era caminho, mas ele me deixou na porta de casa.

Num amistoso contra o Cruzeiro, um fato curioso. Tovar, jovem que Heleno respeitava por ser craque,<sup>3</sup> saiu enfileirando a defesa inteira, mas perdeu o gol feito, por preciosismo. Heleno, que acompanhava a jogada toda correndo livre a seu lado e pedindo com insistência o passe, investiu sobre ele aos berros, xingando-o de tudo quanto era nome. A torcida assistia estupefata à cena. Tovar, que bem conhecia a fera, soube enrolá-lo:

– Está certo, Heleno, perdi! Mas também, se eu fizesse, pode dizer, seria lindo, não?

O centroavante refletiu, depois sorriu, deu um tapa carinhoso nas costas de Tovar e, juntos, trotaram rumo ao meio de campo.

Heleno era assim. Provocante, mas não de ir para as vias de fato. Indelicado ao extremo. O goleiro Oswaldo Alfredo da Silva, o

Oswaldo Baliza, tinha horror a ele. Certo jogo, ameaçou-o seriamente. Otávio atesta a história:

– Quando o Baliza tomava um gol, o Heleno fazia, onde quer que estivesse, um gesto de reprovação. Todo jogo era isso, como se o Baliza tomasse por vontade própria. A torcida acabava indo na dele. Teve uma vez que, no vestiário, o Baliza chegou junto e o aconselhou: “A primeira que você me olhar, ironizando qualquer merda que eu tenha feito, eu vou correr o campo inteiro para te dar tanta porrada, Heleno, que você nunca mais vai me esquecer. Pode estar certo de que vou fazer isso.”

Ai dele se duvidasse. Baliza, órfão de pai e mãe, ao contrário de Heleno, jamais teve o carinho e o conforto de uma família. Passou boa parte da infância num internato, dos oito aos catorze anos; portanto, não era de levar desaforo para casa.

No jogo seguinte – 29 de setembro de 1946 –, o Botafogo venceu o Fluminense por 2 × 0 quando Baliza sofreu um gol. A bola foi posta no meio, com Geninho de um lado e Heleno do outro. De costas para o gol, o centroavante arriscou uma pergunta a Geninho:

– O Oswaldo está me olhando?

– Está, sim. Quer ver se você vai ter alguma reação. Acho melhor você ficar na sua. Não olhe ele não, Heleno! Aquilo lá é 1,94 metro de ignorância, amigo! Você vai se dar muito mal...

O artilheiro refletiu, ajeitou a pelota; contudo, antes de rolá-la ao companheiro, resmungou:

– Tá certo. Mas você não acha que foi um frangaço?

O dia 18 de setembro de 1946 teve comemoração popular. A data marcou a promulgação da nova Carta Constitucional brasileira, que, de caráter liberal e democrático, regeria o país por mais duas décadas. Uma das principais alterações estabelecidas foi a separação harmônica entre os três poderes, novamente independentes e funcionando em equilíbrio. De certa forma, o equilíbrio também marcou a reta final do Carioca, dois meses depois.

Da mais imprevista e espetacular maneira de todos os tempos, a 10 de novembro o campeonato terminou com os segundos

colocados, Botafogo e Fluminense, vencendo, na última rodada, respectivamente, os líderes América e Flamengo, dos quais estavam dois pontos atrás. Dividindo os quatro o topo da tabela, a federação determinou o desempate num quadrangular de ida e volta, ou seja, dois turnos. Um torneio de gigantes, que o público denominou “Supercampeonato”.

Com um goloço de Heleno em passe de Geninho, o Botafogo estreou matando o Diabo: 1 × 0. Venceu também o Flamengo, mas perdeu, em São Januário, para o Fluminense. Heleno fez o seu, de pênalti. Dos alvinegros, foi quem jogou mais bola. Incisivo, sempre marcado por pelo menos dois, teve a canela rasgada pelo beque Haroldo no lance da penalidade.

No vestiário, uma novidade. Heleno, que não era de chorar por nada, debulhava-se em lágrimas exibindo a perna cortada na altura do joelho, um rasgão enorme. Ao passo em que se deixava medicar, murmurou alto, para quem quisesse ouvir:

– Pois é, enquanto uns saem assim, outros aí estão penteados como haviam entrado!

O jogador dava a impressão de que queria se isolar. Na concentração, enquanto o grupo dividia uma travessa de alimentos – tudo muito organizado: quando a comida ia chegando ao fim, o cozinheiro trazia mais, para felicidade geral –, Heleno comia à parte, sozinho, um prato especial feito apenas para ele, à medida de seu exigente paladar.

Dentro de campo, pelo menos, jogava para o time. No dia 7 de dezembro, na Gávea, com dois gols de bola parada, um de falta e outro de pênalti, Heleno liquidou, pelo retorno do “Supercampeonato”, o América: Botafogo 2 × 0. Contra o Flamengo, em São Januário, fez os dois gols da virada. O segundo, o mais bonito do Carioca. Perseguido por Nílton e Modesto Bria numa arrancada pela direita, rente à linha de fundo, com o goleiro Luís Borracha atônito, procurando sair para fechar o ângulo, Heleno soltou o pé, atirando enviesado.<sup>4</sup>

A esperada decisão do “Supercampeonato” aconteceu em 22 de dezembro. O Botafogo de Heleno de Freitas contra o Fluminense de

Ademir Marques de Menezes. Era o mais esperado momento de Heleno no clube; também a hora H para Ademir e Gentil Cardoso no Tricolor. O treinador, quando contratado no início da temporada, em substituição ao uruguaio Hector Cabelli, houvera alcinhado a famosa frase:

– Deem-me Ademir que vos darei o título.

Os dirigentes das Laranjeiras praticamente arrancaram o centroavante do Vasco. Cabia agora a Ademir mostrar que o técnico tinha razão.

Em São Januário, um espetáculo à altura do prestígio do futebol carioca. Sob impecável arbitragem de Mário Vianna, Heleno teve dificuldades para fugir à marcação de Haroldo. O Botafogo, embora tenha jogado melhor, não foi feliz nas finalizações. O Fluminense, que nada tinha com isso, acabou campeão com um gol solitário de Ademir – sim, dele – no primeiro tempo. Ao fim da batalha, transtornado pela perda de mais um título, Heleno caminhava rumo ao vestiário quando foi cuspidor, como apregoa Renato César Bastos, ex-treinador do América:

– Estava sentado na social, onde a torcida o hostilizava. Vi quem havia lhe escarrado. Era um halterofilista, uma tora de homem.

Recebendo de imediato uma toalha, segundo o jornalista João Máximo, que, ainda menino, não desgrudava os olhos da cena, Heleno, tomado de possessão demoníaca, pôs-se a com ela enforcar o parrudo crioulo.

– Heleno enfrentou não apenas ele como os seus amigos também – reforça César Bastos. – Nunca vi tamanha prova de coragem. Ou de loucura.

Logo a cidade já falava de outra coisa. Faltava pouco para que, enfim, Heleno de Freitas se tornasse advogado.

No dia 12 de dezembro, apadrinhado por Adhemar Bebiano, o jogador formou seu bacharelado em ciências jurídicas pela Faculdade Nacional de Niterói. Na mesma época, roubando-lhe atenções no clube, Tovar, que não prejudicava os estudos para jogar bola, sem perder um ano, colava grau em medicina.

Luiz Paulo Neves Tovar, de família tradicional de Vitória, filho de deputado, despediu-se do futebol após a final do “Supercampeonato”, aos 24 anos, para seguir carreira. Amador por opção, ganhou do clube um Austin, o carro da moda. Merecida homenagem a quem jogava o fino sem cobrar um tostão.

A ideia do prêmio nasceu de uma conversa despreziosa, em que Jair Tovar, pai de Paulinho, deixou escapar a Bebiano que o desejo maior do filho era guiar um carro. Amaciando o charuto, o dirigente e empresário arregalou os olhos e assegurou:

– Pois ele vai ter um automóvel, então!

O diretor Néelson Cintra propôs uma lista de contribuições, lista essa que giraria a elite da cartolagem alvinegra. Logo o dinheiro estava na conta para a compra do carro – de segunda mão, por não haver modelos novos na praça, devido à guerra. A lista, acredite quem quiser, melindrou ninguém menos que Heleno de Freitas.

Nunca Bebiano ia esperar que o presente a Tovar fosse mexer com a vaidade do carro-chefe da equipe. Mas mexeu. Como craque do time, o goleador achou-se no direito de ganhar o mesmo mimo do clube. Era de seu temperamento não gostar e dizer o porquê. Invadiu a sala de Bebiano e perguntou por que ele, que também tinha se formado, havia sido esquecido.

– Esse cara é esquizofrênico! – vociferou Néelson Cintra, após a saída de Heleno.

– É por essas e outras que prefiro o Tovar – confessou Augusto Frederico Schmidt a Carlito Rocha, minutos antes do coletivo, à beira do campo. – Ele é mais manso, mais civilizado, não cria casos.

Caminhando por perto, Ermelino Matarazzo escutou a conversa. Saindo em defesa do amigo, o goleiro protestou:

– Não fale assim, doutor Schmidt. O Heleno é ótima pessoa. Acontece que tem suas infantilidades. Mas o coração dele é enorme.

O Botafogo sempre tratou seu craque com atitudes contraditórias. Ou lhe dava tudo, ou nada. Como desta feita os dirigentes não lhe satisfizeram o ego, o atacante, para mostrar que podia, acabou comprando um carro ainda melhor do que o que tinha.

Num tempo em que muitos cariocas, a fim de descongestionar o trânsito, andavam de bonde, Heleno acelerava pela orla do Rio com um novo Cadillac, *coupé de ville*, amarelo e do ano, na sempre aventureira companhia dos “cafajestes”.

Heleno aos poucos foi conhecendo todos do “Clube”. Que certamente já o conheciam; nem que pelos jornais. Neiva de Figueiredo, major da aeronáutica, Heitor Polo, Oldar e Darcy Fróes da Cruz, altos funcionários do Banco do Brasil, Fábio Bonifácio Olinda de Andrade, procurador da República, Carlos Roberto de Aguiar Moreira, secretário particular do presidente Dutra, Carlos Peixoto, que trabalhava numa firma de automóveis – e, anos mais tarde, servindo Baby Pignatari, tornou-se um dos maiores lobistas do Brasil –, Betinho Pernambuco, Alberto Sued, Tetito, Raymundo Magalhães, Léo Peteca, Francisco Albano Guise, enfim, uma rapaziada bem-humorada e da pesada. Tremendos gozadores. Ao lado deles, e com o carrão, ficou ainda mais fácil conquistar mulheres.

Primeiro, tirava-as para dançar nos bailes. Depois, com uma boa conversa ao pé do ouvido, empurrava-as para dentro do carro, onde sumiam na noite. A bordo de seu potente Cadillac, Heleno curtiria, em 1947, um de seus melhores carnavais, frequentando, inclusive, o suntuoso Quitandinha, onde trocou frases com Lana Turner, estrela do cinema norte-americano que passava férias no Brasil. Passado o momo, poderia ter se tornado sócio das Lojas Americanas de Tecidos, líder de vendas na Visconde de Pirajá, em Ipanema. Vivia o auge da fama.

Quando sem compromissos, passava os fins de tarde no Alvear. Assim que a noite se apresentava, enquanto as moças de família iam embora, as que não fossem – os “cafajestes” sabiam – estavam querendo ser traçadas pela turma. Mário Saladini, que seria adido comercial da embaixada e chefe de escritório do governo em Londres, Lisboa, México e Paris, tinha um apartamento no segundo andar do prédio. Salvação de muita lavoura.

Nessa época, os “cafajestes” iam da praia para o Copa e do Copa para o Alvear. Na praia, jogavam peteca ou frescobol – foram

pioneiros nesse esporte. No Copa, pegavam sol à beira da piscina e forravam o estômago com requinte: no Bife de Ouro, cuja equipe havia sido trazida do Savoy de Londres, da cozinha do *chef* Auguste Escoffier. No Alvear, combinavam a noite. Corrente de ouro no pescoço, Cartier no pulso, camisa social feita pelo perfeccionista peruano Lespian, Heleno logo apreendeu a lei número um do grupo: respeitar apenas mulher de amigo.

Para poder trepar naquele tempo, era preciso namorar as meninas, no mínimo, uma semana. Por meses a fio, quase na clandestinidade, Heleno e o comandante Edu traçaram duas indefectíveis madames – muitíssimo bem-casadas, por sinal. Elas só podiam encontrá-los à tarde. Como desculpa, avisavam aos maridos que tinham marcado horário no cabeleireiro – Ângelo Della Noce atendia uma; Luís Verri, outra. Sabendo que os amantes já as esperavam, entravam sorrateiramente num edifício comercial de Copacabana, na altura da Paula Freitas, num apartamento cedido por um amigo do piloto. Saíam extasiadas.

Quando os maridos viajavam a trabalho, então, a farra era completa. Serelepes, como não havia motéis, as moças combinavam uma “festinha” no concorrido apartamento da Hilário de Gouveia com a avenida Atlântica, dividido por Carlos Peixoto, Mariozinho de Oliveira e Edu em um prédio de três andares, sem elevador.

Passavam a tarde inteira suando.

## 15. Um astro de Hollywood

1947

Após três anos de dedicação ao Botafogo, Adhemar Bebiano, em seu último ato como presidente, contratou o imponente meia Ávila, do Internacional de Porto Alegre, e para dirigir a equipe o vitorioso Ondino Viera. O uruguaio chegou ao clube aconselhando a venda de Heleno. Como acompanhava a sua carreira desde o início, inclusive tendo trabalhado com ele no Fluminense, estava convencido de que o artilheiro não iria se enquadrar ao seu conceito de disciplina e unidade. Surpreso, Bebiano contemporizou:

– Mas, Ondino, ele é o nosso maior ídolo, um filho nosso, muito querido, paixão da nossa torcida... – proferia, com o treinador a balançar a cabeça negativamente.

Bebiano propôs um crédito de confiança: dois ou três meses de convivência pacífica. Mesmo achando-o incurável, o uruguaio aceitou. Embora contrariado:

– Heleno é um motor gasto que trocou a gasolina e o óleo pelo álcool. Vai durar pouco.

Alheio aos bastidores, mas consciente de seu valor, Heleno pediu ao Botafogo uma fortuna para renovar. Cento e sessenta mil cruzeiros de luvas e salários de 1.500 cruzeiros. O clube pagou sem chiar, a fim de garantir fartas bilheterias por mais dois anos.

A assinatura do contrato provocou tremendo corre-corre em General Severiano. No sábado, 1º de fevereiro de 1947, Ondino descansava em casa quando um grande amigo seu, da imprensa, o informou, por telefone, que Heleno não renovaria com o Botafogo. Diante da informação, o técnico trocou de roupa e correu à sede para averiguar. Ao encontrar Bebiano absolutamente tranquilo e à

vontade, numa cadeira de vime na varanda, ouvindo a última do Carlito Rocha, Ondino caminhou a um canto, colocou a mão direita no queixo e, com a esquerda, fez-lhe um sinal aflitivo.

– Que houve, Ondino? – perguntou o presidente, em meio a uma baforada de seu Coroa legítimo.

– É que o Heleno não assinará conosco! Está sendo seduzido pelo Fluminense. Foi convidado a um baile hoje em Álvaro Chaves, mas esse baile é só um pretexto – explicava-lhe o que sabia.

– Que você sugere, Ondino?

– Bem, doutor, em primeiro lugar sugiro que, caso seja a vontade do Botafogo, assine com ele hoje. Depois, que vá ao baile, ao diabo...

Naquela hora, coincidência, Heleno chegava ao clube. Chamado para a conversa, a princípio relutou:

– Amanhã eu assino!

– Não! Terá de ser hoje – impôs Bebiano. – Amanhã é domingo.

Não teve como fugir.

Quando, pensativo após ter assinado a papelada, o jogador caminhava ao vestiário para botar o uniforme, o presidente, tocando-lhe o ombro, o cutucou:

– Agora pode ir. Pode dançar quanto queira. Que vá ao diabo!

– Quem disse ao senhor que eu iria a uma festa no Fluminense?

Bebiano sorria, feliz da vida:

– Ninguém! Você mesmo é que está dizendo, Heleno! E agora, por mim, pode até dançar com o Gentil!

O Campeonato Brasileiro de 1946 foi decidido em março de 1947, com a seleção carioca desafiando a paulista no Pacaembu. O jovem pernambucano Orlando de Azevedo Viana – que por sua categoria refinada no meio de campo do Fluminense foi apelidado de Orlando Pingo de Ouro –, sentindo a pressão, se mostrava tímido em excesso no primeiro tempo. No vestiário, em vez de dar força ao estreante, Heleno esbravejou com o colega de equipe:

– Você não é pingo de ouro! É pingo de merda!

Para os jornalistas, foi mais comedido:

– Se ele é Pingo de Ouro, eu sou as cataratas do Niágara jorrando brilhantes.<sup>1</sup>

Impressionante como Heleno só respeitava craques como Zizinho, de tanto ou mais gabarito que ele. Orlando, apenas um iniciante, claro, voltou ainda pior para o segundo tempo. Os cariocas perderam de 5 × 2, o que fez com que os cronistas de São Paulo decantassem a “infinita superioridade técnica” de sua equipe. Instigados, com Maneco a substituir Orlando, o Rio de Janeiro daria duas vezes o troco.

Em 16 de março, Luís Borracha, Augusto e Haroldo; Eli, Danilo e Jorge; Pedro Amorim, Maneco, Heleno, Ademir e Chico fizeram do Rio tricampeão brasileiro. Heleno vibrou como um menino com a conquista. Na final, em São Januário, inquestionáveis 4 × 1. O centroavante levou a galera à loucura. Por várias vezes entortou seu marcador, Domingos da Guia, que aos 34 anos apresentava os primeiros sinais de decadência.

Se a estrela da vez nos cinemas era Elisabeth Taylor, estonteante em *A mocidade é assim mesmo*, nos campos quem mandava era Heleno. Envergando o escudo da CBD, o artilheiro levantou contra o Uruguai a Copa Rio Branco, no primeiro dia de abril.

Foram dois jogos decisivos. No primeiro, um empate sem graça em São Paulo. Time renovado por Flávio Costa, Heleno foi tirado para “Cristo” pela torcida paulista. Vaiado sem clemência, ameaçou abandonar o campo. Na capital federal, mais animado, logo na apresentação, em São Januário, gastou onda surgindo num Cadillac conversível azul-claro. Como evidenciou o gaúcho Noronha, ídolo do São Paulo:

– Não era todo jogador que tinha carro, quanto mais aquele. Os jogadores o invejavam. Enquanto ficávamos a namorar em pé, ao lado do estádio, Heleno amassava as meninas no carrão.<sup>2</sup>

No campo do Vasco, com Flávio Costa recompondo na medida do possível a linha de ataque do Sul-Americano de 1946 – Zizinho, ausente, havia fraturado a perna na estreia do Carioca –, o Brasil

nocauteou os bravos celestes por 3 × 2, gols de Tesourinha, Heleno e Jair Rosa Pinto. O centroavante, porém, deixou o técnico com uma pulga atrás da orelha. Estava agressivo além da conta. Tanto em São Paulo como no Rio, encarou torcedores que o xingavam à chegada e à saída do estádio. Já era para estar vacinado. No último treino antes da final, então, na frente do disciplinador Flávio Costa, rompeu com o público e deixou o gramado sem dar satisfações a ninguém – nem ao próprio treinador. Subindo aos dormitórios, pôs-se a arrumar as malas, praticamente desistindo da seleção. A custo, foi impedido de levar a cabo a precipitada decisão.

Desde que concluía o bacharelado, os cronistas passaram a tratá-lo como doutor. Com quase meia centena de ternos, dezenas de sapatos de sola dupla e uma portentosa pulseira de ouro no braço direito, com a chegada do anel de advogado – de rubi, contornado por brilhantes –, sua presença deu-se ainda mais ao respeito. Os próprios companheiros de time o admiravam. Era chamado de doutor Heleno até nos vestiários.

Mário Saladini narra uma passagem que viveu junto ao “advogado” Heleno. Um caso que simboliza o estilo irreverente dos “cafajestes”:

– Em casa, Mariozinho de Oliveira tocava corneta a qualquer hora do dia ou da noite, enquanto Carlos Peixoto fazia exercícios respiratórios na janela, nu. Acabariam sendo despejados pela vizinhança. Certa vez, um vizinho reclamou de Peixoto na polícia e ele foi preso. O delegado era amigo nosso, o Brandão Filho, botafoguense roxo. Fui à delegacia, mas o Brandão disse que ele permaneceria no xadrez até as cinco da tarde. Tive então uma ideia “luminosa”, que o grupo de imediato topou. Intimamos o Heleno a surpreender o delegado, apresentando-se como advogado do Peixoto – afinal, havia acabado de se formar. Brandão agradeceu a visita do Heleno, conversaram bastante sobre futebol, porém Carlos Peixoto ficou mesmo até o horário previamente estipulado. Mas valeu. Tudo em nós era pretexto para brincarmos uns com os outros.<sup>3</sup>

Os “cafajestes”, só para implicar, chamavam Heleno de “Gilda”, personagem do novo filme de Rita Hayworth. Tiravam-no do sério com o apelido. Bem que merecia sofrer um pouco. Entre inúmeras “qualidades”, era de uma intragável arrogância. Numa feijoada tradicional, celebrada anualmente no Albatroz – esquina da Siqueira Campos com a Atlântica, onde funciona hoje o Rondinella –, a turma, em certo momento, se animou a tacar pedaços de pão uns nos outros. Heleno se empolgou com a brincadeira. A maioria parou pouco depois, mas o jogador permaneceu arremessando. Pedaços maiores, pão inteiro, foi gerando antipatia. Quando passou a atirar frutas, machucando, atingiu Oldar Fróes da Cruz, membro do “Clube”. Mais de sessenta anos depois, o desfecho da história:

– Uma fruta pegou em mim, que nem participava da brincadeira. Estava comendo feijoada, não gostei nem um pouco, levantei-me bastante chateado e disse: “Vem cá, Heleno...” Quando ele se levantou, enfiei uma cuia de feijão no rosto dele. A turma do deixou-nos separou.

Em sua vida de gozações, mulheres, bebidas e festas, Heleno adquiriu um hábito nada saudável. Cheirar éter perfumado.

Liberado nos dias momescos, o lança-perfume deixava o sujeito por meio minuto fora de si. Num baile carnavalesco no Theatro Municipal, Luiz Mendes, *speaker* da Rádio Globo, a certa altura o reparou, de smoking – como a ocasião pedia a quem recusava fantasiar-se –, enchendo, nas frisas, lenços e mais lenços com a bisnaga viciante. Começava a degradação do homem Heleno.

Embora soberbo nas quatro linhas, fora delas estava irreconhecível. Quase não conversava mais, e até seus breves comentários, antes irônicos, eram agora amargos. Quando chegava para treinar, Otávio corria para recebê-lo e sentia seu carro todo perfumado. Deduziu que não vivia um bom momento, o que o público comprovava nos jogos.

Heleno excedia-se em reclamações. Em 15 de junho, na Gávea, passou dos limites. Na derrota para o Fluminense por 6 × 4, possuído de incomum irritação, desrespeitou inúmeras vezes o

árbitro e, ao agredir com requintes de covardia o tricolor Guálter, foi expulso de campo, para alívio até dos próprios companheiros. Indignada, a federação deu-lhe quatro jogos para refletir em casa sobre as atitudes descabidas. Desgraça pouca é bobagem, foi também suspenso por dois meses pela nova direção do Botafogo. Fato de grande repercussão na cidade.

Parte de dirigentes e torcedores reforçou que o clube agira corretamente, que havia esperado até demais. A dúvida era se, sem Heleno, à primeira derrota o Glorioso o perdoaria. Verdade que a crise até chegou, mas o Alvinegro não amoleceu.

Em fins de junho, a imprensa noticiou que Heleno de Freitas era caso morto no Botafogo: o clube pretendia se desfazer dele. Tão cedo o Fluminense soube, Gentil Cardoso foi consultado pela diretoria e abriu o sorriso frente à possibilidade da contratação. Porém, era Ademir Menezes quem dava as cartas no Tricolor. Os dirigentes chamaram o atacante para ouvir seu parecer:

– Acho bom ficarmos com o que temos – instruiu Ademir. – Melhor tentar Careca<sup>4</sup> outra vez. Esse, pelo menos, não fala. Pode às vezes não jogar, mas também não roseta.<sup>5</sup>

Em 1º de julho, chegava ao Rio, contratado por seis meses, o ponteiro Rogério Lantres de Carvalho, craque da seleção de Portugal. O investimento alvinegro foi caro. Ídolo do Benfica e da Europa, Rogério fazia uma novidade na ponta: dava arranques para superar o marcador e, alcançando o fundo, centrava para a área. Primeiro português importado pelo futebol brasileiro, muitos da comunidade lusitana não saberiam para quem torcer num Botafogo e Vasco. Rogério, entretanto, não corresponderia às expectativas. Muito, por causa de Heleno de Freitas.

Era notório que o centroavante se invocava com pontas. Logo em seu primeiro contato com o grupo, Rogério sofreu com a estrela do clube. Ao fazer um passe errado no treino, Heleno chegou junto do gringo e soltou:

– Acho melhor você tirar as chuteiras e calçar tamancos...

Segundo Juvenal, Rogério era uma ótima pessoa, bastante calmo, se dava com todo o grupo. Menos com quem deveria:

– Se o Rogério acertasse metade das bolas que tentou, o Heleno o colocaria nas nuvens; ia se consagrar no futebol brasileiro. Só que ele errava uma, duas, a pressão aumentava, o Heleno se descalibrava, humilhava, irritava, e o Rogério só faltava chorar...

Ávila pedia calma a Heleno. Em vão:

– Que nada, Ávila! O cara tem de jogar! Esse sujeito veio para cá para jogar futebol, chega aqui e não sabe jogar? Que volte para a terra dele, então!

No mesmo mês, *O Globo Sportivo* deitava Heleno de Freitas num divã:

Não é preciso ser um psicólogo profundo para se chegar à conclusão de que essa constante irritabilidade de Heleno tem muita relação com os homens que o cercam e com o meio esportivo que o consagrou. Com efeito, nem de outra forma se compreenderia essa permanente predisposição de um atleta em provocar tantos incidentes ao mesmo tempo.

Segue a matéria:

Tentando arranjar uma explicação para o fenômeno, muitos falam em dupla personalidade, como que apregoando que Heleno só é assim, inquieto, brigão, de chuteiras. Engano. Erram, porque dentro dessa aparente tranquilidade se esconde a inquietude em pessoa. Ferve-se-lhe o sangue também cá fora, ante a mais insignificante contrariedade.<sup>6</sup>

Verdade. Heleno passou a dar trabalho até nas concentrações. Não mais em qualquer colchão repousava o corpo. A lembrança de que sua casa lhe seria mais confortável podia levá-lo a desistir de tudo. Tinha de haver, onde estivesse, pelo menos a mesma comodidade que desfrutava no lar. Se não gostasse de um colchão ou travesseiro, a troca tinha de ser imediata.

Treinar com ele também se tornava cada vez mais complicado. Espinafrava agora até mesmo os mais experientes. Antevendo um caso sem solução, o Botafogo manteve o pulso forte. Mas em vez de reclamar, se exaltar, Heleno ia ao clube cumprir de maneira exemplar o que a profissão lhe exigia. Comparecia aos treinamentos e palestrava demoradamente com o técnico, mesmo em litígio com o Alvinegro. Como tinha acesso fácil aos escritórios dos cartolas – era íntimo deles –, participava das reuniões e discutia os problemas do

clube em tardes que varavam noites, nas varandas de Wenceslau Brás.

Sem Heleno, em 27 de julho de 1947 o Botafogo conquistou o Torneio Início. Ficou uma pergunta no ar: precisava o Glorioso mesmo dele? A resposta era sim. Elegância, perfeição nos chutes, Ondino sonhava em tê-lo os noventa minutos em campo. E se empolgou com sua volta triunfal, no dia 24 de agosto. Em Figueira de Melo, o ataque formado por Santo Cristo, Otávio, Heleno, Geninho e Teixeira foi fantástico. Especialmente Heleno. O São Cristóvão foi abatido por dois gols seus. Publicou no dia seguinte o jornal *O Campeão*:

Heleno reapareceu espetacularmente. Notável nos passes que executou com os pés e com a cabeça, de frente ou de costas, de primeira ou controlando a bola. Excelente nos arremates, magnífico no espírito de luta e de companheirismo – enfim, o melhor centroavante brasileiro reapareceu esplendidamente.

Em setembro, a combinação futebol e cinema deu o que falar. Enquanto Mário Filho lançava seu livro *O negro no futebol brasileiro*, a Atlântida trazia *Luz dos meus olhos*, com Cacilda Becker atuando ao lado de Oscarito. Mas em 28 de setembro, nas Laranjeiras, a dobradinha cinema-futebol fez Heleno ir à loucura. Contra o ex-clube, naquele dia, iniciou-se uma nova era em sua carreira. O fantasma de “Gilda” o assombrava de novo, numa reestreia.

É bom lembrar que, lançado em 1946, o filme foi uma febre no Rio. Primeiro, porque o povo apreciava o que de melhor se produzia em Hollywood. Depois, porque a sensual Rita Hayworth, na flor de seus 29 anos, dava mostras de seus principais dotes artísticos, em cenas ousadas. Graças a *Gilda*, um dos maiores sucessos da Columbia Pictures, a atriz tornou-se símbolo sexual, ganhou casamentos e fortunas. Fora o fato de ser mulher, não era bem insulto alguém ser comparado a ela, mas Heleno não entendia assim.

Em Álvaro Chaves, vitimado por gritos incessantes de “Gilda!”, Heleno sofreu horrores. No intervalo, discutiu de forma áspera com as sociais. Seus palavrões deixaram o roupeiro do Fluminense

apavorado. Estado psicológico alterado, o jogador chegou a chorar de raiva no vestiário. Ao fim do jogo, pelo menos, enquanto com um pente ajeitava os lisos cabelos para as fotos, pôde sorrir, sarcástico, para as arquibancadas tricolores. Botafogo 2 × 1.

Durante o jogo, Heleno se deliciou fazendo gestos obscenos para a torcida pó de arroz. Após o embate, perdeu por completo a compostura. Assim que baixou o calção mostrando a genitália, a social desceu em peso, afrontada. Não havia alambrados nas Laranjeiras e muita gente tentou invadir o campo para agredi-lo. Protegido pelos companheiros, o atacante saiu de campo erguido pela torcida alvinegra, que, após sua atuação de gala, o mínimo que pôde fazer foi comprar-lhe a briga.

Se nunca houve uma mulher como Gilda, como pregava o slogan publicitário do filme, jamais surgira, nem voltaria a aparecer, nos estádios de futebol, jogador tão carismático quanto Heleno de Freitas. Comparando-o a Rita Hayworth, as torcidas passaram a mexer com o atleta. Atordoado, caso o time estivesse perdendo, Heleno se destemperava, invariavelmente sendo expulso. Suas maiores discussões com árbitros e bandeirinhas datam dessa época.

Mas Heleno de Freitas era mais que um apelido. Era o melhor jogador brasileiro do momento. Como comprovou, ao vivo e em cores, o narrador Luiz Mendes.

O governo Dutra coincidiu com o início da Guerra Fria. Sua política externa foi de estreito alinhamento com os Estados Unidos, o que levou o país a romper relações, mais uma vez, com a então União Soviética. Em 1947, foram cassados o registro do Partido Comunista Brasileiro e os mandatos do senador Luís Carlos Prestes e dos deputados Jorge Amado e Carlos Marighela.

Nessa época, o gaúcho Luiz Mendes, conhecido dos ouvintes por irradiar grandes festejos nacionais, como bailes carnavalescos e posses de políticos, passou a trabalhar no campeonato de futebol do Rio. Inovador, estabeleceu um "cuco", que, surgindo a cada cinco minutos, antecedia às informações sobre o placar e o tempo do jogo. Foi dele também o primeiro bordão das transmissões radiofônicas:

– Temos hoje uma tarde de sol. Temperatura amena. Tudo muito propício para a prática do velho e violento esporte bretão...

Nas cobranças de escanteios, vinha com outro:

– Vai partir o tiro esquinado. Todo mundo na boca do gol...

O locutor, anos depois, trouxe os superlativos espanhóis “pelotaço” e “golaço” para as difusões. Mas naquele distante 12 de outubro de 1947, Luiz Mendes se recorda até hoje, Heleno fez o chamado “partidaço”. Na vitória sobre o América, em General Severiano, marcou três gols e comprovou que, com ele na área, *corner* era quase pênalti. Mesmo com dois zagueiros em sua cola, o centroavante mostrou-se “imarcável”. Tê-lo em seus melhores dias era o desejo de qualquer torcedor carioca. Como extravasou Mário Filho, no *Jornal dos Sports*:

Heleno explica inteiramente a vitória do Botafogo. Se o Botafogo não tivesse Heleno, ou se tivesse Heleno em outro dia, reclamando, perdendo a cabeça, não ganharia o *match*. E Heleno teve de ganhar o *match* duas vezes.

Problema que eram dois helenos. Quanto mais se conhecia um, menos se compreendia o outro. Durante a semana, passeando de carro para cima e para baixo, dançando nas boates, era o doutor Heleno de Freitas, mais delicado, quase encantador. Em dias de jogo, chegava cedo ao estádio e assistia às preliminares de dentro de campo, junto ao alambrado, à paisana, com calça de uma cor e paletó de outra. Por onde passava, havia dedos apontados em sua direção:

– Aquele é o Heleno! Olha lá o Heleno! Ah, se o Heleno fosse sempre assim...

Com as mãos nos bolsos da calça, o jogador sorria para a direita e para a esquerda – era a amabilidade em pessoa. Podiam até chamá-lo de Gilda, não ligava. Não era a hora de chatear-se. A hora da zanga chegava quando dava o primeiro passe e ninguém aproveitava a chance. Podia aceitar o primeiro, o segundo erro. Se fizesse um gol, estivesse bem, podia até ser o doutor Heleno por todo o jogo. Mas se desconfiava de que não estava num bom dia, se percebia que nada podia esperar de um companheiro, ou de todos,

não resistia e se destemperava. Aí, sim, virava "Gilda", E só deixava de ser "Gilda" no vestiário, depois do banho, de roupa trocada. Quando, distribuindo cumprimentos, tornava a pôr as mãos nos bolsos da calça para se despedir de todos. Do lado de fora, sua mais nova aquisição, um Oldsmobile conversível, tipo torpedo, o aguardava na porta.

Em 19 de outubro, enquanto o prefeito Ângelo Mendes de Moraes e a câmara municipal concordavam com a construção de um grande estádio, que seria o Maracanã, o ponta Rogério ouvia a mais estrondosa vaia de sua consagrada carreira. Em General Severiano, o Botafogo vencia o Bangu com gols de Heleno e Otávio. Mesmo assim, o comandante de ataque cismava com o português. Abria na esquerda para ele, corria para a área pedindo o centro pelo alto, como gostava, para matar a bola de testa ou baixá-la com o peito, mas Rogério não acertava um único cruzamento. No quarto levantamento equivocado, o centroavante exasperou-se. Correu até o ponteiro e, a puxar a camisa que vestia, gritou:

– Estás vendo essa camisa? Mesmas cores, mesmo escudo, tudo igual, certo?

Rogério, atônito, escutava calado. Até que Heleno, aos berros, perdeu o respeito:

– Então, seu gringo imbecil, por que estás passando a bola para eles?

Mesmo com esse racha no grupo, o Glorioso foi enfrentar o Vasco em pé de igualdade – não fossem o mando de campo e a larga distância na tabela. Jogador por jogador, podia muito bem fazer jogo duro. Aliás, a única derrota do "Expresso da Vitória" para equipes cariocas ao longo de 1947 se deu diante do Glorioso: 4 × 0, na Gávea, com duas cabeçadas mortais de Heleno, em partida válida pelo Torneio Municipal. Entretanto, dessa vez o confronto não saiu do 0 × 0. O resultado garantiu o segundo campeonato invicto do time da casa. O Botafogo, para variar, terminou na segunda posição, sete pontos a menos. Heleno, que cravara onze gols em catorze jogos, deixou o campo inconsolável:

– Estou farto de ser vice-campeão.

Mais quatro dias e Carlos Martins da Rocha, o Carlito Rocha, sem oposição, era eleito presidente do clube. Sua gestão iniciaria o período de crenças e superstições que até hoje acompanham o Alvinegro. Contudo, Carlito apostava no trabalho, apesar das rezas. Em menos de um ano à frente do Glorioso, congratularia os torcedores com o tão esperado título.

## 16. A estrela solitária

1948

Os excessos de Heleno tornaram insustentável o clima para ele em General Severiano. Suas explosões eram quase diárias, com direito a brigas e discussões até no vestiário, após simples treinamentos. O Botafogo estava cada vez mais saturado de suas crises histéricas.

Rogério foi o primeiro a abandonar o barco. Ao despedir-se de Otávio, foi sincero:

– Tatá, foi um prazer jogar contigo, mas vou-me embora, porque é impossível jogar com aquele rapaz – evitava mencionar seu nome.

Nos últimos dias de fevereiro de 1948, chegava de Lisboa, pela United Press, a primeira declaração oficial do ponta:

– Para triunfar no Botafogo é preciso ser amigo do Heleno – sintetizava Rogério. – Logo no primeiro encontro, me indispus com esse menino bonito do clube, que tem grande influência junto à direção.

Incontestavelmente, o português foi um fiasco. Entretanto, mais do que com o ponteiro, a torcida se decepcionou com Ondino Viera. Como a campanha com Martim Silveira houvera sido mais convincente, o uruguaio não escapou da degola, cedendo o lugar ao estreante Zezé Moreyra. Ao se despedir, Ondino fez questão de entregar à direção um relatório. Nele, afirmava, com todas as letras, que, enquanto Heleno de Freitas jogasse no clube, o Botafogo não ganharia títulos.

Uma meia verdade. Se seu comportamento intempestivo era passível de levá-lo a sucessivas expulsões – o que jogava por água abaixo qualquer plano tático traçado pelo treinador –, de igual forma

as principais vitórias do clube surgiam de sua cabeça e de seus pés. Muito de o clube disputar todo ano o campeonato se devia a ele. Com passes na medida, Heleno deixava todo mundo na cara do gol.

Na tarde em que assumiu a presidência, Carlito Rocha, que venderia Ponce de Leon e Santo Cristo ao São Paulo, anunciou a contratação do veterano Sylvio Pirillo, centroavante tricampeão carioca pelo Flamengo. Numa conversa informal com o novo treinador, Carlito demonstrou acreditar piamente que Paes Barreto, a quem caberia o tratamento médico dos atletas, iria recuperá-lo para o futebol:

– Esse gaúcho é bom, Zezé. Vamos trazê-lo, mesmo que seja para fazer sombra ao Heleno.

A aquisição foi bastante criticada. Um sem-fim de torcedores julgava o atacante de quase 32 anos acabado para o futebol. Pirillo, todavia, não se abateu com a enxurrada de opiniões contrárias à sua admissão no Alvinegro:

– Meu destino tem sido o de substituir grandes ídolos. Leônidas foi o primeiro, agora esse Heleno...

Em fevereiro, Carlito Rocha reuniu o elenco para deixar bem claro que, com ele no comando, não haveria mais espaço para indisciplinas no clube, "viessem de onde viessem". O recado, mais direto impossível, tinha endereço certo: a prima-dona da equipe. E o que falava, estava dito; enfrentá-lo poderia custar caro. Carlito, que nasceu em 1894, ano de fundação do Clube de Regatas Botafogo, foi talvez o maior alvinegro de todos os tempos. Sabia, melhor do que ninguém, o que era bom ou não para o clube.

Havia uma década que o símbolo do Botafogo era o Pato Donald. O caricaturista argentino Lorenzo Mollas buscou tal inspiração nos famosos cartolas do clube, que lutavam até o fim por seus direitos. Cartolas que podiam ser resumidos num só: Carlito Rocha.

Ex-atleta, Carlito ganhou campeonatos de remo e jogou futebol pelo Alvinegro. Aos 24 anos, em 1918, provando todo o seu amor, entrou em campo contra o América com pneumonia. Saiu em estado de coma; necessitou de um longo período de recuperação. Meses

afastado do Botafogo, a aflição e a impotência superaram a dor. Pelo clube Carlito não dormia. Dedicava-se ao Glorioso 24 horas por dia.

Em 1925, como diretor de futebol do Botafogo, usou de sua influência para reintegrar o Vasco na liga de futebol. No ano seguinte, foi tesoureiro do Alvinegro; e, em 1927, chegou a treinar o time principal. Em 1932, uma de suas maiores alegrias: como juiz, apitou a vitória apertada sobre o Bonsucesso, que deu, por antecipação, o Campeonato Carioca ao seu amado clube.

Em 1934, Carlito seguiu com a delegação brasileira para a Copa da Itália. Inscrito como árbitro, não podia exercer a função de treinador oficialmente – deixava Luís Vinhais assinar a súmula. Um ano depois, mesmo enfrentando oposição no Botafogo, conseguiu a contratação de Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”. Grande benemérito desde 1938, quando da união do remo com o futebol, coube a Carlito Rocha dar a primeira proposta de nome, por sinal, quase totalmente aceita: Clube Botafogo de Futebol e Regatas.

Com declarações sempre honestas e incisivas, fez muito pelo esporte em geral. Em 1943, no dia de Nossa Senhora da Glória, Carlito, na época presidente da Federação Metropolitana de Remo, organizou a primeira regata noturna no Brasil. O *black-out* na orla era obrigatório, devido ao torpedeamento dos navios brasileiros por submarinos alemães. Dirigente dedicado, obstinado, Carlito conseguiu o impossível: mobilizou dezenas de holofotes do Exército, de alta potência, para iluminar a enseada da Glória, alegrando as 100 mil pessoas que se dirigiram ao Outeiro.

Sujeito intraduzível, cheio de cismas, se o táxi que o levava ao estádio desse marcha a ré, Carlito saía do carro no ato, porque “dava azar”. Supersticioso, enchia as cortinas de nós em dia de jogo, para “amarrar” os adversários. Também assistia às disputas com a mesma roupa – terno pesado, de puro tecido inglês, azul risca de giz, e na cabeça um enorme chapéu cinza argentino, com o escudo do River Plate na lapela. Quando nuvens cobriam o Cristo Redentor, era tomado pela convicção de que a derrota seria inevitável.

Generoso e compreensível como dirigente, Carlito Rocha se compadecia com o drama dos atletas mais necessitados. Tratava-os

como os filhos que nunca teve. Herdeiro de um rico industrial, ajudava no que podia. Aconselhava, levava frutas, rapadura, mel e gemadas para que se fortalecessem. E fazia todo mundo rezar. Às vezes, conduzia os jogadores até uma igreja próxima. Os atletas nem ousavam reclamar de suas preces. De formação severa, Carlito sabia, se necessário, repelir insubordinações com truculência. Passou boa parte da vida pegando pesado nos bastidores, deflagrando verdadeiras revoluções. Costumava até brincar:

– Ditadores, apenas eu e Getúlio!

A eleição de Carlito Rocha para a presidência do Glorioso representou o fim de linha para Kanela em General Severiano. Opostos que não se atraíam, a não ser pela devoção ao trabalho, o treinador deixou o clube e se transferiu para o rival Flamengo, onde faria tanta ou mais história – principalmente no basquete. Neném Prancha assumiu seu papel à frente das demais categorias do futebol alvinegro. Para conhecer melhor seus comandados, pediu e obteve licença para morar na sede.

Quem Neném conhecia como a palma da mão era Heleno. Assistindo a seu destemperado crescente, anteviu que, àquela altura, ou o Botafogo se desfaria dele, ou Heleno enterraria o clube. Como afirma o jornalista e botafoguense Roberto Porto:

– Seu temperamento era tão marcante que, durante o período em que vestiu a camisa alvinegra, Heleno de Freitas foi mais forte que o próprio Botafogo.

Carlito Rocha queria dar um ponto final a isso. Em 15 de março, numa importante reunião com os grandes beneméritos, após tomar conhecimento de uma entrevista que Heleno concedera a um jornal de Montevideú, onde disputava a Copa Rio Branco pela seleção brasileira, o presidente, de forma enérgica, interpelou-o por telefone. Heleno havia declarado que sua situação no Botafogo era de mal-estar, que pretendia se transferir para o Vasco.

Apreensivo e preocupado com a repercussão da notícia no Brasil, o atacante tentou enrolar Carlito. Mas, ao dizer que o repórter o interpretou mal, não convenceu. João Saldanha à frente, os

diretores aprovaram, por unanimidade, sua suspensão, que entraria em vigor assim que o jogador regressasse ao país.<sup>1</sup>

Abatido, angustiado e arrependido, Heleno foi um fracasso no empate em 1 × 1 com o Uruguai, dia 4 de abril de 1948, no Estádio Centenário. Mostrou-se sem mobilidade, sem equilíbrio, sem coração. Contundido, cedeu o lugar a Adãozinho, e só então o Brasil empatou. O time: Barbosa; Augusto, Nílton e Rui; Danilo e Noronha; Cláudio, Friaça, Heleno, Jair Rosa Pinto e Canhotinho. Foi sua 18ª – e última – partida pelo escrete. Deixava na história um legado de catorze gols marcados, em onze vitórias, quatro empates e três derrotas. Sempre sob a orientação de Flávio Costa.

Por sinal, o treinador foi um dos primeiros a reparar que Heleno não estava bem. Certa vez, na concentração, Jair Rosa Pinto batia animado papo com Adãozinho e Nílton quando Heleno entrou no quarto para vestir seu terno. Ao abrir o armário, deu de cara com o paletó de Adãozinho, pequeno e simples como o dono. Descomedido, se inflamou:

– Que merda é essa aqui?!

Arrancando a peça do cabide, mordaz, debochou:

– Vem cá, isso, por acaso, pode ser paletó de alguém?

Segundo Jair, Adãozinho se sentiu ofendido. As lágrimas quase caíram, de tão humilhado. Jamais poderia ter roupas caras como as do centroavante, ternos de qualidade. Nesse momento, Flávio Costa entrou no quarto e notou Heleno estressado, furioso além da conta:

– Quer saber, não vou botar minha roupa aqui não! – Pegou suas coisas e bateu a porta com força, tacando o paletó do companheiro no chão.

Apesar dos chiliques, havia quem pouco ligasse para seu gênio e os que até tiravam sarro. Vez ou outra Heleno sofria nas mãos da dupla Augusto e Danilo. Durante as refeições, os dois colocavam um prato cheio de cebola na frente da fera, que de imediato se levantava da mesa e saía. Assim, viveu Heleno boa parte de seus últimos momentos no selecionado praticamente à base de café.

Em meados de abril, assim que regressou ao Brasil e ao Botafogo, Heleno aceitou sem reclamar a suspensão que lhe foi

imposta pelo clube: trinta dias sem jogar, só treinando. Deu sorte que, na mesma época, chegou ao Rio o empresário argentino Alfonso Doce, que estava decidido a levá-lo para o Boca Juniors. Após a primeira sondagem oficial do clube portenho, o diretor de futebol Luiz Aranha teve de discar para a residência de Carlito Rocha:

– Os homens trazem o dinheiro na mão, Carlito, mas cabe a você decidir.

– Puxa, Lulu, o que você sugere?

– O presidente é você, Carlito. O que você fizer, o conselho aprova em cruz.

Sentindo muito a sua ausência, a torcida alvinegra vibrou quando Heleno foi liberado para enfrentar o Southampton – primeiro clube inglês a pisar o Brasil em quase vinte anos. E, depois de fracassar diante do Fluminense, em 20 de maio o Southampton perdeu também para o Glorioso, 3 × 1. O gol de Heleno abriu a porteira. Pirillo e Demóstenes aumentaram. O talento brasileiro começava a mostrar sua superioridade em relação ao conjunto europeu.

Parecia que a briga entre o Botafogo e Heleno mais uma vez terminaria empatada. Valeu o arrependimento do jogador, que, além de craque, confessava-se alvinegro de corpo e alma. Para Carlito Rocha, era o bastante. Ainda que continuasse esquentando o tempo no clube.

Durante certo treino, Heleno encarou um jovem virtuose de 22 anos, chamado Nilton Santos. O rapaz seria considerado a “Enciclopédia do Futebol”, venceria duas Copas do Mundo e estabeleceria o recorde de partidas defendendo o Alvinegro. Criado sem paparicos na Ilha do Governador, Nilton Santos jamais permitiu que dele reclamassem sem razão. Pior se o ofendessem. Nesse dia, numa jogada que se tornaria característica, Nilton Santos fingiu atrasar para o goleiro Ary e deu um drible desconcertante em Heleno. O astro foi para cima do novato, irado com a sua petulância. Cuspiu que o lateral era um “toco”, o que na gíria futebolística significava o mesmo que perna de pau, cabeça de bagre. Nilton

Santos não deixou por menos. Pôs em xeque a tão decantada masculinidade do centroavante:

– Heleno, Heleno... Quem sabe da tua vida é o Zizinho...

Tempos depois, treinando com a seleção, “Mestre Ziza” lhe perguntou o porquê da inclusão logo do seu nome.

– É que você era o meu ídolo – respondeu Nilton Santos. – Foi quem primeiro me veio à cabeça.

Mas não havia do que duvidar. Heleno gostava, e muito, de mulher. Sempre bem-acompanhado nos cafés ou no Golden Room do Copacabana Palace, não abdicava dos prazeres que a fama lhe rendia. Como rememorou o jornalista Moacir Japiassu, numa matéria da revista *Isto É*:

– Conheci mulheres que perderam a juventude na porta do Copacabana Palace na ilusão de substituírem o lança-perfume nos prazeres de Heleno. Ele chegava vestido de branco, descia do Cadillac e ia sentar-se à beira da piscina, com uma garrafa do melhor uísque e um balde de gelo. Um homem tão bonito...

Amado e amante, Heleno rompera com uma linda moça, alta e imponente, chamada Lindoia Porto Martins – por sinal, prima do jornalista Roberto Porto –, que morava na rua Santa Clara e era da turma do Posto 4, pagando agora paixão por Ilma Miranda Corrêa Lisboa, uma mulher fina como ele, e também de personalidade.

Personalidade até demais.

Informadas pelo rádio sobre as mudanças de comportamento no mundo, nos anos 1940 as mulheres passaram a sair mais de casa. As mais ricas passeavam desacompanhadas pelas ruas; as de classe média começaram a trabalhar fora. Negavam-se a ser apenas mães ou esposas; eternas prendas domésticas. Crescia de forma avassaladora o número de datilógrafas, enfermeiras, funcionárias públicas e telefonistas à disposição no mercado.

Filha de Lígia Côrrea e enteada de Mauro de Freitas (o primo de Heleno cônsul na Espanha, Romênia, Hungria e Portugal), Ilma não acompanhou, porque já as conhecia, as novas tendências da sociedade no Brasil. Beleza angelical, olhos tranquilos e tez dourada,

morou metade de seus vinte anos na Europa, cinco dos quais em Madri. Poliglota, inteligente e moderna, estava à frente das meninas de seu tempo. Simpática e dona de um sorriso encantador, compensava a baixa estatura mantendo-se no melhor da moda. Seguindo o *new-look* do francês Christian Dior, à noite, quando saía com a mãe e o padrasto – ambos bons de copo –, abusava de *escarpins* rebordados, usando ainda luvas de cetim, saltos altíssimos, saias rodadas, lenços, brincos grandes ou colares de pérolas. Seduziu Heleno com um longo sem alça e estolas de pele, a agasalhar-lhe os ombros.

Era pela elegante Ilma que agora Heleno vestia-se com ainda mais apuro nos vestiários. A moça parecia ter sido esculpida a seu gosto. Seu peso era ideal; pele, cabelos e unhas bem-tratadas. Estava sempre aberta ao diálogo e, o melhor, à moda de Heleno – sem apontar-lhe ambiguidades ou incoerências. Ilma o amava não apenas com o corpo, mas com a expressão do rosto ou um sorriso delicioso. Quando saíam para a boate Vogue, seus olhos brilhavam pelo simples fato de estar, socialmente, ao lado do namorado.

Dentro em breve, estaria com ele numa igreja.

O sigilo sobre a transferência de Heleno durou bastante tempo: quase todo o primeiro semestre de 1948. No momento em que vazou o interesse do Boca Juniors, o protagonista da trama ainda tentou despistar:

– Por que abandonar o Rio, as noitadas em boa companhia?

Todavia, em Buenos Aires só se falava da sua chegada. O Boca perdia mais uma, 2 × 1 para o Platense, e precisava de um nome forte que amansasse a torcida, insatisfeita com a antepenúltima posição no campeonato argentino. A angústia de cariocas e portenhos terminou quando o “Repórter Esso” anunciou a concretização do negócio.

De início, o Boca propôs 400 mil cruzeiros pelo craque. Carlito Rocha rechaçou:

– Ou 600 mil cruzeiros ou fim de conversa.

Alfonso Doce preferiu juntar as duas coisas:

– Combinado. Amanhã à tarde a gente fecha. – Pegou o telefone e comunicou a decisão a Daniel Gil, presidente da agremiação argentina.

Carlito foi obrigado a ligar de imediato para o atacante. Convocou-o para uma reunião “importantíssima e urgente”. Heleno sentou o pé no acelerador. Ao chegar à sede, escutou com atenção o cartola:

– Heleno, meu filho, há uma proposta do Boca Juniors vantajosíssima para o Botafogo, que, como você sabe, está com as finanças em crise. Que achas de negociarmos teu passe?

Desapontado, o jogador respondeu:

– Carlito, a camisa do Botafogo está grudada em minha pele! Mas se o clube precisa de mim fora do campo de luta, façam o que quiserem comigo e com o dinheiro...

Em 28 de maio de 1948 os jornais estamparam que Heleno era do Boca. Ganharia 300 mil dólares de luvas e 9 mil dólares de salários, ou seja, os argentinos lhe ofertaram 1 milhão de cruzeiros, uma quantia absolutamente fantástica. Com esse dinheiro, o craque podia comprar três apartamentos de sala e dois quartos no Posto 6, de frente para o mar, mobiliados com luxo. Ou então um em plena Vieira Souto, quase Arpoador, de quebra levando um Dodge 47 superluxo e quatro portas.

No *Jornal dos Sports*, o escritor José Lins do Rego dedicava sua nova coluna ao jogador mais caro do continente:

Apesar de tudo, o rapaz ainda é o melhor do Brasil. Reclamando, enfezado, irritando até as traves dos gols, ainda é o melhor, o mais eficiente, o de mais classe, o mais capaz. Outros poderão vir, mas, por enquanto, ninguém se aproxima dele. Depois que acabou o futebol de Leônidas, o que existe por aí é o futebol de Heleno. Por tudo isso é que lastimo que ele se vá com destino a Buenos Aires. O que vem provar que o futebol argentino anda atrás de nossa gente ...

Antes mesmo de a imprensa se inteirar sobre o negócio, Heleno disputou, pelo Torneio Municipal de 1948, partidas contra o Madureira e o Canto do Rio, marcando seus três últimos gols pelo Botafogo. Jogou também um amistoso, o da festiva inauguração da moderna iluminação de General Severiano. Nessa noite, uma mágica

queima de fogos de artifício o recebeu em sua sentimental despedida. O time pisou o gramado em 29 de maio com Oswaldo Baliza, Gerson e Nilton Santos; Marinho, Ávila e Juvenal; Nerino, Geninho, Heleno, Pirillo e Reinaldo. Emocionado, o centroavante botou todo mundo na cara do gol e não esboçou qualquer reclamação, apesar das chances desperdiçadas. No final, um gol legítimo de Otávio foi anulado e o Botafogo não saiu do 0 × 0 com o Atlético Paranaense.

Otávio, que tinha afazeres diários numa firma de instalações elétricas, por não ter treinado em tempo integral durante a semana, entrou apenas na etapa final, no lugar de Pirillo. Egídio Landolfi, o Paraguaio, comemorou sua estreia também no segundo tempo. Por sinal, o mato-grossense havia sido indicado ao clube pelo próprio Heleno, que houvera recebido uma carta de seu primo Aldo de Freitas, secretário da embaixada brasileira no Paraguai, recomendando o atleta, que matava a pau no campeonato daquele país, pelo Olimpia.

Heleno seguiu para Buenos Aires na manhã de 3 junho. No aeroporto, coração na mão, Carlito Rocha ainda tentou voltar atrás:

– Diga, Heleno, você prefere ficar? Queres desistir? Reflita, meu filho, vamos!

– Trato é trato, seu Carlito! – afastou a hipótese o novo milionário, apertando-lhe a mão e oferecendo um abraço fraternal.

Sentimentos paternalistas feito este foram uma constante na relação entre o clube e o jogador. Como escreveu Geraldo Romualdo da Silva, no *Jornal dos Sports*:

Para o Botafogo, não havia ninguém melhor que Heleno. Bastava vê-lo em campo, com todos os nervos esticados nos galopes de aquecimento; com os cabelos pretos lisos e penteados para trás; com os braços cruzados sobre o peito ou as mãos escondidas para as costas, na hora da fotografia – para que o torcedor esquecesse tudo.

Por desengano de consciência, Carlito, na hora do embarque, presenteou o artilheiro com 11 mil cruzeiros, em espécie. A quantia correspondia a tudo o que Heleno deixara de receber do Botafogo,

ao longo das vezes em que, suspenso, fora impedido de atuar pelo clube.

Nunca seguiria sozinho para outro país. Antes de voar para a Argentina, Heleno reuniu os “cafajestes” para anunciar seu casamento com Ilma.

Embora a moça vivesse pensando em penteados e modelos de vestidos, no trato com Heleno era nota mil. Procurava estar a seu lado em todos os momentos, bons e ruins, sendo sempre agradável, esbanjando otimismo. Se pudesse, participaria ativamente da vida social do noivo. Ele que a freava.

Quando se encontrava com os “cafajestes”, para tomar uísque importado na piscina do Copa, Heleno levava Ilma consigo. Ela então encantava a todos com sua conversa, seu conhecimento e sua vivência, apesar da pouca idade. Já nas festas de arramba que o grupo promovia na casa do pai de Francisco Guise, perto da rua Farani, Heleno aparecia desacompanhado. Embora quase nunca saísse delas sozinho.

Badalação, com Ilma, uma ou outra boate e olhe lá. Em sua última noite no Vogue antes de viajar, a moça se derreteu em paixão por Heleno. Acreditava mesmo em ser feliz com o astro.

– Não se case com ele, Ilma, isso não pode dar certo – aconselhava Ronaldo Mello Pinto, dançando com a bela na pista. Ronaldo era filho de Dario de Mello Pinto, presidente do Flamengo, e fez amizade com os noivos por intermédio dos “cafajestes”, com os quais saía com certa regularidade.

– Farás uma loucura ao se casar com o Heleno. Seu gênio é terrível; você não vai suportar – antecipou.

– Ah, Ronaldo, mas estou apaixonada por ele, que posso fazer? Nessas coisas, é o coração quem manda, não?

– Não se esqueça de que eu a avisei...

Ilma não esqueceria. Porém, na ocasião, além de seu coração pender para o matrimônio, as duas famílias já haviam acertado o casório. A moça rica, orgulho dos Miranda Corrêa, iria juntar-se ao

ídolo internacional do futebol brasileiro. Era a bela princesa entregue de bandeja ao príncipe Heleno.

Que, num passe de mágica, se transformaria em sapo.

## 17. Buenos Aires conquistada

1948

Uma das particularidades da sociedade argentina é ter sido sempre urbanizada. Em 1938, para se ter uma ideia, três quartos dos argentinos moravam nos grandes centros. Em grau de urbanização, o país só perdia para dois industrializados: a Grã-Bretanha e a Holanda. Naqueles idos, a Argentina chegou a ter quarenta por cento do PIB da América Latina. Na década de 1940, acelerou-se ainda mais o processo de despovoamento do campo.

No plano político, Juan Domingo Perón, eleito presidente em 1946, tornava a nação socialmente mais justa. Para romper com o desemprego crescente, instituiu uma política de nacionalização, que fomentava as indústrias. O peronismo expressava, em última instância, a mudança social provocada pela industrialização. A alimentação, a construção, o livro, seguidos pelos setores têxtil e do couro, retomavam o crescimento. Ao passo que Buenos Aires enchia.

Abrigando um terço da população argentina, em 1948 a primeira grande metrópole sul-americana já era, mais que burguesa, linda. Adornada por praças arborizadas, ruas planas e amplas avenidas – como a Nove de Julho, a mais larga do mundo –, havia quase uma década que Buenos Aires ultrapassara a cifra de 2,5 milhões de habitantes. A capital europeia das Américas atraía multidões por suas possibilidades de emprego, seu nível de serviços, seu poder de consumo. Cidade-país, segundo o escritor Jorge Luis Borges, parecia se multiplicar. Cada bairro era como uma cidade.

Um dos mais antigos, o periférico bairro de La Boca acolheria carinhosamente Heleno, ou melhor, “De Freitas”, como o jogador brasileiro era conhecido no país. Ali residia a maior parte da

comunidade italiana, que chegara em massa à região, em meados do século XIX, para exercer bastante influência em Buenos Aires. La Boca conservava características simplórias. Destacavam-se as feiras de antiguidades e os cortiços de zinco e madeira, pintados com cores alegres, como vermelho e verde ou, principalmente, azul e dourado, as cores do Boca Juniors, o grande clube local, um dos dois maiores do país. No entanto, era o River Plate, de Alfredo Di Stéfano, que mandava no pedaço. “La Maquina” conquistara, em 1947, seu sétimo título nacional, distanciando-se em dois do arquirrival.

A idolatria dos argentinos por Heleno de Freitas se iniciou no Sul-Americano de Buenos Aires. Na competição, o craque consolidou sua condição de estrela internacional. Por conta disso, seu desembarque como jogador do Boca Juniors mereceu uma recepção fabulosa, com direito ao representante diplomático do Brasil no país à sua espera. O artilheiro foi amparado também por Boyé e Marante, mais que ídolos, símbolos boquenses. Surpreso, declarou a um repórter da Associated Press, enquanto despachavam suas malas:

– Jogarei para o meu novo clube como se o fizesse para o meu velho e querido Botafogo. – Ganhou aplausos. – Será uma honra atuar ao lado de craques como Boyé e outros mais.

Sabia conquistar uma exigente torcida:

– O nome Boca Juniors não é popular apenas aqui. Também os brasileiros acompanham seus jogos, suas campanhas, com admiração. E eu era um deles.

A contratação do goleador servia como um basta à péssima fase do mais popular clube da cidade. A simples chegada do brasileiro elevou o moral dos atletas e empolgou o público. Tudo o que podia ser dispensado a um ser humano, em matéria de honrarias, Heleno recebeu em seus primeiros dias na aristocrática capital argentina.

A impressão era a de que Buenos Aires em peso queria conferir os passos da estrela maior do Brasil. Em seu primeiro treino pelo Boca, Heleno levou 2 mil pessoas ao La Bombonera. Com um gol de placa, justificou sua fama de artilheiro. Torcedores alucinados, foi

necessário cordão de isolamento na porta do estádio para que pudesse deixar o clube, quase duas horas depois de acabado o coletivo.

Sua popularidade era muito alta. Conhecendo melhor a cidade, quando parava nas bancas para comprar jornais, a rua se empanturrava de curiosos. Sua notoriedade era tamanha que a revista *La Hora*, que se ocupava de assuntos sociais e políticos de relevância, exibia uma foto sua na capa. Também seu charme era visto em cartazes nos cinemas e em anúncios espalhados pela capital. O belo perfil de Heleno estampava um gigantesco painel, numa praça perto de Paseo Colon, no Centro. O jogador parecia abalar até o prestígio de Carlos Gardel junto à massa.

Tremendo de frio, certa tarde Heleno rodou a capital portenha atrás de um capote. Correu vitrines, cortou ruas, espiou, até entrar numa casa tradicional da cidade. Ao parar defronte a um enorme armário expositor, correu em um minuto a notícia de que estava ali. Rodearam-no, trouxeram todo o estoque, a loja fechou para atendê-lo. Heleno vestiu, tirou, pôs um, pôs outro, até confessar que nada o agradara. As peças eram muito leves, e o inverno deveria chegar rigoroso.

– Não, o senhor não irá daqui assim! Temos boas fazendas, fazendas inglesas legítimas; o senhor levará qualquer uma dessas que mostramos e depois voltará para fazer uma do seu agrado. Pode levar, sem o menor compromisso!

Constrangido, Heleno relutou em aceitar a oferta. Mas tanto insistiram que ele saiu com o capote direto para o hotel. O presidente do Boca o hospedara no luxuoso Richmond, um dos melhores do país, localizado na *calle* Florida, entre a avenida Corrientes e a *calle* Lavalle.

Maior aquisição do futebol argentino, Heleno de Freitas provocou um maremoto editorial. Nos jornais, afloravam manchetes como “Heleno, o craque cavalheiro”, “Heleno, o jogador-galã” e assim por diante. Como tudo tem seu lado ruim, repórteres acordavam-no às sete horas da manhã com perguntas imbecis. O brasileiro suportou oito dias desse inferno. Esgotado o prazo, ao primeiro que lhe

despertou, perguntou se não achava cedo demais para entrevistas. Problema é que qualquer coisa que falava virava notícia. Sendo assim, na mesma tarde, *La Epoca* o descompôs, publicando que Heleno era desatencioso, que maltratava jornalistas, que toda a sua aparência delicada não passava de fingimento. O jogador foi taxativo:

– De agora em diante serei sempre assim. Eu já havia prevenido esses repórteres de que não podia, em absoluto, continuar levando a vida que eles querem. Ser arrancado da cama todos os dias, de madrugada, para responder bobagens? Não! Insistes? Pois bem, terão o Heleno que desejam!<sup>1</sup>

Em sua primeira participação pelo novo clube, contra o Banfield, dia 6 de junho – partida irradiada para todo o Brasil pela Rádio Globo –, o Boca Juniors recuperou, de imediato, quase 40 mil pesos dos 210 mil investidos no craque. Não cabia um alfinete a mais em General Arenales Y Pena. O jogo estabeleceu recorde de público e renda no estádio.

Quando Luiz Mendes, da Rádio Globo, e Geraldo Romualdo da Silva, do *Jornal dos Sports*, desembarcaram no país a fim de cobrir a partida, Heleno os recebeu com alegria em seus graciosos aposentos no Richmond:

– Até que enfim vou falar português!

Estava profundamente saudoso do Brasil. A capital argentina podia ser atraente, mas não havia nada nela que se comparasse à beleza de Copacabana. De sobretudo grosso e luvas acolchoadas, o jogador falou para a dupla de repórteres brasileiros que, mal desembarcara, estava exausto. Quatro quilos mais magro, não aguentava mais o assédio da imprensa e do povo. Chegou a suspirar:

– Ainda bem que minha estreia não foi marcada!

Luiz Mendes quase teve um treco. Geraldo Romualdo nem quis acreditar:

– Pelo amor de Deus, Heleno, não brinca!

– Verdade!

– Será que não dá para ajeitarmos as coisas?

Era uma grana fazer transmissão internacional. Quem patrocinou a viagem dos jornalistas foi a Casa José Silva. As rádios não podiam despende um valor tão alto para uma partida que, não fosse a presença de Heleno, pouco interessava aos torcedores cariocas.

Heleno acabou tendo de advogar a causa dos amigos. A questão era: como dobrar o presidente do Boca? Sem pressa, Daniel Gil queria vê-lo em campo apenas no domingo seguinte, descansado e entrosado. Pelo telefone o dirigente não se sensibilizou com o drama dos brasileiros. Até que Heleno pegou o aparelho e pediu a palavra:

- Adoraria estrear neste domingo, presidente.
- Mas, Heleno, será contra um clube pequeno, sem expressão.
- Por isso mesmo, doutor Gil. Irá facilitar meu entrosamento com a equipe, para eu estar tinindo no próximo fim de semana.
- Achas mesmo melhor?
- Acho, não. Tenho certeza – salvava Heleno os dois aventureiros do fracasso.

O centroavante esteve deslumbrante na vitória sobre o guerreiro e bem-montado Banfield, pela oitava rodada do campeonato argentino. Nas sete anteriores, o Boca só vencera uma vez; estava havia quatro sem vitórias. Num dia ensolarado, de céu limpidamente azul, os gritos de “Boca! Boca! Boca!” foram substituídos pelo coro “Heleno! Heleno! Heleno!”. Um grande número de mulheres compareceu ao estádio, atraídas pelo magnetismo do jogador.

Posaram para a foto histórica Vacca, Perroncino e Costa; Sosa, Castellani e Pescia; Boyé, Negri, Heleno, Yeso Amalfi e Gómez Sánchez. Aos 22 minutos do primeiro tempo, *Mr. Brown* apitou falta no meio do campo para o Boca. O ala careca Natalia Augustín Pescia, da seleção argentina, centrou pelo alto. Bola em direção ao gol, Heleno, antevendo sua trajetória, subiu fingindo que a cabecearia, mas deixou-a passar. O corta-luz enganou o goleiro: Boca Juniors 1 × 0.

Para Luiz Mendes, o gol foi do artilheiro:

- Pode ter sido indireto, mas foi de Heleno. Não fosse ele, não seria gol.

Três minutos depois, a explosão da massa. O outro brasileiro da equipe, o jovem de 23 anos Yeso Amalfi, ex-São Paulo, lançou Mario Boyé, o astro do time. Boyé arrancou pela direita, chegou ao fundo e levantou para o meio da área. A redonda desceu onde estava Heleno, que, de sem-pulo, estufou as redes de Jayme.

Na etapa final, o Boca se exibia para a torcida enquanto Heleno de Freitas era o centro das atenções. A sete minutos do apito derradeiro, Yeso Amalfi empurrou outra bola para o compatriota, que avançou até a meia-lua, driblou um zagueiro e soltou a bomba à meia altura no canto. Com dois gols do “salvador da pátria”, Boca Juniors 3 × 0. Estava selada a conquista de Buenos Aires. Em delírio, a torcida deixou o estádio de alma lavada.

– Fomos ao vestiário cumprimentar o Heleno, e o tesoureiro do Boca nos convidou para regressarmos ao centro da cidade em seu Oldsmobile, junto a Yeso Amalfi e ao herói da tarde – expõe Luiz Mendes. – Em alguns minutos, estávamos eu, Geraldo e Yeso no banco de trás, com Heleno ao lado do motorista. Eis que o tesoureiro se distraiu e bateu num carro que freara de forma repentina. O dono do carro abalroado abruptamente saltou do automóvel e, indignado, pôs-se a discutir com o tesoureiro. Estava muito aborrecido, cheio de palavrões, voz áspera. Heleno, então, abriu a porta do carro e saiu doido para brigar.

Segundo Mendes, que foi comentarista da mesma Rádio Globo até sua morte, em 2011, uma impressionante mudança de atitude ocorreu naquele instante. O cidadão, que parecia embalado para agredir o tesoureiro, reconheceu Heleno de Freitas imediatamente e, numa transformação incrível, transbordou um aconchegante sorriso. Após abraçar o craque, disse que nada de grave acontecera:

– Não houve nada, Heleno! E obrigado por seus gols! Está tudo bem, Heleno, tudo bem!

Na semana seguinte à estreia, a revista *El Gráfico* trazia matéria de página inteira com o homem do momento do futebol argentino:

– Espero jogar melhor ainda. Estive muito nervoso com a publicidade que cercou a estreia e porque, ao entrar, o estádio me

recebeu aos gritos de “Heleno! Heleno!”. Aquilo me impressionou demais. Estou muito agradecido pela recepção e farei o que estiver a meu alcance para corresponder. Creio que renda melhor no futuro, pois estou cercado de bons companheiros. Aquela ovação me tirou a tranquilidade, aumentou muito minha carga de responsabilidade.

Logo, logo, Heleno fez ideia de quão exigente era a torcida boquense. Em seu primeiro jogo no Estádio Camila Cichero – batizado La Bombonera pela semelhança das arquibancadas com uma caixa de bombons –, seu novo time não saiu do empate em um gol contra o San Lorenzo. Não havia ainda o terceiro lance de arquibancada, mas o estádio do Boca estava tomado. Porém, mesmo empurrado com frenesi pela massa, o time decepcionou. Yeso e Pinada fizeram de útil, a pontaria de Boyé não estava boa e Heleno foi neutralizado por Oscar Basso – um zagueiro de 26 anos e técnica refinadíssima, incapaz de dar um chutão, que jogaria tempos depois no Botafogo. A estrela do jogo foi Pontoni.

A torcida não aliviou ninguém. E, se recebia mal um empate, pode-se supor como a derrota em casa para o Newell’s Old Boys, na partida seguinte, foi de amargar. Em seis jogos disputados em La Bombonera, apenas um triunfo. Na tábua de classificação, o time permanecia em penúltimo.

O conceituado colunista Borocotó, da revista *El Gráfico*, publicou que Heleno “não teve companheiros, e sim rivais”. Categórico, afirmou que lhe faltavam parceiros à altura. Detalhe, que o Boca tinha bons jogadores, como Negri e Yeso Amalfi, embora não constituíssem real ameaça às defesas oponentes. Eram mais de preparar as jogadas, não de decidir. Trazendo à memória a estupenda linha de ataque da seleção brasileira no Sul-Americano de 1945, Borocotó sentenciou: “Um homem só é pouco, por mais Heleno que seja.”<sup>2</sup>

Apenas o vespertino *Crítica*, honrando o nome, flertou com a realidade: “O doutor Heleno não jogou nem permitiu aos outros jogarem.”

Se a princípio o jornal perdeu pontos com o craque, ganharia com seus leitores a longo prazo. Em 12 de agosto, com a derrota de

virada e em casa para o arquirrival River Plate – que até aquela data jamais havia vencido em La Bombonera –, a crise se instalou de vez no clube. Para anular o Boca, bastava colar em Boyé e Heleno, perceberam.

O centroavante, que não conseguia reencontrar o seu melhor jogo, culpava a baixa temperatura do país por suas apresentações travadas. Após os dois gols na estreia, só voltou a marcar sete rodadas depois, contra o inexpressivo Lanús.

Havia se desgastado com os principais figurões da equipe.

## 18. Ovelha negra

1948

Nada como uma pausa para relaxar. Com o campeonato argentino em greve, Heleno se isolou das pressões portenhas retornando ao Brasil por uma semana. A paralisação duraria 21 dias. Os jogadores platinos, desde aquela época, pediam passe livre ao fim da temporada, assistência médica aos familiares e salário mínimo para a classe.

Em sua primeira noite no Rio, Heleno reuniu sua família e a de Ilma para acertar os últimos detalhes do casório, que ocorreria em poucos dias. Em seguida, aproveitou para rever os “cafajestes”. Apesar da distância, continuava gostando deles. Sentado numa das mesas do Alvear, escolheu como padrinhos não menos que seis da turma: Edu, Carlos Peixoto, Mariozinho de Oliveira, Francisco Albano Guise, Ermelino Matarazzo e Raymundo Magalhães.

Naquela alegre noite, o “Clube” discutia sobre a lista de presentes levada por Heleno, um dizendo que o outro compraria tal coisa, quando, a certa altura, passou um mendigo pedindo esmola. Antes de lhe darem um troco, os amigos puseram em sua mão pedacinhos de papel com o nome de cada um, para que tirasse a sorte. O escolhido se responsabilizaria pelo presentão, o mais caro de todos. Mariozinho revelou o resultado:

– Saiu o meu nome! Tive de dar uma arca com louças holandesas, coisa muito chique, para o casal. Anos depois, descobri que haviam botado o meu nome em todos os papéis. Brincadeira, né? Estava ferrado de qualquer jeito!

O casamento de Heleno de Freitas mexeu com a cidade. Nos cinemas, *Um tigre domesticado*, filme estrelado por Danny Kaye,

inflamou o imaginário popular por conta do título, que parecia esculpido para o jogador – tradução de seu futuro próximo. Mais romântico, o poeta Vinicius de Moraes, botafoguense e amigo de Mauro de Freitas, não dedicou ao noivo, mas à mulher dele, o *Poema dos olhos da amada*. Que virou seresta na voz de Sílvio Caldas.

Com garbo e pompa de diplomata, o casamento se tornou o acontecimento social do mês. Ganhou páginas inteiras nos jornais e destaque até na concorrida coluna de Jacinto de Thormes, publicada pelo *Diário Carioca*. A cerimônia foi realizada na igreja São Paulo Apóstolo, na rua Barão de Ipanema, em Copacabana, na tarde de 8 de julho de 1948, uma quinta-feira. Lá estava o “Clube dos Cafajestes” em peso – mais de vinte amigos em irrepreensíveis fraques –, além de ministros, deputados, magistrados, senadores, intelectuais e, claro, o alto escalão do Botafogo. Augusto Frederico Schmidt foi das ausências mais sentidas – sendo condecorado em Portugal, mandou ao atleta um telegrama de felicitação.

Para fugir do assédio dos fãs, Heleno entrou pelos fundos da igreja. E se Ilma estava deslumbrante, vestida de Dior, para a inveja de centenas de moças ali presentes, Heleno, de polainas, trajava uma casaca inglesa com uma calça cinza impecável. Depois do beijo para as fotos, os pombinhos se dirigiram à sacristia, onde receberam o abraço da alta-roda. Na saída do noivo, enquanto um mundo de admiradores o homenageava cobrindo-lhe os pés com flores, o “cafajeste” Fernando Augusto Alves, o Bubi Alves, insolente, fez graça: retalhou as costas de sua casaca com uma tesoura de jardineiro. Sem perceber, seguiu Heleno assim para a festa, num dos lindos carrões de Mariozinho de Oliveira. A recepção aconteceu no ponto preferido da sociedade refinadamente distinta, o exclusivíssimo Country Club, em Ipanema, no qual até o colunista Ibrahim Sued foi rejeitado como sócio.

Com a venda de Heleno o Botafogo encheu o cofre. Mas a torcida ficou insatisfeita. Muito murmúrio no Rio, queixas nas esquinas e acusações nos botequins. Se com Heleno o Glorioso não passou de

um tetra-vice, sem ele agora qualquer colocação pior que essa seria um peso insuportável para a diretoria. Corajoso, o clube assumiu o compromisso de mostrar à desconfiada massa que seria ainda melhor sem o ídolo. Os dirigentes tentavam fincar na cabeça dos alvinegros que a batata quente agora estava nas mãos do Boca. Que não seria fácil Heleno vingar em Buenos Aires, pelo seu gênio difícil.

Apesar de o programa "Caricaturas", da Rádio Nacional, escrito por Fernando Lobo e narrado por Álvaro Aguiar, enaltecer a rica personalidade de Heleno de Freitas, o semanário *O Globo Sportivo*, em junho, analisou o histórico do jogador no Botafogo com menos pompa:

Hoje é fácil apontar os erros de Heleno. Cheio de facilidades, com as portas abertas para todas as extravagâncias, não tinha tempo para examinar o certo e o errado de suas atitudes.

Com algumas matérias pagas, segundo o jornalista Carlos Rangel, pessoas ligadas ao Glorioso fizeram o possível para que a torcida esquecesse Heleno. Publicaram até que, apesar dos gols, nem na estreia Heleno convenceu os argentinos. Mas quem não convencia mesmo era a agremiação alvinegra.

– Mais um, mais um! – pedia a massa botafoguense, na estreia do clube no Campeonato Carioca de 1948, a cada novo ataque do São Cristóvão. O Glorioso perdia de 4 × 0 em casa. Por ter sido o jogo disputado na semana de seu casamento, Heleno pôde ir ao estádio assistir de camarote ao vexame. Quando o time tomou o terceiro gol, no entanto, levantou-se da cadeira, sob um dilúvio de palmas. Foi ovacionado, mas estava triste. Caminhou até o portão de saída e pôs-se a chorar – enquanto a impiedosa vaia arrepiava os jogadores no gramado. Após a partida, ao atravessar o portão, a antiga estrela proferiu:

– Sempre fui demais Botafogo. Até quando não tenho nada com o clube, parece que sou o culpado pelos quatro gols que o Baliza deixou passar.

Juvenal sustenta que, naquele dia, o único a se manter confiante quanto ao potencial dos atletas botafoguenses foi Carlito Rocha:

– Vínhamos de uma reformulação. Depois do quarto vice-campeonato consecutivo, vendemos o Heleno e compramos o Pirillo. “Trocar Heleno por Pirillo?”, todos riam. Naqueles 4 × 0, então, a torcida não nos perdoou. “Vendem o único que presta!”, gritavam. “O único bom vocês mandam para fora”, berravam. “Heleno, Heleno, Heleno”, cantavam. Nós, jogadores, saímos cabisbaixos. Nem sabíamos o que dizer ao Carlito. Quando entramos no vestiário, ele olhou cada um nos olhos e apertou a mão de todos, deu uma tremenda força para a gente. Tínhamos de retribuir.

Aqueles primeiros momentos sem Heleno não foram fáceis para os torcedores da “estrela solitária”. Bastava sintonizar nas rádios a voz de Emilinha Borba interpretando “O dia em que me queiras”, versão do tango argentino, para que a saudade de seus gols, seus passes perfeitos, suas cabeçadas certeiras e até suas impagáveis confusões se ampliasse.

Quarenta e oito horas após a vitória do São Cristóvão, em 13 de julho, o casado Heleno voltava a Buenos Aires disposto a dar a volta por cima no campeonato argentino. Por ser estrangeiro, não aderira à greve. Nem faria sentido. Afinal, ganhava o teto salarial do clube. Mas, sendo pago para brilhar, não se conformava com o baixo rendimento. Acreditando poder reabilitar-se, ironizou a situação delicada que vivia no grupo. Estava apreensivo, mas mentiu:

– Não tenho com o que me preocupar. Meus atuais companheiros são tão bons jogadores como amigos. Desde o primeiro momento contei com o apoio incondicional de todos, que, no desejo de colaborar comigo, me encheram com palavras de estímulo e gestos, devo reconhecer.

Na verdade, a cada dia Heleno se impacientava mais e mais com os colegas. Nervoso, quando bloqueado pelos zagueiros nos jogos do Boca, irritava-se com frequência. Levantando os braços para reclamar dos próprios companheiros, em vez de brigar pela bola, enfurecia até a torcida. Por sinal, quase foi expulso no segundo encontro com o San Lorenzo, após desentender-se com Yeso Amalfi. Incidente que deu início à sua derrocada no clube.

Paulista de espírito libertino e com pinta de galã, filho de família tradicional de italianos, rebelde e indisciplinado, o meia-direita Yeso Noce Amalfi havia sido contratado pelo Boca Juniors naquele mesmo ano, no primeiro dia de maio. Conhecera Heleno durante a disputa do Campeonato Brasileiro de 1947, num baile do Copacabana Palace. Simpático, aproximou-se do companheiro de profissão e acabou fazendo amizade com os demais “cafajestes”. Em seus primeiros dias em La Bombonera, assim que o presidente do clube lhe perguntou sobre um atacante de peso para atuar a seu lado, alguém que reforçasse ainda mais a equipe, Yeso não titubeou, indicando Heleno.

Nos primeiros dias, Yeso e Heleno jogaram muito boliche na capital portenha. Tendo certa ligação com a Casa Rosada, a sede do governo argentino, o paulista apresentou o companheiro a aristocratas, políticos, artistas e intelectuais. Frequentaram juntos os melhores cafés e restaurantes da cidade, onde, desinibido, Heleno se enturmou com a elite. O artilheiro passou a trocar cumprimentos com Nicola Paone, um dos mais queridos compositores do país, autor de “La Cafetera” – e que anos mais tarde abriria um conceituado restaurante italiano em Nova York. Também compareceu ao casamento da pintora Consuelo Remedios González, uma artista de destaque, pupila de mestres como Alfredo Guido e Emilio Centurión. Figurinha fácil das principais atrações noturnas, não perdia a execução de um bom tango.

Para Jorge Luis Borges, o maior escritor argentino do século XX – que na época dirigia a revista *Anales*, por ele fundada –, Buenos Aires é mais que uma cidade, “é um país que exige poesia e música”. E a maior contribuição portenha à cultura popular universal é o tango. Nascido por volta de 1880, o ritmo atingiu a condição de grande arte quando eternizado por nomes como Carlos Gardel, Anibal Troilo e Augustin Magaldi, entre outros.

Heleno se emocionava com o dramático tango de Alberto Castillo, o “cantor dos cem bairros portenhos”. Apreciava as apresentações da orquestra de Francisco Canaro e não recusava convites para as concorridas “milongas” – bailes de fim de semana que eram

verdadeiros acontecimentos sociais. Num deles conheceu o irmão de Evita Perón, um dos melhores amigos de Yeso no país. Aproximou-se do rapaz. Se com boas ou más intenções, não se sabe.

Sem berço, aos 29 anos, Eva Duarte já era muito querida no país. Nascida de uma relação extraconjugal entre um fazendeiro e uma mulher humilde, casou-se com o ambicioso Juan Domingo Perón. Para muitos, foi o pilar de seu crescimento político. A partir de seu trabalho social, Eva Duarte se transformou em Evita e, depois, no maior mito feminino sul-americano. Havia um ano que conseguira a aprovação do voto feminino. E acabara de criar uma fundação filantrópica com seu nome.

Apesar de seu posto e de sua relevância política, Evita deixou Nelson Rodrigues encasquetado. Anos mais tarde, o dramaturgo e escritor brasileiro teceu uma crônica sobre um suposto romance que teria enredado Heleno de Freitas e a primeira-dama argentina:

Eu próprio reconheço que Heleno de Freitas não é bem um jogador, mas um personagem do futebol. Personagem tão rico que não se esgota em duas ou três crônicas, mas em oitocentas. Aliás, pensando melhor, diria que nem oitocentas crônicas o esvaziariam de sua riqueza folclórica.

A mim, pessoalmente, a passagem de Heleno que mais me fascina é o possível romance do grande jogador com Evita. E, aliás, todo mundo reage da mesma forma, querendo o amor entre os dois. Vários me perguntam no meio da rua: "Mas o negócio da Evita é verdade?" Quem sou eu para testemunhar sobre um amor que muitos acham inverossímil? Por outro lado, eu me pergunto: "Inverossímil por quê?" Realmente, Heleno era um galã. Se não me engano, já contei aquele célebre episódio, ocorrido na visita do craque a uma casa de família, casa de um amigo. O amigo estava doente e Heleno foi visitá-lo. E, então, aconteceu o seguinte: todas as mulheres da casa, da avó à lavadeira, apaixonaram-se por ele. E por que, pergunto, Eva Perón não se apaixonaria também?

Tudo começou porque, em todos os seus jogos, Heleno recebia uma braçada de rosas brancas. Eram sempre rosas e sempre brancas. Quem teve a primeira suspeita da primeira-dama? Não se sabe, nunca se sabe. Simplesmente, aquilo foi insinuado. E o que a princípio é boato logo se transforma em fato. Se houve esse amor, foi bonito como todos os amores secretos. Mas ninguém teve a certeza, e a dúvida tornava a coisa mais bonita. Em amores, é raro que o homem faça o que fez Eduardo VII, que, falando ao microfone, para o mundo disse: "A mulher que eu amo."

Evita era uma espécie de rainha. Podia não ser amada por um marido, mas era amada por todo um povo. "Seriam delas as rosas?", pergunto. Segundo a minha vizinha, gorda e patusca: "Tudo é possível." E também é possível o romance de Heleno. Digamos que ele foi um momento, e nada mais que um momento, na vida de uma grande mulher.<sup>1</sup>

Certo mesmo para Heleno era o amor de Ilma. Apesar da paixão dela, o craque só apressou-se em casar para não viver sozinho na Argentina. No princípio, bastou-se com Yeso Amalfi e Ermelino Matarazzo, que havia largado de vez o Botafogo e curtia longas férias em Buenos Aires. Entretanto, devido à fase ruim, precisava de uma mulher próxima, que o escutasse, o aconselhasse. Necessitava de um porto seguro. Ainda que, estalando os dedos, arrumasse a companhia feminina que quisesse no hotel.

No entanto, logo nos primeiros dias, não foi com alegria que Heleno recebeu os sacrifícios de sua liberdade. Bonito, ídolo, milionário, sua cotação era alta no mercado matrimonial; no entanto, o casamento era mais importante socialmente para a esposa. Para ela, as compensações excediam, de longe, as perdas imediatas de sua individualidade. Para ele, não. O passar do tempo o tornava cada vez mais indócil.

Na capital argentina o casal viveu momentos delicados, com dias cansativos e difíceis para Ilma. As reações de Heleno, confinado pela falta de amigos, passaram a ser terrivelmente emocionais. Quando a noite chegava, ele saía do quarto do hotel batendo com força a porta e não avisando a que horas voltava. Costumava trancar a esposa nos aposentos do Richmond para então se aventurar com os amigos. Nas madrugadas portenhas, buscava o prazer, não aceitava mais frustrações. Algumas vezes, com o dia claro, entrava no hotel todo amarrotado e com duas mulheres a tiracolo. Ilma chorava bastante, mas acreditava ser apenas um momento difícil; efêmera turbulência. Esforçava-se para fazê-lo feliz. Não imaginava que felicidade fosse algo que Heleno não mais teria na vida.

Até mesmo a amizade com Yeso, que prometia ser longa, se estremeceu naquela discussão aparentemente banal, no jogo contra o San Lorenzo. Vítima dos nervos descalibrados de Heleno, após a partida o meia solicitou a rescisão de seu contrato. Heleno conseguira brigar com o time inteiro. Narcisista e prepotente, achava que apenas ele merecia destaque nos jornais:

– Na Argentina, não havia melhor centroavante do que ele. Mesmo assim, todos apostavam em seu fracasso – sentenciou Yeso.

Fracasso que seria apressado pelos próprios companheiros do Boca. Reparando quanto Heleno havia sido grosseiro com o colega, o capitão Jose Manuel Marante comentou:

– Se ele é capaz de fazer isso com um compatriota, o que não fará conosco?

Muito contribuía para o racha no grupo os constantes agrados do presidente do clube, sempre o homenageando com banquetes e joias valiosas. Mas, apesar do tratamento diferenciado, Heleno seguia achando tudo chato na Argentina: a cidade, a comida, o clima, a falta de carinho e de compreensão. O pior ainda estava por vir. Barrado da equipe desde o empate, em casa, contra o Huracán, Heleno desentendeu-se com o técnico Lazzatti em setembro, na ocasião em que o Boca voou ao Rio para jogar contra o Vasco, em comemoração ao cinquentenário da agremiação carioca.

O centroavante embarcou antes da delegação – continuava isolado no grupo. No Brasil, a crise entre ele e o Boca Juniors atingiu o ápice. Heleno, que nem mais titular era, recusou-se a entrar em campo. Sua presença era simbólica: exigência dos torcedores cariocas, saudosos de seu futebol clássico e incisivo. Ao saber que só tinha sido escalado por causa disso, o craque se rebelou. Praticamente, cavou ali a sua saída do clube.

Se Yeso Amalfi ainda o perdoou, era impossível seguir no Boca após o rompimento com as vedetes Boyé e Gómez Sánchez. O boicote chegou a padrões inaceitáveis. Conta Marcos de Castro que, em certo jogo, Heleno não recebera quase bola. Na primeira que apanhou, fez misérias, movido a raiva. Driblou três numa jogada excepcional, mas ninguém correu com ele para auxiliá-lo. Quando se aproximou da grande área, não tinha a quem passar. Olhando para trás e vendo um exército de companheiros parados, contemplando o jogo, se enfureceu. Ao dar um bico para as gerais, instaurou a guerra fria contra os figurões do time.<sup>2</sup>

Alguns jornalistas experientes não retiravam o pé-atrás em relação a Heleno. Conhecendo seu passado, duvidavam de que a lua de mel durasse até o fim do ano. Só não esperavam um romance tão fugaz. Logo na primeira semana em Buenos Aires, o brasileiro ganhou um desafeto de peso: Geronis, centroavante comprado pouco antes dele, que, declaradamente, estava insatisfeito com o banco de reservas. Geronis não trocava palavras com o recém-contratado.

No começo de outubro, a torcida – que fazia o clube, mesmo mal das pernas, liderar a tabela de arrecadação – já preferia o centroavante Jaime Sarlanga, veterano de 32 anos, a Heleno. A diretoria, para contornar a situação, pediu ao treinador que escalasse Sarlanga na meia-direita, deixando o comando do ataque com o brasileiro. O que contrariava visivelmente Sarlanga.

Sem render em campo, vivendo num país de frio para ele intolerável, Heleno precisou de muito vinho para conter a depressão. Afastado da equipe, passou quase dois meses jogando pelos reservas. Um tanto estranho, deu-se a excentricidades para quebrar a monotonia. Paulo Amaral foi informado de que, num dia de inverno, temperatura abaixo de zero, ao colocar o uniforme para treinar, Heleno pisou o gramado de sobretudo.

– Ali, via-se, o estado psíquico dele já não podia estar cem por cento – reflete o ex-preparador físico alvinegro.

Apenas nas quatro últimas rodadas Heleno mostrou à torcida quanto era capaz, ao assinalar três gols. Daí o presidente boquense sugeriu que continuasse no clube na temporada seguinte: se desfaria de seus desafetos. Quando Yeso Amalfi foi negociado com o Peñarol, do Uruguai, Heleno deduziu que o dirigente falava sério. Mas não aceitou. Fatalmente viraria bode expiatório em caso de novos fiascos. Perdia assim Daniel Gil um de seus melhores amigos na noite. O dirigente adorava a companhia distinta do brasileiro, admirava sua figura de boêmio dandinoso:

– Heleno falava inglês tão bem que muitos pensavam que era um lorde, ou até ministro – derretia-se o cartola.

Décimo quarto brasileiro contratado pelo futebol argentino – e, depois de Domingos da Guia, o mais famoso até então –, Heleno de Freitas deixou Buenos Aires após dezessete partidas e sete gols assinalados com a camisa azul e ouro. Em 1948, o título ficou com o Independiente, de Vicente De la Mata. A artilharia coube ao mágico Alfredo Di Stéfano, autor de treze tentos pelo River Plate. O Boca, que havia quatro anos não vencida o campeonato, terminou em oitavo, onze pontos a menos que o campeão. Voltaria a se consagrar somente em 1954.

Novamente no Rio, melancólica inatividade. Duas horas depois de deixar as malas em casa, distribuir presentes e conversar um tempo com a família, Heleno trocou de roupa, vestiu um calção e partiu para o seio de seu velho grupo de amigos da praia. Jogando uma pelada, foi a principal atração. Só que os dias sucederam-se dessa forma. Num verão escaldante, que começou antes da hora, com o esbelto corpo de atleta bronzeado, Heleno parecia contratado por um time da areia. Poucos acreditariam que, em tão pouco tempo, de craque cobiçado, estava fora da vitrine:

– Aquele é o Heleno mesmo? Mas não tinha ido para a Argentina?

Em seu segundo dia de Brasil, Heleno colocara um terno cinza-claro, quadriculado, penteara os cabelos diante do espelho, retocando o laço da melhor gravata que tinha para avisar Ilma que estava saindo em busca de emprego. Ela fingiu acreditar, mas Heleno não mentia. Foi até General Severiano. Na sua cabeça, o Botafogo adoraria recebê-lo de volta.

Aprenderia, no entanto, como até um grande amor pode, num piscar de olhos, se transformar em indiferença.

## 19. O “Expresso da Vitória”

1949

Segundo Mário Filho, “é mais difícil deixar de amar um clube do que uma mulher”. Heleno endossava a opinião. Quando, em 12 de dezembro de 1948, soube que, no Rio, o Botafogo massacrara o “Expresso da Vitória” por 3 × 1, conquistando o Carioca, o jogador foi às lágrimas em Buenos Aires. Afagado por Daniel Gil, chorou copiosamente. Não por inveja, que não tinha alma pequena. Mas de alegria, pelo fim do intragável jejum.

“Sinto-me radiante tão grande feito PT Viva Botafogo PT”, foi o telegrama enviado por Heleno a seu clube do coração.

Na fatídica estreia contra o São Cristóvão, os torcedores alvinegros, que com fervor aplaudiram o ex-ídolo, ofenderam Carlito Rocha. O dirigente prometeu que o Glorioso não mais perderia no campeonato e ainda seria campeão. O que parecia impossível se concretizou. A ausência de Heleno uniu o Botafogo e tudo deu certo. Zezé Moreyra tornou-se campeão em seu primeiro trabalho como treinador, e Pirillo fez de Otávio o artilheiro do campeonato.

A vitoriosa trajetória acumulou superstições. Numa época em que os jogadores se esbaldavam de cachaça, sendo quase incontroláveis fora de campo, Carlito fez com que todos ficassem pianinho:

– Eu só digo uma vez: manga com cachaça mata!

Como a fruta era obrigatória na concentração, muitos pararam de beber. Durante a campanha histórica, Carlito adotou também o cachorro Biriba (buscado pelo funcionário Jamyr Sueiros, o Macaé, numa pensão próxima ao clube) como mascote, levando-o, se preciso, no colo aos estádios, para dar sorte. Sorte atribuída também a Olga, esposa de Otávio e mãe de seu filho Genaro, que herdou o

nome do avô paterno. Assídua, a ex de Heleno compareceu a todos os jogos, à exceção de três – entre eles a desastrosa estreia. Tornou-se logo outro talismã de Carlito. Que, para os atletas, era quase uma mãe:

– Ele nos tratava muitíssimo bem – relembra Juvenal. – Caminhava com os jogadores, nos levava às Paineiras.<sup>1</sup> Só era supersticioso demais. Não podíamos nem conversar, se estivéssemos de costas para o Cristo Redentor. À entrada do gramado, ele assistia aos jogos rezando para Nossa Senhora das Graças e conferindo se havia ou não nuvens a rodear o monumento do alto do Corcovado.

Se algum incrédulo porventura se manifestasse com deboche, Carlito vociferava. Vide uma das broncas que deu no goleiro Baliza, após um gol sofrido:

– Aquela bola, seu Carlito, nem Cristo pegava!

– Calado, Oswaldo, não fale besteiras! Cristo pega tudo! Tudo!

Não havia quem não se encantasse com o dirigente:

– O Botafogo podia mudar seu nome para Carlito Rocha Futebol Clube – declara Otávio. – Ele nos liberou do regime de concentração em troca do título. Apenas os solteiros, ou seja, Ávila, Nilton Santos, Braguinha e Paraguai, tiveram de se concentrar em 1948.

Por essas e outras, era outro o clube. Só desconhecia o fato quem estivesse bem longe do país. Heleno estava. E, ao retornar da Argentina, achou que o Botafogo ainda sonhava com ele. Após três horas de conversa, na qual tentou em vão explicar por que não conseguira ser o velho Heleno no Boca, pediu a Carlito para voltar. Não obteve resposta.

Na verdade, o Alvinegro estava satisfeito com a dupla Pirillo-Otávio. Fora que Heleno não se mostrava menos arrogante. Pelo contrário. Ao reencontrar Braguinha na sede, foi logo o avacalhando:

– Escuta aqui, Braguinha, você não joga nada, não vale um caracol. Me explica, então, por favor, como é que você, perna de pau, cabeça de bagre, é campeão pelo Botafogo e eu não sou?

Com o visível desinteresse do Alvinegro, as manchetes dos principais jornais noticiaram que Flamengo, Santos e Vasco estavam interessados em seu futebol. Nada de propostas concretas; somente

especulações. Heleno começou a ficar receoso. Era complicado para ele, orgulhoso, deixar de lado o amor-próprio e revelar a amigos sua atual situação: estava liquidado. Seu dinheiro acabara e, motivo de pavor, precisava urgentemente trabalhar. Fizera muita besteira na Argentina. Descontrolado, não olhava o saldo bancário e saía gastando. Sem falar que os argentinos lhe deram um tremendo trambique: converteram seu pagamento em pesos, e uma súbita desvalorização da moeda levou para os ares toda a sua fortuna. Só no hotel Heleno foi obrigado a honrar uma conta estratosférica.

Descartado pelo Botafogo, o Vasco passou a ser a sua preferência. Amigos seus em comum com Flávio Costa sondaram o técnico cruz-maltino, que relutava em comandá-lo novamente. Heleno só pedia um voto de confiança. Aos 29 anos, dizia que havia mudado, que tinha amadurecido, que estava disposto a ser paciente com o erro alheio. Pelo discurso, parecia regenerado. Mas as palavras bonitas iam de encontro a suas atitudes na vida privada.

Parada obrigatória para boleiros, na porta do Cineac-Trianon, no prédio da Federação Metropolitana de Futebol, dezenas de jogadores, técnicos, dirigentes e repórteres podiam ser admirados pelos torcedores. Foi lá que Luiz Mendes e Gentil Cardoso reencontraram Heleno de Freitas, que havia acabado de romper com o Boca. Elegante, simpático e extremamente educado, o jogador os convidou para conversar:

– Que tal tomarmos um vermute?

Atravessaram a avenida Rio Branco, sentando-se no aconchegante Bar Brahma, na propalada Galeria Cruzeiro. Heleno fez sinal para o garçom. Este ouviu com atenção os pedidos e voltou trazendo cálices de pequena base. Heleno passou a mão na mesa, levando as taças ao chão. Horrorizados, os clientes assistiam à cena, perplexos.

– Ali, percebi que ele não estava bem da cuca – frisa Mendes.

Na hora, Heleno voltou a face para o garçom, exarcebado:

– Isso aqui não é cálice de vermute! Vermute se toma naquele fininho, sem pé. Vai buscar daquele!

Com o garçom apavorado, surgiu o gerente, que os atendeu muito bem e saiu para buscar as taças corretas e o vermute. Trazendo Cinzano, produção nacional, Heleno tornou a se animalizar:

– Isso não é vermute, meu Deus, será possível! Isso é Cinzano, não vale nada!

Constrangidos, Gentil e Luiz Mendes não abriram a boca. Heleno só se acalmou quando lhe apareceu à frente um vermute francês. Ao fim do papo, apreensivos, nem o treinador muito menos o jornalista esboçaram colocar a mão no bolso para pagar a sua parte, receosos de que, contrariado, já que dele partira o convite, Heleno aprontasse outro escândalo. Heleno pagou a conta. Quando se levantaram, todos no bar cochichavam, mirando, estupefatos, aquele ídolo aparentemente enlouquecido.

Quando a Sears inaugurou uma *megastore* na Praia de Botafogo, Heleno fez questão de conferir os sapatos finos vendidos pela loja. O então vendedor Sebastião Rodrigues Setúbal, a pedido do francês Monteux, chefe do departamento de calçados, trouxe os modelos Clark para a estrela do futebol conferir. Percebeu um Heleno extremamente nervoso:

– Tudo isso aqui é uma gigantesca merda! – reclamava Heleno, na frente dos demais fregueses, sem cerimônia. – Não há nada, absolutamente nada que preste.

Estava por demais inconsequente. Na época, os cinemas apresentavam diversos filmes de faroeste. Num deles o caubói aparecia deitado no colchão, acendendo com um tiro um cigarro colocado entre os dedos de um pé. Noutro, acendia, da mesma maneira, a cabeça de um palito de fósforo. Até aí tudo bem. Não fosse Heleno ficar com as cenas na cabeça e, na casa de Mariozinho de Oliveira, sempre aberta para os “cafajestes”, atirar contra o próprio pé, em posição semelhante. Como conta o milionário:

– Quando pus a chave na porta do apartamento, ouvi o estrondo. Entrei e encontrei o Heleno deitado numa cama, com a cabeça em dois travesseiros, um revólver na mão, dois travesseiros nos pés e, na porta do banheiro da suíte, um rombo deste tamanho, fumaça, aquele cheiro de pólvora. Perguntei se ele tinha ficado maluco. Foi

então que vi, na ponta de um dos pés, encravado na unha, um palito de fósforo. Ele tinha atirado, se achando o John Wayne! Aí o Carlos Peixoto tomou-lhe a arma da mão e falou: “Cara, deixa de ser louco, você escreve com os pés, não com as mãos! Queres por acaso acabar com seu instrumento de trabalho?” Só então, acho que ele se tocou do absurdo.

Por causa dos problemas financeiros, Heleno passou a morar com Ilma num modesto apartamento alugado em Copacabana. Acomodado, em vez de tentar resolver seus problemas pessoais, fugia deles. Circulando com roupas impecáveis pelos *nightclubs*, mentia para si próprio. Desejando permanecer eternamente jovem, queria encontrar a fonte da juventude. Para isso bebia e cheirava lança-perfume a noite inteira, esquecendo-se de que no dia seguinte a desilusão seria ainda maior.

Na entrada do Pão de Açúcar funcionava a boate Casablanca. Heleno apreciava o piano de Bené Nunes e os espetáculos montados por Carlos Machado, o arrendatário da casa. Seu amigo Paulo Soledade fez diversos shows no local. Soledade iria se casar com uma dançarina argentina da boate Monte Carlo, que ficava na Marquês de São Vicente, na Gávea. Por sinal, outro ponto onde Heleno gastava o pouco que lhe restara, além, claro, da boate Vogue – onde volta e meia subia com garotas que mal conhecia para uma das suítes do hotel.

Ao perceber Heleno perturbado pelo fantasma do desemprego, Ronaldo Mello Pinto solicitou a seu pai que o Flamengo desse uma chance ao atleta. O treinador Kanela, então, combinou com ele um treino na Gávea, contra os amadores. O jogador, àquela altura, topava qualquer time, e seria um golpe de marketing e tanto Heleno de Freitas defender o Rubro-Negro. Porém, ao fim do treino, Kanela chamou Ronaldo Mello Pinto no campo e confessou:

– Olha, Ronaldo, o Heleno não tem a menor condição de jogar. Ele está completamente fora de si. Está com uma ideia fixa, quer voltar para a seleção, e olha, eu o conheço bastante, mas não dá mais, ele está despeitado demais, briga com todos, não há como

domá-lo. Para falar a verdade, eu nem o botaria para treinar não fosse o seu pedido. Só de olhar para ele, sabia que não ia dar. Infelizmente, não teve como. Ele acabou para o esporte.

Flávio Costa, por sua vez, acreditou num canto de cisne do atacante. No seu modo de ver, Heleno precisava de ritmo de jogo. Sabia que, com a aquisição do centroavante, o Vasco daria uma senhora punhalada no coração dos alvinegros, e ainda desbancaria o favoritismo do então campeão carioca. Além do mais, sua presença levaria o público aos estádios – e seu indubitável talento só somaria num time repleto de excelentes jogadores.

Contudo, tarimbado, o técnico enxergava os dois lados da questão. Temia que seu temperamento viesse a lhe comprometer o trabalho. O “Expresso da Vitória” era a base da seleção, e não seria saudável que os excessos de Heleno servissem para desagregar o grupo.

Os prós falaram mais alto e, no dia 30 de abril de 1949, Heleno firmou com o Vasco. O público, que em São Januário assistia a um jogo da equipe, ao ouvir do alto-falante o anúncio da contratação, explodiu em unânime ovação. O presidente Antônio Rodrigues Tavares declarou à imprensa que, às vésperas da 4ª Copa do Mundo, a aquisição estava sendo menos para o Vasco do que para o futebol brasileiro. O Boca Juniors tomava um prejuízo de mais de 100 mil pesos na jogada, mas se desfazia de um homem-problema. Por um contrato de dois anos, o centroavante receberia no novo clube luvas de 120 mil cruzeiros. Para tristeza dos árbitros e alegria dos torcedores cariocas, Heleno de Freitas estava de volta ao futebol do Rio de Janeiro.

Amadorismo sepultado, não importava se não defenderia seu time do coração. Beirando os trinta anos, estava ciente de que teria de juntar o máximo que o futebol ainda lhe permitisse; o clube era o de menos. Sentia-se jovem e, o principal, continuava num time de ponta. O Vasco era o campeão sul-americano invicto de clubes, tendo superado na final o grande River Plate, de Di Stéfano, Labruna e Losteau. E ficara ainda mais forte. Com a chegada de Heleno,

explicava Flávio Costa, ampliava-se consideravelmente o poderio ofensivo da equipe, vista, de antemão, como a principal do Carioca. Durão, o treinador ressaltava que não deixaria Heleno assumir no Vasco ares de dono do clube – leve cutucada no Alvinegro de General Severiano.

O atacante vestiria a camisa 9. Em toda a carreira, a primeira vez que teve um número às costas. O Brasil adotara a numeração no ano anterior, exatamente quando Heleno deixou o país. A fim de adaptar os atletas brasileiros à arbitragem estrangeira, tendo em vista a próxima Copa do Mundo, a federação contratou juízes ingleses. Os números permitiam às autoridades reconhecer os jogadores, o que evitava gritantes e inaceitáveis marcações equivocadas.

O primeiro treino de Heleno no Vasco foi cercado por grande expectativa. Portões abertos em São Januário, confusão do lado de fora, um desavisado que pelas redondezas do estádio passasse pensaria que era dia de jogo. Ao entrar com o novo uniforme, Heleno foi saudado com intermináveis palmas por vascaínos uniformizados e civis botafoguenses – amistosamente, lado a lado, a admirá-lo.

Revela Armando Nogueira que, ao término do primeiro tempo do coletivo, enquanto os jogadores recolhiam-se ao vestiário, uns para beber água, outros para lavar o rosto, Heleno de Freitas tomou uma chuva de água depressa e começou a mudar de roupa. Flávio Costa chegou junto para avisar que o treino não havia terminado. Levou o primeiro susto:

- Pra mim terminou! – mandou na lata...
- Por quê?

Apontando para os companheiros de linha, Heleno explodiu:

– Esses dois aqui (Maneca e Ipojucan) não me passam a bola porque não querem; aqueles dois ali (Nestor e Mário), porque não sabem. Não tenho nada a fazer aqui.

O treinador negou-se a levá-lo a sério. Contornou a situação com experiência e o conduziu outra vez ao gramado. Não resistindo à tentação, por alguns instantes experimentou uma linha com Nestor,

Maneca, Heleno, Ipojucan e Ademir Menezes – que havia um ano retornara ao clube. No primeiro lance, Ademir correu pela esquerda, driblou um defensor e passou a Heleno. Bola um pouco comprida, o recém-contratado nem se esforçou. Anos depois, Ademir revelaria a Roberto Porto que ali sentiu o que seria conviver uma temporada inteira com o astro:

– Ele nem correu para tentar alcançar. Simplesmente me repreendeu: “Olha aqui, Ademir, não adianta você me passar essas bolas horróricas que eu não vou correr para pegar, não. É melhor caprichar. Estou acostumado a receber bola no pé, ouviu?”

O botafoguense Otávio conheceu bem aquela faceta de Heleno:

– Ele era sádico – diz. – Às vezes você errava um passe, questão de dois palmos, coisa boba, que se ele corresse pegava a bola na boa, mas só para te sacanear, ele não se esforçava. Geralmente não xingava, mas abria os braços, fazendo a torcida achar que a culpa era sua e não dele. Balançava a cabeça, punha-se meio que de costas para o lance e compunha a mímica perfeita e suficiente para fazer desabar sobre o colega a vaia da massa. Dava vontade de matar.

## 20. Enfim, campeão carioca

1949

No dia 4 de maio de 1949, dezoito jogadores do tricampeão italiano Torino, base da "Squadra Azzurra", morreram num acidente aéreo em Superga. Apesar de a tragédia ter consternado a Europa, o temido Arsenal não cancelou sua visita ao Brasil. E no dia 25 de maio, após ter dado de cinco no Fluminense, em seu maior desafio na excursão, o time inglês foi derrotado pelo Vasco com um gol de Nestor. Heleno foi lançado neste jogo.

Terminada a etapa inicial com o empate sem gols, no intervalo, São Januário em peso aclamou:

– Heleno! Heleno! Heleno!

Flávio Costa nem deu trela aos torcedores. Na volta, o juiz apitou, o Vasco atacou com força e Maneca perdeu a primeira chance.

– Heleno! Heleno! Heleno!

Zero a zero persistindo, Flávio Costa mexeu no time, mandando a campo Heleno e Mário, saindo Tuta e Ipojucan. Aplausos para todos, ovação para Heleno. Quando o ídolo tocou pela primeira vez na bola, gritos histéricos eclodiram no estádio. O jogador cortou para o meio, podia até atirar, mas, magnífico, viu Nestor entrando livre. E Nestor errou. Outro passe, agora a Ademir. Nada. Em seu terceiro lance, Heleno se descontrolou e fez falta para vermelho, com os ingleses correndo para cima dele. Estava provado: era mesmo ele, Heleno de Freitas; não havia mais dúvidas entre os torcedores.

Outro time estrangeiro que ousou encarar o poderoso Vasco, o Rapid, de Viena, jamais se esquecerá do centroavante. Em seu

quarto jogo pela equipe, dia 9 de junho, assimilando cada vez mais o sistema de Flávio Costa, Heleno foi crucial no massacre cruz-maltino por 5 × 0. Ao fim do primeiro tempo, dois gols dele e outro que dera a Ademir. Aos cinco da etapa complementar, o artilheiro cravou o seu terceiro. Dias depois, viajava com o clube para o Nordeste. Numa excursão caça-níquel, o time carioca teve sua cota elevada quase ao dobro graças à presença do goleador na delegação.

Recife, 18 de junho. Heleno de Freitas dava uma prova de amor ao futebol, na vitória sobre o Santa Cruz. Pouco antes do jogo, o centroavante, que já era "titio" (seu irmão Rômulo tivera Márcia Regina de Freitas, enquanto Oscar de Freitas Neto completava seis anos), recebeu a notícia de que havia se tornado pai. No Rio, Luiz Eduardo de Freitas nascera com saúde, na maternidade da Casa de Saúde São José:

– Foi a maior vitória da minha carreira esportiva! – sorria Heleno.<sup>1</sup>

Ilma engravidou ainda em Buenos Aires. Foi dela a sugestão do nome "Luiz". Já "Eduardo" era uma homenagem de Heleno a seu grande amigo Edu. O comandante da Panair do Brasil.

Um dos botafoguenses do "Clube dos Cafajestes", Eduardo Henrique Martins de Oliveira era amado e odiado pela sociedade. Como se recorda Mário Saladini, o líder da turma tinha magnetismo, elegância e, além de corajoso, era imbatível conquistador. Narcisista, tirava a maior onda por voar a Paris quase toda semana.

Segundo Fernando Aguinaga, Heleno respeitava demais Edu:

– Ninguém encrocava com o Edu, por ser bom de porrada. Nas peladas, o Edu passava a mão na bunda do Heleno para irritá-lo e, como era ele, o Heleno não fazia nada.

Com Mariozinho de Oliveira, o buraco era mais embaixo:

– Num rachão em frente ao Copacabana Palace, o Raphael de Almeida Magalhães, camarada que jogava muito bem, deu um drible desmoralizante no Heleno, que caiu estatelado no chão. Dei uma

gargalhada tão alta que o Heleno ficou uns seis meses sem falar comigo.

Quis o destino que Edu só pudesse curtir a homenagem do amigo Heleno por pouco mais de um ano. Em 28 de julho de 1950, ao fazer uma manobra arriscada com seu moderníssimo Constellation PP-PCG, modelo L-049, o comandante, com 44 passageiros a bordo, a uma semana de completar aniversário, morreu, após chocar-se contra o morro do Chapéu, nas proximidades de Porto Alegre.

Segundo Carlinhos Niemeyer, com a morte de Edu o “Clube dos Cafajestes” começou a perder a razão de existir.

Retornando a 1949, no primeiro jogo oficial de Heleno pelo Vasco, maiúscula vitória de 11 × 0 sobre o São Cristóvão, no terceiro dia de julho. Apesar de ter marcado dois gols, o artilheiro conseguiu sair de campo reclamando:

– Fizemos 11, mas poderíamos ter feito 12.

No último dia do mês, o jogador voltou a cravar dois, contra o Canto do Rio. Outra vez o cruz-maltino se impôs ao oponente: 6 × 0. Mesmo assim o centroavante ganhou chá de cadeira no clube:

– Heleno precisa de um preparo psicológico mais intenso. Assim como carece de forma física – explicou Flávio Costa.<sup>2</sup>

No treino de 3 de agosto o atacante foi posto pela primeira vez no time reserva. Nem reclamou. Tinha noção de que não vinha cumprindo as determinações do técnico, como a de se empenhar ao máximo pela vitória, independentemente do placar. O ponta Nestor pôs mais lenha ainda na fogueira ao explicitar para a imprensa que não vinha conseguindo render bem devido aos passes “quadrados” do parceiro de ataque.

Se Heleno tentou, não conseguiu falar mais alto do que Flávio Costa no Vasco. Ainda teve de escutar: caso não se corrigisse, seria colocado à venda. Um tanto irritadiço, o jogador ofendia jornalistas e, nitidamente, não fazia o menor esforço para se entrosar com o restante do quinteto ofensivo. Como contou Ademir Menezes:

– Ele dizia que eu não queria colaborar com ele. Ora! Teve vezes que eu fui jogar na ponta-esquerda, para que ele pudesse mostrar

seu melhor jogo!

Se criava confusão nos treinos, Heleno aprontava ainda mais nas partidas. Era difícilimo de se lidar:

– Não me recordo em que jogo, fui à linha de fundo e cruzei na medida para que ele cabeceasse sem defesa – explicou Francisco Aramburu, o ponta canhoto Chico. – Corri, então, para abraçá-lo, porém, quando cheguei perto, ele veio me empurrando, me advertindo: “Vê se você coloca menos força na bola, do contrário vais quebrar minha cabeça!”

Falou isso e retornou trotando ao meio de campo, com ar de chateado.

Se os jogadores sofriam, o que dizer da família? Heleno não evitava discussões na frente do filho, que desaguava num ácido choro; tinha prazer em contrariar Ilma, humilhá-la. As conversas até começavam brandas, mas logo descambavam para as agressões. Nervosa, irritada, Ilma reivindicava sua cota de felicidade. E a dele, de humanidade. Embora não exista nada mais bonito e comovente do que um sorriso de bebê, Heleno pouco retribuía aos acenos do rebento.

Não conseguindo sensibilizá-lo, nem ao lhe dar um herdeiro, sendo esposa somente no papel, Ilma não sabia o que fazer para preservar o casamento. Heleno saía pela noite a acumular amores, e se ponderava ao máximo, aceitando uma ou outra aventura, não era mulher para conviver dia após dia com manchas de batom na roupa do marido. Gastão Carvalho medita sobre o relacionamento dos amigos:

– A Ilma não deve ter aturado conviver com um homem daquele. Ela era muito fina, educada. Deve ter aguentado pouco.

Dito e feito, após um ano e dois meses não de matrimônio, mas de desgaste, em setembro se separavam.

Pela primeira vez.

Sacado do time, o complicado Heleno manteve a forma se exibindo com o time misto do Vasco em jogos amistosos. Em 18 de setembro, foi assistir, das numeradas de General Severiano, ao empate entre o

seu atual clube e o Botafogo. Houve quem ironizasse, dizendo que aquela era a melhor posição que o Vasco arranjava para ele.

Acusado de traidor pela torcida alvinegra, Heleno aprontou o maior quiproquó na social do estádio. Foi vaiado, e ainda saiu no sopapo com antigos fãs. Contudo, ironicamente, acelerou sua volta à equipe. Com Ademir sendo indiciado por desrespeitar Mário Vianna, para manter o nível técnico do ataque Flávio Costa antecipou o retorno de Heleno aos titulares. Na vitória sobre o São Cristóvão, em 25 de setembro, o artilheiro reestreeu fazendo um dos quatro gols do Vasco. Mantinha, assim, sua média particular de um gol por partida no Campeonato Carioca.

E não foi um gol qualquer. Aos 36 minutos do primeiro tempo, Maneca lhe serviu com açúcar e Heleno, com rara habilidade, deslocou o zagueiro com uma finta de corpo, em seguida levantando a bola por sobre o goleiro Marujo, com extrema classe. Transformado, de nada reclamou; esteve perfeito no aspecto disciplinar. Mas, como apareceu um tanto pesado, a mídia desceu o sarrafo nele. Teria de se retratar. Pois no jogo seguinte, atuando de forma esplêndida contra o Bonsucesso, Heleno de Freitas fez sua melhor partida pelo clube. Na vitória por 8 × 1, não só marcou os dois primeiros gols como deu passe para mais cinco. Foi a sensação da rodada, o craque da semana. Mostrava que ainda era o ás, mesmo tido como veterano, por seus 29 anos.

Reintegrado em definitivo à linha ofensiva, voltou a se destacar contra o Bangu. Em plena forma, marcou um gol de voleio, aos 29 da etapa final. Enquanto, em Buenos Aires, o Boca Juniors segurava a lanterna do campeonato argentino, no Rio o "Expresso da Vitória" liderava com uma goleada atrás da outra. Fizera excelente troca.

Em 30 de outubro, Vasco e Fluminense se enfrentaram num duelo de rachar, em São Januário. O técnico tricolor Oto Vieira, no último treino antes da partida, chamou num canto o jovem zagueiro João Batista Carlos Pinheiro, alertando-o:

– Menino, vais entrar no time principal e marcar Heleno de Freitas.

As pernas grossas e fortes de Pinheiro tremeram diante do nome mitológico, mas, em campo, o beque de dezenove anos daria conta do recado. O centroavante sairia inconformado com a audácia do debutante. Incomodando-o com provocações, Pinheiro fez com que o ataque cruz-maltino se confundisse em vários momentos. Mesmo assim Heleno participou dos dois gols da vitória de sua equipe. Sofrendo, inclusive, no último minuto de jogo, pênalti do goleiro Castilho – que o inglês MacPherson Dundas preferiu assinalar dois toques dentro da área. Heleno rolou e Ademir fuzilou.

Estava, mais uma vez, de bem com a vida e com a torcida do Rio. Na concentração do Vasco, segundo Ademir Menezes, certa vez desceu a escada cheio de si, trajando robe de chambre e chinelos de pantufa. Os jogadores primeiro aplaudiram. Depois, decidiram conferir se seu problema com cebola era ou não história da carochinha. Quando viu o prato “asqueroso” à sua frente, Heleno, num rompante, atirou-o contra a parede.<sup>3</sup> Apavorados, ninguém ousou brincar com ele novamente.

Parecia um homem-bomba prestes a explodir. Em 13 de novembro, no violento clássico contra o Flamengo, na Gávea, assim que o meia Alfredo foi atingido por uma garrafa, Heleno pulou o alambrado para encarar os torcedores. Instalado o conflito, policiais intervieram com golpes de cassetetes em atletas de ambas as equipes. Durante a partida, Heleno, desequilibrado toda vida, desentendeu-se com meio time rubro-negro. Pelo conteúdo da súmula, foi suspenso por um jogo pela federação. E dois por Flávio Costa. Assim, não pôde participar da partida contra o Madureira – que assegurou o título cruz-maltino por antecipação. Mas foi liberado para preparar-se para seu primeiro e único encontro contra o ex-clubes. Um Vasco e Botafogo que, para a imensa torcida da Colina,<sup>4</sup> valia por um só motivo: a confirmação da invencibilidade da equipe na competição. Já para Heleno, por outro. Resgatada a honra ferida, esfregaria a vitória no rosto daqueles que, havia pouco, o desprezaram.

Naquele mês de dezembro, por conta de sua primeira peça – “Um Deus dormiu lá em casa” –, Paulo Autran, que contracenava com a lindíssima Tônia Carrero, foi eleito o melhor ator do ano. Outros destaques de 1949 foram Sérgio Porto, que passava a assinar uma coluna na revista *Sombra*, e Rubem Braga, um dos grandes nomes do *Diário de Notícias*.

À época, Carlos Lacerda fundava a *Tribuna da Imprensa*. Porém, mais do que pela mídia impressa, era pelas rádios que o público se informava. Ou se desinformava. Com o fim da guerra, os programas de calouros retomaram a força plena. Mas, naquele domingo em que o envelhecido campeão Botafogo desafiou o invencível Vasco, nem a audiência do musical “Aí vem o pato”, apresentado por Francisco Alves, se aproximou da alcançada pela “Transmissão Esportiva”.

Antes de começar o jogo, Heleno cumprimentou com educação seus ex-companheiros de Alvinegro. Como Otávio, recém-formado em arquitetura.

No campo, entretanto, desatinou. Mas o dia era de festa – e nem ele seria capaz de estragá-la. Pelo contrário. Heleno cumpriu exemplarmente seu papel de emocionar os vascaínos. Aos 12 minutos do primeiro tempo, deu ótimo passe a Ademir, que abriu o placar. O pernambucano faria outro na segunda etapa, com Zezinho descontando para o Botafogo. Com sete pontos de vantagem sobre o segundo colocado, o “Expresso da Vitória” assegurava seu terceiro título invicto nos últimos cinco anos.

Feroz, Heleno deixou o campo reclamando da violência com que foi caçado pelos botafoguenses. Porém, estava satisfeito, preenchido até, por finalmente se tornar campeão carioca. Seu time entrou para o jogo com Barbosa, Augusto e Wilson; Eli, Danilo e Alfredo; Maneca, Ademir, Heleno, Ipojucan e Chico. Completando dezoito vitórias e dois empates, a equipe obteve a marca de 84 gols em vinte partidas – inquestionável média de 4,2.

Campeão, Heleno passou a fazer exigências. Apenas por uma semana. Em 19 de dezembro, quando o Vasco foi a Porto Alegre receber do Renner as faixas de melhor do Rio, o centroavante

exibiu-se pela última vez com a camisa do clube. Explicaria o porquê Flávio Costa:

– No jogo contra o Renner, fui obrigado a substituí-lo por conta do excesso de problemas que vinha causando dentro de campo com os próprios companheiros. Após a partida, chamei-o a um canto e disse que sua carreira no Vasco havia terminado. Ele não esboçou qualquer reação, porque fora das quatro linhas era de uma educação exemplar.<sup>5</sup>

Como provocara ambiente de apreensão e intranquilidade constante em São Januário, incompatibilizando-se com alguns colegas, o clube nem perdeu tempo com o atacante, afastando-o não pelo seu futebol, mas por seu temperamento explosivo. Segundo Flávio Costa, num jogo em São Januário, Heleno recebeu cobrança de lateral de Alfredo, matou a bola com categoria e a largou no chão, saindo de campo em protesto contra a própria torcida, que, irritada por não vê-lo fazer nada até o momento, o chamava de “Gilda”.

Com o Maracanã sendo levantado, tudo girava em torno da 4ª Copa do Mundo. Quando, em 22 de dezembro de 1949, Flávio Costa enumerou os trinta pré-selecionados para o mundial, convocou para o comando do ataque Ademir, Gringo e Geada. A ausência de Heleno de Freitas surpreendeu a mídia: “É de estranhar, a despeito do maior centroavante do futebol brasileiro, a sua não inclusão no *scratch*”, externou o *Jornal dos Sports*.

Todo-poderoso, Flávio Costa tinha carta branca da CBD para escolher o time. Personalidade forte, nunca aceitou intromissão em seu trabalho. Se o público queria Heleno, que o levasse para casa, embrulhado para presente. Em equipe sua, jamais. Assim, mesmo com o passe preso ao Vasco, Heleno não pestanejou diante de um convite de um Eldorado que se formava na Colômbia:

– Sou um aventureiro. Gosto de bater pernas, e a situação “pirata” da liga me agrada. Estou exausto de paredros e cartolas.

## 21. À beira de um ataque de nervos

1950

Em setembro de 1949, a primeira página do *Jornal dos Sports* informou, em letras garrafais, que Heleno de Freitas e Tesourinha eram o sonho de consumo do Atlético Junior para 1950 – temporada em que o clube de Barranquilla voltaria a disputar a Liga Colombiana, após afastamento de dois anos.

A notícia mexeu com o homem-gol vascaíno. Sem esperanças de ser convocado para a Copa do Mundo, Heleno resolveu embarcar para o novo oásis do futebol sul-americano, pouco se lixando para o Vasco. Não eram necessários os direitos federativos para se ingressar na Colômbia. A Liga era apartada do comando da Fifa.

O Eldorado consistiu na mais esplendorosa fase do futebol colombiano. O governo fomentava a atividade com o intuito de criar um entusiasmo esportivo que adormecesse a beligerância política do povo – havia dois anos revoltado pelo assassinato do líder liberal Jorge Gaitán, fato que resultou numa onda de terror a apavorar o país. A Liga contratava os jogadores e os emprestava aos clubes mediante as necessidades técnicas e táticas dos times. Já as maiores estrelas, estas chegavam às agremiações através de bastante política.

Dinheiro a rodo, craques internacionais, grandes espetáculos, belos estádios construídos, pela primeira vez na história a Colômbia estava no epicentro dos comentários do mundo do futebol. Tudo se iniciou em maio de 1949, com a chegada de Adolfo Alfredo Pedernera, do argentino Huracán, ao Milionários, de Bogotá. Em agosto, Néstor Rossi e Di Stéfano atuavam no país. Em 1950, um

grande número de estrangeiros pontificava nas principais equipes. Entre os quais, os peruanos Guillermo Barbadillo e Valeriano López, do Deportivo Cáli, e Felix Mina e Reinaldo Luna, do Nacional de Medellín. Além dos argentinos Jorge Benegas e René Pontoni, do Santa Fé, e Ruben Padín e Enrique Navarro, do Deportivo Caldas, craques uruguaios, húngaros e ingleses também trocaram seus países em busca do dinheiro fácil.

No Atlético Junior, Heleno reencontraria ex-companheiros do Botafogo. Um deles, Marinho Rodrigues de Oliveira, que anos mais tarde adotou como filho Paulo César Caju. Suplente do Botafogo em 1948, Marinho voltaria mais tarde ao Brasil para ser campeão carioca de 1953 pelo Flamengo. Os outros parceiros eram Gerson dos Santos e o goleiro Ary Nogueira César. Contudo, o grande motivador de sua transferência foi Elba de Pádua Lima, o veterano Tim, atacante e treinador do clube de Barranquilla.

Tim propiciou os primeiros contatos entre Heleno e essa Liga Pirata. Certa vez, discou para o Rio para avisar ao amigo que Mario Abello, Jorge Bano e Bernardo Beni haviam voado ao Brasil em busca de estrelas que reforçassem ainda mais o futebol do país. A única exigência da Liga era a obrigatoriedade de os times, em cada partida, escalarem ao menos um nativo. Entretanto, fora Heleno e uns quatro ou cinco, a maior parte dos atletas brasileiros não se sensibilizava em partir para a Colômbia por uma única e exclusiva razão. A realização da 4ª Copa do Mundo.

A exclusão de Heleno do selecionado não abalou o ufanismo nacional em relação ao Mundial. No Rio de Janeiro, os quase 2,5 milhões de habitantes só falavam da competição. As maiores seleções do planeta, fora a Argentina – que alegou não ter time para a disputa devido à nova greve dos boleiros –, estariam em *terra brasilis*. Tamanha animação fazia sentido: a seleção ostentava o título de campeã sul-americana de 1949, ao passo que a imprensa carioca noticiava com frequência o andamento das obras do portentoso Maracanã, palco das principais partidas do campeonato.

Em 25 de fevereiro de 1950, após dois meses de chá de cadeira da diretoria cruz-maltina, a capital da República era informada de

que Heleno se encontrava de partida para o Eldorado. Por 15 mil dólares de luvas, mais 2 mil dólares de salários – sem contar as gordas gratificações por vitória –, o artilheiro já havia até marcado a data do voo: 9 de março.

A menos de cem dias do início da Copa, Heleno de Freitas dava as costas para o Brasil.

O cinema competia, mas não roubava o público do teatro. As mais variadas encenações movimentavam a cidade. *A escrava Isaura* entrava em cartaz na Praça Tiradentes, trazendo no elenco Fada Santoro e um encabulado Cyl Farney. Assim como *Deixa que eu chuto*, revista de Lauro Borges e Renato Murce, fazia bastante sucesso entre os cariocas. No entanto, era *Doroteia*, de Nelson Rodrigues, a peça anunciada como a melhor do ano.

Rio em festa, cada vez mais moderno, fevereiro bombou. Blocos e cordões animadíssimos, o som do momo foi a trilha de *Carnaval no fogo*, filme da Atlântida que trazia um grande elenco – nomes queridos pelos brasileiros, como José Lewgoy, Oscarito, Grande Otelo, Eliana Macedo, Anselmo Duarte e Elvira Pagã.

Separado de Ilma e do filho, Heleno se acabou nos festejos. Ainda mais por causa do futuro, a sua viagem. Ao fim da folia, despediu-se da cidade curtindo o visual do pedestal do Cristo Redentor. Na ocasião, seus irmãos Vera e Oscar ficaram pasmos com a beleza da paisagem. Já Heleno parecia incomodado. O bonde “Águas Férreas” trazia ao local inúmeros cidadãos, que, reconhecendo-o, solicitavam autógrafos. Heleno se recusava a assinar os papéis. Na Colômbia, imaginava, reencontraria a paz; voltaria a viver sem ser importunado pelas pessoas.

Ser famoso havia se tornado um martírio. Estava nitidamente com problemas e não queria ninguém lhe oferecendo ajuda. Nem mais às festas dos “cafajestes”, no Marimbás, comparecia. O sofrimento em Copacabana era grande, até porque, entre os 130 mil habitantes do bairro, Heleno de Freitas figurava, com segurança, entre os cinco moradores mais notórios. Isso em âmbito local. Apesar de a televisão ainda não existir no país, dificilmente havia,

entre os 51 milhões e 700 mil brasileiros, alguém que desconhecesse seu rosto.

Preparando-se para deixar o Rio, Heleno não acreditou quando, em 12 de março, estando havia mais de dois meses sem jogar, o técnico Oto Glória, numa atitude inusitada, o convocou para a seleção carioca. Foi a maneira encontrada pelo Vasco de atrasar seu lado, segurá-lo no país, já que a seleção era, praticamente, o time de São Januário, com direito a Flávio Costa a supervisionar os treinamentos. Heleno até reapareceu no clube no dia da apresentação, mas para receber, na tesouraria, os vencimentos relativos a fevereiro. Se não jogava, ganhava o que tinha acordado em contrato até que alguma equipe lhe comprasse o passe. O Vasco não via a hora de possíveis pretendentes se apresentarem. Temia, com toda a razão, a fogaosa sedução do paraíso colombiano.

Decidido a fazer tudo para ser cortado do escrete, Heleno, evitando a imprensa, chegou ao estádio, recebeu seu salário, foi ao vestiário, trocou de roupa e, sem dirigir a palavra a ninguém, entrou em campo. Indisciplinado, xingou Nestor, humilhou Lima e distribuiu de forma aleatória – inclusive para o técnico da seleção brasileira – palavrões impublicáveis. Ultrajado, Flávio Costa ordenou o clube a multá-lo. Na mesma tarde, Heleno de Freitas foi à polícia marítima aprontar o passaporte. Não estava nem aí para o salário de março.

Mesmo com o Vasco ameaçando levar o “caso Heleno” à Justiça do Trabalho, o jogador surgiu no aeroporto do Galeão faltando quarenta minutos para o avião da Pan-American Airways partir. Recusou-se a posar para fotos, mas foi solícito com a imprensa:

– Parto satisfeito. Infelizmente, não tenho mais ambiente no futebol brasileiro. Fui perseguido no Vasco e agora resta-me tentar a sorte na Colômbia, onde espero reencontrar meus melhores dias. Faço questão de esclarecer que cumprirei de maneira integral meu contrato com o Junior. Espero ser útil a meu novo grêmio, dando o máximo de meu esforço para a sua vitória no campeonato daquele país.<sup>1</sup>

A Colômbia estava em polvorosa. Pouco antes das eleições presidenciais de novembro de 1949, o presidente Ospina Pérez impusera o estado de sítio no país. A violência oficial se generalizou, com organizações de trabalhadores sendo praticamente aniquiladas em sangrentos massacres. O Partido Liberal, que decidira não participar das eleições, instituiu um “paro cívico” geral no dia 27. A partir de então, a resistência armada se expandiu por todo o território. A Liga Pirata era um dos poucos trunfos do governo para, em parte, acalmar o povo. Barranquilla, por exemplo, alheia à calamitosa situação sociopolítica nacional, explodia de felicidade pela presença de Heleno de Freitas na cidade.

Considerada a “Porta do Ouro” do Caribe colombiano, Barranquilla havia sido invadida pelos espanhóis que conquistaram o país no século XVI. Na época, as margens do rio Magdalena serviam para o comércio indígena. Logo, os opressores europeus transformariam o vilarejo numa cidade fantasma. A violência perdurou até 1819, quando o libertador Simón Bolívar se encarregou de comandar o ataque aos europeus em Cartagena, Santa Marta e, em sequência, Barranquilla. A cidade a partir de então ressuscitou. Ampliando cada vez mais sua relevância política por conta de sua estratégica posição geográfica, abriu o primeiro porto marítimo e fluvial da Colômbia. Crescendo em ritmo desenfreado, em 1908 já era a segunda cidade mais importante do país. Devido ao comércio agroexportador, acelerava-se o desenvolvimento econômico, social e demográfico da região.

Em meio a mulatos, mestiços, negros, brancos e índios, Heleno viveu seis meses em Barranquilla. Hospedou-se no hotel homônimo a seu bairro, El Prado, onde, por sinal, os locais faziam questão de esperá-lo à porta para presenteá-lo com danças típicas, em geral de origem afro-indígena, como o porro, o torito, o diabo, o congo e as pilanderas. Inúmeros gaiteiros entoavam acordes para os cantores improvisarem melodias simpáticas não a ele, mas a um ser mítico chamado doutor De Freitas. Não sabiam quanto as diárias homenagens o irritavam.

Pelo menos, a cidade era linda. E por ser Heleno o figurão do bairro, a todo momento era agraciado por belas vendedoras, que faziam de tudo para que aceitasse seus pescados frescos e camarões. Algumas lhe ofereciam muito mais. O que estivesse a fim comer; seu prato predileto. Para o bom entendedor, Heleno jamais passou fome em Barranquilla. Pobres dos senhores que tentavam lhe vender chapéus e outros objetos tecidos com o fio da palmeira de iraca, tradição da localidade. Ao ser apoquentado por homens, Heleno esbravejava de forma ríspida, sem o mínimo de educação.

As praias paradisíacas o conquistaram. Sua favorita era a de Salgar, mas cheirava seu éter também em Puerto Caimán, Santa Verónica, no Jardim Botânico – hoje, bairro El Bosque – e nas imediações da Lagoa del Guájaro. Não se segurava nem perto de Tim, queira ou não, seu treinador. E guia turístico. Tim o levava a passeios sem compromisso que, de todo, não desagradavam. Afinal, em Barranquilla havia obras monumentais, como o edifício da Radiodifusora Comercial e a igreja de São Nicolas, de estilo gótico, datada do século XVII. Fora que lembravam Copacabana os bares El Boliche e La Tenería, onde, degustando a cerveja Toro Negro, os clientes jogavam um bilhar de bom nível. Contudo, Heleno não se sentia à vontade para arriscar umas tacadas. Motivo de desânimo: estava ainda mais famoso na cidade do que na própria capital do Brasil.

Muitos ídolos passaram pelo Eldorado, mas nenhum tão inolvidável como Heleno de Freitas. Nos primeiros dias em Barranquilla, a Ordem dos Advogados o recebeu com um banquete solene. Em meio aos discursos, o jogador, prepotente, alegou sono, deixou os doutores falando com as paredes e sumiu na noite.

Anos mais tarde, Nelson Rodrigues contou mais detalhes do evento:

Outra de Heleno, e notabilíssima, foi na Colômbia, quando a Liga Pirata estava em sua furiosa plenitude. O futebol colombiano tinha os maiores jogadores da época: o próprio Heleno, Néstor Rossi, o Di Stéfano, Neil Franklin, Pedernera e outros. Um dia, Heleno, que era advogado, foi convidado para a festa dos advogados. Basta dizer que todo mundo iria de casaca. Nem se pense que Heleno teve algum constrangimento de vestir a sua. Muito bem. Estava Heleno se preparando para o banquete quando aparece Berascochéa, seu

inimigo. Por que inimigo? É o que estou perguntando ao Albino Castro Filho. Este responde, pluralizando: "intrigas". Simplesmente, Berascochéa queria matar Heleno e empunhava um vasto punhal. Outro qualquer teria se atirado pela primeira janela. Não Heleno, que partiu para o inimigo e tirou-lhe o punhal. Em seguida, continuou a se vestir, com aquela brutal e superior naturalidade. Num canto, Berascochéa arquejava de impotência e frustrações. Em seguida, sai Heleno e apanha o automóvel que o esperava. Com pouco mais, estava no banquete dos advogados. Quando ele apareceu, houve a curiosidade maravilhada: "Quem é? Quem é?" Segundo o Albino Castro Filho, as damas o olhavam muito e havia em cada decote um frêmito delicioso. Vamos admitir que houve dança e digamos que valsa. Heleno dançava tão bem que chegou um momento em que todos pararam para que o par dançasse sozinho.

Eis o que eu queria dizer: não há no futebol brasileiro jogador mais romanesco ...<sup>2</sup>

Heleno estreou pelo Atlético Junior em 19 de março de 1950, enfrentando "Los Puros Criollos" do Atlético Municipal, em Medellín. Causando burburinho nos círculos esportivos, o atleta levou muita gente da capital e de Barranquilla para o estádio. Porém, quase não entrou em campo. Só concordou em vestir uniforme assim que Tim jurou-lhe, de pés juntos, que jogaria também. Embora o treinador o tivesse indicado justamente para cumprir sua lacuna, já que havia muito pensava em encerrar a carreira de atacante.

Menos de um mês depois, com Tim se superando para aguentar firme 45 minutos, Heleno virava tema de ninguém menos que Gabriel García Márquez, ainda um jovem jornalista do periódico local *El Heraldo*.

O que Heleno de Freitas pouco esperava da cidade era que ela fosse tão cultural quanto o Rio de Janeiro ou Buenos Aires. Mas até isso ela era. Havia trinta anos que um grupo de intelectuais, reunidos em torno de José Felix Fuenmayor e Ramón Vinyes, fundou a vanguardista revista *Vozes*, pioneira no país. "O grupo de Barranquilla", como era conhecido, exercia profundo efeito no meio artístico. Dele nasceram a pintura de Alejandro Obregón, a fotografia de Nereo López e a arte literária de Gabriel García Márquez, por exemplo.

Aos 22 anos, o talentoso jornalista ingressara na redação do *El Heraldo* em janeiro. Tinha acabado de abandonar seus estudos de

direito, a fim de se dedicar à publicação de livros. No jornal, assinava a coluna "La Jirafa", sob o pseudônimo de Septimus.

Despontando, em pouco Gabriel García Márquez seria contratado pelo semanário *Cronica*, o maior do país – cuja primeira capa seria justamente Heleno de Freitas; uma semana após o show do jogador na vitória sobre o Sporting, principal rival do Atlético em Barranquilla; partida disputada em 29 de abril e na qual o brasileiro humilhou o zagueiro equatoriano Jorge "Chompi" Henríquez, seu grande rival no "clássico da costa caribenha". Na revista, a tarefa de Márquez era conciliar futebol com literatura, dedicando as páginas centrais a reportagens sobre os astros do futebol. Já na coluna, passeava por assuntos da atualidade, tinha espaço de sobra. Esmiuçava sobre tudo o que julgasse interessante, relevante o suficiente para que o povo soubesse.

E foi reportando o clássico para o *El Herald*, e não para o *Cronica*, que Gabriel García Márquez mostrou quanto estava fascinado com o carisma do personagem:

Tenho o costume – e isso pode ser uma das formas da inclinação pelo esporte – de observar, nas tardes de domingo, o rosto daqueles que deixam o estádio. Na tarde em que o doutor De Freitas apresentou-se pela primeira vez, é muito possível que, se ele tivesse a capacidade de entender certas interjeições castelhanas, teria regressado ao Brasil no primeiro avião. O tempo passou e no domingo seguinte, depois de treinar incansavelmente com os companheiros de seu time, o doutor De Freitas deve ter chegado à conclusão de que, mais do que tais práticas esportivas, lhe seria melhor uma prática metódica e consciente da gramática castelhana. Foi assim que pôde realizar bem melhor sua segunda apresentação, mostrando-se já capaz de compreender que a gritaria vinda das tribunas não era de aprovação, mas de descontentamento. E já em sua nova apresentação em Barranquilla, de volta de Cáli, o doutor De Freitas mostrava-se capaz de conjugar perfeitamente os tempos simples do verbo "fazer". "Farei milagres", declarou à imprensa, ao dar-se conta de que o público queria exatamente isso. Que fizesse milagres. E segundo me contam alguns que estiveram nesse dia no Estádio Municipal, o que o brasileiro fez foi uma milagrosa atuação. Praticamente, disseram, o doutor De Freitas – que deve ser um bom advogado – redigiu nesta tarde, com os pés, memoriais e sentenças judiciais não apenas em português e espanhol alternadamente, mas também citações de Justiniano no mais puro latim antigo.

Agora ninguém mais discute que abril foi o mês definitivo para o doutor De Freitas, e isso porque ele aprendeu a traduzir para o espanhol toda essa gíria esportiva que tanto prestígio lhe deu em seu país de origem. Como diz um grande contista nosso: "O importante é a gramática."<sup>3</sup>

Como os colombianos nunca tinham visto temperamentais, Heleno virou logo o “dono” do time, o que agradou os torcedores. Atraindo multidões a cada jogo, mandava nos companheiros, gesticulava efusivamente, cuspiu fogo. Fazia o maior sucesso. Mesmo quando a equipe perdia de goleada, havia sempre um elogio rasgado a Heleno – nem que fosse o mais barulhento, esquisito ou genioso em campo. Era visto como excêntrico. Quando deixava o parceiro na cara do gol e este isolava, não tornava a lhe passar a redonda. Os colombianos vibravam com esse lado de Heleno, adoravam vê-lo reclamar dos árbitros, dos próprios colegas, da torcida adversária. Parecia uma estrela de Hollywood.

No entanto, a verdade é que Heleno chegara à Colômbia com os nervos em pandarecos. Como prova o companheiro Jimmy de la Espriella, um ex-jogador de basquete que, por sinal, também era campeão colombiano de tênis de mesa. Aristocrata como Heleno, Espriella não compreendia seu colossal desespero quando perdia no pingue-pongue:

– Era um palavrão atrás do outro. Parecia que o mundo havia acabado.

Para ampliar o desespero de Heleno, o público o amava. Não se contavam nos dedos aqueles que todo santo dia percorriam com ele o pequeno trecho entre o vilarejo em que morava e o estádio do clube, festejando-o com danças ou lhe dedicando canções. Desgostoso, tornou-se insuportavelmente debochado. O beque Gerson rememora uma passagem que viveu ao lado do centroavante:

– Certa vez fui com ele a Cáli. Ao desembarcar, cercaram o Heleno, não o deixavam respirar. Como as jovens insistiam por um autógrafa, Heleno passou a desenhar uma cruz no papel, explicando: “É meu nome, não sei escrever.” Mais tarde, os pais das moças foram procurar o Heleno no hotel com a intenção de agredi-lo.<sup>4</sup>

Na partida mais badalada do campeonato, em junho, Atlético Junior e Milionários se confrontaram no Estádio Municipal Romelio Martínez,

em Barranquilla. Batendo bola no círculo central, Heleno comentou com Jimmy de la Espriella, que cruzava o setor:

– Veja isso! Di Stéfano no meio, Pedernera na direita... e o que é que eu tenho? Um par de tampinhas que não servem para nada. Como posso ousar enfrentá-los?

A resposta era simples: com talento. E, apesar de Tim ter posto o time na retranca, Heleno esteve brilhante. Sob sua liderança, o Junior dominou a partida. Ainda no primeiro tempo, o atacante fez um dos mais marcantes gols já vistos na cidade. Recebeu a quarenta metros da meta, fintou Raul Pini em velocidade, fingiu que lançaria um companheiro e soltou a bomba que surpreendeu o desprevenido goleiro Julio Cozzi, lenda do futebol argentino.

Em julho de 1950, porém, Heleno de Freitas, mesmo a distância, tornou-se inimigo mortal de Flávio Costa. Em entrevista a um periódico colombiano, responsabilizou o treinador pela derrota da seleção para o Uruguai na final da Copa do Mundo, tragédia que afogou em lágrimas os 45 milhões de brasileiros. O jornal carioca *O Radical* reproduziu na capital federal a íntegra da entrevista, que repercutiu bastante no país. Num trecho, polêmico, Heleno afirmava:

– Se eu estivesse no comando do ataque o Brasil não perderia este Mundial. Conheço a manha dos uruguaios, e Obdulio Varela não faria comigo metade do que fez com o nosso ataque.

No entanto, o que deixou Flávio Costa fora de si foi a seguinte declaração, propagada pelo amigo Sandro Moreyra:

– Perdemos por incapacidade do técnico, que tornou a seleção um punhado de frouxos, incapazes de reação. Um bando de fracos, castrados e medrosos.

Foi o primeiro a dizer isso. Ninguém até então tinha dado um parecer tão cruel. Flávio Costa ficou com aquelas palavras engasgadas por bom tempo. Mas jurou vingança.

Por ironia do destino, a ausência de Heleno na Copa, pelo menos, não o marcou com a pecha de pé-frio. Zizinho, em 1985, ainda lamentava:

– Até hoje os pais me param na rua e dizem a seus filhos que eu sou o Zizinho, aquele da Copa de 1950. Ora, joguei dezenove anos,

ganhei vários títulos, mas sou lembrado como um perdedor.<sup>5</sup>

Na Colômbia, longe de um derrotado, Heleno viveu um período curto mas feliz. Festejado nas ruas, era o símbolo e ideal daquela gente humilde. Ganhando bem, aguentou aos trancos e barrancos os seis meses no tubarão – símbolo do Junior.

O Atlético terminou em oitavo. Incrivelmente, levantou a taça o clube que menos investiu: o Once Caldas, da cidade de Manizales, 280 quilômetros a oeste de Bogotá. Dois pontos a menos, o Milionários, sensação do campeonato, chegou em segundo; o que ninguém em sua consciência esperava. Presidido pelo rico exportador Afonso Sênior, o time era o franco favorito. Entretanto, sem explicações palpáveis, entrou em parafuso na reta final do torneio.

Mesmo com Casimiro Avalos, o ponta-esquerda paraguaio do fraco Deportivo Pereira, tendo assegurado a artilharia do campeonato graças aos 27 gols marcados, para Tim, Heleno foi sucesso em Barranquilla:

– Ele fez grandes partidas lá. O doutor De Freitas aparecia em cartazes de um metro e meio de altura e ganhava duas ou três vezes mais que no Brasil. Verdade que já chegou um pouco gordo e bastante nervoso, não suportando os noventa minutos. Criou muito caso, me deu um trabalho enorme, mas fazia gols espetaculares. Quando chegou, ainda sabia tratar a bola, mas estava mal em termos emocionais. Às vezes provocava as pessoas, estas reagiam, ele então se acovardava e eu é que tinha de ir lá contornar.

Sendo pago rigorosamente em dia, no fim do ano Heleno avisou à direção do Junior que estava a caminho do Rio de Janeiro apenas para passar as férias, repousar um pouco. Balela. Queria, sim, retornar aos braços do povo no país do futebol.

Teria uma desagradável surpresa.

## 22. O vírus Heleno

1951

Há ídolos que não suportam certas consequências da fama, como a superexposição na mídia e o assédio dos fãs. Encerrada a carreira, porém, têm a mesma dificuldade para aceitar o ostracismo, algo quase inevitável. “Uma das particularidades desse universo é a velocidade extrema com que as transformações se dão”, escreveu o jornalista Sérgio Monteiro Souto em seu livro *Os três tempos do jogo*. Todavia, há jogadores que preferem tapar os olhos a enxergar a nova realidade. Heleno de Freitas, um bom exemplo. Ao desembarcar em janeiro no Galeão, não havia imprensa à sua espera. O artilheiro tratou de culpar pelo ocaso a companhia de aviação, que não devia ter comunicado em tempo hábil às redações que ninguém menos do que ele estava por chegar.

No aeroporto, sem cerimônias, Heleno confessou aos parentes que o recepcionaram – Dona Miquita, Oscar, Vera e Rômulo – que havia celebrado a chegada de 1951 de pileque, fechando, solitariamente, um a um os bares de Barranquilla. Contudo, o mais incrível foi que trouxera pouquíssimo dinheiro da Colômbia. As verdinhas deitadas na carteira não dariam para sequer honrar o táxi do aeroporto à Zona Sul:

– Não há dólar que pague a ausência desta terra! Prefiro morrer pobre, mas aqui. Para lá do túnel, só farei uma concessão agora: jogar pelo Botafogo! – avisou no carro, ao deparar com a beleza do Leme, dobrando ao Posto 6. Fisionomia atilada, ligeiros tiques nervosos, via-se em sua aparência que ainda era moço, mas não jovem. Maduro, sim, mas um homem gasto. Olhos negros cansados, seu ar era de amargura.

No dia seguinte – só ele não esperava – nenhuma linha nos jornais sobre sua chegada. Tinha passado da moda, não era mais notícia. O público elegera outros ídolos. Não sua família:

– Sempre fomos Heleno Futebol Clube – contava a irmã Vera. – Todos nós, até o Heraldo, que era Flamengo. O Heleno não pensava apenas nele, mas em todos os irmãos. Nas viagens, lembrava-se da família inteira, até das empregadas. Trazia presentes para todo mundo; não controlava seu dinheiro. Ele em casa era uma pessoa amorosa, tratava todos com muito carinho, os sobrinhos pequenos, a mãe, enfim, não tínhamos do que nos queixar.

Apenas ele reclamava, mas pela falta de notícias sobre o Glorioso. Imediatamente após repousar as bagagens em casa, dirigiu-se à sede do Botafogo, oferecendo-se agora para treinar de graça. Com sabedoria, o clube se esquivou. Alegando nada mais que a verdade:

– Não, Heleno – explicou-lhe o doutor Carvalho Leite. – Você pertence ao Vasco, e não queremos problemas com eles.

Seus direitos, oficialmente, eram mesmo do Vasco. Um Vasco prestes a se tornar bicampeão da cidade.<sup>1</sup> Um Vasco, para azar de Heleno, ainda comandado por Flávio Costa.

O Brasil que Heleno reencontrou em 1951 era bem maior – e melhor – do que o que havia deixado no ano anterior. Em São Paulo, cidade que crescia em ritmo vertiginoso, Victor Civita fundara a Abril – que mais tarde se tornou um gigante editorial –, ao passo que Assis Chateaubriand criara a TV Tupi, tornando o país o quarto do mundo a ter uma emissora de televisão. A notícia do momento era o retorno de Getúlio Vargas ao poder, agora pelo povo. Ainda que sem o apoio de Dutra, que sustentou a candidatura de Cristiano Machado, do PSD, o ex-ditador foi eleito, pelo PTB, com quase 4 milhões de votos. Cerca de 49 por cento do total de eleitores.

Em fevereiro, o comandante Edu era homenageado por Paulo Soledade e Fernando Lobo, autores da marchinha “Zum-zum tá faltando um”, campeã do Carnaval. A música foi eternizada pelas vozes de Helena de Lima e Dalva de Oliveira. Mesmo órfãos do

piloto, os “cafajestes” tinham de seguir suas vidas. Deram então uma festa para mil pessoas no antigo Cassino Atlântico, depois da qual muitos boêmios, por conhecer um ou outro do grupo, passaram a se identificar como membros do clube. Um deles, o milionário paulista Baby Pignatari, praticamente comprou a sua entrada na turma.

Acompanhado de alguns “cafajestes”, Heleno de Freitas voltou a pisar o Vogue. Quem se acostumou a vê-lo no local, principalmente em seus áureos tempos, ficou perplexo. Seu andar não era mais lépido, e por onde passava deixava um rastro de lança-perfume no ar, como se a vida fosse um eterno Carnaval. Não exagerava apenas na boate. Fazendo ponto na praia do Leme, deitado na areia com o rosto voltado para o céu, assoviava para alguns conhecidos, instigando-os a, debaixo do maior sol de verão, ficar cheirando com ele. Em breve, se contentaria com algo ainda mais venal: éter puro. Alucinado, Carlito Rocha o flagrou fora de si em Copacabana. Não acreditando no que via, o dirigente deu-lhe um afetuoso abraço e, sem conter as lágrimas, perguntou a Heleno se não pensava em reconstruir a vida, de preferência longe do bairro, que não devia estar fazendo bem para sua saúde.

Problema é que Heleno queria ficar. Mais, ficar no Vasco. Horas antes de ir a São Januário pedir arrego ao ex-clube, Heleno escondeu nuns óculos escuros os olhos inchados da noite anterior. Havia se afogado em uísque na madrugada do Vogue. Na sede cruz-maltina, na manhã seguinte, o destino lhe reservava a ressaca mais violenta de sua vida.

Era muita cara de pau. Além de ter interrompido no meio o compromisso com o Cruz-Maltino, durante sua estada no Eldorado Heleno carimbou Flávio Costa como o culpado pela derrota no Mundial de 1950. Descarado, ou ingênuo, acreditando que suas declarações hostis não haviam repercutido no Brasil, Heleno ousou ir ao clube. Queria sentir na pele como este o receberia. Sentiria, e literalmente.

Chamado pelo porteiro, Flávio Costa arregaçou as mangas da camisa e partiu ao encontro do desafeto. Chegava a hora da vingança, o momento tão esperado. Sequer o deixou se aproximar do portão do estádio. Sentindo-se açoitado, eis que, louca e irrefletidamente, Heleno sacou um minúsculo revólver para o treinador. Por ter sido da polícia especial, Flávio Costa, sem muito trabalho, tirou-lhe a arma da mão e, em seguida, o esmurrou. Humilhado, Heleno deixou o local de mansinho, antes que apanhasse ainda mais.

Há versões de que o treinador “conversou” com Heleno em outros lugares. O ex-jogador Oswaldo Cardoso, o Camelinho, que treinava nos juvenis na época, por exemplo, jura que a história se deu nas sociais do estádio:

– Estávamos esperando o treinamento dos profissionais acabar para entrarmos. De repente, o Oto Glória avisou ao Flávio que o Heleno o esperava perto da tribuna. O Flávio mandou ele segurar as pontas no gramado, que iria ver o que era. Ficamos olhando para cima e, depois, soubemos que o Heleno tinha, num instante, puxado um pequeno revólver, acho que calibre 22, que o Flávio tomou dele na marra.

Nesse clima de malmequer, Heleno retornou ao Vogue a fim de afogar as mágoas entre novos drinques e velhos lenços. Sua intenção era aliviar a tensão, ter lampejos de euforia. Contentava-se com poucas sensações agradáveis que o fizessem, por minutos, escapar da depressão. Nem a atração que continuava exercendo sobre as mulheres era capaz de resgatar-lhe a autoestima. Naquela madrugada, pouco curtiu o show da fállica Patachou, vedete francesa que tinha por hábito sentar-se no colo dos senhores enquanto cantava, cortando-lhes, sensualmente, a gravata com uma afiada tesoura.

Enquanto, no Rio, Heleno oferecia sua mente aos artificiais prazeres do lança, na Colômbia, corria um plebiscito favorável a seu reingresso na Liga. Não percebia, mas tinha naquele país a projeção que, não admitia, perdera definitivamente no Brasil.

A atitude insana de Heleno nas proximidades de São Januário fez com que o Vasco agisse com rapidez, barateando a venda de seu passe. Especulações surgiram. Muitos clubes tinham alguém influente na diretoria que, considerando a idade e a categoria do jogador, tentava encobrir seu passado – e presente. Fluminense, Santos e Atlético Mineiro foram alguns a sacudir suas torcidas com o repentino interesse demonstrado no atleta. Já o Bangu foi taxativo: não o queria nem coberto com o ouro da Colômbia. Todavia, Heleno era reticente. Obcecado, só aceitava o Vasco. Afinal, ali treinava o melhor plantel do país; talentosos jogadores que o auxiliariam na tarefa de voltar a ser o mestre, o melhor de todos. Persistente, implorou pela reconciliação até maio. O Cruz-Maltino, porém, havia mesmo limado seu nome:

– Precisamos de tranquilidade – confessava o diretor de futebol Eurico Lisboa. – Nada de Heleno para perturbar nossos trabalhos.<sup>2</sup>

Segundo o ex-craque e comentarista Paulo Roberto Falcão, “jogador de futebol morre duas vezes: a primeira, quando para de jogar”. Em se tratando de Heleno, o ditado caía como uma luva. O centroavante vinha sofrendo bastante nos últimos tempos com os grandes clubes lhe dando as costas. Restava bater bola na praia de Copacabana, onde as garotas mais ousadas arriscavam um biquíni duas peças. Enquanto, drogado na areia, Heleno assistia às manobras dos primeiros surfistas, que se equilibravam sobre as ondas em precárias pranchas de madeira, várias meninas, ao reconhecê-lo, desfilavam de propósito seminuas na sua frente, a fim de lhe despertar os mais incontrolláveis instintos.

Para fugir da realidade dura da vida, Heleno enterrou muitas noites em excessos sexuais com mulheres que jamais houvera visto. Vida desregrada, boemia irresponsável, promiscuidade, caminhava a passos firmes rumo à completa autodestruição.

Fácil entender o porquê de voltar zerado do milionário futebol colombiano. Gastara o que havia recebido no que lhe permitisse manter os resquícios de seu prestígio: drogas, roupas, mulheres e coleções de quinquilharias. Prova do descontrole, quando retornou

ao Rio, mesmo sem emprego e recorrendo a tranquilizantes para dormir, quis comprar outro Cadillac. Quem o impediu de cometer tal loucura foi seu irmão Oscar, que, sincero, interveio:

– Heleno, você precisa urgentemente se submeter a um tratamento, antes que seja tarde demais.

Sem coragem para se afastar da família – o único amor sincero que lhe sobrava –, Heleno não se deixou ser internado. Declamou que podia ser tudo, menos maluco. Longe da bola, aproximou-se, ou ao menos tentou, dos amigos mais chegados. Volta e meia frequentava o Marimbás com alguns “cafajestes” que lá pescavam nos fins de semana. Ao contrário da infância, porém, Heleno não dava mais a mínima para a pescaria. Enroscando-se com um lenço e a bisnaga do lança-perfume, conservava-se o tempo inteiro em outro mundo.

Certa tarde foi à casa de Mariozinho de Oliveira e pediu-lhe emprestado, por algumas horas, seu poderoso Oldsmobile, do ano. Tudo certo, contanto que o motorista guiasse. Fez um sinal de positivo com a cabeça para o amigo; no entanto, ao abrir a porta do carro, Heleno deu um tranco no sujeito, empurrando o chofer para a carona, e com sagacidade fez a volta para assumir o volante. De uma guinada, arrancou a mil. Ao voltar, esbravejou com Mariozinho:

– Avisa a esse camarada que é assim que se dirige um carrão desses!

Há outro episódio envolvendo Heleno e carrões, história lembrada pelo “Folha-Seca” Didi, que mostra como Heleno não se importava com as outras pessoas, caso não as conhecesse:

– Estava saindo das Laranjeiras, eu num carro, o Carlyle em outro, na minha frente, quando de repente passou o carro do Heleno. Era o Carlyle vindo e ele indo, na direção contrária. Em frente ao Palácio do Catete, os dois se encontraram, pararam os carros para bater papo e, com isso, o trânsito também parou. Ficaram mais ou menos meia hora na maior conversa fiada. Eu atrás, sem poder voltar nem ir, esperava o desfecho do episódio. Um mundo de buzinas estremecia os ânimos da fila quilométrica que se formou, até que, finalmente, apareceu um grupo de policiais. O pior

é que, antes de mandá-los acelerar, os guardas pediram um autógrafa ao Heleno e tudo ficou por isso mesmo. Só porque era o Heleno.

Como poucos conheciam intimamente seus problemas, algumas especulações giraram em torno de seu futebol. Em 25 de maio de 1951, a coluna "Assunto do dia", do *Mundo Esportivo*, apresentava-o como provável reforço do São Paulo Futebol Clube. A diretoria se lembrava de que havia sido no grêmio paulista que o antes arruaceiro Leônidas da Silva se corrigiu. Como faltava ataque ao Tricolor, o repórter Roberto Meira redigiu:

Não me canso de incentivar os mentores são-paulinos a contratar o craque. Não custa fazer uma tentativa com Heleno. Não é possível que, depois de tanta revolução em sua carreira, o famoso centroavante ainda se meta a fazer asneira.

Na sequência da matéria, Meira concluía:

Rejeitado por tantos clubes, inclusive Olaria e Canto do Rio, tão pequenos, Heleno deve estar vendo até que ponto chegou a enormidade de seu erro.

Como o interesse do São Paulo não evoluiu, Heleno de Freitas aceitou mesmo a oferta colombiana. No dia 7 de junho, voou rumo a Barranquilla uma segunda e última vez.

## 23. O embuste

1951

Depois daquela vitória sobre o Milionários, em junho de 1950, o Atlético Junior encarou longa crise. Com uma regularidade impressionante, tomava formidáveis surras, que pareciam fadadas à eternidade. Todavia, em maio de 1951, com a equipe repleta de nomes novos, e ainda sem Heleno, o time reencontrou o caminho das vitórias. Justamente nessa época de vacas gordas, Gabriel García Márquez fez seu público recordar a intrigante personalidade de Heleno de Freitas:

Mesmo que todos que entendem de futebol – e até os que não entendem, que são os mais perigosos – insistam em dizer o contrário, parece-me que a figura de Heleno de Freitas continua fazendo falta à equipe. Não para que ela ganhe, mas para que se tenha a quem culpar no caso de que, amanhã ou depois, o Junior venha sofrer um novo revés. Porque Heleno de Freitas, como jogador de futebol, poderia apresentar-se muito bem, muito mal ou simplesmente mostrar-se apenas como um embuste brasileiro, mas a verdade é que o grande cigano, mais que centroavante do time, era uma espécie de permanente oportunidade para se falar mal de alguém; um réu oficial, preconcebido e contratado, pelo qual a direção do Junior pagava uma fortuna em troca da possibilidade de seus membros conservarem a cor natural dos olhos.

As novas caras me deram outra vez a oportunidade de escrever sobre o Junior. Contudo, lamento a ausência de Heleno de Freitas, mesmo que com esta crônica o Junior comece a perder novamente e não haja mais ninguém em que se possa pôr a culpa, a não ser na minha soberba capacidade esportiva de viver sempre nas nuvens.

Nas nuvens devia estar Ilma. Ingênua, a moça deixou a casa de Lígia, sua mãe, apostando numa volta com o marido. O amor de Heleno, como diria Cazuzza, era a mentira que sua vaidade queria. Achando que finalmente aprendera comendo não o pão, mas a bisnaga que o diabo amassou, acreditando que havia mesmo

mudado, que recuperaria a carreira e bem cuidaria do filho, a moça decidiu enfrentar o risco e ajudá-lo a reestruturar a vida. A distância do pequeno Luiz Eduardo foi o argumento principal apresentado por Heleno no dia em que subiu a Petrópolis para pedir que reatasse o casamento. Dizia que o amava, que era impossível viver com a criança crescendo longe de seus olhos. Ilma não percebeu que a repentina mudança de atitude não passava de uma fase passageira. Após crises depressivas, Heleno deixavase tomar por uma maré de extremo otimismo. Maré rasa, bom que se diga.

Convencendo a esposa, mesmo contra a vontade da sogra, a apostar na reconciliação, o jogador prometeu uma segunda lua de mel agora não em Buenos Aires, mas na Colômbia. Entretanto, mal chegando ao país, mesmo tendo a acalentá-lo a companhia do filho e da mulher, Heleno desandou a, sombriamente, se sentir abandonado, solitário. Não tolerava mais que duas horas preso em casa.

Pai ausente, apesar de ganhar outra oportunidade de acompanhar o desenvolvimento de Luiz Eduardo, se eximia de participar de sua formação. Logo ele, que em São João Nepomuceno houvera sido criado em ambiente regado a carinho e paixão. Doente, Heleno ignorava as dificuldades do filho, suas necessidades de afeto e proteção. Constantemente preocupado consigo mesmo, com seu trabalho e sua vida sexual, procurava justificativas para não se comprometer com a existência da criança. Para diminuir seu sentimento de culpa, observava Luiz Eduardo nos aspectos materiais de convivência. Não mais que isso.

Enquanto os cinemas do Brasil lançavam o novo filme de Cecil B. de Mille, *Sansão* e *Dalila*, com os astros Victor Mature e Hedy Lamarr impecáveis na representação do enredo bíblico, com recepção de estrela Heleno de Freitas reestreava no Atlético Junior. Três dias após desembarcar no país, em 10 de junho o atacante entrou em campo para desafiar o América de Cáli.

No Rio, os jornais ironizavam a recontratação de Heleno. A revista *Sport Ilustrado*, em uma única edição, trazia três charges de

Otelo aviltando o craque. Na primeira, Heleno, disparatado, apontava um revólver para Flávio Costa e dizia:

– O Vasco não me compreendeu.

No que o treinador respondeu:

– E pode?

No segundo desenho, apavorados árbitros colombianos se juntavam para fazer greve. Horrorizados com a volta de Heleno, gritavam em coro:

– Ou ele ou nós!

O último traço mostrava um cidadão questionando um amigo:

– Que mal a Colômbia fez para o Brasil mandar o Heleno para lá?

Brincadeiras à parte, em questão de semanas, Gabriel García Márquez se manifestava outra vez sobre o jogador, no jornal *El Heraldo*:

Dois domingos atrás o público de Barranquilla foi ao Estádio Municipal com o único objetivo de presenciar a volta do doutor Heleno de Freitas. Tenho a impressão de que, mais que as mãos para aplaudir, a torcida levava as gargantas para apupar. Não seria o mesmo Heleno de dois anos atrás o que naquela tarde iria aparecer no gramado. Era um homem completamente diferente, dois anos mais velho, já passado pelo torço de uma consciente e multitudinária análise, cujos resultados ainda são desconhecidos, o que impediu a todos que entendem de futebol atrever-se a dizer se Heleno é um gênio ou um palhaço sem o perigo de ter de se retratar no domingo seguinte.

Os dirigentes do Junior mais uma vez trouxeram o advogado brasileiro aos gramados colombianos, e com isso demonstram possuir um inteligente conhecimento da psicologia coletiva. Um público que paga para ver um espetáculo de qualidade é, de certa forma, um público sem esperança, ao qual nenhuma atração promete o futuro. No entanto, sendo Heleno o que está na proa, todo torcedor vai ao estádio como quem leva no bolso um bilhete inteiro de loteria. Porque com Heleno não existe meio-termo; ou, pelo menos, o público não quer isso dele. Se se comporta como um charlatão, o público sabe que comprou um bilhete em branco que lhe dá a oportunidade de vaiar. Em nenhum caso uma partida da qual participe Heleno tem probabilidade de se transformar num logro, porque vaiar, da mesma maneira como aplaudir, é uma forma coletiva de reconhecer publicamente um fato.

A torcida deve ter observado, pelas fotografias que foram publicadas na imprensa local, que Heleno não deve ter feito outra coisa no Rio de Janeiro senão engordar. De volta à capital brasileira, onde foi recebido como o personagem principal de um filme de bandidos, com revólveres e socos de ida e volta, o “maestro” – ou o palhaço – descuidou-se de seu regime, guardou no armário, juntamente com o calção e demais artefatos do ofício, suas práticas diárias de ginástica sueca, e ficou à espera de que lhe fosse dada uma absolvição, absolvição que chegou de onde ele menos esperava, ou seja, da episcopal equipe de Régulo Matera. Mas então Heleno começara a engordar. E o público de Barranquilla, que

percebeu isso desde sua chegada, rompeu todos os diques para se permitir mais uma vez o prazer de vaiá-lo.

Como semanas atrás me arrisquei a dizer, o Junior agora está completo. Quando vencer, será um time admirável, bem-ajustado, com um moral de cimento armado. Se perder – e oxalá isso aconteça poucas vezes –, Heleno se tornará mais uma vez o farsante, o bobalhão da pelota. E com isso o público ficará feliz, já que no futebol se segue a regra de que, quando o time ganha, a torcida também ganha, mas quando perde lhe cabe enfrentar sozinho a borrasca da derrota. Neste último caso, a torcida limita-se a pagar as apostas e a dizer – no caso do Junior – que, enquanto Heleno de Freitas estiver na Colômbia, as listras vermelhas e brancas não terão vez.

Do ponto de vista histórico, como frisa Roberto Porto, esta é a mais valiosa das crônicas do escritor sobre Heleno de Freitas, já aos 31 anos, em sua última passagem pela Liga. Seu futebol fincara na memória do povo, mas, ao contrário do que muita gente pensa, nunca foi erguida estátua sua em Barranquilla.

João Saldanha costumava dizer o seguinte: que os jornais publicavam que ele merecia uma estátua, nada mais que isso. Estava certíssimo. Quem confirma é Othon Alberto da Cunha, ex-atacante do Flamengo, do Olaria e do próprio Atlético Junior, que se radicou em Barranquilla e passou a trabalhar com as categorias de base do clube. Nunca houve busto de Heleno em praça pública colombiana.

Assim como não havia mais clima para Ilma continuar convivendo a seu lado. Em menos de 72 horas de árduo convívio, a jovem assegurou-se de que Heleno não era mais – e jamais voltaria a ser – aquele por quem um dia se apaixonou. Saindo com o marido para participar de jantares com os dirigentes da Liga, despudorado, o jogador revelava, em público, segredos de alcova, constrangendo não somente a esposa como a todos na mesa. Fosse pouco, não hesitava em sacrificar a própria moral por seu bem-estar e pela realização de seus caprichos. Com um comportamento sexual aberrante, algumas de suas ações mostravam um caráter indubitavelmente irracional.

Uma vez, caminhando com Ilma no bairro, Heleno parou diante de uma casa de dois andares. Pediu a ela, que carregava o filho no colo, que o esperasse por um momento na porta e subiu. Retornou meia hora depois, suado, ofegante e com a roupa amarrotada. Não

suportando suas crises de infidelidade e assistindo, indefesa, à moralidade do cônjuge depravando-se, Ilma, apavorada, retornou ao Brasil. A segunda lua de mel, mais amarga que a primeira, durou menos de três semanas. Ofendida, decidiu nunca mais vê-lo. Pior, intimou-o a jamais procurar o filho de novo.

A mídia entrou em ebulição quando Samuel Wainer fundou o jornal *Última Hora*, concorrente direto da *Tribuna da Imprensa*. No *Diário Carioca*, Sérgio Porto estreava suas crônicas de cinema. Os veículos de comunicação se mostravam cada vez mais preparados para informar o povo. As páginas dos grandes jornais pareciam se multiplicar, em vista da quantidade de informações relevantes, surpreendentes ou curiosas. Embora nenhum deles tenha noticiado a separação definitiva de Heleno e Ilma. Muito menos os motivos.

Decidida a se estabelecer de vez em Petrópolis, Ilma viveria na cidade um segundo casamento. Dando uma guinada de 180 graus na vida, apostou na união com o abastado João Emílio Resende da Costa, sobrinho do influente político Israel Pinheiro.<sup>1</sup> Passando com força uma borracha no passado, nunca mais se interessou por notícias do ex. Quando folheava os jornais, passava ao largo das páginas de esporte. João Emílio parecia um sujeito especial. Parecia o homem ideal para cuidar tanto dela quanto de seu filho com Heleno. Parecia. João era alcoólatra assumido. Ilma deixava um problema para se embrenhar em outro.

O contrato de Heleno com a Liga Colombiana foi rompido em agosto. O atacante conseguiu a façanha de ser execrado pela cidade que o amava, após abandonar, sem motivo aparente, um jogo decisivo ainda no primeiro tempo. O fato revoltou tanto os torcedores do Atlético Junior que Heleno foi obrigado a deixar o estádio às pressas, sem sequer trocar o uniforme. No dia seguinte, deixou para sempre Barranquilla.

Mas sua história na Colômbia e o fascínio que exercera jamais seriam apagados. Mesmo não tendo disputado Copas do Mundo, Heleno desfrutou de grande cartaz no país. Armando Nogueira traduz isso numa história maravilhosa, ocorrida entre 1954 e 1955. Em seu tempo de repórter, dividido entre as coberturas esportiva e

política, fez amizade com Café Filho, então presidente da República. Este lhe contou que, num banquete em sua homenagem, em Bogotá, a primeira-dama da Colômbia, sua vizinha de cadeira, começou a falar de Heleno de Freitas. A madame não parava de elogiá-lo: Heleno era um jogador fabuloso, Heleno era um galã de cinema, Heleno era lindo, usava cabelos glostorados à Carlos Gardel etc. e tal.

– Era ela falando e o Café Filho, em silêncio, boiando, sem dizer xongas! – exclama Armando. – Simplesmente, o presidente jamais ouvira falar naquele nome, embora Heleno fosse um ídolo nacional havia anos. Ele acabaria me confessando que, naquele jantar, passou o maior vexame de toda a sua vida pública. De volta ao Brasil, começou a ler, mesmo por alto, notícias de futebol.<sup>2</sup>

No Rio, Heleno, irresponsável, torrou o que recebera recentemente num lindo Cadillac branco, “rabo de peixe” e conversível. Sem mais dinheiro para nada, em uma semana trocou o veículo por um Oldsmobile 49. Dias depois, para continuar ostentando a imagem de playboy, circulava pelas ruas pilotando uma moto – só que para lá de modesta; chinfrim.

Por volta dessa época, seu amigo Fernando Aguinaga, acompanhado da esposa, encontrou Heleno no Roxy. À saída do cinema, a mulher sussurrou para o cônjuge:

– Ele está completamente louco!

Heleno ficou falando sem parar durante toda a exibição. Contava façanhas, como se Aguinaga fosse seu fã, e não um dos seus.

Ignorando seu estado de saúde, o Santos, vice-campeão paulista, em setembro de 1951, resolveu dar a Heleno sua tão sonhada oportunidade de voltar a jogar profissionalmente no Brasil. Achavam que seu nome era o ideal para tirar o clube de um jejum que incomodava os torcedores havia dezesseis anos. No dia 12, a revista *O Mundo Esportivo* afirmou que “o homem do momento” era Heleno. Até antecipava sua estreia na Vila: um imperdível amistoso contra o Palmeiras.

Todavia, o jogador nem chegou perto de assinar o contrato que lhe renderia 15 mil dólares mensais. Pouco à vontade na Baixada, não gostou de os companheiros não o tratarem com o devido respeito e desapareceu do clube. A história é mais complexa. Quem ajuda a reconstruí-la é o ex-ponta-esquerda Augusto Vieira de Oliveira, o Tite:

– Ele estava perdendo a razão, todo mundo percebia isso. A maioria de suas atitudes na vida privada era normal, mas dava cinco minutos dentro de campo, se enfurecia. O presidente Athiê Jorge Cury ficou temeroso em contratá-lo. Daí o Orlando Monteiro Neto, que era o diretor de futebol, pediu que nós, jogadores, assumíssemos a responsabilidade por sua contratação. Ai de nós! Queria um parecer favorável da gente, mas não tínhamos como dar.

Tite explica três razões para isso:

– Fomos uma vez ao centro da cidade comprar moedas antigas. Era sua grande curtição; achamos que ele poderia finalmente se soltar. Chegando à loja, o vendedor, simpático e atencioso, trouxe o que havia de melhor na casa, só que Heleno, dizendo que eram umas porcarias, tacou todas no chão. Foi um horror.

Teve mais:

– No dia seguinte, fomos até a pensão em que morava nosso técnico, o Aymoré Moreyra, seu amigo dos velhos tempos de Botafogo. O Heleno chegou, viu que ele estava na mesa, sentou-se a seu lado, pegou o refrigerante que estava bebendo e entornou tudo na cabeça do próprio treinador, ridicularizando-o:

– O Aymoré que eu gosto é o biscoito!

– Ele não tinha mais senso de respeito – confirma Tite. – No coletivo da tarde, chovia bastante e tivemos de treinar no ginásio. Ficamos jogando vôlei. O Heleno se aborreceu num lance e deu um chute na bola, quebrando o vidro da janela perto do exaustor.

Desacatando o técnico, arredio com os dirigentes e ríspido com os companheiros, em seu primeiro e único coletivo em Santos, na quinta-feira 27 de setembro de 1951, sofreu uma falta. Preparou-se para bater. Mas Pascoal, o cobrador oficial do time, afastou-o, com o consentimento de Aymoré Moreyra. Heleno esbravejou:

– Sai daqui! Sou o Heleno de Freitas! – bateu para longe a infração, dando as costas para o gramado e para a Vila.

Artilheiro do time, Odair Titica profetizou:

– Heleno é mau elemento para qualquer clube do Brasil. Seu temperamento estraga suas virtudes técnicas, ao mesmo tempo que implanta discórdias entre os companheiros. No pouco tempo em que esteve aqui, aprontou várias. Terminou um treino no quadragésimo minuto, agredindo colegas. É pena que assim seja, já que, olhando seu estilo, ficamos encantados. O futebol para Heleno acabou.<sup>3</sup>

Foi além:

– Nunca mais em outro clube Heleno encontrará as oportunidades que teve aqui, onde contou com a assistência dos diretores, o amparo dos colegas a princípio, e não soube corresponder. A qualquer clube que for será o mesmo. Não sabe se controlar. A seleção brasileira perde assim um de seus maiores homens, estragado pelo temperamento irascível. Ganharíamos força técnica, mas perderíamos harmonia. Os diretores do Santos compreenderam que seria preferível deixar o craque e manter a tranquilidade para se trabalhar.

Depois de não se adaptar à Vila Belmiro, Heleno interessou à Ponte Preta, que desistiu no momento em que soube que o Vasco não aceitava emprestá-lo. Teriam de comprá-lo. Acharam arriscado demais.

Terminara a maré de convites. E não por falta de ajuda de alguns ex-companheiros. O meia Eli, do Vasco, chegou a redigir um memorial a ser enviado à diretoria, em favor de uma última tentativa com Heleno. Só Maneca assinou; os demais se omitiram. Como bem disse Carlos Rangel, um silêncio constrangedor para quem fora um dia um deus dos gramados.

Heleno chegou a viajar novamente para Santos, a fim de implorar uma segunda chance. Deu com a cara na porta. Também, depois de tudo o que aprontara, de arrependidos o inferno estava cheio. Que se regenerasse em outro clube.

E Heleno ingressou no time do próprio diabo.

## 24. O médico e o monstro

1951

Enfraquecido pela bebida, roído pela doença, enquanto os amigos se distanciavam, Heleno tornava-se cada vez mais sombrio. Ainda assim, sem procurar o auxílio de médicos – considerava-os charlatões –, não perdia uma madrugada no Vogue. Numa época em que começava a rarear a aparição de jogadores na noite, principalmente em boates. Tanto o torcedor como o clube estavam mais alertas, na busca de possíveis culpados pelos fracassos,

No Vogue, entre as doses de uísque que o generoso barão, dono da casa, despejava em seu copo, Heleno se escondia em sua mesa cativa, numa zona de silêncio, à meia-luz, aonde a música chegava suave, sem incomodar. Fazia questão de se passar por milionário, gastando o que não tinha em meio à aspiração do éter. Lá conheceu o idealista Raul Martins, pranteado desportista do América, que passou a escutá-lo toda noite. Para ele, o tom amargo e sarcástico do discurso de Heleno provinha de suas atuais dificuldades. Naquele mês de outubro, Martins, que era diretor de futebol do clube, começou a convencer os conselheiros e o presidente Fábio Horta a levar o jogador para Campos Salles.

Antes de confidente, Raul Martins era seu fã. E fãs sempre acreditam na ressurreição do herói. Sonhando em ver Heleno brilhar com a camisa vermelha, de quebra aumentando a presença da equipe na mídia, Raul removeria obstáculos com o presidente, promovendo sua volta ao futebol na metade do Campeonato Carioca de 1951. Seu grande cartaz junto à população serviria como um chamariz para atrair boas rendas. Como os torcedores estavam à

procura de antídotos que os fizessem esquecer a trágica final da Copa do Mundo, voltava à evidência o nome Heleno de Freitas.

As portas de Campos Salles foram abertas às conversações no dia 17 de outubro. Fábio Horta, de forma tímida, ofereceu-lhe 7 mil cruzeiros mensais – o que era até demais para o modesto orçamento do clube –, certo de que o jogador se daria por satisfeito. Ledo engano. Heleno retorquiu que, por menos de 10 mil cruzeiros, nada feito. Levantou-se e, entre sério e cordial, pediu para analisar com carinho a proposta. Surpreso, o dirigente posicionou-lhe o que era para ser um regalo: sua contratação ia além do craque – estava disposto não somente a recuperá-lo para o futebol, mas, ao término da carreira, teria no clube um emprego de advogado garantido, para que desempenhasse primeiramente ali sua nova função na sociedade. Heleno balançou. Mas não fechou.

Como o seio da família rubra temia seu gênio indomável, que poderia quebrar a unidade do time, melhor ver como estava. Já que o próprio se ofereceu para treinar com o grupo enquanto chegavam a um acordo, em 24 de outubro o jogador vestiu o uniforme.

Na noite anterior, em Campos Salles, cabreiro, o tesoureiro do América recomendou ao presidente não pagar, de cara, os 200 mil cruzeiros exigidos pelo Vasco. Achava a quantia salgada demais. Seis quilos acima do peso, o atacante a princípio não valia investimento tão alto. Problema que, no coletivo da manhã, a impressão deixada por Heleno foi outra. O jogador participou com decisão dos quatro gols da vitória dos reservas. Mesmo correndo pouco, o que era de se esperar, marcou um gol fantástico, driblando dois beques e o goleiro Osni. Assistindo boquiaberto à sua apresentação, Fábio Horta, sem pestanejar, prontamente remeteu o dinheiro à Colina antes que aumentassem o valor do passe. Entusiasmado, Raul Martins comprometeu-se a pagar do próprio bolso os 3 mil cruzeiros restantes que o atleta queria. Saía do ostracismo Heleno de Freitas.

Antes do show no treino, porém, aquela mistura de “Mr. Hide” e “Dr. Jeckyl”, num acesso de fúria, ameaçara quebrar a câmera de um fotógrafo que tentava registrá-lo sem camisa, nitidamente fora de forma. O disciplinador Délio Neves, técnico da equipe, interveio,

apaziguando-lhe os nervos. O grupo se receou com aquela mostra de raiva sem motivo. Neves sentiu que seria arriscado lançá-lo de imediato. Seu estado psicológico teria de ser mais bem-trabalhado.

Contudo, a distensão muscular sentida pelo atacante Maneco, o "Saci de Irajá", na véspera de um jogo decisivo, mudou o rumo da história. Com o time tendo que, na tarde seguinte, ganhar do São Cristóvão para se manter com chances no campeonato, e sem poder contar com os contundidos Nivaldo e Walter, o treinador se viu entre a cruz e a espada. Tendo uma sumidade técnica como Heleno no grupo, a necessidade do resultado falou mais alto e Délio Neves, desejando dar mais agressividade ao ataque, antecipou a estreia do craque.

Se a torcida americana explodiu de felicidade, o jogador também se entusiasmou. Enfim pisaria o maior estádio do planeta; excitava-se tentando adivinhar como seria seu primeiro jogo no Maracanã. Caso encontrasse um gênio da lâmpada, possivelmente seus três desejos se resumiriam num só: fazer com que aquele sábado, dia 4 de novembro de 1951, jamais fosse esquecido.

Conseguiria.

Nos anos 1950, o prédio do Cassino da Urca, após sofrer algumas adaptações, voltou a ser ocupado. Dessa vez, pela maior novidade em comunicações: a televisão. No antigo hotel, a TV Tupi, canal 6, realizaria vários musicais. Seu auditório sediaria, entre outros programas, *O céu é o limite*, de J. Silvestre, e nele se exibiriam calouros apresentados por Ary Barroso e Flávio Cavalcanti. Claro que o apelo do futebol não foi menosprezado pela Tupi. A emissora alcançaria grande audiência com a transmissão direta de América e São Cristóvão. Jogo que marcava a volta de Heleno de Freitas aos campos do Brasil.

Apesar do televisionamento, bastante gente se deslocou ao estádio para ver aquele confronto. Ou rever Heleno. E se não estivessem mesmo em carne e osso no Maracanã, caso fossem informados por outrem, certamente não levariam fé nas cenas presenciadas.

Na época, o Teatro Serrador apresentava a peça *Valsa nº 6*, de Nelson Rodrigues, que brilhava no jornal *Última Hora* com os contos de "A vida como ela é...". Eros Volusia estava na Praça Tiradentes, na revista *Balança mas não cai*, de Max Nunes, enquanto *Eu quero sassaricá*, de Walter Pinto, trazia Mara Rúbia, Virginia Lane e Oscarito no elenco. Se o teatro brasileiro permanecia forte, o mesmo não poderia ser dito da Liga Pirata. Há menos de duas semanas, a Fifa expulsara a Colômbia de seus quadros, aceitando os protestos dos clubes argentinos, que continuavam perdendo suas estrelas para o Eldorado.

Alheio a tudo o que acontecia, Heleno pensava apenas em sua estreia. Encarava-a como a grande prova de sua vida. Apavorado diante da perspectiva de um possível fiasco, na concentração, nervoso e ansioso, fumou um charuto atrás do outro na manhã da partida. No Maracanã, no bate-bola de aquecimento, desentendeu-se com Dimas. Taciturno, silencioso, nada respondia aos microfones que lhe eram estendidos. Abatido, num canto do vestiário desvencilhava-se de fotógrafos que, a seu ver, estavam ali para atormentá-lo. Segundo Carlos Rangel, um crítico teria dito que Heleno de Freitas era um goleador "cujos nervos doentes eram cordas de um violino macabro".<sup>1</sup> Opiniões como essa o tiravam do sério. Não gostava de ouvir comentários públicos sobre sua luta íntima para driblar os sintomas de uma doença que percebia ter, mas não sabia ainda quão perigosa era.

Ao se recusar a posar com os companheiros para sua primeira foto com a camisa vermelha, o calção e os meiões brancos, ninguém entendeu nada. Atarantado, semblante de ódio, Heleno subiu ao gramado na frente dos outros, incompatibilizado que estava com o grupo antes mesmo de a bola rolar.

No maior palco do mundo, viveria o último ato de sua atormentada carreira. Momentos antes de pisar a grama, teve ímpetos de abandonar tudo e "fugir para bem longe", como diria dias depois. Suas pernas pesavam e a cabeça girava, sem que seus olhos se fixassem em qualquer ponto das arquibancadas daquele enorme caldeirão. Reunindo forças, com a bola sob o braço, encaminhou-se

ao meio de campo sob vaias e aplausos. Não demorou para subir o restante da equipe: Osni; Ivan e Osmar; Rubens, Osvaldinho e Godofredo; Natalino, Dimas, Ranulfo e Jorginho.

No início do jogo, veloz como nos velhos tempos, Heleno recebeu de Ranulfo e aplicou três dribles em iguais adversários, sofrendo falta. Vibrou muito sua torcida, embora o chute tenha saído descalibrado. Ainda era um grande comandante – as arquibancadas suspiravam de alívio. Euforia que durou apenas um minuto, o primeiro. Nem um segundo a mais.

Depois do lance inicial, contagiante, uma segunda bola lhe foi endereçada. Heleno a parou com o pé direito, driblou o primeiro, outro, até que o jovem zagueiro Torbis, chegando firme, tomou-lhe a esfera. Heleno explodiu. Foi imediatamente advertido pelo árbitro Alberto da Gama Malcher e, quando contido pelos colegas, descontrolado, se exasperou com todos. Malcher apitou a falta técnica, cobrada pelo adversário, e o time rubro se ressentiu com a influência maléfica de seu camisa 9.

Sem fôlego – dera tudo no lance –, Heleno não mais se empenhou. Displícite, só aceitava bola no pé. Não tinha pique para acompanhar o ritmo do ataque e, sentindo-se boicotado, xingava os próprios colegas com palavras que o bom senso condena. Ao sair de campo, por sua desfigurada fisionomia, percebia-se a urgente necessidade de que fosse submetido a um sério tratamento para os nervos. Em nada Heleno lembrava o homem elegante de outrora. Vaiado pela parte social do América, argumentou que o clube não tinha quadro tecnicamente capaz de representar sua tradição no campeonato.<sup>2</sup> Délio Neves fez que nem ouviu. Quando Heleno passou por ele, descendo as escadas rumo ao vestiário, o técnico não o cumprimentou nem muito menos afagou sua cabeça. Apenas permaneceu calado, lastimando a asneira cometida pelo clube.

Heleno deu uma única entrevista após ter sido expulso, aos 25 minutos do primeiro tempo, por atitude antiesportiva contra os próprios companheiros:

– Espero viver em paz com Délio Neves. Afinal, ele não teve culpa do que houve.

E o que houve, no fim das contas, foi uma derrota surpreendente, 3 × 1, com o São Cristóvão – que não vencia o adversário havia oito anos – ainda desperdiçando um pênalti.

No vestiário, Heleno não teve forças para trocar o uniforme. Bateu-lhe o desespero. Com gestos e palavrões, agredia quem cruzava sua frente. Tomou-se por sabotado – dera passes maravilhosos, não retribuídos pelos companheiros. Nitidamente fora do grupo, a equipe inteira se espremeu num canto, o mais longe possível da fera. Délio a tudo acompanhava, aparentemente tranquilo – sabia que medida tomaria. Até que, no primeiro *flash*, Heleno surtou e ele teve de controlá-lo. Passando dos limites, o centroavante tentou agredir o fotógrafo do *Diário da Noite* com uma garrafa. Como explicou Carlos Rangel, Heleno investia “não contra o homem, mas contra a máquina que disparava o filme de sua dor”:

– Se tirar essa foto, quebro essa merda na cabeça de alguém...

Délio o segurou. Tentando acalmá-lo, arrastou-o a um canto, onde com ele permaneceu até que o vestiário se esvaziasse. Na saída do estádio, cerca de duzentos torcedores o esperavam. Alguns, para vaiá-lo; outros, para coisa pior. Heleno deixou o Maracanã quase duas horas depois do jogo, escondido num carro. Ao passar pela multidão, escutou uma série de impropérios e teve de ser contido para não descer do automóvel. Julgando-se imortal, onipotente, queria encarar as dezenas de furiosos.

A *Tribuna da Imprensa* – que na cabeça da primeira página se intitulava “o jornal que diz o que pensa porque pensa o que diz” – pegou pesado com Heleno. Vide o artigo “Sua majestade, o ridículo”:

Heleno reapareceu, com seu estoque de complexos e recalques. Liquidando um time que vestia a mesma camisa que ele vestia. Eternamente o doutor Heleno de Freitas, o brigão de peladas em Copacabana, nervosinho nas Laranjeiras, em General Severiano, nervosinho internacional em Buenos Aires, em Barranquilla, campeão histérico em São Januário. Indesejável em qualquer lugar. Jogando fora todas as oportunidades e deferências. Escarnecendo de todos os seus amigos. Um caso adiantado de psicanálise – se já não for exclusivamente de hospício.

Fazendo promessas mentirosas de reabilitação, iludiu um clube que sempre foi ordeiro, e que vinha progredindo por isso. Arruinando todo um espetáculo, sua majestade, com todos os guizos e bordados de sua nevrose, fez uma *rentrée* como só ele poderia nos dar. Ontem, todas as máscaras do doutor Heleno de Freitas caíram, desmancharam-se, desbotaram-se – e revelaram, como nunca, toda a realidade peçonhenta que ele sempre procurou esconder.

A fama do moço de rubi no dedo, do moço fino, bem-educado, que sai dos jogos em Cadillacs do corpo diplomático, do “gentleman” das boates de Copacabana, do menino de lenço perfumado, do filho de tradicional família mineira – tudo isso ruiu por terra. Heleno foi apenas um arruaceiro de esquina. Arruaceiro da pior estirpe. Dentro e fora da cancha. Com todos os requintes de molecagem.

Um morto. Um atleta que se suicidou.

O treinador Délio Neves assumiu sua parcela de culpa por tê-lo escalado precipitadamente, mas avisou que o problemático atacante estava excluído do restante da competição. Na diretoria, todos lavavam as mãos para não se responsabilizar pelo contrato firmado com o centroavante. A essa altura, até o próprio Raul Martins se convencera da inutilidade de Heleno como jogador de futebol. O presidente Fábio Horta prontificou-se a afastá-lo do clube assim que solicitasse o treinador.

Para sepultar em definitivo sua trajetória em Campos Salles, Heleno faltou ao treino seguinte. Nem pensou em dar satisfações; apareceu somente uma semana depois, descarado, como se nada tivesse acontecido. Evitando o mal-estar, seu irmão Oscar foi chamado pelo clube e, admitindo seu grave desequilíbrio mental, apanhou-o pelo braço no campo e o levou à força até a sala da presidência, onde o fez assinar o distrato.

Coincidência – assim como estreou oficialmente, em 1940, contra o São Cristóvão, Heleno se despediu contra o mesmo time. O profissionalismo que tomava conta do futebol do Rio, principalmente após a construção do Maracanã, não combinava mais com ele, um dos grandes símbolos, se não o maior, da época romântica do futebol brasileiro.

Tanto a família como o América agiram bem ao rasgar o acordo. Não precisava ser médico para perceber que Heleno não tinha mais como continuar no esporte. Durante a partida, o jogador simplesmente estancou no meio de campo, com os braços cruzados,

feito um moribundo. A bola passava e ele nem se mexia. Bem diferente de quando queria pôr um amigo no fogo, agora estava perturbado. Seu irmão Rômulo, que tinha ido ao Maracanã, percebendo a gravidade da situação, ao chegar em casa advertiu Dona Miquita de que Heleno teria, querendo ou não, de se internar.

Seu convívio com a sociedade se tornara impraticável.

## 25. Sombras da loucura

1952-1954

Heleno sofria. Não entendia como perdera de uma hora para a outra os contatos sociais; logo ele – havia pouco tempo, um ídolo. Orgulhoso, tentava mascarar-se, mas seu aspecto era outro, suas roupas idem, estava fisicamente decomposto. E sem um pingão de autocritica. Constantemente pagava vexames perante amigos do Botafogo. Se antes gastava rios de dinheiro no bom e no melhor, agora mendigava para cheirar éter. Virara objeto de escárnio. Um morto-vivo a perambular por Copacabana. Não havia dúvidas de que era preciso interná-lo. O problema era convencê-lo.

– Você precisa se tratar, irmão – esclarecia Oscar. – E tem de ser logo, Heleno. Do modo como você se comporta, nem nós estamos conseguindo tolerar suas impertinências. Percebes que estás passando dos limites, ou queres mesmo acabar com a saúde da mamãe?

– Nossa, até vocês! – indignava-se. – Até vocês também estão contra mim?

Persuadindo-o com o argumento de que seria curto, rápido, o tratamento, o médico chamado para analisá-lo sugeriu uma clínica psiquiátrica particular na Tijuca, perto da praça Saens Peña. Nas duas semanas em que lá “repousou”, Heleno foi tratado como maníaco-depressivo: colocado em camisa de força, recebeu choques elétricos na cabeça e dolorosas injeções de cardiazol. O erro de diagnóstico agravou ainda mais seu quadro. Num dia de visita, não reconheceu a própria mãe, que se prostrou chocada. O tratamento na época era tão brutal que se colocava uma borracha entre os dentes do paciente para que este, mordendo-a, suportasse a dor.

Quando internado, assim que a noite caía, Heleno engolia as lágrimas de tristeza com o rosto enfiado no travesseiro.

Dona Miquita tomou um susto e tanto, dias depois, quando Heleno apareceu de supetão em casa. Explicou que havia pulado o muro da clínica para fugir do enfermeiro que lhe dava as injeções. Enquanto o cobria de carinhos, revistando-o, Dona Miquita encontrou no bolso da ridícula bermuda que vestia uma amolada faca de cozinha. Heleno enfatizou que a guardaria para, assim que retornasse à clínica, dar uma boa lição no enfermeiro. Tocada pela piedade, temerosa quanto a seu futuro, a mãe achou melhor não interná-lo outra vez. Cedendo ao pranto de Dona Miquita, Oscar permitiu que o irmão ficasse em casa, desde que sob a permanente vigilância da mãe. Infelizmente, não poderia fiscalizá-lo no dia a dia, já que constituía família; não morava mais com Dona Miquita, e de segunda a sexta seu consultório em Copacabana explodia em clientes.

A “prisão domiciliar” impingida nos dez primeiros dias pela mãe levou Heleno a desenvolver uma gama de manias. A mais cruel era fazer ginástica no antebraço para em seguida socá-lo contra a parede. Mostrando-se a cada dia mais nervoso, Oscar, acreditando que pudesse relaxar, o levou à boate do hotel Vogue. Para quê? Heleno provocou um cantor e os dois quase saíram no tapa. Oscar explicou por alto ao artista o que se passava com o irmão e, envergonhado, tratou de sair com ele o mais rápido possível do ambiente.<sup>1</sup>

Quando não estava em casa, Heleno podia ser encontrado em General Severiano. A família permitia sua ida ao Alvinegro. Achava que o convívio com os antigos companheiros era benéfico a ele. Só que era péssimo.

Jogadores de futebol, em sua grossa maioria, ao encerrar a carreira, tendiam – e ainda tendem, hoje um pouco menos – a tornar-se zumbis sociais, como diria o jornalista Sérgio Monteiro Souto, pois, “embora biologicamente vivos, a perda da identidade anterior lhes deixa sem referência social”.<sup>2</sup> Ao parar, forçado pelas circunstâncias,

mas sem volta, Heleno não admitiu ser um ex-atleta: continuou a se insinuar para o Botafogo. O máximo que obteve foi, em janeiro de 1952, treinar um coletivo entre os reservas. Numa manhã em que faltava exatamente um – qualquer um, mesmo que fosse ele – para completar o time.

Ainda em aceitável forma física e com o cabelo tradicionalmente penteado com fixador, dois meses depois, em 8 de março, Heleno visitou o vestiário do Botafogo no Maracanã, minutos antes da derrota para o Vasco, pelo Torneio Rio-São Paulo. Conversou com Geninho, acenou para Juvenal e saudou o amigo Otávio – que logo se transferiria para o Santos, onde encerraria a carreira para iniciar a partir de então nova vida como arquiteto. Nilton Santos não se esquece do verdadeiro intuito de Heleno ao ir até o estádio:

– Dopado, mas muito bem-vestido, ele chegou ao vestiário, cumprimentou todo mundo, estávamos trocando de roupa e ele se sentou do lado do Braguinha para pedir dinheiro a ele, possivelmente para cheirar éter. Os jogadores todos olharam para ver o que o Braguinha faria. Era a hora da desforra. Mas o Braguinha deu uma grana para ele.

Há quem diga que não. Que nessa ocasião Heleno se comportou muito bem. Que foi pedir dinheiro, sim, na porta do hotel Plaza, onde o time se concentrava. De qualquer forma, seu autoaniquilamento era avassalador. Heleno arranjava kelene – produto usado eventualmente no campo para anestesiar pancadas ou despertar desmaiados – com massagistas e perdia horas cheirando o produto, triste e desolado, nas arquibancadas de General Severiano. Como se recorda Otávio:

– Quando ele foi tomado pela doença e precisava se tratar, precisava da força dos amigos, todo mundo fugiu dele. Os mais chegados, os “cafajestes”, deram as costas; não viram a seriedade que era aquilo. Ou não estiveram nem aí. Quando ele vinha andando, todo mundo se afastava, ou mesmo fugia, para não precisar falar com ele.

Há quem, entre seus parceiros mais queridos, confesse ter mesmo se desviado de Heleno nesse tempo. Não sem sentir o

coração partido, mas pela impossibilidade de convivência:

– Eu cansei de vê-lo andando pela avenida Atlântica e me escondia, porque ele vinha sempre com aquela choradeira, era depressivo – conta um de seus companheiros de noite, sem querer se identificar. – Eu o enxergava de longe, andando devagar, atravessava então a rua e fazia outro caminho, para que ele não me visse.

Um dos poucos a não abandoná-lo foi o agora quarentão Neném Prancha. Alucinado por seu pupilo, o treinador dos juvenis do Botafogo, assim que o encontrava, parava o que estivesse fazendo para bater longos papos com Heleno. Preocupado, chegou a visitá-lo até no hospital.

O jornalista Cláudio Mello e Souza, por volta dessa época, esbarrou com o ex-craque num botequim de esquina da Figueiredo de Magalhães com a Nossa Senhora de Copacabana, sentado entre boêmios anônimos, a desafiar aquele que conseguisse abrir sua mão fechada, dentro da qual amassava uma nota de mil cruzeiros. Em dado momento, sem mais nem menos, Heleno se levantou e saiu do recinto. Cláudio, ainda adolescente, o acompanhou em direção à rua Santa Clara. Cândido, pediu que narrasse o gol marcado contra o Chile no Sul-Americano de 1945. Feliz pelo reconhecimento, Heleno cordialmente iniciou o papo recordando minúcias do jogo; num súbito, porém, desandou a misturar as bolas, enfiando uma partida dentro da outra, sem parar:

– Reparei que, a certa altura, ele estava falando sozinho, ou melhor, consigo mesmo, com um pé na ficção e o outro na realidade. Então parei e deixei-o seguir seu caminho. Heleno nem notou que eu tinha ficado para trás e continuou caminhando, falando sozinho, sem se dar conta. Dobrou uma esquina e desapareceu.

Fora os delírios, Heleno havia sido tomado por uma insuportável mania de perseguição. Como revela Mariozinho de Oliveira:

– Uma vez, eu estava em minha casa, abri a porta e o vi no corredor. Perguntei o que estava fazendo. Ele me disse que estava

havia mais de uma hora ali, querendo ouvir se estavam falando mal dele. Tinha dado para ficar escutando atrás da porta, veja você!

Com extremos frequentes de emoção, Heleno mudava com elevada rapidez de humor. Afastado do futebol e com a família tendo dificuldades para mantê-lo em casa, passou a se drogar além da conta. Sandro Moreyra cansou de vê-lo pelo bairro quebrando a ampola para cheirar o kelene por inteiro em qualquer pedaço de pano, sujo ou limpo. Em seguida falava coisas incoerentes, confundia as pessoas e invejava o sucesso até de amigos.

Nonato Pinheiro, muito antes de se revelar um gabaritado executivo da Rede Globo, mal havia completado catorze anos quando certa vez, a caminho de casa, descendo a Rainha Elisabeth à noitinha, cruzou com alguém na rua fedendo a éter. Questionou-se: "Será que é o Heleno?" Dando meia-volta em direção ao sujeito, passou por ele e virou o rosto. Era o próprio:

– Seus lábios estavam queimados, talvez pela mistura de cigarro com éter. Seu rosto, acabado. Heleno parecia um trapo humano.

Sim, num estalo, o rei da elegância tornara-se humilde. Maltrapilho, caminhava na rua hesitante, como que temendo um tombo. Vendo a vida por seu pior ângulo, frágil, sua impotência perante a doença era de fazer cair o queixo de quem o conheceu um dia.

As pessoas que frequentavam o Botafogo habituaram-se a regularmente assistir à degradação de Heleno. Havia no clube presidido por Ibsen de Rossi uma ordem expressa para deixá-lo à vontade. Ninguém podia contrariá-lo – afinal, era um ícone, parte da história alvinegra. Sentado, no terraço da sede, Heleno encharcava uma toalha de banho de éter até desfalecer com a cabeça pendendo para trás. Era quase um parasita. De repente, ouvia o estrilar de um apito e se levantava de súbito. Trôpego, corria até o gramado para invadir o treino ministrado por Gentil Cardoso:

– Ainda sou jogador do Botafogo! Ainda sou jogador do Botafogo!

Tal cena patética acontecia toda tarde. Melancólicas, as tolices que fazia. Era a doença – que depois de ter liquidado o jogador, minava o cidadão Heleno – atingindo-lhe o cérebro, fazendo com que perdesse o senso das coisas. Não sem esforço a comissão técnica o retirava de campo pelos braços, com Heleno arrastando as pernas pela grama, de birra.

A princípio, os torcedores que encontravam Heleno nas arquibancadas de General Severiano achavam o máximo trocar palavras com o ex-ídolo. Heleno, no entanto, falava apenas de si próprio, de seu passado. Não demorou para até seus antigos admiradores se enfadarem dele, de seu pessi-mismo, seu narcisismo. Não bastasse, ainda pedia um troco para comprar cigarros, implorava esmolas, dizia devolver a grana em breve – o que nunca cumpria. Alguns, com pena, davam-lhe “gorjetas” sem cobrar. Sem saber, estavam ajudando a matá-lo.

Segundo o meio-campo Ávila, Heleno não passava um dia sem ir ao campo do Botafogo, onde, deprimido, sonhava em retomar o lugar que tinha sido seu. Comia de graça no restaurante e, com o dinheiro levantado junto a alguns sócios, mandava um ou outro funcionário comprar éter para ele. Muitas farmácias não vendiam diretamente a Heleno.

– Às vezes, eu ia embora para casa, após o treino, e deparava com o Heleno dormindo na arquibancada, completamente fora da realidade – lamenta Ávila. – Passávamos por ele e nem nos incomodávamos mais com seu estado deplorável. Fazer o quê, se ele próprio não se importava? Deixávamos para lá...

Gente famosa morria. Eva Perón enlutava a Argentina ao falecer com apenas 33 anos, vítima de câncer no útero. Dois meses depois se foi Francisco Alves, “O rei da voz”, num desastre automobilístico, acrescentando a seu inesgotável repertório uma legião ainda maior de órfãos. Por pouco Heleno também não embarcou dessa para melhor. Segundo Carlos Rangel, certa tarde funcionários do Botafogo encontraram o ex-atleta estendido no chão, semimorto. As mãos,

enegrecidas. Havia tentado o suicídio, buscando eletrocutar-se na chave geral da luz.<sup>3</sup>

Data daí o desaparecimento de Heleno de Freitas dos estádios cariocas. A família arrancou-o das arquibancadas do Botafogo, levando-o na marra para Minas Gerais. Em sua despedida do Rio, a minutos de entrar no trem, os raros amigos que lhe levaram um adeus perceberam que Heleno não falava coisa com coisa. Muitos pressentiram: estavam vendo-o pela última vez.

Após poucas semanas em Juiz de Fora, onde viveu sob os cuidados de sua irmã Marina, esposa do advogado André Duarte Braga, Heleno viajou a São João Nepomuceno. Foi morar com Heraldo. Zeloso, o irmão o trataria como a um filho. Por quase um ano e meio, acreditou que o contato com as raízes o estabilizaria.

Heraldo de Freitas formou-se advogado em Niterói, em dezembro de 1940. Trabalhou de início no Ministério da Agricultura, mas logo voltou à sua cidade natal como agente fiscal do Estado, empossado em novembro de 1941. No ano seguinte, foi promovido a coletor. Casado com Celeste de Mendonça Freitas, criava os filhos Herilene, Helenize, Helsiane e o pequeno Heraldo de Freitas Filho.

Durante o período em que se abrigou na casa de Heraldo, Heleno manifestou diversos sintomas. Sua fome era de leão, perdera por completo a autocrítica, apresentava insistentes delírios de grandeza e queria comprar tudo o que via. Mas deixou boa lembrança na memória dos sobrinhos. É o que conta Helenize Henriques de Freitas, que jogou vôlei pela seleção brasileira na década de 1960:

– Ele entrava no quarto do meu irmão, ficava olhando para ele, o cobria, olhava mais. Heraldinho tinha a mesma idade de seu filho Luiz Eduardo. Tio Heleno era bastante carinhoso, brincava muito conosco. Contava umas histórias que a gente, na época, achava o máximo. Dizia ser amigo do Victor Mature, o ator que interpretou o Sansão no cinema. Ele nos botava em seu braço forte e levantava a gente, dando de balanço. Não dá para esquecer quanto ele era bom conosco.

Heleno sempre teve obsessão por coleções. Das viagens trazia caixas de fósforo, canetas, isqueiros, moedas e notas de todos os países. Exigia apenas que fosse tudo perfeito, sem defeitos, como seu futebol. Helenize se lembra de uma grande mala, a alegria da criançada:

– Era cheia de fotos, chaveiros, relógios, moedas, tudo o que era quinquilharia havia lá. Nós adorávamos brincar com aquilo, embora papai sempre dissesse que, quando o Luiz Eduardo completasse dezoito anos, entregaria tudo a ele.

Uma coleção da qual Heleno se despediu foi a de corações arrebatados. De uma hora para a outra, passou a destratar moças bonitas que o cumprimentavam. Sua prima Ema Zágari crê que a presença de belas jovens o atormentava, por trazer à tona seus bons tempos de conquistador. Sempre que uma estendia-lhe a mão, Heleno virava o rosto, talvez para não percebê-la melhor. Virava o rosto também quando perdia no jogo. Qualquer jogo.

– Ele gostava demais de jogar buraco. Só não podia perder! – sorri Ema. – Sempre que me pedia, eu jogava com ele. Mas se perdesse ficava zangado. Eu mesma, então, não o deixava ser derrotado.

Segundo Celeste, esposa de Heraldo, Heleno parecia um “disco quebrado”. Repetia os casos sem parar. Mas o que nunca lhe faltou em casa foi paciência. Heraldo era capaz de passar horas a fio conversando com o irmão, tentando demovê-lo de seu ambiente delirante, achando que conseguiria reingressá-lo na realidade:

– Meu pai tentou de tudo – garante Helenize. – Até espírita ele se tornou, para ver se salvava o tio Heleno.

Em certos momentos, parecia conseguir. De quando em vez, Heleno ia para o Rio de Janeiro passar os feriados prolongados com outros parentes. Em julho de 1953, o jovem João Máximo se surpreendeu ao vê-lo, com a maior calma do mundo, lendo uma revista no consultório dentário de Oscar, na rua Francisco Otaviano:

– Ele parecia um cara absolutamente normal – relembra o jornalista. – Não parecia um doente.

Mas era. Em São João Nepomuceno, certo dia Heleno conseguiu uma moto emprestada e, inconsequente, desceu a ladeira da praça da Matriz – cerca de duzentos metros em pedras rombudas – de braços abertos.

O drama de Heleno foi doloroso demais para Dona Miquita. Como sinal de que família é mesmo uma unidade negativa de saúde – a doença de um dos membros ameaça o vigor, a disposição, o organismo de todos –, na manhã de 29 de maio de 1954 a matriarca dos Freitas deu seus últimos suspiros, em Juiz de Fora. Se morreu de desgosto, não se sabe. Contudo, a matrona martirizara-se nos últimos anos, acusando a si mesma pelo estado de Heleno, já que houvera permitido demais a ele sair sozinho de casa – mesmo sabendo quão perigoso seria – desde que fugira da casa de saúde da Tijuca.

Quanto ao próprio, os médicos de São João Nepomuceno o remeteram à extinta Casa de Saúde Santa Clara, em Belo Horizonte. Heleno fez todos os testes necessários. Como os exames de urina e sangue nada acusaram, nem as quinze radiografias da cabeça, submeteu-se a um exame decisivo com líquido retirado da medula.<sup>4</sup> E em 13 de outubro de 1954, após a punção lombar, finalmente foi constatada a sífilis, em último grau. A doença, adquirida em seus contatos descuidados, era endêmica: tomara-lhe o cérebro; não havia mais como contê-la. Nem os poderosos antibióticos, àquela altura, poderiam resolver.

Anunciado em definitivo o fim do craque-galã, a vida para Heleno de Freitas, aos 34 anos, tornava-se uma ampulheta em contagem regressiva.

A sífilis é causada por espiroquetas que, durante o ato sexual, penetram, por meio de pequenas fendas nos tecidos. Como a úlcera causada não é dolorosa, muitas vezes passa despercebida. No caso de Heleno, o mais provável é que a úlcera tenha se escondido debaixo do prepúcio, sem que ele sequer pudesse notar algo estranho. Em questão de semanas, as ulcerações somem, entrando

a sífilis em novo estágio e assim sucessivamente, caso não seja tratada.

Descoberta a moléstia, os médicos da capital mineira desaconselharam a permanência de Heleno entre os familiares. Eram visíveis seus primeiros traços de agressividade:

– O Heleno vinha perdendo o limite nas brincadeiras – revela Ema Zágari. – Botava o pé na frente para que os sobrinhos pequenos tropeçassem, coisas desse tipo. Certo dia, bateu com um de seus halteres de madeira na cabeça do meu filho, o Luiz Sérgio.

Pior faria depois, quando foi passar uns tempos com o irmão Oscar, em Copacabana. De sua sala com vista para o mar, na TV Rio – a emissora se instalara no antigo prédio do Cassino Atlântico –, Luiz Mendes acompanhou uma cena grotesca. Heleno de Freitas, sentado no paredão, camisa regata, cercado por uma fila de garotos, pagava alguns cruzeiros para quem lhe desse o soco mais forte no rosto. Saiu da praia cheio de hematomas.

– Como vinha nessa crescente, a contragosto o Heraldo teve de interná-lo – conta Ema Zágari.

Heleno passou um curto período na Casa de Saúde Esperança, em Matias Barbosa, perto de Juiz de Fora. Pouco tempo, muito sofrimento. O dono da clínica, doutor Guilherme de Souza, tentou curá-lo por malarioterapia. Eis o tratamento: o paciente era induzido a pegar malária, através de sangue contaminado, imaginando-se que a febre alta provocada instantaneamente matasse o vírus da doença.<sup>5</sup>

Como a resposta à terapêutica foi negativa, no dia 19 de dezembro de 1954 não houve jeito: Heleno foi internado num sanatório em Barbacena, Zona da Mata mineira.

Sua penúltima morada.

## 26. Nada além de uma ilusão

1954-1956

Fundada em 1791, a cidade de Barbacena, localizada na porção centro-leste de Minas Gerais, é rica em características naturais. Uma beleza de paisagem, com estonteantes paragens e recantos. Do alto de seus morros, tanto nos verões brandos como nos invernos rigorosos, cuja temperatura chega a 11 graus, pode-se assistir a magníficos espetáculos de amanhecer ou anoitecer. Embora, em boa parte do ano, terríveis chuvas cubram a região. Sua condição climática é excepcional para o cultivo de hortifrutas e o pastoreio de gado de leite.

Há meio século, a alma da cidade era a praça da Estação, hoje praça Adriano de Oliveira, onde desembocavam diversas linhas de transporte ferroviário, com cargas e passageiros, ou linhas de bondes puxados por burros. Os melhores bares, restaurantes, hotéis e lojas comerciais funcionavam ali. Barbacena tinha prestígio e a fama, de valor duvidoso, de ser a “cidade dos loucos”, como os mineiros diziam. Entre 1940 e 1945, servira de residência para o francês Georges Bernanos. Autor respeitado no cenário internacional, o escritor a imortalizou em uma de suas obras, *Cruz das Almas*.

Berço de efervescência política, devido à posição estratégica – fica entre a cidade do Rio de Janeiro e a região central mineira –, por bom tempo Barbacena representou uma das maiores economias do estado. Agricultura, pecuária, farta mão de obra, logo uma série de fábricas de tecidos, fios, cerâmicas, vidros, alimentos e bebidas se instalou na cidade, modificando a paisagem urbana. Mesmo

assim, permaneceriam alguns sobrados e velhos casarões. Como o da Casa de Saúde São Sebastião.

Com capacidade para 120 pacientes, a clínica foi escolhida a dedo por Heraldo. O tratamento, caro, dava direito a um quarto exclusivo para Heleno. A conta era dividida com gosto por Heraldo e Oscar, graças à presença do doutor José Tollendal, que cuidaria do paciente com desvelo. Afinal, o médico estudara com ele no ginásio – jogavam bola juntos no pátio. Filho de um professor de história natural que Heleno muito admirou na infância, o psiquiatra tinha esperanças de salvá-lo. Como Heleno confiava muito nele, vantagens psicológicas poderiam ser tiradas daquele quadro aparentemente desanimador.

Esbelto, elegante e calvo – embora um ano mais jovem que Heleno –, com 1,74 metro e 72 quilos, José Theobaldo Tollendal, natural da região, cursou medicina em Belo Horizonte, se preparando para morar na capital federal. O Rio de Janeiro fez dele um incurável botafoguense, mas seu nome era trabalho. Após se formar no Instituto de Psiquiatria da UFRJ, nos dois anos em que atendeu na Casa de Saúde Dr. Eiras, em Botafogo, aprendeu a fazer de tudo um pouco – de partos a cirurgias. Ao retornar a Barbacena, fundou, em 1948, com o amigo Hermont do Nascimento, a Casa de Saúde São Sebastião. Da qual Heleno tornar-se-ia o mais célebre paciente.

Com todas as forças, Tollendal se empenhou em curar Heleno. Ou, ao menos, reduzir seu sofrimento. Primeiramente, tentou com ele piroterapia, processo hoje em desuso na medicina, que consistia numa injeção aplicada com o intuito de provocar febre alta, que poderia vir a barrar a progressão da sífilis. O paciente recebeu também doses maciças de penicilina e, por fim, de insulina. Sem respostas positivas.

Àquela altura, o raciocínio de Heleno não lhe permitia grandes esforços. Não podia vibrar com o mágico time do Honved, base da seleção húngara que encantou o planeta na Copa do Mundo da Alemanha; não suspirou com as curvas de Martha Rocha, que, por

duas polegadas a mais nos quadris, perdeu o título de Miss Universo; não se empolgou em bailes com a nova marchinha “Piada no salão”. Sequer compreendeu a comoção nacional provocada pela morte do presidente Getúlio Vargas, que, pressionado, preferiu se suicidar a renunciar ao poder.

Distante, mas elegante. Nos primeiros meses de sanatório, Heleno portou casacos de tecido inglês e cachecóis de primeira. Com o avanço da doença, relaxou. Não havia alternativa: o passar dos dias inevitavelmente o tornava mais louco. Restava aguardar a hipertrofia dos membros, do rosto, do corpo inteiro. Que ninguém se enganasse: seu quadro era irreversível – somente quando nada mais se podia fazer, veio a conhecimento público a origem do drama por que passava. A sífilis destruía seu sistema nervoso. Tido como jogador indisciplinado, irascível, malcomportado, poucos perceberam que seu caso era anormal. Que não era por aquilo que hoje se chama máscara que Heleno se revoltava contra uma jogada mal-executada pelos companheiros, ou se debatia em intermináveis discussões com os árbitros graças a qualquer marcação que julgasse equivocada, muitas vezes em partidas que nada valiam.

– A diferença daquela época para a atual – acredita Roberto Porto – é que hoje se massacra tudo na mídia, se noticia tudo. – Naquele tempo não havia tanta informação, e não passou pela cabeça de ninguém sugerir ao Heleno que fosse analisado clinicamente.

– Se fosse tratado logo no começo, a coisa poderia ser diferente – dizia Tollendal, acreditando que seu nervosismo em excesso em campo já era consequência da doença. – É bem possível que ele tenha sido contaminado ainda no auge.

Desde 1929, o tratamento disponível para a sífilis durava meses; necessitava de não menos que vinte consultas médicas em um ano. As substâncias utilizadas nos procedimentos, basicamente bismuto e mercúrio, geravam efeitos tóxicos, fazendo com que o índice de cura não atingisse o patamar de trinta por cento. A partir de 1945 a terapêutica estabelecida no Brasil valeu-se de penicilina. Estudado

com afinco desde 1939, o medicamento foi disponibilizado em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial, sendo de grande valia no tratamento de militares enfermos.

A companhia das cavalares doses de penicilina era o que restava a Heleno. A moléstia trazia, no pacote, o retrocesso de sua capacidade intelectual, fantasias e delírios de grandeza. Mesmo assim, Heraldo, sempre esperançoso, ao encaminhar à clínica o cheque que pagava as despesas, endereçava cartas a Heleno e, principalmente, aos médicos responsáveis pelo irmão famoso. Segundo o jornalista Teodomiro Braga, 114 mensagens, entre cartas e bilhetes, foram anexadas a seu prontuário, de número 220.<sup>1</sup>

Na primeira, de 18 de janeiro de 1955, Heraldo pedia apenas que fosse constantemente informado sobre Heleno. Recebeu a resposta de Odilon Hermont do Nascimento, diretor administrativo da clínica, oito dias depois:

Temos a lhe informar que o Heleno vem se adaptando bem aqui na casa de saúde, já fez camaradagem com os enfermeiros e demais internados, cativou-os completamente com suas fantasias, suas aventuras no Rio, no México, na Colômbia, enfim, no mundo inteiro. Fisicamente, continua forte e bem-disposto, tem se alimentado bem e dorme também muito bem, sem uso de qualquer remédio para este fim.

Já iniciamos seu tratamento, mas com grandes dificuldades, pois ele é refratário a todo e qualquer tratamento, alegando sempre que não tem nada, que se submeteu a exames em Belo Horizonte e que todos foram negativos, e que por isto não necessita tomar injeções. Mesmo assim, tapeando, discutindo, vamos fazendo o que for necessário. Todos os dias, após tomar uma injeção, depois que nos retiramos da seção, ele diz para os outros que aquela foi a última, que vai brigar, matar etc. No dia seguinte, embora reclamando novamente que nada tem, toma outra, e assim vamos levando-o.

Pede sempre para dar uns passeios pela cidade, onde precisa fazer umas compras, necessitando para isso de alguns cobres, não quer muito, somente uns duzentos contos. Ainda não permitimos sua saída, pois ele já por várias vezes tem procurado meios de adquirir vidros de kelene, e temos receio de que, saindo a passeio, ele burle o companheiro e faça compras inconvenientes.

Ainda não podemos dar-lhe uma impressão real quanto a seu prognóstico.<sup>2</sup>

Em um mês e meio, a clínica respondia a outra postagem de Heraldo:

As notícias sobre o Heleno confirmam-se com as da última carta. Está calmo, alimentando-se e dormindo bem, mantendo-se em ótima saúde física. A parte mental mantém-se estacionária. Muito requestador, querelante e com seus delírios de grandeza, já saiu conosco a passeio dois domingos. Dá trabalho, pois tudo quer comprar, a todos se dirige

com invectivas. Encontrou-se com um amigo, uma das vezes que saiu, dando grandes demonstrações de alegria. Assistiu também a uma partida de futebol, mas não gostou. A duras penas conseguimos fazer-lhe uma série de penicilina-bismuto e seis termorreações pelo Pirofon. Por enquanto, não apresentou reações favoráveis, permanecendo sombrio o prognóstico quanto à recuperação.

Quero comunicar-lhe que Heleno só aceita cigarros Continental, exige revistas e jornais e de quando em vez temos de atendê-lo, mesmo para que se distraia. Assim, seus gastos extraordinários elevam-se um pouco acima dos CR\$ 200 mensais. Controlamos o máximo que nos for possível ...

No bilhete seguinte, Heraldo contou que obtivera, por meio de alguns amigos que visitaram Heleno na casa de saúde, notícias não muito boas sobre o estado clínico do irmão. Hermont do Nascimento, em 12 de abril, o esclareceu:

Quando seus amigos estiveram aqui, encontraram-no barbado, pois seguramente há quinze dias negava-se a se barbear com gilete. Mandamos vir um barbeiro da cidade, que então conseguiu fazer-lhe a barba, e agora não permitiremos mais que ele se descuide: todas as quartas e sábados, está de barbinha raspada. O Heleno nega-se a todas as medidas de higiene – lavar o rosto pela manhã, os banhos gerais –, tudo é com a máxima dificuldade que se consegue. Estamos agora aplicando-lhe nova série antissifilítica e só conseguimos fazer-lhe as injeções sob ameaça de eletrochoques.

Em maio, Heleno recebeu com entusiasmo a visita de Heraldo e Marina. Ao voltar a São João Nepomuceno, o coletor escreveu nova carta para Hermont:

Espero que o Heleno não lhe tenha dado contrariedades depois de nossa saída. Ficamos apreensivos, porque ele estava muito falante e, naturalmente, ansioso para dar uma volta, como parece estar, não seria de admirar.

Estou juntando umas linhas para ele, a fim de não deixá-lo na impressão de que o abandonamos aí, apesar de seu estado.

No começo, Heleno adorava palestrar com os médicos sobre duas de suas maiores paixões: carros e futebol. De dia, quebrava crises de melancolia e depressão revendo seus recortes de jornais do Botafogo e implorando para ir aos treinos do Olympic, principal clube da região.<sup>3</sup> Vez ou outra, conseguia de Tollendal permissão para, com o médico ao lado e o enfermeiro atrás, de olho, dirigir, vagarosamente, seu Chevrolet 52. Então saía a buzinar pelas ruas:

– Eu sou o Heleno de Freitas! Eu sou o Heleno de Freitas!

Quanto ao Olympic, vale registrar a carta de 11 de junho de 1955, postada por José Tollendal:

Ele está fisicamente bem e com o estado mental inalterado. Domingo saímos juntos, tendo Heleno passeado pela cidade, almoçado em minha casa, dirigido meu carro, e à tarde fomos a uma pelada. Heleno bateu bola e, durante o jogo, fez grande escarcéu todas as vezes que perdi gols. Ficou muito satisfeito durante o passeio, mas tudo quer comprar e não controla seu estado de ânimo, dando vazão exuberante a seus sentimentos.

Na terça-feira, insistiu muito para que o levássemos ao treino do Olympic e foi satisfeito. Não precisamos dizer que, em vinte minutos de treino, abriu o bico. Para não dar o braço a torcer, alegou que a bola estava muito leve, que faltavam dez jogadores no *team* e que o maior *center-forward* do mundo não ia treinar mais no meio de tanta gente ruim... É divertidíssimo. Observa-se, entretantes, que tem consciência do meio em que está.

Segue a carta:

Em minha casa, comportou-se à altura, não disse inconveniências, mostrou-se encantado com meus filhos, e as grandezas que contou não tinham nada de vexatórias. Contudo, em ambiente menos salutar, solta palavrões e gosta de fantasiar sobre atos pornográficos.

Heleno tem se mostrado um pouco menos avesso à higienização. Faz suas barbas nos dias determinados e toma seus banhos.

Estamos insistindo em seu tratamento. Terminamos a série de penicilina-bismuto e começaremos amanhã uma série de Penbenzil. Se não conseguirmos recuperação, tentaremos ao menos deter a marcha insidiosa da paralisia geral. Hermont e eu, verdadeiramente, prezamos muito o Heleno, e não nos sentimos bem deixando-o entregue à doença.

Vale explicar o que é a paralisia geral, detectada pelos médicos. Segundo o *Manual de Psiquiatria* de Henrique de Brito Belford Roxo<sup>4</sup> – o mesmo utilizado à época na clínica –, a paralisia geral é também conhecida como paralisia muscular crônica, paralisia geral dos alienados, loucura paralítica, demência paralítica ou ainda paralisia geral progressiva. A um portador de sífilis cerebral, muitas vezes se segue a paralisia geral. Esta se desenvolve em indivíduos que tiveram a sífilis silenciosa, aparentemente benigna. É mais frequente dos 35 a 45 anos, e rara após os cinquenta. Quanto aos sintomas, destacam-se os insistentes delírios de grandeza, a diminuição sensível da capacidade intelectual, a moralidade que se perverte consideravelmente e cólera diante da menor contrariedade. As modificações de humor são frequentes. Da euforia sem motivo o sujeito passa, em questão de minutos, e de forma assustadora, para

a irritabilidade e tristeza extremas. Some-se a isso o enfraquecimento progressivo e inconsciente da inteligência, distúrbios da memória e, por vezes, confusão mental. Além de um tremor descontrolado quando o paciente se emociona. Nove fora o total descaso pelo vestuário.

Apesar das retumbantes evidências, Heraldo acreditava que, até podia demorar, mas Heleno se reintegraria um dia ao convívio social. Esperanças que se ampliaram em fins de julho, quando a Coletoria recebeu nova postagem da clínica:

Segunda-feira passada, Heleno foi visitado pela delegação do Flamengo, que procedia de São João Del Rey, e mostrou-se muito satisfeito. Comportou-se razoavelmente, reconhecendo diversos de seus companheiros de profissionalismo, como o Chico, o Esquerdinha, o Rubens e outros. Nós procuramos evitar quanto nos é possível estes contatos, para que não pareça aos estranhos jogo de publicidade. Mas com o cartaz que tem o Heleno, tem sido difícil evitar a difusão de sua estada aqui.<sup>5</sup>

Em 14 de agosto de 1955, em Copacabana, seu amigo Raul Martins – que ao sair do América revelou-se excelente repórter no *Diário da Noite* – morreu no famoso incêndio que deu fim ao Vogue. A boate ardeu em chamas devido a um curto-circuito ocorrido no momento em que um eletricista consertava sua instalação elétrica. Além de Raul Martins, que na ocasião respondia como relações-públicas do Vogue, o cantor americano Warren Hayes foi outra vítima daquela noite macabra. Tentando fugir, subiu ao nono andar do hotel e gritou por socorro durante quase uma hora. Desesperado com a demora do Corpo de Bombeiros, se atirou ao solo – como fizera Raul Martins. Não foram os únicos a perder a vida. Casados havia pouco mais de três meses, os *socialites* Valdemar e Glorinha Schiller foram cremados no local.

Na mesma época, em Minas Gerais, Heleno de Freitas continuava sendo levado por Tollendal aos campos de futebol. Em Juiz de Fora, momentos antes do amistoso entre o Sport Club local e o Internacional, de Porto Alegre, Luiz Mendes encontrou Heleno em pleno vestiário colorado:

– Ele estava com um sujeito todo de branco, devia ser médico dele, dizendo que se o Teté, o treinador do Inter, quisesse, ele

entrava e ganhava o jogo para os gaúchos. Em seguida, deu um senhor tapa no ouvido do Teté. Achava que um louva-a-deus repousava em sua orelha. Era apenas o galho de arruda que usava de superstição.

Apesar de continuar amando o futebol, no pátio de cimento do sanatório Heleno nunca demonstrou interesse em bater bola com os demais enfermos. Mas, quando ia ao campo do Olympic, não dispensava a oportunidade de “treinar”. Como outrora, tinha os mesmos acessos de fúria no instante em que alguém errava uma jogada. Quem recorda é Tollendal:

– Certa vez um driblador do Olympic errou um passe e ele deu uma bronca furiosa nele: “Vou te ensinar a jogar bola, seu muleta!”<sup>6</sup>

No dia 16 de setembro, Hermont remetia nova mensagem avisando as últimas de Heleno a Heraldo:

Seu estado de saúde permanece sem alterações, embora se observe ligeira melhora no modo com que ele conversa e age dentro da casa de saúde. Na rua, seu procedimento ainda deixa muito a desejar, pois qualquer coisinha é suficiente para desencadear discursos e gritarias, principalmente se adquire umas revistas que tragam fotografias de velhos amigos.

A campanha no Rio em torno da disputa de uma “Taça Heleno de Freitas”, a ser disputada entre o Flamengo e um outro clube, provavelmente o Botafogo, continua em franco progresso, e por causa disso temos sido muito assediados por jornais e revistas do Rio, inclusive *O Cruzeiro*, que querem entrevistar e fotografar o Heleno. Temos despistado a todos e mesmo solicitado nada publicarem a respeito de seu estado, no que temos, graças a Deus, sido atendidos. Quando publicam as visitas feitas ao Heleno, dizem sempre que o visitaram em Barbacena, “onde se encontra veraneando”.

Até agora, só permitimos as visitas das delegações do Flamengo e do Madureira, que também aqui esteve.

No mês seguinte, a carta foi assinada por José Tollendal:

Saúde física sempre boa, dormindo e alimentando-se bem, estamos prosseguindo o tratamento do Heleno pelo Panbismut. Pela reação própria ao medicamento, ele tem se mostrado impossível nestes dias.

Felizmente, os repórteres deixaram-nos em paz e parecem ter compreendido a impossibilidade de explorarem o assunto.

Importante frisar esse “alimentando-se bem”. Na verdade, a voracidade com que Heleno se servia de todos os pratos, indiferente à qualidade destes, seria capaz de, em público, despertar negativamente a atenção das pessoas. Mesmo assim, Heraldo ainda sonhava em resgatá-lo para a sociedade. Como provam duas cartas. A primeira, de 5 de setembro de 1955:

Estou querendo ir fazer uma visita, mas por questões de serviço ainda não pude. Ando com muita pena de que ele ainda não possa passar uns tempos por cá, mas tão logo seja possível, estou certo de que me dirá, não é certo?

A segunda, escrita dois meses e dois dias depois:

Estou fazendo vésperas de ir até aí, mas ando muito preso com o serviço da Coletoria. Por falta de funcionários, em licença, não me tem sido possível.

Uma sobrinha casa-se em 26 de novembro agora, e a mana está com vontade de trazer o Heleno, para que ele também esteja presente à solenidade. Digam-me sinceramente, vocês acham que ele poderia, sem criar casos, ficar uns dez a doze dias conosco? Nada prometi, porque condicionei a resposta à opinião de vocês.

Espero que me digam qualquer coisa a esse respeito, para meu controle, o que muito lhes agradecerá.

Tive notícias de Heleno por um chofer daqui que aí esteve há poucos dias.

Em 96 horas, obtive a resposta. Pela primeira vez a ficha caía:

Respondemos sua carta com a possível brevidade, para que tenha, em tempo, nossa opinião sobre sua consulta.

Achamos, francamente, que a presença do Heleno às solenidades do casamento de sua sobrinha deverá trazer dissabores. Baseamo-nos nas experiências que temos tido quando saímos com ele. As manifestações de sua euforia, sem nenhum controle autocrítico; sua insistência em satisfazer o desejo de beber, fumar, etc. tornam-no muito inconveniente. Felizmente, ele não é pornográfico, mas sua idealização grandiosa, sua tendência requestadora, serão suficientes para transtornar a festa.

Aí tem você nossa opinião, o que não impede de, se assim desejarem, fazerem uma experiência.

– Foi gol! Foi gol! Foi gol! – berrava Heleno de Freitas para Ênio Peixoto, ponteiro improvisado como técnico, numa felicidade desvairada, após marcar, em novembro de 1955, seu último gol na vida, na também última vez que participou de um coletivo do Olympic.

– Vou jogar domingo, não vou? – perguntou ao “treinador”, segurando-o pelo braço, descontrolado, babando muito.<sup>7</sup>

Gordo e sem reflexos, Heleno se cansou rapidamente após encostar uma ou duas vezes na bola. Penalizado com sua situação, Ênio pediu a um zagueiro que lhe facilitasse a marcação de um gol. Solicitou aos demais jogadores que, na comemoração, o abraçassem de verdade e fez sinal para que a torcida – os gatos-pingados ali presentes – o aplaudisse com o mesmo entusiasmo de seus áureos tempos.<sup>8</sup> Um espetáculo deploravelmente enternecedor.

Não passava um mês e a revista *Manchete Esportiva* invadia Barbacena para fazer uma das matérias mais cruéis de que se tem notícia no Brasil. Sensacionalista, a publicação vendeu muito, mas não agradou a ninguém. Uma repercussão para lá de negativa:

– Foi uma reportagem horrorosa – lembra Fernando Aguinaga. – Queriam pisar nele, na memória dele.

– Com um texto cheio de frases megalomaniacas de Heleno, as fotografias do Jader Neves mostravam o antigo ídolo inchado pelo tratamento, jogando bola com um calção ridículo, as cuecas à mostra, despenteado... Uma tremenda maldade – se enfurece Otávio.

Aproveitando-se do que sobrara de Heleno, registraram suas mais descabidas alucinações. Feio, grossos bigodes, despreocupado com o trajar, a ignóbil imagem do ex-craque chocou a sociedade carioca e seus fãs espalhados por todo o país.

Para começo de conversa, escondendo um maço cheio no bolso, Heleno pedia, minuto após o outro, novo cigarro à dupla de repórteres. Eram eles dando e o enfermo se soltando, como queriam. Olhos perdidos no espaço, Heleno disse, entre outras coisas, que, quando foi com o Botafogo para o México, um touro fugiu da arena para atacá-lo e, com um murro, um soco fatal que Jack Dempsey<sup>9</sup> havia lhe ensinado, matou o animal. O que nem se fosse piada teria graça foi publicado como notícia. Heleno ora evocava o passado com lucidez, ora delirava. Disse, por exemplo, que durante sua temporada na Argentina, a cada gol que marcava era obrigado a dar um abraço em Evita Perón, que assim exigia.

Aliás, recordando sua passagem por Buenos Aires, Heleno se confundiu todo. Falou que estreou contra o River Plate, e que no jogo seguinte marcou quatro gols sobre o Huracán. Nada disso aconteceu. Mesmo assim, era sóbrio o bastante para rasgar elogios ao “maravilhoso” Di Stéfano. Em seguida, porém, chamava-o de fraco, não por seu futebol, mas porque ele, Heleno, podia matar touro com a mão...

A mórbida reportagem terminava com um ultimato do ex-craque a João Saldanha e demais dirigentes que comandavam seu Botafogo:

– Qualquer dia desses, se a paciência acabar, apanho a chave do meu Chevrolet e corro ao Rio para dar um jeito no clube.

Quando a bomba explodiu nas bancas do país, a paciência dos Freitas se esgotou. A família prontamente proibiu a entrada de jornalistas no sanatório. E o descontente Heraldo endereçou uma carta à clínica extravasando todo o seu inconformismo:

Tive hoje uma surpresa desagradabilíssima com a notícia publicada pela *Manchete*, relativa ao estado de Heleno, com fotografias e notas pormenorizadas. Tudo isto, aparentemente sem importância, poderá ser, de futuro, motivo de grandes transtornos para o rapaz e para todos os que hoje vêm trabalhando por ele. Estou certo de que vocês não toleram tais coisas, mas, infelizmente, o mal foi feito e devo esperar agora pela consequência que poderá advir.

Não irei tomar providências junto à direção da revista porque tenho esperanças no restabelecimento do mano, e agitar mais a questão é estigmatizá-lo de louco, coisa que todos sentem, mas que não procuram ajudar.

Peço-vos, pois, que sejam mais enérgicos junto aos repórteres que tentarem fazer esta propaganda derrotista contra o rapaz, pois não quero tolerar tais coisas.

Concorda plenamente o jornalista Marcos de Castro:

Deixassem Heleno quieto, com sua nostalgia, com seus recortes de jornais antigos, sonhando sozinho – na suprema solidão de um hospital – os tempos de outrora. Para que descamá-lo aos olhos do público? Para que dar ao público aquele Heleno gordo, disforme, derrotado entre as quatro paredes frias de um sanatório?

Bastasse a imagem do Heleno boêmio, do Heleno elegante, do craque-advogado, do galã, do rebelde, inteligente, do brilhante Heleno de Freitas. Que essa – não a outra – se perdesse na poeira do tempo.<sup>10</sup>

Hermont se sentiu no dever de responder imediatamente:

Prezado Heraldo, quanto à notícia publicada na revista *Manchete*, foi feita independente da nossa vontade, conforme vamos relatar-lhe.

Desde muito, conforme já é de seu conhecimento, várias revistas e jornais vinham tentando, por todos os meios, entrevistar o Heleno, sendo que *O Cruzeiro* e a *Manchete* chegaram a ponto de deixar fotógrafos seus por vários dias e várias vezes estacionados aqui em Barbacena, pois sabiam que nós de vez em quando saíamos a passeio com seu mano, e que ele ia sempre dar uns chutes em nosso campo do Olympic, em dias de treino. Fizemos ver a eles que absolutamente não sairíamos com o nosso amigo nestas circunstâncias e pareceu-nos que eles haviam desistido, pois há perto de dois meses que nenhum deles aparecia aqui pela casa de saúde.

Como o Heleno andava um pouco nervoso, não só devido ao tratamento intensivo a que vínhamos submetendo-o, como também por falta da distração de que ele mais gosta, que é dar uns chutes, e vivia a pedir-nos que o levasse aos treinos, resolvemos atendê-lo. Azar nosso, mal chegamos ao campo, qual não foi nossa surpresa ao depararmos com o fotógrafo da *Manchete Esportiva*, que, imediatamente, passou a tirar fotografias e a conversar com o Heleno. Ainda tentamos retirar-nos com ele, mas você o conhece bem e foi impossível. Recorremos então ao fotógrafo e este nos prometeu que absolutamente não seria publicada qualquer notícia que pudesse prejudicar não só o Heleno como também aos seus. A promessa honesta desse fotógrafo foi o que vimos, infelizmente.

Prometemos a você que, absolutamente, isso não se repetirá, embora as saídas e esses exercícios sejam benéficos a nosso doente e amigo. Procuraremos um outro meio para seus exercícios físicos. ... Mais uma vez, pedimos perdoar-nos por essa ocorrência infeliz, ditada mais pela nossa intenção em tudo fazermos para tentarmos recuperar para uma vida útil este moço cheio de vida que é o nosso Heleno.

Depois da bronca, nem mais à igreja da Matriz da Piedade (a preferida da aristocracia) completamente vazia os médicos o levariam. Todo cuidado era pouco. Ainda mais que a moléstia não dava descanso a Heleno.

Com frequência seu cérebro criava confusões. Tendo ido assistir no cinema com Tollendal a *Tudo que o céu permite*, assim que Rock Hudson surgiu na tela Heleno se levantou da cadeira aos berros para cumprimentá-lo. Dizia que era seu amigo. Noutra vez, num circo de cavaleiros, encontrou um ator de teatro parecido com um argentino com quem jogara na Colômbia e tentou a todo custo levar-lhe seus fiéis cumprimentos. Foi difícil dissuadi-lo da ideia.

Na casa de saúde, o quarto de Heleno ficava no centro de um longo corredor, era bem-encerado e bastante arejado, ainda que pequeno. Por muito tempo o local acalentou suas crises depressivas.

Porém, ao ser proibido de passear na rua, Heleno padeceria não em sua cama, mas no pátio aberto, onde podia ser encontrado a maior parte do dia, como os demais internos, nada fazendo de produtivo.

Nos horários preestabelecidos se alimentava, sozinho, numa das duas grandes mesas do espaçoso refeitório. Não queria a companhia de ninguém, exceção aos dois médicos, com os quais conversava sem parar. Barriga cheia, caminhava devagar até o pátio, onde se sentava num banco, sempre sozinho. E foi justamente quando passava por essa crise, imerso na solidão, que, num dia de visita, uma pessoa muito especial o encontrou no sanatório.

Hermont o avisou que "uma amiguinha sua", do Rio, havia chegado para vê-lo. Era Diamantina. Embora tenha reencontrado a antiga paixão semilúcida, podendo até relembrar algumas noitadas alegres, Diamantina foi incapaz de soltar uma única de suas impagáveis gargalhadas. Seus olhos marejados não escondiam a tristeza por que foi tomada. Partiu em questão de minutos, para nunca mais retornar.

Quem jamais se deu ao luxo de visitá-lo foi Ilma. Entretanto, Heleno sequer se lembrava da ex-mulher. Pelo menos, não tocava em seu nome na casa. Apesar de todos os delírios, mostrava-se apaixonado, sim, pelo filho. Falava a todos que ele era o mais bonito, o mais inteligente, tudo de "mais" era o Luiz Eduardo. No final de 1955, Heraldo enviou-lhe uma foto da criança. Heleno o reconheceu de bate-pronto e, demonstrando seu enorme amor, orgulhosíssimo, correu para mostrar o retrato aos demais internos.<sup>11</sup>

Em 20 de março de 1956 Hermont escreveu para Heraldo. Na carta, uma boa notícia. Finalmente, o vício de Heleno era coisa do passado:

Temos a informar-lhe que nosso Heleno, ultimamente, vem passando mais calmo, mais ponderado, embora suas manias de grandeza ainda persistam. Fisicamente, seu estado é ótimo, está forte, gordo e sadio. Vem se alimentando muito bem e dorme regularmente.

Quanto ao vício do éter, desde que para aqui veio, não teve mais oportunidade de usá-lo e ultimamente não faz a menor referência a isto.

Àquela altura, a perda de um vício não modificava muita coisa. Todavia, encarando de outro ângulo, era uma vitória. Ainda que não tenha levantado o astral de Heraldo. Vide sua resposta, remetida em 11 de abril:

Fiquei satisfeito com as notícias que Hermont me mandou sobre o Heleno. Ando desapontado por ainda não ter podido ir visitá-lo, mas, francamente, sinto demais a situação dele, e amargura-me muito vê-lo preso a essa doença.

Felizmente, tive a sorte de encontrá-los, com esta paciência admirável e espírito tão bom, de modo que fico menos amargurado. Infelizmente, porém, tenho de me resignar com os fatos.

Nova mensagem redigiu o diretor da clínica em 16 de maio de 1956:

Como você está ciente pelas últimas cartas, Heleno apresentou algumas melhoras. Já não é tão requestador, está mais comedido em seus atos e com atitudes mais moderadas. Já não é tão versátil em seus delírios de grandeza, que se fixam agora nos temas futebol e capacidade física.

Em março, fez um ano que ele foi submetido à febre artificial seguida de Panbismut e pensamos em submetê-lo agora a nova série.

Mais esperançoso, Heraldo no começo de agosto escreveu a Tollendal:

Fiquei imensamente satisfeito com sua última carta, relativa ao mano.

Tenho uma fé enorme na cura completa dele, e estou certo de que Deus há de nos conceder essa graça, fazendo com que vocês o ponham completamente bom.

Podem dizer o que quiserem, mas intimamente minha convicção é essa, e isso me satisfaz e anima a cada dia.

Parceiro de Heleno na praia de Copacabana, o boxeador botafoguense Sabiá tomou coragem para ir a Barbacena visitar o antigo camarada. Voltou ao Rio estarecido, após testemunhar Heleno desafiando dois outros enfermos num jogo de cartas. Nada de mais. Não fossem oito baralhos à mesa.

Em meados de setembro, não um alvinegro, mas o Glorioso em peso quis visitá-lo. Tollendal teve de perguntar a Heraldo de que forma deveria proceder:

Para o dia 14 de outubro, está programada uma visita do Botafogo a Barbacena, para jogar contra o Olympic, e sabemos de antemão que pretendem homenagear o Heleno. Queremos sua manifestação prévia a respeito.

O irmão do craque pediu apenas bom senso:

Recebi sua carta e, relativamente à homenagem que querem fazer ao Heleno, não sei o que devo responder. No entanto, penso que essas coisas são sempre agradáveis para quem as possa sentir, do contrário perdem sua razão de ser, porque não encontram repercussão

onde deviam encontrar. Por outro lado, continuo com aquela ojeriza pela nossa imprensa, que não sabe senão pensar em função de cruzeiros para seus cofres. E nesses casos, ela está sempre presente.

Não quero, no entanto, desapontar os amigos do mano que o quiserem ver, mas, francamente, se for possível, ficar sem isso é melhor, porque a curiosidade ainda não acabou, e não adianta estar fazendo propaganda e mostrando um corpo de quem já foi um dia um homem.

Veja a situação no momento, e como sabe minha opinião, como tenho certeza de que fareis o melhor, dou-lhe carta branca no caso, como se o irmão fosse você.

Embora ainda brigasse pelo ex-time – não permitia que falassem mal do Glorioso –, Heleno fora esquecido por seus dirigentes, que nunca lhe mandaram um cartão sequer. Mesmo assim, Tollendal preferiu não privá-lo de um simpático contato com seus ex-companheiros. Na inauguração do novo estádio do Olympic, em outubro de 1956, Heleno vibrou nas arquibancadas com a goleada do Botafogo: 5 × 1. Fim de jogo, a hora da retribuição. Aproveitando a viagem, o técnico botafoguense Geninho, com o consentimento dos diretores da clínica, levou a delegação carioca para conhecer seu ex-parceiro de ataque.

Aos 37 anos, Geninho debutava como treinador profissional. Um ano antes, ao encerrar a carreira em General Severiano, foi convidado pelo diretor Nelson Cintra a dirigir os juvenis. No começo orientado por Zezé Moreyra, logo tomou seu lugar na equipe de cima. Sem usar quadros-negros ou ler livros especializados, Geninho se bastava com a larga experiência adquirida como atleta. Falando diretamente com os jogadores o que queria ver em campo, deu o pontapé inicial numa carreira de sucesso. Seu melhor momento, no entanto, se daria três anos depois, em 1959, quando se sagrou o primeiro técnico campeão da Taça Brasil, à frente do Bahia, vencendo o poderoso Santos de Pelé em plena Vila Belmiro, na final.

Licenciado do Departamento de Segurança Pública da Guanabara, do qual era funcionário, Geninho treinaria também o Cruzeiro e, em seguida, o Palmeiras, no vitorioso ano de 1963, época em que o clube tornou a ganhar o Campeonato Paulista. Mas, voltando ao tempo, naquele 1956 o treinador tinha em mãos um

verdadeiro timaço – montado por iniciativa do diretor João Saldanha, que, ansioso, não comemorava um título desde 1948. Didi havia sido contratado ao Fluminense, e chegaram ao Botafogo também o ponta paraguaio Cañete, o argentino Alarcón e o ex-são-paulino Bauer. Paulo Valentim comandava o ataque ao lado de Garrincha, e Nilton Santos já era o Nilton Santos.

Meio constrangidos, os atletas dessa autêntica “seleção” foram entrando, um a um, pela acanhada porta do sanatório. Faltava pouco para que Heleno completasse 37 anos, mas sua aparência era degradante. Juvenal se recorda de que Heleno, babando, escalou um time na hora, se incluindo. Até reconheceu Braguinha, mas o sacou da pseudoequipe alegando que não sabia dar passes. Ao montar sua “seleção”, sorriu com a certeza de que voltaria ao Rio com o elenco.

Os jogadores se asseguraram de que o lendário Heleno de Freitas, como uma música de Mário Lago e Custódio Mesquita, não era mais nada além de uma ilusão. Deformado, poucos dentes, cabelo ralo e desgrenhado, seu estado deixou Geninho perplexo. O reencontro entre eles foi comovente, com os dois se abraçando e chorando. Já os mais jovens não entendiam o que estavam fazendo ali. Quanto mais forte a excitação, com mais ardor o ex-craque padecia de confusão mental. Assim se comportou Heleno diante dos ex-companheiros, na primeira e única vez em que esteve ao lado de outro ídolo alvinegro, o maior de todos, Mané Garrincha. Contudo, Bauer tirou uma boa recordação da meia hora em que reviu o atacante:

– Ao nos apresentar aos outros doentes, o Heleno dizia: “Rapazes, era formidável jogar ao lado desses meninos!” Mas, na verdade, formidável era jogarmos com ele.<sup>12</sup>

O músico Zé Rodrix, na década de 1990, compôs a trilha da comédia musical *Um homem chamado Gilda*, texto seu com Miguel Paiva sobre a história de Heleno. Quando menino, porém, teve o prazer (?) de deparar com ele ao vivo. Típico caso do mito que se sobrepõe ao homem.

Acompanhando os jogos de Hermano Trindade, seu pai, atacante do Sparta, contra o rival local Olimpic, certa tarde Rodrix passou de carro pela casa de saúde e vislumbrou o ex-jogador na varanda:

– Lembro-me de meu pai, ao passar pela porta do hospício, me apontar um dos pacientes, dizendo: “Aquele ali, filho, é o grande Heleno de Freitas.”<sup>13</sup>

Na verdade, o que restava dele.

## 27. Vida depois da morte

1956-1959

Em carta datada do começo de novembro de 1956, Heraldo já demonstrava dúvidas quanto à recuperação do irmão:

Aqui, tudo bem, felizmente. Todavia, volta e meia alguns amigos falam novamente num jogo em benefício do mano. Acho muita graça hoje com esse aparente interesse, que afinal não passa de mera curiosidade.

Aos poucos, vou me conformando com a ideia de tê-lo sempre preso, apesar de ficar muito penalizado. Ando fazendo castelos de ir passar uns dois dias aí, para poder andar um pouco com ele. Ainda não sei quando o possa fazer, mas talvez seja no princípio do ano que vem. Naturalmente, essa ideia dependerá do parecer de vocês aí.

Tornou a mostrar o sentimento na carta de 5 de janeiro de 1957:

Espero que ele não esteja lhes dando maiores preocupações. Ando fazendo vésperas para dar uma chegada até aí para visitá-lo, mas, francamente, perco a coragem ao lembrar seu estado.

Nos primeiros dias de fevereiro, Heraldo postou uma notícia triste sobre o outro irmão:

Rômulo anda muito doente e está parecendo que não aguentará por muito tempo. Está com o coração muito fraco e está também internado.

Conte ao Heleno, para que ele fique sabendo, apesar de não tomar conhecimento profundo da coisa.

No dia 13 do mesmo mês, era respondido por Hermont:

Demos seu recado a Heleno. Conforme você previa, ele não deu a menor importância ao fato. Feliz dele, assim não sofrerá como estão sofrendo os da família.

Heraldo, sobre o nosso Heleno, são maiores as alterações em seu estado mental. Periodicamente aplicamos o tratamento antissifilítico, e assim vamos equilibrando seu

estado.

Às voltas com complicações cardíacas, Rômulo morreria em questão de dias, jovem, aos 43 anos. Heleno nem precisou ser avisado.

Quem visitava o ex-craque em Barbacena não guardava apenas para si a marcante experiência. Notícias e opiniões sobre o estado de saúde de Heleno se espalhavam pelas ruas do Distrito Federal feito epidemia. Em 11 de junho de 1957, Domingos da Guia dava um depoimento comovente sobre o ex-companheiro, no jornal *Última Hora*:

O destino de Heleno foi, durante muito tempo, algo de esplêndido. Seu nome andava de boca em boca; tinha um lugar garantido nas manchetes de jornais. Tinha tudo, tudo, menos amigos. Era, no campo, o mais solitário dos homens. Apesar dos sintomas evidentes, ninguém percebia que, àquela altura, sua alma já estava enferma. ...

Poderão objetar que Heleno não morreu, que Heleno está vivo e louco. Puro engano, amigos. Heleno morreu sim, está praticamente morto. Foi excluído, isolado do nosso convívio. Haverá, por acaso, morte pior que a do meu amigo? Seus gols espetaculares, que traduziam toda a magia do nosso futebol, não serão mais aplaudidos.

Menos de três meses depois, em setembro, uma carta-chave de Heraldo traria à tona a cruel realidade. Primeiramente, a íntegra da mensagem expedida pelo preocupado e atencioso irmão de Heleno:

Prezado Dr. Hermont, saúde.

Junto vos envio o cheque da pensão do Heleno. Como vai passando ele? Naturalmente, continua da mesma forma, não? Ando com vontade de trazê-lo para passar uns dias em casa, tão logo ele termine a série que está fazendo agora. Por uns dez dias, será que ele vai me dar aborrecimentos? De vez em quando tenho esse palpito, mas não tenho tido coragem de enfrentar o touro. Que me diz dessa ideia? Acha que vou ficar amolado, ou nesse tempo não dará para me amolar?

Ao mesmo tempo, penso que talvez seja melhor deixá-lo quieto aí, de vez que seu estado não é pior nem melhor.

Abraço-o, esperando uma palavra para tirar-me esse estado de impressão de que abandonei o rapaz. Procure compreender-me e faça-me o favor de dizer-me qualquer coisa nesse sentido.

Abraços ao José e família, e aceite os meus abraços, juntamente com os seus.

Agora, o texto completo transcrito por Tollendal, que fez com que, finalmente, Heraldo de Freitas caísse na real:

Prezado amigo Heraldo, desejamos saúde a você e sua família.

Tratando de início do assunto que nos consulta a respeito, qual seja, o da visita do Heleno a seu lar, vamos lhe dar, realmente, os motivos de nossa opinião contrária.

Em todas as nossas cartas, dizemos que o estado do Heleno está estacionário, pois não desejamos, todo mês, levar a seu conhecimento a aparição de um sintoma, que no mês seguinte substitui-se por outro etc. Seria lhe acarretar uma atribulação que viria se juntar à enorme que só o caso em si já acarreta.

Dentre estes sintomas, alguns, em casa, seriam de difícil controle. Dias há que Heleno emite de manhã à noite um trinado com os lábios, como se fosse um motor. Ultimamente, temos tido necessidade de conter suas mãos e fazer um guarda acompanhá-lo sempre, para que não coma papel. Folhas de revistas, jornal, papel higiênico que lhe caia nas mãos são logo deglutidos. Às refeições, tenta comer o que seus companheiros de mesa deixam nos pratos. Mesmo tendo cigarros, procura aproveitar as guimbas à vista.

Como você pode aquilatar, estes problemas em um meio especializado são facilmente contornados, ao passo que fora do hospital iriam dar trabalho, não só material mas também aborrecimentos sentimentais.

Não necessitamos fazer encômios à sua assistência ao Heleno. Você lhe tem dispensado todo o apoio material e bem sabemos de seus sentimentos em virtude do caso. O fato de você não vir aqui sempre não é encarado como abandono, pois para ele nenhuma diferença faz, e para você seria o renovar de novas tristezas.

Pelo Heleno, tenha certeza, fazemos tudo que é necessário, tudo que lhe possa trazer conforto ou melhora. Para sua condição de vida (?) lhe dispensamos todo o carinho. Aqui ele tem nossa amizade, que é ternura, que é compreensão, que é lembrança de dias melhores.

Desejamos que, sabedor disso, possa você ter tranquilidade e um pouco da nossa ajuda para a completa assistência ao Heleno. A repetição das séries de tratamentos que estamos fazendo tem o objetivo de alongar a entrada do caso no período de estado, ou seja, de deterioração do intelecto e instalação total da demência. A série atual já vem adiantada.

Sendo esta a nossa opinião, aguardamos o desejo de uma sua visita.

Com as lembranças do Hermont, enviamos-lhe um abraço amigo.

Bom esclarecer que, no período de estado, todos os sintomas da doença se acentuam. Entre os quais, o tremor corpóreo se torna intenso e generalizado e a palavra fica cada vez mais trôpega e entrecortada.

Como não podia ser diferente, Heraldo se abalou com o conteúdo da carta. Na mensagem seguinte, de Tollendal, datada de 11 de novembro de 1957, obteve novas notícias:

Heleno goza de boa saúde física, estando este mês mais orientado, e felizmente deixou a mania de "papirofagia", como se expressam os clássicos. Emagreceu um pouco sob o impacto da penicilioterapia maciça, mas recuperará logo.

Em 18 de janeiro de 1958, um recado de Hermont para Heraldo:

Temos a comunicar-lhe que nosso amigo, felizmente, vem passando muito bem de saúde física, está forte, alimentando-se e dormindo bem. Mentalmente, seu estado permanece estacionário.

Continuamos com tratamento ininterrupto, atualmente vem tomando injeções de Benzetacil na dose de 2.400.000 unidades por ampola.

Eram três injeções, de aplicação extremamente dolorosa, do medicamento penicilina benzantina, o Benzetacil, com intervalo de uma semana entre as doses. Doses para leão, diga-se, mas era o jeito. Em 21 de fevereiro, novas informações sobre a resposta clínica do paciente chegavam à mesa da Coletoria:

Temos a informar-lhe que seu mano, fisicamente, encontra-se em condições satisfatórias, forte, sadio, porém ligeiramente emagrecido, em vista do tratamento bravo (antissifilítico) que estamos lhe aplicando.

Pressentindo que mais cedo ou mais tarde o perderia, em março Heraldo fez nova visita a Heleno. Aliás, março foi o mês das visitas. Como assinala a carta do dia 14, assinada por Hermont do Nascimento:

Quanto ao estado do Heleno, nenhuma alteração, continuou calmo após a visita de vocês.

Ontem, recebeu a visita de um afilhado dele, de Juiz de Fora, mostrou-se muito satisfeito, alegre e pediu que ele voltasse de vez em quando.

Heraldo, não esqueças dos pijamas, camisas para ele.

Dois meses depois, a clínica entrava em sobreaviso:

Prezado Hermont, saúde.

Junto lhe mando o cheque para pagamento da pensão do Heleno. Espero que ele esteja passando bem.

No mês passado, estive aqui um repórter de São Paulo querendo fazer uma entrevista com o mano. Depois de muito me amolar, e não ter a minha autorização, disse que iria para aí. Parece que foi mesmo, porque depois chegou-me às mãos um número do jornal, no qual diz uma série de coisas. Calculo que tenha lhe dado muita amolação, porque o rapaz é persistente na sua ideia.

Enfim, não esquecem do Heleno e isto traz sempre aborrecimento, essa propaganda da infelicidade que o atingiu.

Heraldo se referia ao dia em que foi surpreendido, no próprio trabalho, em São João Nepomuceno, por Rubens Resende, Wilson Paiva e Oswaldo Kaize, jornalistas ávidos de curiosidades sobre o atual estado de Heleno. Revoltado, o advogado expulsou os rapazes aos gritos da Coletoria:

– Esqueçam-se de Heleno! Temos grande interesse de trazê-lo para minha casa, sim, e se tudo correr bem, no futuro eu o trarei. Sempre o estimamos muito, e meu irmão Oscar, no Rio, pensa da mesma forma. Mas o que resta de Heleno interessa única e exclusivamente a nós, seus familiares. Aqui ele passará a viver entre os seus, pois, para o mundo, Heleno de Freitas já morreu!

Em 17 de maio, Hermont enviou sua resposta:

Quanto aos repórteres, realmente estiveram aqui antes da ida deles a São João, e na volta, vieram com uma conversa tremenda, e remataram publicando uma reportagem em que citam frases minhas e suas. Daqui, o que eles publicaram, conseguiram em conversa com o Bruno, um internado que vive aqui fora. Os homens são tremendos, tiram fotografias e o bobo da fotografia nem vê.

No princípio de junho, Heraldo desabafava:

Recebi sua carta dando notícias dele. Ainda hoje as notícias sobre ele andam desordenadamente. Me garantiram que encontraram com ele em Belo Horizonte no mês passado.

Parece que ele, mesmo no estado que está, ainda tem a sina do desassossego e da intranquilidade. Não o deixam em paz.

Em julho de 1958, Heleno recebeu novas visitas. É o que mostra a carta da clínica datada do dia 16:

Tivemos ontem a visita de nossos velhos colegas de ginásio, Deco, Mendes e outros que me pediram para estar com o Heleno, o que fizeram. Por sinal, ele se comportou muito bem e relembrou muitas coisas do passado.

Seu estado de saúde se mantém bem, estando a parte mental estacionária.

No primeiro dia de agosto, Heraldo demonstrou estar por dentro do quadro do irmão:

Tive notícias que o estado dele tem piorado, mas quero crer que os que lhe visitaram estão com uma impressão errada dele, já que, depois de muito tempo sem vê-lo, ficam desapontados com o desacerto de suas conversas.

Estavam certos os visitantes. A moléstia aviava-se. Heleno passara a ouvir vozes e, em agosto de 1958, seu antes belo perfil desapareceu por completo. Flácido, pernas que pesavam, perdera a dicção perfeita – apenas balbuciava, e com dificuldade, poucas palavras. Voz débil, olhos empapuçados, dedos inchados, dopado, Heleno vivia diariamente um roteiro de sonâmbulo.<sup>1</sup>

No dia 8 de setembro, a tristeza de Heraldo era visível:

Abrace o Heleno em meu nome, se é que ele ainda se lembra de mim.

Nas dependências da casa de saúde, Heleno tornara-se agressivo, xingava as pessoas à toa. Um dos enfermeiros contaria que, num acesso de demência, chegou a botar quatro cigarros acesos na boca e dois nas narinas. Passou a rasgar as próprias roupas e volta e meia andava nu pela casa. Parte dessa repugnante fase foi contada por Hermont a Heraldo, em mensagem escrita no dia 27 de outubro:

Temos a informar-lhe que seu mano, fisicamente, encontra-se em ótimas condições, sempre forte e sadio. Mentalmente, infelizmente, passa por uma má fase, não dá sossego às roupas, rasga-as e vive com pedaços de pano na boca. Temos exercido a máxima vigilância para tirar-lhe esta mania. Vamos novamente submetê-lo a mais um tratamento intensivo.

Nos primeiros dias de novembro, Heraldo retrucou que sentia muito por “não poder fazer mais qualquer coisa por Heleno”. Mas podia sim – vide a carta recebida no fim do mês –, embora apenas no plano material:

Quanto ao nosso amigo Heleno, já demos início ao tratamento pelo Benzetacil em doses de 2.400.000 unidades por ampola. Esperamos que os resultados sejam satisfatórios e que ele esqueça a mania de rasgar e comer roupas.

Estes dias tem estado mais calmo, embora a vigilância continue intensiva.

Fisicamente, seu estado permanece bom, forte e sadio, graças a Deus. Continua a se alimentar bem e dorme regularmente.

Quando o prezado amigo tiver oportunidade, nos envie umas roupas para uso do Heleno. Sem luxo, mas que sejam fortes.

Em 19 de dezembro, Hermont assinava outra mensagem:

Felizmente, nosso Heleno, com o tratamento que lhe vem sendo aplicado novamente, voltou a estar mais quieto e menos rasgador, embora a vigilância tenha sido intensa.

De seu estado de saúde física, continua em ótimas condições, sempre forte e sadio.

A respeito de roupas para ele, seria conveniente que o amigo nos mandasse apenas pijamas, camisas e cuecas, porém de fazenda forte, que resistam mais aos seus embates.

Caro Heraldo, com os novos preços de cigarros e de outras utilidades, pedimos aumentar a cota de extraordinários, que atualmente fica mais ou menos CR\$ 500 mensais. O débito atual é de CR\$ 697.

Heraldo enviou, no dia 3 de janeiro de 1959, um cheque 3.697 cruzeiros para a clínica. Dois mil e quinhentos cruzeiros referentes ao tratamento, os quinhentos cruzeiros dos gastos extras e os 697 cruzeiros que abatiam o débito com a casa. Enviou também nova carta:

Espero que Heleno tenha tido alguma melhora e esteja mais calmo. Ando amolado em não ter podido ir aí, mas, francamente, acho muito ruim vê-lo nesse estado em que se encontra.

No mês seguinte, um discurso parecido:

A minha visita ao mano está ficando no tinteiro, mas com as notícias que me tem mandado, creio que o melhor é mesmo não ir aí.

No quarto dia de março, Hermont replicou:

Quanto ao estado de saúde física de nosso amigo, apesar dos pesares, é boa, continua forte, embora ligeiramente emagrecido. Alimenta-se muito bem e dorme regularmente.

De seu estado mental, felizmente, notam-se ligeiras melhoras, após o surto de exacerbação que vinha apresentando.

Melhorou de sujar e rasgar as roupas.

Continuamos com o tratamento intensivo pelo Benzetacil, de 2.400.000 unidades por ampola.

Na semana seguinte, Heraldo informava os médicos:

Tem uma turma de amigos dele querendo fazer-lhe uma homenagem aqui em São João. Trata-se de um busto dele, para ser posto num dos recantos da cidade. Eu não estou de acordo, pois, no final, a imprensa irá se fartar novamente. Caso procurem ouvir sua opinião e falem em trazê-lo aqui, você dirá o que for certo, naturalmente, contanto que não traga situações difíceis para os outros.

Em 18 de março, Heraldo abria nova carta em seu escritório. Era de José Tollendal:

Caro amigo Heraldo, não tendo há muito o prazer de lhe escrever, envio-lhe, primeiramente, o meu abraço e recomendações para sua excelentíssima senhora.

Nosso amigo Heleno passou por uma fase um tanto crítica, com exacerbação dos sintomas degenerativos e o devido reflexo em seu estado geral. Conseguimos com o laboratório Fontoura 14.400.000 U de penicilina que lhe estão sendo aplicadas, já se fazendo notar o efeito.

Quanto à sua consulta a respeito da homenagem que desejam prestar ao Heleno, como seus médicos e, sobretudo, amigos, achamos desaconselhável sua presença. Não só a exploração sensacionalista da imprensa, mas também a comparação de seus conterrâneos entre o que foi Heleno e o que é hoje, acarretarão, na certa, situações tristes e constrangedoras. Para não parecer oposição sua, deixe que a comissão venha saber nossa opinião, que esclareceremos, diplomaticamente, o desaconselhável de sua presença.

O diretor da clínica não tardou a receber nova postagem:

Creio que o pessoal desistiu da ideia do busto ao mano. Ficamos livres de mais essa, felizmente.

No dia 16 de abril de 1959, Hermont do Nascimento informava novamente ao irmão do paciente:

Caro Heraldo, quanto ao estado de nosso amigo, nenhuma alteração a registrar.

Vamos pelejando com medicamentos e mais medicamentos para conseguirmos, se Deus quiser, estabilizar seu estado de saúde mental, que infelizmente tem nos dado dores de cabeça, pois o Heleno está uma verdadeira criança nas suas atitudes e procedimentos.

Em junho de 1959, o médico relatou o novo estágio da doença:

Heraldo, felizmente você não tem tido tempo para vir visitar o Heleno, e o aconselhamos, até avisamos, a não fazê-lo, pois o estado mental do nosso Heleno, infelizmente, não é bom. Ele passa por uma crise das muitas que tem tido. Atualmente, está passando por uma fase em que perde completamente o senso de higiene, pois faz suas necessidades na roupa, na cama etc. Diariamente, de cinco a seis vezes temos necessidade de trocar-lhe os pijamas. Poucos minutos depois já se encontra todo sujo.

A doença marchava em ritmo acelerado. Depois de não reconhecer Oscar numa visita, noutra, em julho, ignorou tanto seu sobrinho Heraldo de Freitas Filho como também Vera Maria. Sua irmã não acreditou no Heleno que viu:

– Ele estava um verme, com a pele toda enrugada, cabelos inteiramente brancos e desalinhados caindo sobre a testa. Só tinha um dente e ficava mostrando a língua para a gente.

O encontro terminou de forma deprimente: não contendo a diarreia, Heleno foi levado pelos enfermeiros. Dias depois, Heraldo escrevia aos médicos. Carta de 5 de agosto de 1959:

Estivemos aí em visita ao Heleno e sinceramente fiquei impressionado com o estado em que ele se encontra. Não calculei que tivesse caído tanto e isso me chocou muito. ... Em vista do mano não ter reconhecido a irmã e o sobrinho, como já não havia reconhecido o irmão, ficamos pouco tempo com ele.

Era flagrante a perda da afetividade de Heleno, uma das consequências da doença. Por mais que se esfuziasse ao ver Heraldo, queria apenas saber o que o irmão houvera trazido para ele. Só lhe interessavam os presentes, não as presenças.

Por sinal, Heraldo, Heralzinho e Vera Maria foram as últimas visitas que Heleno recebeu em vida. Desde então, perdeu em definitivo o contato com o mundo exterior.

Heleno não via nem sabia de nada do que acontecia no mundo. Não imaginava que os Golden Boys emplacavam o rock "Wake Up Little Suzie", enquanto Frank Sinatra e Eddie Hodges protagonizavam *Um homem à venda* nos cinemas. A ameaça da Guerra Fria estava no ar, com uma batalha espacial sendo travada entre Estados Unidos e União Soviética. A juventude transviava com James Dean e Elvis Presley; motocicletas roncavam na orla e cabeças de negro explodiam nos bailes. Garotas vestiam calça comprida e o jeans tomava conta das ruas. O polêmico atacante Almir Pernambuquinho aprontava suas primeiras confusões no futebol, defendendo as cores do Vasco. Já a seleção retornara da Suécia com o título da Copa do Mundo e dois mitos consagrados: Pelé e Garrincha. Jair Rosa Pinto,

veterano do Santos; João Saldanha, treinador do Botafogo. Maria Esther Bueno brilhava em Wimbledon. Sacha Rubin abriu a boate Sacha's, no Leme; os cigarros ganhavam filtro; Jorge Amado lançava *Gabriela, cravo e canela*; Ibrahim Sued chegava ao *O Globo*, e *O Cruzeiro* alcançava a marca de 800 mil cópias vendidas – não apenas no Brasil. As principais TVs do país eram Tupi, Rio e Continental. A Tupi já transmitia, ao vivo, os desfiles das escolas de samba, ainda realizados na avenida Rio Branco. Tônia Carrero, em *Entre quatro paredes*, vivia a personagem Estelle, enquanto Gianfrancesco Guarnieri dirigia, no teatro de Arena, *Eles não usam black-tie*. A vida noturna de Copacabana ganhara a boate Pigalle, na qual seria apreciado o primeiro striptease do bairro. Chico Anysio era o astro do humorismo da Rádio Mayrink Veiga, e *Os sete gatinhos*, de Nelson Rodrigues, para variar, escandalizava a sociedade. E se as preferências sexuais de Rock Hudson frustraram seu público feminino no Baile do Municipal, Marlene Dietrich encantou os cariocas no Golden Room do Copacabana Palace, onde, havia pouco, se hospedaram Louis Armstrong, Ginger Rogers e Ava Gardner. Com Juscelino Kubitschek prometendo cinquenta anos em cinco, o luxuoso Simca Chambord, embora em menor quantidade que o Fusca, proliferava nas avenidas. *Twist* nos salões; João Gilberto a apresentar a bossa nova. Somente os “cafajestes” continuavam os mesmos. Algumas novidades, porém: Sérgio Porto cativava com “As Certinhas do Lalau”; Jorginho Guinle relançava seu livro *Jazz panorama*, pela editora Agir; e Carlinhos Niemeyer, após algumas produções em documentários com Jean Manzon, abria sua própria produtora, dando à luz o “Canal 100”. Ah, na época ainda foi inaugurada a ponte aérea Rio-São Paulo.

Já Heleno, este jazia vivo. Permanecia a maior parte dos dias deitado, fazendo apenas um ou outro gesto com a mão, quase sempre para pedir cigarro. O enfermeiro, então, colocava-o em sua boca e ficava segurando. Caso contrário, Heleno fatalmente o deixaria cair, incendiando a cama.

Em 20 de agosto de 1959, Hermont contava para Heraldo as novas. Que não eram boas:

Senti não estar aqui quando da sua visita, calculo quanto sofreu ao ver o Heleno.

Nenhuma alteração temos a registrar quanto ao estado de nosso amigo. Infelizmente, continua infantil, como você viu.

Heraldo, uma coisa garantimos a você. Tudo que tem sido possível fazer, temos feito, como médicos e como amigos, dispensando-lhe nossos cuidados e carinhos, e assim continuaremos. Fique descansado, que nada faltará ao Heleno.

No começo de setembro, seu esfacelamento físico se aliou à demência. Heleno sofreu um violento emagrecimento e a atrofia dos músculos.<sup>2</sup> Ficou desfigurado. No dia 29, Tollendal tocava a real para a família Freitas:

Aproveitando a oportunidade, quero lhe fazer um relato sobre a atual situação do Heleno.

Na parte mental, é como você viu por ocasião de sua estada aqui com sua irmã: pouco perceptivo, sem iniciativa, verdadeiramente atoleimado.

Seu estado físico nestes últimos dias nos tem preocupado. Acentuou o emagrecimento, a função digestiva já não se faz regularmente, e embora esteja se alimentando bem, não assimila, evacuando os alimentos indigestos em forma diarreica. Ao se combater a diarreia, inibindo a evacuação rápida do intestino, tem sobrevivendo a edemas, ora nas pernas, ora nas partes genitais. Com isto, está se instalando um estado carencial e não temos esperança de impedir a chegada do estado caquético.

Comunicando a você esta situação, pedimos-lhe que se encarregue de preparar o espírito dos seus para o que se espera de pior.

Esse "estado caquético" é o último e derradeiro estágio da enfermidade. É chamado também de estado terminal. Nele, a doença galopa sem freios. Há febre, diminuição abrupta e instantânea do peso, crises epiléticas, quase nenhuma coordenação motora, diarreia profusa, suores e notável insuficiência cardíaca. Numa extrema magreza, o doente se mostra profundamente deprimido, mal articulando as palavras, desmemoriado, a urinar e evacuar sem sentir. Impossibilitado por completo de andar, precisa de alguém a levar-lhe comida à boca. Fosse pouco, o indivíduo tem plena consciência de que está apodrecendo aos poucos.

Depois da trágica notícia, coube a Heraldo remeter, desolado: Prezado José, recebi sua carta dando notícias do Heleno. Agradeço-lhe a franqueza com que me esclareceu, e estou comunicando aos outros irmãos. Não repare o laconismo, mas estou deveras amolado e não gosto mesmo de lembrar seu fim próximo.

Aliás, pressenti isso quando aí estive e não me enganei com o lastimável estado em que ele se encontra. Peço-lhe pôr-me ciente de qualquer anormalidade que surja, pois estarei

sempre de sobreaviso.

Em seus últimos dias, Heleno esteve mudo e afásico. Tudo era melancolia, silêncio, tristeza. Agonizava. Suas unhas tornavam-se roxas, em sinal preventivo de que a morte se aproximava. A linguagem do olhar, a mais sincera das linguagens, por seu estado profundo e humano, revelava sua dor, sendo todos ao seu lado impotentes para reanimá-lo.

Na manhã de 8 de novembro de 1959, um domingo como os tantos em que Heleno encantou grandes plateias, o enfermeiro Cúrcio foi levar-lhe o café da manhã e o encontrou morto. Após quatro anos, dez meses e 25 dias de tratamento, os médicos constataram o óbito, aos 39 anos, por paralisia geral progressiva.

Os despojos de Heleno foram de início velados na capela da Casa de Saúde São Sebastião – que fechou as portas em outubro de 1995 para dar lugar a um hotel homônimo. Recebendo ali os últimos sacramentos, seu corpo foi encomendado pelo vigário de Barbacena.

Mesmo sendo Barbacena considerada a “Cidade das Flores”, Vera Maria não conseguiu comprar no município um molho para o irmão. Mais enfadonho que, quando o carro com seu cadáver iniciou viagem a São João Nepomuceno, onde seria enterrado, um colossal dilúvio veio à tona. Foram três horas de muita água e lama. O féretro caiu num atoleiro e passou a noite parado na sombria estrada, num lugar próximo a Água Limpa.

A notícia da morte de Heleno de Freitas varou São João Nepomuceno desde as seis horas da tarde daquele domingo. Uma placa afixada pelo jornal *Voz de São João* tomou o povo mineiro de grande consternação. Quando seu corpo chegou à localidade, por volta das nove e meia da manhã da segunda-feira, uma multidão o acompanhou até a casa de Heraldo, onde ficou exposto à visita pública. A romaria durou até as três da tarde, quando, em meio às lágrimas fraternais dos parentes, seu ataúde foi fechado para a derradeira caminhada.

O comércio, que funcionou pela manhã à meia-porta, fechou para acompanhar o enterro. O ginásio São João Nepomuceno

suspendeu as aulas da parte da tarde, com as crianças improvisando um desfile escolar em homenagem ao ex-jogador. Automóveis traziam gente de todos os cantos do país. Coberto com o pavilhão rubro do Mangureira FC e inúmeros ramalhetes de flores naturais, o caixão foi conduzido à mão até o cemitério – que ficou pequeno para tanta gente. Por cima, três lindas coroas, uma da família, outra do Mangureira e a última, do Botafogo de Futebol e Regatas. As alças foram disputadas pelo povo, que desejava se despedir do ídolo. Mais ou menos trinta minutos de caminhada, com a cidade inteira emocionada.

As diretorias dos três clubes locais juntaram as mãos no cemitério, assim como os representantes do Democráticos e do Trombeteiros de Momo. A família Freitas recebeu cartões, cartas, telegramas e ofícios de todo o Brasil a demonstrar nobres sentimentos pelo falecimento de Heleno. O estado de Minas Gerais, por intermédio de seu governador Bias Fortes, também se manifestou.

A CBD oficiou votos de pesar à família Freitas e ao Botafogo. No Rio, seu time de coração tomou luto por três dias. Apesar disso, revoltou os conterrâneos de Heleno. Como estampou a *Voz de São João*, no dia 15 de novembro de 1959:

Causou péssima impressão em nosso meio a ausência, nos funerais de Heleno, de qualquer representante da CBD, do Botafogo de Futebol e Regatas, da Federação Metropolitana de Futebol e de sequer um dos companheiros do defensor da camisa do Botafogo e do nome do Brasil esportivo nos campos sul-americanos.

A própria imprensa carioca, não fosse a presença do jornalista Ângelo Gomes, do *Jornal dos Sports*, que fez toda a cobertura do enterro e demais homenagens ao grande Heleno, estaria incapacitada de noticiar aquele fato, pois os grandes diários cariocas não se animaram a mandar até nós seus redatores especializados. E o único pronunciamento do clube querido de Heleno, o Botafogo, foi um telegrama enviado por seu presidente ao prefeito municipal de nossa cidade.

O Botafogo até enviaria dois associados para assistirem ao funeral. Mas, segundo o clube, Brandão Filho e Canor Simões Coelho não conseguiriam chegar a tempo à cidade, por não haver campo de aviação próximo. Os dirigentes, então, telegrafaram ao prefeito de São João Nepomuceno dando os pêsames à localidade e oferecendo-

se a custear o enterro. Pela alma do jogador, seria rezada no Rio uma missa de sétimo dia.<sup>3</sup>

No cemitério de São João, Heleno conheceu a paz que nunca encontrara entre as quatro linhas de um campo de futebol. Debaixo de sol forte – as mulheres cobriam a cabeça com lenço e os homens, com guarda-chuvas – o filho ilustre da cidade foi enterrado em jazigo perpétuo, o mesmo que sepultava seu pai. Em sessão realizada à noite, a câmara municipal dedicou bom tempo à memória do falecido; o vereador Geraldo Côrtes apresentou requerimento para que se fizesse uma placa de mármore para o túmulo; e coube ao Mangureira a honra de fazer as placas para a rua Heleno de Freitas, aprovada por decreto pelo prefeito Nagib Camillo Ayupe.

A missa de sétimo dia, dos parentes, foi celebrada na igreja da Matriz superlotada. Também a organizada pelo Botafogo, no Rio de Janeiro – cidade que vivia seus últimos cinco meses como capital federal –, fez transbordar a igrejinha de Nossa Senhora de Copacabana.

Estimava-se que Heleno teria levantado ao longo da carreira, até 1951, mais de 5 milhões de cruzeiros. Porém, numa entrevista concedida ao *Jornal dos Sports*, no dia seguinte a seu único jogo pelo América, o centroavante revelou que o dinheiro havia sumido. Como?

– O gato comeu! – respondeu Heleno. – Em compensação, o que levo desta vida não se compra nem com um bilhão!

No entanto, a coisa mais importante na vida de um pai – seu filho – Heleno não levou. Mesmo assim, foi, sem o saber, o centroavante predileto do time de botão de Luiz Eduardo, entre seus nove e dez anos. O menino narrava seus gols com entusiasmo e tom apaixonado, embora nem soubesse que era seu filho. Normal, afinal Heleno era titular do time de qualquer garoto na época, pois era o mais romântico e carismático atacante surgido até então.

Quando se casou pela segunda vez, Ilma sepultou o nome Heleno de sua casa, mas naquele dia 8 de novembro de 1959

aproximou-se do garoto e explicou pausadamente, calma e tranquila:

– Luiz, seu pai esteve muito doente e faleceu.

Nada mais disse. Perdera o pai e, em vez de ficar desesperado, o menino continuou brincando com os amigos, distante e inconsciente da relevância do fato. Como a mãe sempre o cercara de todos os bens materiais, ele nunca soube, em dez anos e três meses de vida, para que servia um pai, qual a importância de um pai, como é o amor e o carinho de um pai. Nem do restante da família. Na missa de sétimo dia, no Rio, o filho de Heleno, ao abraçar os Freitas, se sentiu um estranho no ninho.

Hoje, Luiz Eduardo de Freitas acredita na autodestruição consciente e planejada de Heleno. Dele herdou nada além de dois álbuns de couro com cerca de trezentas fotos suas desde os tempos do juvenil do Fluminense. Para sua tristeza, nenhuma do pai com ele. Apenas aos catorze anos Luiz Eduardo começou a rastrear detalhes da vida de Heleno.

Mesmo morando em Petrópolis, o menino estudava num colégio tradicional em Botafogo. Para protegê-lo, Ilma, de propósito, o inscreveu onde, dentre as atividades esportivas, não havia a prática de futebol. Uma maneira de preservá-lo, certa de que, no futuro, se ele jogasse, o cobriariam bastante por ser filho de quem era.

Numa das “viagens” que fazia do lar à escola, Luiz Eduardo soube do fim trágico do pai.

– Eu tinha a mania de perguntar às pessoas para que time torciam. Se encontrasse algum botafoguense, perguntava se por acaso sabia quem fora Heleno de Freitas. A resposta, quando afirmativa, vinha sempre acompanhada de emocionados elogios ao craque – conta o filho do mito.

Um dia, ao entrar num táxi, repetiu o esquema. O motorista era botafoguense, mas, em vez de elogios, transmitiu ao guri uma baita e aterradora revelação:

– Sei quem foi Heleno, garoto. Um cracaço que morreu louco no hospício...

– Levei um choque. Foi quando comecei a descobrir quem era meu pai – recorda-se Luiz Eduardo.

Hoje, aos 62 anos, Luiz Eduardo de Freitas mora no Leblon e é corretor de imóveis. Já sua mãe, como Heleno, teve fim triste. Ilma morreu em 1977, aos 49 anos, após oito de sofrimento com uma incurável doença na medula.

Quis o destino que a própria Rita Hayworth, a quem Heleno tantas vezes e por diversos estádios foi igualado, também fosse atingida por tragédia pessoal. “Gilda” morreu em 1987, aos 69 anos, da doença de Alzheimer, e sem saber, como o craque brasileiro a quem emprestara um apelido, de nada do que acontecia no mundo.

Caminhando pela orla de Copacabana em busca de novos talentos, com moral por suas conquistas à frente dos juvenis alvinegros, bicampeões da cidade sob o seu comando, o velho Neném Prancha, emocionado, carregou na carteira, até a morte, uma foto do Heleno adolescente, com o uniforme do Posto 4, a qual exibia com orgulho a todos. O treinador, um dos primeiros a “descobri-lo”, sentia bastante a sua falta:

– Era um bom garoto. Nas peladas de praia, um exemplo de disciplina. Não gostava de perder, mesmo em jogo de brincadeira. Foi a fama demais que estragou o menino Heleno, que, mesmo crescido e cheio de glórias, nunca deixou de ser um meninão.<sup>4</sup>

Vargas Neto sintetizou:

– Quem iria adivinhar que naquele corpo esbelto e ágil de bailarino e de atleta havia um mal recôndito e fatal?<sup>5</sup>

O ministro João Lyra Filho também se pronunciou:

– A causa que o levou à morte resgatou todos os seus pecados. Mesmo antes de morrer, Heleno redimiou-se em regime de purificação. A ciência consolou-nos com a prova de que as distorções porventura marcadas em sua índole não derivavam de insuficiência de caráter.<sup>6</sup>

Afirmava o romano Cícero – a quem um dia Heleno foi comparado – que “o tempo derruba as ilusões da opinião, mas estabelece as decisões da natureza”. O atacante foi a maior vítima

das muitas e pitorescas fantasias criadas em torno do futebol. E também do atraso e da ignorância de sua época. João Saldanha acreditava que Heleno foi gradativamente consumido pela sífilis por jamais ter admitido que precisava tomar as dolorosas injeções de bismuto, o único tratamento possível naqueles idos.<sup>7</sup>

Apesar das rugas, o botafoguense Saldanha morreu, em julho de 1990, com boas lembranças da juventude vivida ao lado de Heleno. Assim como os também alvinegros Neném Prancha, falecido em 1976, Carlito Rocha e Geninho, que se foram no começo dos anos 1980, e até seu ex-companheiro Carvalho Leite, maior perda de julho de 2004.

Hoje Heleno de Freitas, que para o jornalista Teixeira Heizer foi “o Nyjinski dos palcos futebolísticos”,<sup>8</sup> numa comparação ao mitológico dançarino russo, dentre inúmeras homenagens, está imortalizado em telas de Rubens Gerchman e charges de Mendez e Otelo. Personagem de peças de teatro e filmes, objeto de biografias, em 1981 os moradores de São João Nepomuceno lhe deram um busto e duas placas de bronze em dois grandes blocos de pedra, que enfeitam a praça Barão do Rio Branco. Considerado por Geraldo Romualdo da Silva o “Pelé grã-fino de sua época”, Heleno é até hoje o quarto maior artilheiro botafoguense de todos os tempos, com 204 gols marcados em 234 jogos. Ao deixar o clube, estava atrás apenas de Carvalho Leite. Nas décadas de 1950 e 1960, foi ultrapassado por Quarentinha e Garrincha. O primeiro, jogando quase 450 jogos; o segundo, participando de 612 exhibições.

Ilustres admiradores, não só brasileiros como de todo o mundo, como Gabriel García Márquez, Eduardo Galeano, Luiz Carlos Barreto, João Máximo, Mariozinho de Oliveira, Yeso Amalfi e Nilton Santos, entre outros, trazem ainda viva na memória ao menos uma recordação – boa ou má – de Heleno de Freitas. Otávio, falecido recentemente, sempre que caminhava em direção à praia de Copacabana, ao passar pela porta do antigo prédio de Heleno, na Conselheiro Lafayette, sentia uma dor no coração. A dor da saudade.

Armando Nogueira, apaixonado por Heleno, “a personalidade mais dramática que conheci nos estádios deste mundo”, escreveu

um de seus mais belos textos, "Anjo e demônio", num dos aniversários da morte do craque. O artigo termina desta forma e, com a devida permissão, também o livro:

Heleno de Freitas, o craque das mais belas expressões corporais que conheci nos estádios, morreu, sem gestos, de paralisia progressiva, e descansa, hoje, no cemitério de São João Nepomuceno, onde nasceu um dia para jogar a própria vida num *match* sem intervalo entre a glória e a desgraça.<sup>9</sup>

Caderno de fotos





**Acima, Heleno no começo de sua trajetória no Botafogo, em 1940, ao lado de Carvalho Leite (à sua esquerda). Ao lado,**

**aos treze anos, no famoso time de praia de Neném Prancha, no Posto 4 de Copacabana.**



**Com o uniforme do Fluminense, Heleno (à direita), em 1936, pouco antes de defender o time, num jogo nas Laranjeiras. Abaixo, aos vinte anos, em seus primeiros passos como titular do Botafogo. Heleno está no centro.**







**À esquerda, Heleno, alucinado, comemora um gol da sua equipe no polêmico "Jogo do Gilda". Acima, em ação,**

**observado por Geninho. À direita, expulso em jogo contra o América, é conduzido para fora de campo por um membro da polícia de Getúlio Vargas.**



**Acima, todo o elenco do Botafogo, em 1941, um ano antes da fusão entre os clubes de regatas e de futebol. Heleno é o quinto, de pé. Abaixo, apenas os titulares do escrete de General Severiano, em 1945. Heleno, o grande astro, posa com a bola às mãos.**







**Acima, o perfil de Heleno, homem cobiçado pelas mulheres e venerado pelos homens. À esquerda, assistido por um jovial**

**João Saldanha, então dirigente do Botafogo, Heleno, com terno impecável, assina o primeiro contrato profissional com o clube, que lhe renderia seu primeiro carro importado. À direita, o grupo alvinegro que excursionou ao México e aos EUA, em 1941 (acima); e Heleno batendo bola com pequenos fãs ao lado da sede do Botafogo.**







**À esquerda, sentado numa cadeira de vime na varanda do casarão de General Severiano, Heleno mais parecia dirigente do clube, tal a sua elegância. Acima, após um jogo da seleção brasileira, Heleno é abraçado por seu técnico – e futuro desafeto – Flávio Costa (ao seu lado, de bigode).**





**Traços da elegância de Heleno. Fosse tragando um cigarro ao arrumar o armário, ou com gomalina a fixar-lhe os lisos cabelos, óculos escuros e ternos de casimira inglesa, Heleno ditava moda no Rio de seu tempo.**

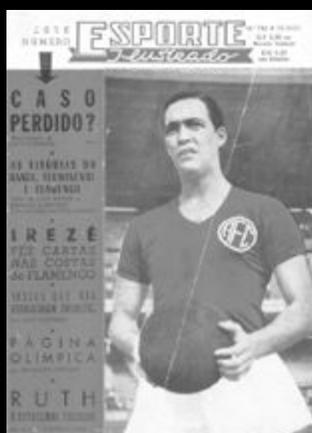


**Na praia de Copacabana, um de seus habitats prediletos, Heleno, no auge da forma, faz pose como autêntico modelo, batendo bola ou segurando uma boia salva-vidas.**





Fosse pelo Botafogo, América ou Vasco, Heleno de Freitas foi um dos mais clicados atletas de seu tempo. Aqui, edições da revista *Esporte Ilustrado* entre 1940 e 1951. Qualquer editor sabia: bastava colocá-lo na capa para a publicação quebrar recordes de venda.







**Na página anterior, Heleno em ação com a camisa do América no Maracanã: tarde melancólica no templo do futebol. Nesta página e na seguinte, três registros da fugaz mas brilhante passagem de Heleno pela seleção brasileira. Acima, como porta-bandeira, demonstração de sua importância para o grupo. Ao lado, com o elenco vice-campeão do Sul-Americano de 1945 (acima), e já consagrado internacionalmente, no vestiário após a vitória por 1 a 0 sobre o Chile, gol dele.**





**Acima, comandando a seleção carioca, entre Zizinho (à sua esquerda) e Ademir Menezes. À esquerda, pose do mítico ataque formado por (da direita para a esquerda)**

**Tesourinha, Zizinho, ele, Jair Rosa Pinto e Ademir na seleção brasileira. Abaixo, cumprimentando Otávio e Geninho no vestiário do Maracanã. À direita, ele e Leônidas da Silva, o Diamante Negro, num treino da seleção nacional, em 1946.**





**Em ação pela seleção carioca, durante a conquista do Campeonato Brasileiro de 1944, vencido depois de uma eletrizante final contra o combinado paulista.**



**Acima, com o uniforme do Vasco, clube pelo qual conquistou, em 1949, seu único título carioca, e de forma invicta. Abaixo e ao lado, pelo América, já fora de forma, treinando (à direita) e no jogo que marcou, ao mesmo tempo, sua estreia no Maracanã e sua despedida do futebol profissional, em 1951.**



**No casamento com Ilma Lisboa, seus padrinhos do Clube dos Cafajestes, todos de fraque: (da esquerda para a direita) Capitão Edu, Ermelino Matarazzo, Raimundo Magalhães, Mariozinho de Oliveira, Carlos Peixoto e Francisco Albano Guise.**



**Acima, vestida de Dior, a noiva é abençoada no matrimônio que parou Copacabana, em julho de 1948. Ao lado, Heleno recebe os cumprimentos de Carlito Rocha, presidente do Botafogo, na saída da igreja São Paulo Apóstolo.**





**Ao lado, a nova estrela do Boca Juniors desembarca de sobretudo em Buenos Aires, ao lado da esposa. Acima, impecavelmente vestido, ao lado de outros jogadores e alguns fãs. Abaixo, já viciado em gastar dinheiro, Heleno mostra a um amigo uma de suas coleções de notas.**





**Em dezembro de 1946, Heleno de Freitas formou-se bacharel em Ciências Jurídicas pela Faculdade Nacional de Niterói. Chamado de doutor inclusive na Argentina e na Colômbia, Heleno, entretanto, jamais exerceria a advocacia.**



**Ao lado, decadente e em processo de degradação física, Heleno sorri em São João Nepomuceno, pouco antes de ser internado no sanatório. Abaixo, a romaria fúnebre momentos antes de seu enterro, na sua terra natal.**



**Já em avançado processo de loucura, Heleno de Freitas faz visita surpresa ao time do Botafogo, no início dos anos 50.**



**Cenas de Heleno, gordo e irreconhecível, em novembro de 1955, se esforçando para jogar bola com atletas do Olympic, time de Barbacena, numa das breves saídas do manicômio.**



## Sumário de jogos e gols

### BOTAFOGO DE FUTEBOL E REGATAS

#### 1939

---

21/12 BOTAFOGO 1 × 5 San Lorenzo (ARG)

**1 JOGO; 0 gols**

---

#### 1940

---

17/03 BOTAFOGO 7 × 0 A N.A.

28/04 BOTAFOGO 2 × 0 São Cristóvão (2)

05/05 BOTAFOGO 2 × 3 Flamengo

16/05 BOTAFOGO 2 × 1 América

19/05 BOTAFOGO 1 × 1 Madureira

26/05 BOTAFOGO 2 × 0 Bonsucesso

09/06 BOTAFOGO 3 × 3 Fluminense (1)

16/06 BOTAFOGO 0 × 3 Vasco

11/08 BOTAFOGO 2 × 3 Bonsucesso

18/08 BOTAFOGO 4 × 3 Madureira (1)

01/09 BOTAFOGO 2 × 3 Flamengo

11/09 BOTAFOGO 4 × 4 Palestra Itália-SP

10/11 BOTAFOGO 4 × 2 Madureira

15/11 BOTAFOGO 5 × 2 São Paulo-SP

24/11 BOTAFOGO 1 × 1 Flamengo (1)

01/12 BOTAFOGO 1 × 3 Fluminense

15/12 BOTAFOGO 2 × 1 América

22/12 BOTAFOGO 4 × 2 Bangu

**18 JOGOS; 5 gols**

---

## 1941

---

09/02 BOTAFOGO 1 × 1 Estudiantes (ARG)  
22/02 BOTAFOGO 3 × 2 Jalisco (MEX)  
02/03 BOTAFOGO 2 × 0 Seleção do Mé × ico  
09/03 BOTAFOGO 3 × 1 Atlanta (MEX)  
16/03 BOTAFOGO 5 × 3 Espanha-Astúrias (MEX) (1)  
23/03 BOTAFOGO 1 × 3 Seleção de Nova York (EUA)  
04/05 BOTAFOGO 4 × 5 Bangu  
13/07 BOTAFOGO 4 × 2 Madureira (2)  
20/07 BOTAFOGO 2 × 1 Bonsucesso (1)  
27/07 BOTAFOGO 4 × 1 América (1)  
03/08 BOTAFOGO 3 × 2 Fluminense (1)  
10/08 BOTAFOGO 1 × 1 Vasco (1)  
17/08 BOTAFOGO 6 × 2 São Cristóvão  
24/08 BOTAFOGO 1 × 1 Flamengo  
31/08 BOTAFOGO 3 × 6 Canto do Rio (2)  
10/09 BOTAFOGO 1 × 4 América  
21/09 BOTAFOGO 5 × 1 Bangu (1)  
28/09 BOTAFOGO 2 × 1 Flamengo  
11/05 BOTAFOGO 4 × 3 Madureira  
18/05 BOTAFOGO 5 × 1 Bonsucesso  
25/05 BOTAFOGO 5 × 3 América (1)  
01/06 BOTAFOGO 2 × 3 Fluminense (1)  
08/06 BOTAFOGO 3 × 5 Vasco  
15/06 BOTAFOGO 8 × 1 São Cristóvão (5)  
22/06 BOTAFOGO 3 × 1 Flamengo  
29/06 BOTAFOGO 3 × 1 Canto do Rio  
06/07 BOTAFOGO 5 × 3 Bangu (1)  
05/10 BOTAFOGO 3 × 2 Madureira (1)  
12/10 BOTAFOGO 0 × 2 Fluminense  
15/10 BOTAFOGO 2 × 1 Bonsucesso  
02/11 BOTAFOGO 3 × 2 Flamengo (2)

09/11 BOTAFOGO 5 × 4 Madureira (3)  
16/11 BOTAFOGO 1 × 2 Fluminense (1)  
23/11 BOTAFOGO 2 × 2 Vasco  
07/12 BOTAFOGO 8 × 4 América-MG (3)  
21/12 BOTAFOGO 1 × 5 São Cristóvão (1)  
26/12 BOTAFOGO 2 × 2 Canto do Rio (1)

**37 JOGOS; 30 gols**

---

## **1942**

---

04/01 BOTAFOGO 5 × 1 Botafogo-BA (2)  
08/01 BOTAFOGO 4 × 4 Vitória-BA (1)  
11/01 BOTAFOGO 5 × 1 Galícia-BA (2)  
15/01 BOTAFOGO 3 × 1 E.C. Bahia-BA  
18/01 BOTAFOGO 1 × 1 Ipiranga-BA  
25/01 BOTAFOGO 1 × 2 S.C. Bahia-BA  
05/04 BOTAFOGO 5 × 2 Madureira (3)  
12/04 BOTAFOGO 1 × 1 Flamengo (1)  
26/04 BOTAFOGO 6 × 0 Bonsucesso (3)  
03/05 BOTAFOGO 5 × 2 Bangu (1)  
10/05 BOTAFOGO 5 × 1 São Cristóvão (4)  
17/05 BOTAFOGO 1 × 1 Fluminense  
24/05 BOTAFOGO 3 × 0 Canto do Rio (1)  
31/05 BOTAFOGO 2 × 1 América  
07/06 BOTAFOGO 3 × 3 Vasco  
14/06 BOTAFOGO 3 × 2 Madureira  
21/06 BOTAFOGO 2 × 2 Flamengo (1)  
28/06 BOTAFOGO 6 × 3 Bonsucesso (1)  
05/07 BOTAFOGO 3 × 0 Bangu (1)  
12/07 BOTAFOGO 4 × 3 São Cristóvão (2)  
19/07 BOTAFOGO 2 × 1 Fluminense (1)  
26/07 BOTAFOGO 0 × 0 Canto do Rio  
02/08 BOTAFOGO 2 × 2 América

16/08 BOTAFOGO 3 × 1 Madureira  
23/08 BOTAFOGO 0 × 4 Flamengo  
13/09 BOTAFOGO 3 × 3 São Cristóvão (2)  
20/09 BOTAFOGO 1 × 1 Fluminense (1)  
27/09 BOTAFOGO 6 × 0 Canto do Rio (3)  
04/10 BOTAFOGO 4 × 0 América (2)  
11/10 BOTAFOGO 4 × 2 Vasco  
04/12 BOTAFOGO 3 × 2 Palmeiras-SP (1)  
07/12 BOTAFOGO 3 × 3 São Paulo-SP (1)

**32 JOGOS; 34 gols**

---

## **1943**

---

03/02 BOTAFOGO 3 × 2 Atlético-MG (2)  
07/02 BOTAFOGO 1 × 3 Atlético-MG  
14/03 BOTAFOGO 1 × 2 Vasco (1)  
16/03 BOTAFOGO 3 × 0 Fluminense (1)  
19/03 BOTAFOGO 1 × 4 Flamengo  
09/05 BOTAFOGO 5 × 2 São Cristóvão (2)  
16/05 BOTAFOGO 9 × 2 Bonsucesso (3)  
22/05 BOTAFOGO 2 × 0 Vasco (1)  
30/05 BOTAFOGO 3 × 1 Bangu (1)  
06/06 BOTAFOGO 5 × 1 Madureira (2)  
13/06 BOTAFOGO 4 × 0 Canto do Rio  
20/06 BOTAFOGO 1 × 4 Flamengo  
27/06 BOTAFOGO 0 × 3 América  
04/07 BOTAFOGO 0 × 1 Fluminense  
24/03 BOTAFOGO 3 × 3 América  
11/04 BOTAFOGO 3 × 4 Canto do Rio  
18/04 BOTAFOGO 2 × 2 Flamengo  
25/04 BOTAFOGO 3 × 3 América  
02/05 BOTAFOGO 2 × 3 Fluminense (2)  
04/07 BOTAFOGO 2 × 3 São Cristóvão

24/07 BOTAFOGO 1 × 4 Vasco  
01/08 BOTAFOGO 4 × 3 Bangu (2)  
08/08 BOTAFOGO 2 × 1 Madureira  
15/08 BOTAFOGO 4 × 3 Canto do Rio (3)  
22/08 BOTAFOGO 2 × 4 Flamengo (2)  
29/08 BOTAFOGO 2 × 4 América (1)  
04/09 BOTAFOGO 3 × 5 Fluminense (1)  
12/09 BOTAFOGO 1 × 4 São Cristóvão

**28 JOGOS; 24 gols**

---

## **1944**

---

08/03 BOTAFOGO 6 × 2 Flamengo (2)  
15/03 BOTAFOGO 0 × 3 Vasco  
18/03 BOTAFOGO 2 × 0 Fluminense  
22/03 BOTAFOGO 3 × 3 América (2)  
02/04 BOTAFOGO 5 × 1 Bonsucesso (2)  
09/04 BOTAFOGO 4 × 2 Flamengo (3)  
16/04 BOTAFOGO 6 × 0 Bangu (2)  
29/04 BOTAFOGO 2 × 4 Fluminense (1)  
10/06 BOTAFOGO 0 × 2 Vasco  
18/06 BOTAFOGO 3 × 3 São Cristóvão (2)  
02/07 BOTAFOGO 3 × 0 Bonsucesso  
09/07 BOTAFOGO 1 × 4 Flamengo  
16/07 BOTAFOGO 3 × 2 Bangu (1)  
22/07 BOTAFOGO 0 × 1 Fluminense  
30/07 BOTAFOGO 2 × 1 Madureira  
06/08 BOTAFOGO 1 × 5 Canto do Rio (1)  
13/08 BOTAFOGO 2 × 1 Vasco  
20/08 BOTAFOGO 1 × 0 São Cristóvão (1)  
27/08 BOTAFOGO 1 × 1 América  
03/09 BOTAFOGO 3 × 0 Bonsucesso (2)  
10/09 BOTAFOGO 5 × 2 Flamengo (2)

17/09 BOTAFOGO 3 × 1 Bangu (1)  
24/09 BOTAFOGO 1 × 1 Fluminense  
01/10 BOTAFOGO 5 × 1 Madureira (1)  
08/10 BOTAFOGO 3 × 0 Canto do Rio  
14/10 BOTAFOGO 0 × 1 Vasco  
22/10 BOTAFOGO 1 × 0 São Cristóvão (1)  
28/10 BOTAFOGO 3 × 0 América

**28 JOGOS; 24 gols**

---

## **1945**

---

13/05 BOTAFOGO 3 × 2 Madureira (1)  
27/05 BOTAFOGO 8 × 1 Bangu (4)  
03/06 BOTAFOGO 3 × 5 Vasco (1)  
10/06 BOTAFOGO 2 × 0 São Cristóvão (1)  
17/06 BOTAFOGO 2 × 2 América (1)  
23/06 BOTAFOGO 0 × 2 Flamengo  
01/07 BOTAFOGO 1 × 1 Cruzeiro-MG (1)  
04/07 BOTAFOGO 1 × 1 Cruzeiro-MG  
08/07 BOTAFOGO 6 × 0 Bonsucesso (1)  
23/09 BOTAFOGO 0 × 1 Bonsucesso  
30/09 BOTAFOGO 6 × 0 Canto do Rio (2)  
07/10 BOTAFOGO 1 × 0 Fluminense  
14/10 BOTAFOGO 2 × 2 Vasco  
21/10 BOTAFOGO 2 × 0 Madureira  
15/07 BOTAFOGO 4 × 2 Canto do Rio (1)  
22/07 BOTAFOGO 1 × 1 Fluminense (1)  
29/07 BOTAFOGO 3 × 0 Madureira (1)  
01/08 BOTAFOGO 2 × 2 Palmeiras-SP  
12/08 BOTAFOGO 0 × 1 Vasco  
19/08 BOTAFOGO 6 × 1 Bangu (5)  
26/08 BOTAFOGO 3 × 1 Flamengo  
09/09 BOTAFOGO 1 × 0 São Cristóvão (1)

16/09 BOTAFOGO 2 × 1 América  
28/10 BOTAFOGO 2 × 0 Flamengo  
04/11 BOTAFOGO 3 × 0 Bangu (1)  
11/11 BOTAFOGO 0 × 0 São Cristóvão  
18/11 BOTAFOGO 1 × 4 América

**27 JOGOS; 22 gols**

---

## **1946**

---

27/03 BOTAFOGO 1 × 2 Palmeiras-SP  
30/03 BOTAFOGO 1 × 1 Fluminense  
07/04 BOTAFOGO 4 × 3 Vitória-BA (2)  
10/04 BOTAFOGO 5 × 1 Botafogo-BA (4)  
13/04 BOTAFOGO 1 × 0 E.C. Bahia-BA  
30/04 BOTAFOGO 1 × 5 Corinthians-SP  
05/05 BOTAFOGO 5 × 0 Madureira (3)  
12/05 BOTAFOGO 1 × 2 Fluminense  
19/05 BOTAFOGO 12 × 0 Canto do Rio (6)  
02/06 BOTAFOGO 6 × 4 Flamengo (4)  
07/07 BOTAFOGO 0 × 3 Vasco  
14/07 BOTAFOGO 1 × 0 Bonsucesso (1)  
28/07 BOTAFOGO 3 × 2 Fluminense (1)  
04/08 BOTAFOGO 2 × 0 Canto do Rio (2)  
11/08 BOTAFOGO 7 × 1 Bangu (3)  
18/08 BOTAFOGO 2 × 2 Flamengo (1)  
25/08 BOTAFOGO 2 × 2 São Cristóvão  
01/09 BOTAFOGO 0 × 3 América  
08/09 BOTAFOGO 1 × 1 Vasco  
14/09 BOTAFOGO 10 × 0 Bonsucesso (2)  
18/09 BOTAFOGO 6 × 2 Esporte Clube-MG (1)  
22/09 BOTAFOGO 7 × 1 Madureira (3)  
29/09 BOTAFOGO 4 × 2 Fluminense  
05/10 BOTAFOGO 6 × 1 Canto do Rio (2)

13/10 BOTAFOGO 3 × 1 Bangu  
26/10 BOTAFOGO 2 × 3 Flamengo  
10/11 BOTAFOGO 3 × 1 América (1)  
15/11 BOTAFOGO 1 × 0 América (1)  
23/11 BOTAFOGO 1 × 0 Flamengo  
30/11 BOTAFOGO 1 × 3 Fluminense (1)  
07/12 BOTAFOGO 2 × 0 América (2)  
13/12 BOTAFOGO 2 × 1 Flamengo (2)  
22/12 BOTAFOGO 0 × 1 Fluminense

**33 JOGOS; 42 gols**

---

## **1947**

---

26/01 BOTAFOGO 3 × 0 Cruzeiro-MG  
29/01 BOTAFOGO 2 × 3 Atlético-MG (1)  
08/02 BOTAFOGO 2 × 3 Atlético-PR (2)  
12/02 BOTAFOGO 1 × 1 Coritiba-PR  
13/04 BOTAFOGO 6 × 0 Bangu  
10/05 BOTAFOGO 4 × 0 Canto do Rio  
18/05 BOTAFOGO 0 × 1 Flamengo  
31/05 BOTAFOGO 4 × 0 Vasco (2)  
07/06 BOTAFOGO 4 × 1 Madureira (1)  
15/06 BOTAFOGO 4 × 6 Fluminense  
01/11 BOTAFOGO 2 × 3 Olaria  
23/11 BOTAFOGO 4 × 2 Flamengo (1)  
30/11 BOTAFOGO 3 × 3 Atlético-MG (1)  
24/08 BOTAFOGO 4 × 1 São Cristóvão (2)  
30/08 BOTAFOGO 4 × 0 Canto do Rio (2)  
07/09 BOTAFOGO 2 × 2 Flamengo  
10/09 BOTAFOGO 3 × 3 Atlético-MG (2)  
21/09 BOTAFOGO 0 × 2 Vasco  
28/09 BOTAFOGO 2 × 1 Fluminense  
05/10 BOTAFOGO 1 × 1 Madureira

12/10 BOTAFOGO 3 × 2 América (3)  
19/10 BOTAFOGO 2 × 0 Bangu  
26/10 BOTAFOGO 6 × 1 Bonsucesso  
07/12 BOTAFOGO 1 × 1 Vasco  
14/12 BOTAFOGO 2 × 2 Fluminense (1)  
21/12 BOTAFOGO 3 × 2 Madureira (1)

**26 JOGOS; 19 gols**

---

### **1948**

---

20/05 BOTAFOGO 3 × 1 Southampton (ING) (1)  
23/05 BOTAFOGO 3 × 1 Madureira (1)  
26/05 BOTAFOGO 4 × 2 Canto do Rio (2)  
29/05 BOTAFOGO 0 × 0 Atlético-PR

**4 JOGOS; 4 gols**

**TOTAL BOTAFOGO : 234 jogos; 204 gols**

### **CLUB ATLETICO BOCA JUNIORS**

---

### **1948**

---

06/06 BOCA JUNIORS 3 × 0 Banfield (2)  
13/06 BOCA JUNIORS 1 × 1 San Lorenzo  
20/06 BOCA JUNIORS 0 × 1 Newell's Old Boys  
27/06 BOCA JUNIORS 4 × 1 Estudiantes  
18/07 BOCA JUNIORS 4 × 1 Tigre  
25/07 BOCA JUNIORS 1 × 0 Vélez Sarsfield  
01/08 BOCA JUNIORS 1 × 2 River Plate  
08/08 BOCA JUNIORS 3 × 1 Lanús (1)  
15/08 BOCA JUNIORS 1 × 0 Racing  
22/08 BOCA JUNIORS 1 × 1 Huracán  
18/10 BOCA JUNIORS 3 × 2 Banfield (1)  
24/10 BOCA JUNIORS 0 × 1 San Lorenzo

31/10 BOCA JUNIORS 1 × 1 Newell's Old Boys  
21/11 BOCA JUNIORS 1 × 1 Tigre (1)  
28/11 BOCA JUNIORS 3 × 2 Vélez Sarsfield (1)  
08/12 BOCA JUNIORS 1 × 1 River Plate  
12/12 BOCA JUNIORS 3 × 3 Lanús (1)

**TOTAL BOCA JUNIORS: 17 jogos; 7 gols**

## **CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA**

### **1949**

---

25/05 VASCO 1 × 0 Arsenal (ING)  
29/05 VASCO 7 × 3 Uberlândia-MG (2)  
01/06 VASCO 1 × 2 São Paulo-SP  
09/06 VASCO 5 × 0 Rapid Viena (AUS) (3)  
16/06 VASCO 3 × 0 América-PE (2)  
12/06 VASCO 6 × 1 Fortaleza-CE  
19/06 VASCO 2 × 1 Santa Cruz-PE  
03/07 VASCO 11 × 0 São Cristóvão (2)  
10/07 VASCO 2 × 1 Bonsucesso  
17/07 VASCO 2 × 2 Bangu (1)  
31/07 VASCO 6 × 0 Canto do Rio (2)  
27/11 VASCO 4 × 2 Vitória-ES  
11/12 VASCO 2 × 1 Botafogo  
07/09 VASCO 3 × 0 Tupi-MG  
25/09 VASCO 4 × 1 São Cristóvão (1)  
02/10 VASCO 8 × 1 Bonsucesso (2)  
09/10 VASCO 4 × 2 Bangu (1)  
12/10 VASCO 3 × 1 Seleção de Livramento RS (2)  
16/10 VASCO 3 × 2 Pelotas-RS  
23/10 VASCO 4 × 0 Canto do Rio (1)  
30/10 VASCO 2 × 0 Fluminense  
06/11 VASCO 4 × 2 América  
13/11 VASCO 2 × 1 Flamengo

18/12 VASCO 1 × 1 Renner-RS

**TOTAL VASCO DA GAMA: 24 jogos; 19 gols**

## AMÉRICA FUTEBOL CLUBE

**1951**

---

04/11 AMÉRICA 1 × 3 São Cristóvão

**TOTAL AMÉRICA: 1 jogo; 0 gol**

## SELEÇÃO BRASILEIRA

**1944**

---

17/05 BRASIL 4 × 0 Uruguai (1)

**1 JOGO; 1 gol**

---

**1945**

---

21/01 BRASIL 3 × 0 Colômbia (1)

07/02 BRASIL 3 × 0 Uruguai (2)

14/02 BRASIL 1 × 3 Argentina (1)

21/02 BRASIL 9 × 2 Equador (2)

28/02 BRASIL 1 × 0 Chile (1)

20/12 BRASIL 6 × 2 Argentina (1)

23/12 BRASIL 3 × 1 Argentina (1)

**7 JOGOS; 9 gols**

---

**1946**

---

05/01 BRASIL 3 × 4 Uruguai

09/01 BRASIL 1 × 1 Uruguai

16/01 BRASIL 3 × 0 Bolívia (2)

23/01 BRASIL 4 × 3 Uruguai (1)

29/01 BRASIL 1 × 1 Paraguai

03/02 BRASIL 5 × 1 Chile  
10/02 BRASIL 0 × 2 Argentina

**7 JOGOS; 3 gols**

---

### **1947**

29/03 BRASIL 0 × 0 Uruguai  
01/04 BRASIL 3 × 2 Uruguai (1)

**2 JOGOS; 1 gol**

---

### **1948**

04/04 BRASIL 1 × 1 Uruguai

**1 JOGO; 0 gol**

**TOTAL SELEÇÃO BRASILEIRA: 18 jogos; 14 gols**

## **SELEÇÃO CARIOCA**

---

### **1944**

05/11 RIO DE JANEIRO 0 × 1 Flamengo  
19/11 RIO DE JANEIRO 4 × 0 Minas Gerais (1)  
26/11 RIO DE JANEIRO 2 × 1 Minas Gerais  
06/12 RIO DE JANEIRO 3 × 1 São Paulo (2)  
10/12 RIO DE JANEIRO 3 × 4 São Paulo (1)  
18/12 RIO DE JANEIRO 3 × 1 São Paulo

**6 JOGOS; 4 gols**

---

### **1947\***

09/03 RIO DE JANEIRO 2 × 5 São Paulo (1)  
12/03 RIO DE JANEIRO 3 × 2 São Paulo  
16/03 RIO DE JANEIRO 4 × 1 São Paulo

**3 JOGOS; 1 gol**

**TOTAL SELEÇÃO CARIOCA: 9 jogos; 5 gols**

**COMBINADO DE BRASILEIROS**

---

**1942**

---

09/09 Comb. brasileiros 3 × 1 Comb. Estrangeiros

**TOTAL COMBINADO DE BRASILEIROS:  
1 jogo; 0 gol**

**TOTAL CARREIRA\*\* : 304 JOGOS; 249 GOLS**

---

\* Válido pelo Campeonato Brasileiro de 1946.

\*\* Sem contar a Liga Pirata, por insuficiência de dados confiáveis.

# Notas

## 1. Gilda!, 1947 (p.9-12)

1. *O Globo Sportivo*, 03/10/1947.

## 2. Rebelde sem causa, 1920-1933 (p.13-21)

1. Segundo Ema Zágari, a rua era chamada assim por haver a firma Lincoln & Cia., cujo sócio majoritário, Lincoln de Freitas, respondia pelo apelido de Seu Totó.
2. Marcos de Castro, *Gigantes do futebol brasileiro*, Lidador, 1965.
3. *Half* era o jogador que integrava a linha média, normalmente desempenhando as funções de lateral.
4. *Jornal dos Sports*, série "Os monstros sagrados", 1983.
5. Marcus Tullius Cícero, advogado e orador romano, contemporâneo do imperador Júlio César (110-40 a.C.).

## 3. Cidade maravilhosa, 1933-1935 (p.22-30)

1. Sobrinho do ex-presidente Epitácio Pessoa, o paraibano João Pessoa negara-se, em 1929, a apoiar a candidatura situacionista de Júlio Prestes à presidência. O coronel José Pereira, que estava do lado de Prestes, iniciou uma revolta contra o governo da Paraíba, apoiado pelo Estado. Ao mesmo tempo, ganhava força a proposta de deposição de Washington Luís por meio de um movimento armado. Por volta dessa época, João Pessoa foi assassinado por João Dantas – aliado de José Pereira – em uma confeitaria no Recife, morte que provocou comoção no país. O clima contribuiu para que os preparativos revolucionários se acelerassem, resultando na deposição do presidente e na ascensão de Getúlio ao poder.
2. Máximo, João. *João Saldanha*. Relume Dumará, 1996.
3. Rangel, Carlos. *O homem que sonhou com a Copa do Mundo*. O Cruzeiro, 1970.
4. Porto, Sérgio. *A casa demolida*. Edautor, 1963.

## 4. Gênio indomável, 1935-1937 (p.31-40)

1. A cisão dividiu o futebol carioca, entre 1933 e 1936, em duas ligas distintas: uma para amadores, outra para profissionais. O Botafogo jogava amadoristicamente na Amea – Associação Metropolitana de Esportes Atléticos –, que, em 1935, passou a se chamar Federação Metropolitana de Desportos.
2. O trem que inaugurou a primeira rodovia asfaltada que ligava o Rio de Janeiro a São Paulo tinha o nome de Cruzeiro do Sul. Alguns chamavam o expresso, a forma mais confortável e rápida de transporte entre as capitais, de "trem dos senadores", já que era muito usado por políticos e autoridades. Porém, outras pessoas viajavam nos luxuosos

vagões: desde casais em núpcias até personalidades, como o cantor Francisco Alves e o ator Procópio Ferreira.

3. *O Cruzeiro*, 1970.

5. Dançando nas nuvens, 1938-1939 (p.41-7)

1. Belmiro Valverde chefiou uma tentativa de golpe em que centenas de integralistas foram presos em diversos estados. O plano, que fracassou, abrangia ataques ao Palácio Guanabara, residência de Vargas, e às casas de Eurico Gaspar Dutra e de outros generais, além de repartições públicas e estações de rádio.

2. *Jornal do Brasil*, 24 mar 1996.

6. A explosão do gênio, 1940 (p.48-56)

1. Nogueira, Armando. *Na grande área*. Bloch, 1966.

2. Rangel, Carlos. *O homem que sonhou com a Copa do Mundo*. O Cruzeiro, 1970.

3. Assaf, Roberto e Clóvis Martins. *Campeonato carioca: 96 anos de história, 1902-1997*. Irradiação Cultural, 1997.

7. Sangue novo, 1941 (p.57-69)

1. Rangel, Carlos. *O homem que sonhou com a Copa do Mundo*. O Cruzeiro, 1970.

2. Russo trabalharia como supervisor de Saldanha na seleção brasileira de 1969.

3. Adaptado a partir das informações da coluna de João Saldanha, no *Jornal do Brasil*, em 16 fev 1980.

4. Assaf, Roberto e Clóvis Martins. *Campeonato carioca: 96 anos de história, 1902-1997*. Irradiação Cultural, 1997.

5. Castro, Alceu Mendes de Oliveira. *O futebol no Botafogo: 1904-1950*. Milone, 1951.

6. Idem.

8. Entre tapas e beijos, 1942 (p.70-81)

1. "Os três patetas" nada mais era que um trio de atores norte-americanos que fazia bastante sucesso na época. Nada havia de pejorativo no termo.

2. Filho, Mário. *O sapo de Arubinha*. Companhia das Letras, 1994.

3. Máximo, João. *João Saldanha*. Relume Dumará, 1996.

4. Idem.

5. Rangel, Carlos. *O homem que sonhou com a Copa do Mundo*. O Cruzeiro, 1970.

6. Souza, Kleber Mazziere de. *Divino: a vida e a arte de Ademir da Guia*. Gryphus, 2001.

9. Um ano às avessas, 1943 (p.82-91)

1. Castro, Alceu Mendes de Oliveira. *O futebol no Botafogo: 1904-1950*. Milone, 1951.

2. "Depoimento de Domingos da Guia", in *Futebol é arte*. MIS Editorial, 2002.

3. Filho, Mário. *O sapo de Arubinha*. Companhia das Letras, 1994.
  4. Galeano, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. L&PM, 1995.
  5. Castro, Alceu Mendes de Oliveira. Op.cit.
  6. Rangel, Carlos. *O homem que sonhou com a Copa do Mundo*. O Cruzeiro, 1970.
- 
10. Às armas, cidadãos!, 1944 (p.92-100)
    1. Castro, Alceu Mendes de Oliveira. *O futebol no Botafogo: 1904-1950*. Milone, 1951.
- 
11. O "Diamante Branco", 1945 (p.101-12)
    1. "Depoimento Zizinho", in *Futebol é arte*. MIS Editorial, 2002.
    2. Com a guerra, o Palestra Itália de Minas Gerais passou a se chamar Cruzeiro; o de São Paulo, Palmeiras.
    3. Guerrilheiros, membros da resistência italiana.
- 
12. O "Clube dos Cafajestes", 1945 (p.113-26)
    1. *O Globo*, 8 nov 1979.
    2. Chamou-se 18 do Forte o movimento de oposição de jovens tenentes à candidatura de Artur Bernardes à presidência da República, que levou à sublevação do forte de Copacabana, no dia 5 de julho de 1922, no Rio. Bombardeado por navios de guerra, o forte rendeu-se no dia seguinte, mas um grupo de oficiais recusou-se a capitular e saiu de peito aberto para a praia de Copacabana ao encontro das tropas legalistas. Apenas dois – Siqueira Campos e Eduardo Gomes – sobreviveram aos tiros.
    3. Nogueira, Armando. *Na grande área*. Bloch, 1966.
    4. A Copa Roca era um torneio disputado exclusivamente pelas seleções brasileira e argentina. A Copa Rio Branco, por sua vez, trazia o duelo Brasil × Uruguai.
- 
14. Dupla personalidade, 1946 (p.139-50)
    1. *Mundo Esportivo*, 25 ago 1950.
    2. *O Globo Sportivo*, 27 set 1946.
    3. Tovar substituiu Geninho com sobras, quando o titular viajou à Itália para servir à pátria. Habilidade e criativo, mesmo amador, acabou pré-relacionado por Flávio Costa para o Sul-Americano de 1945.
    4. Castro, Alceu Mendes de Oliveira. *O futebol no Botafogo: 1904-1950*. Milone, 1951.
- 
15. Um astro de Hollywood, 1947 (p.151-62)
    1. *O Globo Sportivo*, 14 mar 1947.
    2. *O Globo*, 8 nov 1979.
    3. Igrejas, Yonne e Fredímio Biasotto Trotta. *"Cafajeste", com muita honra!* Editora Trotta, 2003.

4. Centroavante revelação do Canto do Rio.

5. *O Globo Sportivo*, 20 jun 1947.

6. *O Globo Sportivo*, 25 jul 1947.

16. A estrela solitária, 1948 (p.163-73)

1. Castro, Alceu Mendes de Oliveira. *O futebol no Botafogo: 1904-1950*. Milone, 1951.

17. Buenos Aires conquistada, 1948 (p.174-80)

1. *O Globo Sportivo*, 18 jun 1948.

2. *El Gráfico*, jun 1948.

18. Ovelha negra, 1948 (p.181-90)

1. *O Globo*, set 1976.

2. Castro, Marcos de. *Gigantes do futebol brasileiro*. Lidador, 1965.

19. O "Expresso da Vitória", 1949 (p.191-8)

1. Percurso montanhoso de aproximadamente cinco quilômetros, as Paineiras se localizam no Parque Florestal da Tijuca.

20. Enfim, campeão carioca, 1949 (p.199-206)

1. *Jornal dos Sports*, 21 jun 1949.

2. *Jornal dos Sports*, ago 1949.

3. Depoimentos dados a Roberto Porto.

4. Colina se deve ao fato de o clube ser localizado num morro denominado Barreira do Vasco. Por isso, o clube é tratado carinhosamente pelos torcedores como o "Gigante da Colina".

5. *Jornal do Brasil*, 24 mar 1996.

21. À beira de um ataque de nervos, 1950 (p.207-18)

1. *Jornal dos Sports*, 10 mar 1950.

2. *O Globo*, set 1976.

3. Márquez, Gabriel García. *Textos do Caribe*. Record, 1981.

4. *O Globo*, 8 nov 1979.

5. Perdigão, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. L&PM, 1986.

22. O vírus Heleno, 1951 (p.219-25)

1. O jogo Vasco da Gama e América, finalíssima do Carioca de 1950, vencido pelo primeiro por 2 × 1, foi disputado em 28 de janeiro de 1951.
2. *O Globo Sportivo*, mai 1951.

23. O embuste, 1951 (p.226-34)

1. Anos antes de governar o estado de Minas Gerais, o político e engenheiro Israel Pinheiro foi um dos braços direitos de Juscelino Kubitschek, supervisionando, inclusive, a construção de Brasília.
2. Baseado em informações do livro *A ginga e o jogo*, Armando Nogueira, Objetiva, 2003.
3. *O Mundo Esportivo*, 19 out 1951.

24. O médico e o monstro, 1951 (p.235-42)

1. Rangel, Carlos. *O homem que sonhou com a Copa do Mundo*. O Cruzeiro, 1970.
2. *Jornal dos Sports*, 6 nov 1951.

25. Sombras da loucura, 1951-1954 (p.243-52)

1. Marcos de Castro, *Gigantes do futebol brasileiro*, Lidador, 1965.
2. Souto, Sérgio Monteiro. *Os três tempos do jogo*. Gratia, 2000.
3. Rangel, Carlos. *O homem que sonhou com a Copa do Mundo*. O Cruzeiro, 1970.
4. *Jornal do Brasil*, reportagem de Teodomiro Braga, 4 jun 1996.
5. Idem.

26. Nada além de uma ilusão, 1954-1956 (p.253-71)

1. *Jornal do Brasil*, reportagem de Teodomiro Braga, 4 jun 1996.
2. Todas as cartas do prontuário 220 foram xerocadas e cedidas gentilmente por Teodomiro Braga, para ilustrar esta biografia, e se em algumas constam palavras escritas em maiúsculas ou expressões sublinhadas, é porque assim foram escritas.
3. José Tollendal e Hermont do Nascimento também eram dirigentes do Olímpic.
4. Entre outros títulos, Henrique de Brito Belford Roxo foi professor catedrático da clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, diretor do Instituto de Neuropatologia da Assistência a Alienados e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Neurologia.
5. O Flamengo tinha ido a Minas Gerais jogar um amistoso contra o Uberaba, vencendo por 3 × 1.
6. *Jornal do Brasil*, reportagem de Teodomiro Braga, 4 jun 1996.
7. Idem.
8. Idem.
9. Jack Dempsey foi um boxeador norte-americano, campeão mundial da categoria peso-pesado em 1919.
10. Marcos de Castro, *Gigantes do futebol brasileiro*, Lidador, 1965.

11. *Jornal do Brasil*, op.cit.
12. *O Globo*, 8 nov 1979.
13. *O Globo*, 9 abr 1995.

27. Vida depois da morte, 1956-1959 (p.272-92)

1. Rangel, Carlos. *O homem que sonhou com a Copa do Mundo*. O Cruzeiro, 1970.
2. *Jornal do Brasil*, reportagem de Teodomiro Braga, 4 jun 1996.
3. *O Globo*, 10 nov 1959.
4. *O Cruzeiro*, 25 nov 1959.
5. *Jornal dos Sports*, 10 nov 1959.
6. *Jornal dos Sports*, 27 mar 1989.
7. *Jornal dos Sports*, 23 fev 1987.
8. *Em Cena Cultura e Turismo São João Nepomuceno*, 15 ago 2001.
9. *Jornal do Brasil*, coluna "Na grande área", 11 nov 1970.

# Bibliografia

## Livros

- ALTMAN, Fábio (org.). *A arte da entrevista: uma antologia de 1823 aos nossos dias*. São Paulo, Scritta, 1995.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.
- ASSAF, Roberto. *Banho de bola: os técnicos, as táticas e as estratégias que fizeram história no futebol*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.
- ASSAF, Roberto e Clóvis Martins. *Almanaque do Flamengo*. São Paulo, Abril, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Campeonato Carioca: 96 anos de história, 1902-1997*. Rio de Janeiro, Irradiação Cultural, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Flamengo x Vasco: o clássico dos milhões*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1999.
- BERGER, Eneida e Paulo. *História dos subúrbios: Copacabana*. Rio de Janeiro, Departamento de História e Documentação da Prefeitura do Distrito Federal, 1959.
- BOECHAT, Ricardo. *Copacabana Palace: um hotel e sua história*. São Paulo, DBA, 2ª ed., 1998.
- CALAZANS, Fernando. *O nosso futebol*. Rio de Janeiro, Mauad, 1998.
- CARDOSO, Elisabeth Dezouart, Lílian Fessler Vaz, Maria Paula Albernaz, Mário Aizen e Roberto Moses Pechman. *Copacabana – história dos bairros: memória urbana*. Rio de Janeiro, João Fortes Engenharia/Editora Index, 1986.
- CARVALHO, João Antero de. *Torcedores de ontem e de hoje*. Rio de Janeiro, Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1968.
- CARVALHO, Ney Oscar Ribeiro. *Botafogo, o glorioso: uma história em preto e branco*. Rio de Janeiro, Gráfica Jornal do Brasil, 1996.

- CASTRO, Alceu Mendes de Oliveira. *O futebol no Botafogo: 1904-1950*. Rio de Janeiro, Milone, 1951.
- CASTRO, Kleber de. *Futebol brasileiro: o gigante a despertar*. Rio de Janeiro, Revan, 1994.
- CASTRO, Marcos de e João Máximo. *Gigantes do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Lidador, 1965.
- CASTRO, Ruy. *Anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo, Companhia das Letras, 10ª ed., 1992.
- \_\_\_\_\_. *Carnaval no fogo: crônica de uma cidade excitante demais*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo, Companhia das Letras, 4ª ed., 1995.
- CHINEM, Rivaldo. *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*. Série Princípios. São Paulo, Ática, 1995.
- CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.
- CUNHA, Loris Baena. *A verdadeira história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Publicitária, Comunicação e Marketing, s.d.
- DIAS, José. *Futebol de craques e dos cartolas pernas de pau*. Rio de Janeiro, Mauad, 2000.
- DUARTE, Marcelo. *Guia dos craques*. São Paulo, Abril, 2000.
- ENDERS, Armelle. *A história do Rio de Janeiro*. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro, Gryphus, 2002.
- FALCÃO, Antônio Leite. *Um sonho em carne e osso: os foras de série do futebol brasileiro*. Recife, Bagaço, 2002.
- FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo, Edusp e Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Prefácio de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro, Pongetti, 1947.
- \_\_\_\_\_. *O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*. Organização e seleção Ruy Castro. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- FONTAN, Alain. *Brésil: foot-folie, foot-magie*. Paris, Dolar, 1998.

- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre, L&PM, 1995.
- GONÇALVES, José Mauro. "*Café-Society*": *confidencial*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1956.
- GUINLE, Jorge. *Jazz panorama*. Rio de Janeiro, José Olympio, 3ª ed., 2002.
- GUTEMBERG, Luiz. *Moisés: codinome, Ulysses Guimarães: uma biografia*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- HAASE FILHO, Pedro (coord.). *Brasil nas Copas*. Porto Alegre, Zero Hora Publicações, 2002.
- HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente!: futebol, a maestria brasileira de um legado britânico*. Rio de Janeiro, Gryphus, 1998.
- HELAL, Ronaldo. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- HENNINGSEN, Hans. *Os melhores jogadores sul-americanos do século XX (dicionário)*. Rio de Janeiro, Lidador, 2002.
- HOLANDA, Nestor de. *Memórias do Café Nice*. Rio de Janeiro, Conquista, 1969.
- IGREJAS, Yonne; Trotta, Fredímio Biasotto. "*Cafajeste*", *com muita honra!: biografia autorizada de Mário Saladini*. Rio de Janeiro, Editora Trotta, 2003.
- KLEIN, Marco Aurélio. *Futebol brasileiro: 1894-2001*. São Paulo, Escala, 2001.
- LANDAU, Iosif. *Memória tumultuada*. Rio de Janeiro, Papel Virtual, 2002.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. *Textos do Caribe*. Tradução de Joel Silveira. Rio de Janeiro, Record, 1981.
- MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- MAURÍCIO, Ivan (sel. e org.). *90 minutos de sabedoria: a filosofia do futebol em frases inesquecíveis*. Rio de Janeiro, Garamond, 3ª ed., 2002.
- MÁXIMO, João. *João Saldanha: sobre nuvens de fantasia*. Rio de Janeiro, Relume Dumará/Prefeitura, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Maracanã: meio século de paixão*. São Paulo, DBA, 2000.

- MAZZONI, Tomaz. *Almanaque esportivo: 1947-48*. São Paulo, Sem Rival, 1948.
- \_\_\_\_\_. *História do futebol no Brasil: 1894-1950*. São Paulo, Leia, 1950.
- MENDES, Luiz. *7 mil horas de futebol*. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1999.
- MERCIO, Roberto. *A história dos campeonatos cariocas de futebol*. Rio de Janeiro, Studio Alfa, 1985.
- MIGUERES, Marcelo e Celso Unzelte. *Grandes clubes brasileiros*. Rio de Janeiro, Senai, 2003.
- MORAES, Mario de. *Futebol é arte: depoimentos de Domingos da Guia, Zizinho e Pelé*. Rio de Janeiro, MIS Editorial, 2002.
- MORAIS, Fernando. *Chatô: O rei do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- MOREYRA, Sandro. *Histórias de Sandro Moreyra*. Rio de Janeiro, Editora JB, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Histórias do futebol*. Rio de Janeiro, Coleção O Dia Livros, 1998.
- MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998.
- MOUTINHO, Maria Rita e Másvola Teixeira Valença. *A moda no século XX*. Rio de Janeiro, Senac, 2000.
- MUYLAERT, Roberto. *Barbosa: um gol faz cinquenta anos*. São Paulo, RMC, 2000.
- MURAD, Mauricio. *Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro, Irradiação Cultural, 1996.
- NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *Botafogo: história, conquistas e glórias no futebol*. Rio de Janeiro, Mauad, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Fluminense Football Club: história, conquistas e glórias no futebol*. Rio de Janeiro, Mauad, 2003.
- NASCENTES, Antenor. *Efemérides cariocas*. Rio de Janeiro, Vida, 1965.
- NOGUEIRA, Armando. *A ginga e o jogo*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Bola na rede*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Na grande área*. Rio de Janeiro, Bloch, 1966.

- \_\_\_\_\_. *O voo das gazelas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991.
- NOGUEIRA, Renato Sérgio Maia. *Dupla exposição: Stanislaw Sérgio Ponte Porto Preta*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2ª ed., 1999.
- OLIVEIRA, José Teixeira de. *Dicionário brasileiro de datas históricas*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950.
- PEIXOTO, Mario, Carlos Eduardo Barata, Claudia Braga Gaspar e Marilúcia Abreu. *Villa Ipanema*. Rio de Janeiro, Novo Quadro, 1994.
- PAES BARRETO, Carlos Xavier. *A cidade do Rio de Janeiro e suas dúvidas*. Rio de Janeiro, Editora Aurora, 1959.
- PEDROSA, Milton. *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Gol, 1967.
- PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre, L&PM, 1986.
- PINTO, Edson. *O futebol no jogo da verdade: Flávio Costa/Edson Pinto*. Rio de Janeiro, Cape, 1996.
- PORTO, Roberto. *Didi: treino é treino, jogo é jogo*. Rio de Janeiro, Relume Dumará/Prefeitura, 2001.
- PORTO, Sérgio. *A casa demolida*. Rio de Janeiro, Edautor, 1963.
- PROENÇA, Ivan. *João Saldanha & Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro, Educação e Comunicação Editora, 1976.
- RANGEL, Carlos. *O homem que sonhou com a copa do mundo: réquiem para um goleador atormentado*. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1970.
- REGO, José Lins do. *Flamengo é puro amor: 111 crônicas escolhidas*. Seleção, introdução, atualização ortográfica e notas de Marcos de Castro. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002. Renaut, Delso. *O dia a dia no Rio de Janeiro segundo os jornais*. Rio de Janeiro, Record, 1997.
- RIBEIRO, André. *Diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro, Gryphus, 1999.
- RODRIGUES, Marly. *A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. São Paulo, Ática, 3ª ed., 1996.
- ROXO, Henrique de Brito Belford. *Manual de Psiquiatria*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1921.

- RUFINO, Joel. *História do Brasil*. São Paulo, FTD, 1986.
- SALDANHA, João. *Histórias do futebol*. Rio de Janeiro, Revan, 7ª ed., 2001.
- \_\_\_\_\_. *Meus amigos*. Rio de Janeiro, Nova Mitavaí, 1987.
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958: o ano que não devia terminar*. Rio de Janeiro, Record, 4ª ed., 1998.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- SANTOS, Nilton. *Minha bola, minha vida*. Rio de Janeiro, Gryphus, 1998.
- SECRETARIA DO ESTADO DE ESPORTE E LAZER. *Zizinho: o mestre Ziza*. Rio de Janeiro, Edições do Maracanã, 1985.
- SÉRGIO, Renato. *Maracanã: 50 anos de glória*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2000.
- SOTER, Ivan. *Enciclopédia da seleção: as seleções brasileiras de futebol. 1914-2002*. Rio de Janeiro, Folha Seca, 2002.
- SOUTO, Sérgio Monteiro. *Os três tempos do jogo: anonimato, fama e ostracismo no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Grafia, 2000.
- SOUZA, Jair de. *Futebol-arte: a cultura e o jeito brasileiro de jogar; Jair de Souza, Sérgio Sá Leitão e Lucia Rito*. São Paulo, Empresa das Artes, 1998.
- SOUZA, Kleber Mazziero de. *Divino: a vida e a arte de Ademir da Guia*. Rio de Janeiro, Gryphus, 2001.
- SUSSEKIND, Hélio Carlos. *Futebol em dois tempos*. Rio de Janeiro, Relume Dumará/Prefeitura, 1996.
- TORERO, José Roberto. *Dicionário santista: Santos de A a Z, mas sem X*. São Paulo, DBA, 2001.
- UNZELTE, Celso Dario. *Almanaque do Timão*. São Paulo, Abril, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O livro de ouro do futebol*. São Paulo, Ediouro, 2002.
- VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- ZAMORA, Pedro. *A hora e a vez de João Saldanha*. Rio de Janeiro, Editora Gol, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Assim falou Neném Prancha*. Rio de Janeiro, Crítica, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Tim: o estrategista*. Rio de Janeiro, Editora Gol, 1969.

ZAMORA, Pedro e Maria Célia. *A era Kanela: a maioria do basquete brasileiro*. Rio de Janeiro, Shogun, 1984.

## Jornais

*A Manhã*

*A Noite*

*Clarín* – ARG

*Correio da Manhã*

*Diário Carioca*

*Diário da Noite*

*Diário de Notícias*

*Folha de São Paulo*

*Jornal da Tarde*

*Jornal do Brasil*

*Jornal dos Sports*

*La Nación* – ARG

*Lance!*

*O Dia*

*O Estado de Minas*

*O Globo*

*O Jornal*

*Tribuna da Imprensa*

*Última Hora*

*Voz de São João*

## Revistas e almanaques

*Almanaque Abril*

\_\_\_\_\_ : *Quem é quem na História do Brasil*

*Almanaque do Correio da Manhã: 1945*

\_\_\_\_\_ : 1946

\_\_\_\_\_ : 1950

*Anuário Placar 2003*  
*Caros Amigos*  
*El Gráfico – ARG*  
*Goles – ARG*  
*Isto É*  
*Manchete Esportiva*  
*Nosso Século*  
*O Cruzeiro*  
*O Globo Sportivo*  
*O Mundo Esportivo*  
*Placar*  
*Playboy*  
*Revista do Esporte*  
*Sport Ilustrado*

#### Sites

Canal 100  
Charutos e Cia.  
Circuitos do Rio.com  
Copacabana.com  
Dicionario Cravo Albim de MPB  
Torre de Controle  
Urca.net

## Agradecimentos

Por ordem alfabética, a Aidan Hamilton, Ailton Medeiros, Alexandre Baçallo, Alexandre Niemeyer, Alfredo Bernardi, Alice Gonzaga Assaf, Alvaro Costa e Silva, Ancelmo Gois, André Iki Siqueira, André Malinoski, André Valente, Antônio Leite Falcão, Antônio Ramos, Armando Nogueira (*in memorian*), Augusto Vieira "Tite" de Oliveira (*in memorian*), Bebeto de Freitas, Bö Lofgren, Bruno Lucena, Bruno Santiago Salles, Carlo Carrion, Carlos Poggi, Carlos Sales, Carlos Tomé, Cássio França, Cesar Oliveira, Charles Stevan Pessoa, Chico Buarque, Cláudio Mello e Souza (*in memorian*), Clóvis Martins, Cristian Klein, Dercy Gonçalves (*in memorian*), Domingos Fonseca, Eduardo Ayupe, Eduardo Marques, Ema Zágari, Ester Tarcitano, Evandro Teixeira, Evaristo de Macedo, Fábio Ferreira Murgel, Felipe Awi, Fernanda Nicz, Fernando Aguinaga (*in memorian*), Fernando Calazans, Francisco Duque, Francisco Horta, Francisco Moreira Machado, Gabriel Azambuja, Gastão Carvalho (*in memorian*), Geraldo Mayrink (*in memorian*), Gérson Castilho, Gilberto Carvalho, Giulite Coutinho (*in memorian*), Gustavo Cortes, Gustavo Mayrink, Gustavo Rebello Horta, Haroldo Habib, Helenize de Freitas, Heraldo de Freitas Filho, Herilene de Freitas, Irene de Freitas, Iosif Landau (*in memorian*), Ivan Cavalcanti Proença, Ivan Sotter, Jair Rosa Pinto (*in memorian*), Jeanne Duarte, Jô Soares, João de Deus Soares Rodrigues, João Máximo, José Antônio Gerheim, José Carlos Henrique Barroso, José Carlos de Rodrigues Marques, José Carlos Rodrigues Junior, José Henrique Fonseca, José Theobaldo Tollendal (*in memorian*), Juca Kfourri, Juvenal Francisco Dias, Kleber Mazziero de Souza, José Trajano, Leila Vital, Leonardo Diniz, Leonardo Tollendal, Lucas Lins e Silva, Luis Carlos Monroy, Luis Eduardo Vaz Miranda, Luiz Carlos Barreto, Luiz Felipe Schmidt, Luiz Otávio de Freitas (*in memorian*), Mair Tavares, Marcelo Dória, Marcelo Duarte, Marcelo Tosca, Márcia Bahia, Márcia Regina de Freitas Borges, Márcio de Miranda, Márcio Guedes, Márcio Moretti, Marcos de

Castro, Marcus Vinicius Barbosa, Maria Aparecida Assumpção, Maria Magdalena Pinto Veloso (*in memorian*), Maria Vargas, Mário Saladini (*in memorian*), Mariozinho de Oliveira, Mariúcha Moneró, Marlos Bittencourt, Maurício Assumpção, Maurício Miranda, Miguel Paiva, Milton Costa Carvalho, Nei Medina, Newton Zarani, Nilton Santos, Nonato Pinheiro, Oberdan Catani, Oldar Fróes da Cruz (*in memorian*), OrceLi Lisboa de Rodrigues Marques, Oscar de Freitas Neto, Oswaldo Ávila (*in memorian*), Oswaldo "Camelinho" Cardoso, Othon Alberto da Cunha, Patrice Brezin de Moraes, Paulo Amaral (*in memorian*), Paulo Cesar Guimarães, Paulo Cesar Lima, Paulo Marcelo Sampaio, Paulo Marcos Lima, Paulo Roberto Pires, Paulo Rocha, Paulo Vinícius Coelho, Pedro Blank, Pedro Varanda, pesquisadores e atendentes do Arquivo Nacional, da Biblioteca Nacional, do Museu da Imagem e do Som e do Museu do Maracanã, Rafael Freitas, Rafael Santiago Salles e toda a família panelense, Rafaela d'Azevedo, Rebeca Zanei, Renata Varela, Renato Gomes, Renato Maurício Prado, Ricardo Lisboa de Rodrigues Marques (*in memorian*) Roberto Sander, Rodrigo Ferrari, Rodrigo Santoro, Roger Garcia, Ronaldo Mello Pinto, Ruben Prestiani, Ruth Saldanha, Ruy Castro, Ruy Solberg, Sallete Garcia, Sandra Moreyra, Sebastião Setúbal, Sérgio Augusto, Sérgio Coutinho, Sérgio Napoleão, Sérgio Pugliese, Sérgio Xavier Filho, "Seu" Chico e toda a equipe do *Jornal dos Sports*, Teixeira Heiser, Teresa Bulhões, Tiago Lins e Silva, Victor Navas, Washington Rope, Wilson Pimentel, Yeso Amalfi, Zé Roberto, Zito e Zuenir Ventura, pelas informações e/ou paciência no processo de apuração. Obrigado, de coração.

Em especial, a Luiz Eduardo de Freitas, Marcelo "Foguete" Mendonça, Rodrigo Teixeira, Luiz Mendes (*in memorian*), Roberto Assaf, Roberto Porto, Teodomiro Braga, Mariozinho de Oliveira, Octavio Sérgio de Moraes (*in memorian*) e Manolo Epelbaum. Sem a ajuda e a contribuição de vocês, este livro não sairia.

Por fim, ao eterno paizão Marcos da Silva Neves, por ter me ensinado a respeitar o Botafogo e por sempre ter confiado no meu

potencial; a Nilda Lisbôa Marques, a melhor mãe do mundo, a quem agradeço rigorosamente por tudo; a meu lindo e maravilhoso filho Bernardo d'Azevedo Neves, a quem não tenho palavras para agradecer a motivação diária para seguir sempre em frente; e a Ana Lúcia Amaral de Abreu Neves, minha doce mulher e musa que me inspira a buscar sempre o meu melhor. Amo muito vocês todos.

## Índice onomástico

Abello, Mário, 208  
Abravanel, Senhor, 124; *ver também* Silvio Santos  
Adãozinho, 167  
Aguiar, Álvaro, 183  
Aguinaga, Fernando, 84, 200, 232, 263, 291  
Alarcón, 270  
Albano, 75, 85  
Albatroz, 155  
Alfredinho, 109  
Almeida, Antonio, 11  
Almeida, Araci de, "a dama da Central", 138  
Alvarenga e Ranchinho, 83  
Álvaro, 52, 59  
Alvear, restaurante (atual Arab), 117, 149, 150, 181  
Alves, Fernando Augusto, "Bubi Alves", 182  
Alves, Francisco, "o rei da voz", 23, 205, 248  
Alvim, Danilo, 99, 115, 129, 130, 153, 167, 205  
Amado, Jorge, 39, 100, 159, 283, 284  
Amalfi, Yeso, 178, 179, 184, 185, 187, 188, 189, 291  
Amaral, Paulo, 143, 144, 189, 291  
Ambrosiana, 122  
Amorim, Pedro, 53, 99, 149  
Andrade, Fábio Bonifácio Olinda de, 149  
Andrade, Maria Bicalho de, 84  
Anjos do Inferno, orquestra, 58, 74  
Anysio, Chico, 284  
Aramburu, Francisco, 202; *ver também* Chico  
Aranha, Ciro, 130, 131  
Aranha, Luiz, 95, 121, 123, 168  
Armstrong, Louis, 284

Artigas, 92, 93  
Assaf, Roberto, 301 n.6 e 7  
Assis, Dilermano de, 75  
Astaire, Fred, 24  
Atalaia, Duarte, 137  
Atlântica, avenida, 25, 26, 33, 57, 90, 100, 117, 118, 137, 150, 155,  
245  
Augusto, 153, 167, 205  
Auschwitz, 74  
Autran, Paulo, 204  
Avalos, Casimiro, 217  
Avenida, *dancing*, 100  
Ávila, 142, 151, 157, 172, 192, 248, 291  
Ayupe, Nagib Camillo, 288

Babo, Lamartine, 23, 99, 100  
Baby Pignatari, 149, 221  
Bahense, Efigênio de Freitas, 55, 97; *ver também* Geninho  
Baker, Josephine, 44  
Baliza, Oswaldo, 144-5, 172  
Baltazar, bilhar do, 62  
Balzac, Honoré de, 140  
Bano, Jorge, 208  
Barbacena, "Cidade das Flores", 21, 252, 253, 261, 263, 265, 269,  
273, 286  
Barbadillo, Guillermo, 208  
Barbosa, 167, 205  
Barbosa, Matias, 252  
Barranquilla, "Porta do Ouro", 207, 208, 211, 213, 216, 217, 219,  
225, 228, 229, 231, 240  
Barreto, Luiz Carlos, 291  
Barreto, Paes, 164  
Barroso, Ary, 76, 99, 108, 121, 123, 237  
Barrymore, John, 24  
Basso, Oscar, 180

Bastos, Renato César, 147  
Batatais, 53, 76, 99  
Batista, Linda, 38, 74  
Battagliero, 126, 129  
Bauer, 271  
Bebiano, Adhemar, 59, 92, 95, 116, 139, 147, 151, 152  
Becker, Cacilda, 158  
Bell, Graham, 52  
Belo Horizonte, 13, 55, 139, 251, 254, 256, 278  
Benário, Olga, 111  
Benegas, Jorge, 208  
Bengala, 95, 98, 110, 139  
Beni, Bernardo, 208  
Berascochéa, 213  
Bergman, Ingrid, 96  
Berigan, Bunny, 132  
Berlim, 39, 91, 111  
Bernanos, Georges, 253  
Bernard, Steve, 58  
Bernardes, Artur, 31, 302 n.12  
Bidon, 96, 122  
Bife de Ouro, 149  
Biguá, 107, 143  
Bioró, 56  
Biriba, 191-2  
Boca Juniors, 130, 168, 170, 171, 175, 178, 179, 184, 188, 196,  
203, 297  
Bode, Gastão, 61  
Boi, 100  
Bolívar, Simon, 211  
Bolívia, 104, 129, 298  
Borba, Emilinha, 184  
Borges, Gildo, 30  
Borges, Jorge Luis, 174, 185  
Borges, Lauro, 209  
Borocotó, 180

Borracha, Luís, 129, 141, 146, 153  
Boutman, Simon, 57  
Boyé, Mario, 175, 178, 180, 188  
Braga, André Duarte, 248  
Braga, Carlos Alberto Ferreira, João de Barro, 141; *ver também*  
    Braguinha  
Braga, Marina, 248, 258  
Braga, Rubem, 100, 204  
Braga, Teodomiro, 305 n. 25, 26 e 27, 314  
Braguinha, 133, 141, 142, 192, 245, 270  
Brasil, avenida, 133  
Brasil, *dancing*, 100  
Bria, Modesto, 146  
Brum, Jota, 102  
Bruno, Leonor, 84  
Bruno, Nicete, 84  
Bueno, Maria Esther, 283  
Buenos Aires, 101, 102, 114, 128, 170, 171, 172, 174, 183, 184,  
    185, 187, 189, 190, 191, 200, 203, 213, 227, 240, 264

Cabelli, Hector, 147  
Cabrita, 49  
Café do Carnera, 62, 73  
Café Nice, 23  
Caieira, 86  
Caju, Paulo César, 208  
Caldas, Silvio, 182  
Campo dos Afonsos, 32  
Campos, Francisco, 39  
Campos Salles, estádio, 78, 235, 236, 241  
Campos, Siqueira, 302-3 n.12  
Campos, Souza Didu, 137  
Campos, Souza Teresa, 137  
Canali, 52, 59  
Canaro, Francisco, 185

Canegal, Nilton, 107  
Cañete, 270  
Canhotinho, 167  
Cardoso, Gentil, 147, 156, 194, 247  
Cardoso, Oswaldo, 222, 313; *ver* Camelinho  
Careca, 156  
Carlomagno, Carlo, 35, 36, 38, 86, 109  
Carlos Machado, *orquestra de*, 83, 85  
Carnera, Primo, 26  
Carrero, Tônia, 204, 284  
Carvalho, Gastão, "Gastão Bode", 61, 76, 90, 138, 202  
Carvalho, Horácio, 137  
Carvalho, Lili, 137  
Carvalho, Rogério Lantres de, 156, 161, 163  
Casa de Saúde Dr. Eiras, 254  
Casa de Saúde Esperança, 252  
Casa de Saúde Santa Clara, 251  
Casa de Saúde São Sebastião, 254, 286  
Casa Rosada, 185  
Casablanca, boate, 195  
*Casagrande & senzala*, 24  
Cassino Atlântico, 80, 82, 84, 119, 135, 136, 140, 221, 251  
Cassino Copacabana, 39, 82, 83, 135  
Cassino da Urca, 44, 71, 82, 83, 84, 100, 117, 120, 124, 135, 136,  
237  
Castellani, 178  
Castilho, 204  
Castillo, Alberto, 185  
Castro, Alceu Mendes de Oliveira, 301 n.7, 302 n.9 e 10, 303 n.14 e  
16  
Castro, Marcos de, 300 n.2, 302 n.18, 305 n.25 e 26  
Catani, Oberdan, 102, 291  
Catão, Álvaro, 83  
Catão, Lourdes, 138  
Cavalcanti, Carlos de Lima, 59, 60  
Cavalcanti, Flávio, 237

Caymmi, Dorival, 44  
Centurión, Emilio, 185  
César, Ary Nogueira, 11, 86, 116, 168, 208  
César, Júlio, 300 n.2  
Chanel, 80  
Chaplin, Charles, 99  
Chateaubriand, Assis, 103, 136, 220  
Chateaubriand, Frederico, 133  
Chaves, Álvaro, 9, 46, 72, 109, 140, 152, 158  
Chico, 127, 129, 130, 153, 202, 260  
Christie, Agatha, 14  
Cícero, Marcus Tullius, 291, 300 n.2  
Cineac-Trianon, 193  
Cintra, Néelson, 148, 270  
Civita, Victor, 220  
Clark, Mark, 121  
Clarke, 122  
Cláudio, 71, 167  
Clementino, pastor, 19, 20  
"Clube dos Cafajestes", 9, 117, 120, 132, 138, 149, 154, 155, 173, 181, 182, 185, 194, 200, 201, 209, 221, 224, 245, 284  
Coelho, Canor Simões, 288  
Colle, Louis, 137  
Coller, 122  
Colônia Juliano Moreira, 29  
Conselheiro Lafaiette, rua, 24, 72, 132, 292  
Cooper, Gary, 76, 96  
Copacabana Palace, 24, 57, 58, 74, 84, 116, 120, 133, 137, 169, 185, 201, 284  
Copinha, 58  
Cordeiro, Antônio, 80  
Corrêa, Ligia, 169  
Corrêas, 63  
Côrtes, Geraldo, 288  
Costa, Beatriz, 101

Costa, Flávio, 68, 79, 94, 101, 103, 105, 108, 125, 129, 131, 153, 154, 167, 193, 196, 197, 200, 201, 201, 204, 205, 206, 210, 216, 220, 221, 228, 303 n.14

Costa, João Emílio Resende da, 231

Cotoco, Paulo, 62, 63

Country Club, 120, 182

Coury, Athiê Jorge, 232

Cozzi, Julio, 216

Cozzi, Oduvaldo, "o locutor solitário", 80, 114

Crosby, Bing, 84

Cruz, Darcy Fróes da, 149

Cruz, Oldar Fróes da, 149, 155

Cunha, Ana da, 75

Cunha, Euclides da, 75

Cunha, Othon Alberto da, 228

Custódio, 73

D'Amato, 102

D'Ângelo, Fioravanti, 79

Daher, João, 82

Danilo, 99, 129, 153, 167, 205

Dantas, João, 300 n.3

Dantas, Rodolfo, 118

Dantas, San Thiago, 100

Davis Junior, Sammy, 44

De Cicco, 102

Dean, James, 283

Deco, 278

Delamare, Fernando, 83

Demóstenes, 168

Dempsey, Jack, 264

Di Stéfano, Alfredo, 175, 190, 196, 208, 212, 216, 264

Diamantina, 100, 119, 120, 140, 267

Diaz, 91

Didi, "Príncipe Etíope", "Folha-Seca", 17, 224, 270

Dietrich, Marlene, 76, 96, 284  
Dimas, 238  
Dinorah, 75  
Dior, Christian, 170, 182  
Disney, Walt, 44, 99  
"Divino Mestre", 77, 128; *ver* Domingos da Guia  
Doce, Alfonso, 168, 170  
Dodsworth, Henrique, 39, 103  
Dostoievski, 33  
Duarte, Anselmo, 84, 209  
Duarte, Eva, 186  
Dundas, MacPherson, 204  
Dunga, 97  
Duran, Dolores, 138  
Dutra, Eurico Gaspar, 98, 124, 135, 136, 137, 149, 159, 301 n.5

Edu, 88, 118, 119, 138, 150, 181, 200, 201, 220  
Eduardo VII, 187  
Eggerth, Martha, 84  
Eldorado, 206, 207, 209, 212, 221, 238  
Eli, 153, 205, 234  
Elliot, George, 132  
"Enciclopédia do Futebol", 168  
Ernesto, Pedro, 34-5  
Escreta Guanabara, 28, 61, 62, 90, 138  
Espriella, Jimmy de la, 215  
Excelsior, hotel, 94  
"Expresso da Vitória", 125, 161, 191, 196, 203, 205, 304 n.19

Faculdade Nacional de Niterói, 147  
Falcão, Paulo Roberto, 223  
Fantoni, Orlando, 55  
Farney, Cyl, 85, 209  
Farney, Dick, 85, 133  
Fazzoni, Walter, 97

Fernandes, Helio, 133  
Fernandes, Millôr, 133  
Ferreira, Dino, 95  
Ferreira, Procópio, 44, 301 n.4  
Fields, 122  
Figueira, Aristides, 97; *ver também* Mossoró  
Filho, Albino Castro, 212  
Filho, André, 33  
Filho, Brandão, 55, 154, 288  
Filho, Café, 231  
Filho, Mário, 47, 70, 72, 77, 87  
Fonda, 130  
Fon-Fon, orquestra de, 80, 119  
Força Expedicionária Brasileira (FEB), 76, 91, 95, 97, 98, 121  
Fortes, Bias, 287  
Fortunato, Mário, 86  
Fowler, Gene, 132  
Franco, Francisco, 43  
Franklin, Neil, 212  
Fratezzi, Ítalo, 95; *ver também* Bengala  
Freitas, Aldo de, 172  
Freitas, Celeste de Mendonça, 249, 250  
Freitas, Euclides de, 14  
Freitas Filho, Heraldo de, 249, 282  
Freitas, Gomes de, 13  
Freitas, Helenize Henriques de, 249, 250  
Freitas, Heraldo de, 15, 18, 220, 248, 249, 252, 254, 156, 257, 258,  
260, 261, 262, 264, 265, 267, 268, 272, 273, 274, 276, 277, 278,  
279, 280, 281, 282, 283, 285, 287  
Freitas, Ida de, 14  
Freitas, José Lúcio de, 15  
Freitas, Lincoln de, "Seu Totó", 13, 14, 46, 117  
Freitas, Lúcio de, 15  
Freitas, Márcia Regina de, 200  
Freitas, Maria de, 14, 16  
Freitas, Maria Rita de, 14, 21; *ver também* Dona Miquita

Freitas, Marina de, 15, 33, 258  
Freitas, Mauro de, 46, 60, 117, 169, 182  
Freitas Neto, Oscar de, 200  
Freitas, Oscar de, 13, 14, 15, 17, 18  
Freitas, Rômulo de, 15, 21, 200, 219, 242, 273  
Freitas, Vera Maria de, 15, 16, 23, 282, 286  
Freyre, Gilberto, 24  
Friaça, 167  
Friedenreich, 36  
Fuenmayor, José Felix, 213  
Furness, 122

Gaitán, Jorge, 207  
Galeano, Eduardo, 87, 291  
Galeria Cruzeiro, 23, 193  
Gaó, orquestra de, 83  
Garbo, Greta, 24  
Gardner, Ava, 284  
Garrincha, Mané, 270, 283, 291  
Geada, 206  
Geninho, 11, 55, 56, 60, 72, 76, 86, 97, 98, 121-2, 142, 145, 146,  
158, 172, 245, 270, 271, 291  
Gentil, Vicente, 139  
George Brass, orquestra, 74  
Gerchman, Rubens, 291  
Geronis, 189  
Gil, Daniel, 170, 178, 189, 191  
Gilberto, João, 284  
"Gilda", 9, 10, 11, 155, 158, 159, 161, 206, 290  
*Gilda*, 91, 158  
Ginásio Mineiro, 21  
Glória, Oto, 210, 222  
Gomes, Ângelo, 287  
Gomes, Guilherme, 121  
Gonçalves, Nelson, 82

González, Alfredo, 71, 86  
González, Consuelo Remédios, 185  
Gooch, 122  
Goodman, Benny, 132  
Gracie, Leão, 106  
Gringo, 206  
Gritta, 79  
Grupo Escolar Coronel José Braz, 14, 18  
Guadalajara, 59  
Guaíba, rio, 75  
Guálter, 156  
Guarnieri, Gianfrancesco, 284  
Guia, Domingos da, 68, 71, 72, 77, 78, 79, 86, 87, 97, 104, 107, 128, 129, 130, 153, 190, 273; *ver também* "Divino Mestre"  
Guido, Alfredo, 185  
Guinle, Jorginho, 284  
Guinle, Octávio, 57  
Guinle, família, 58, 110  
Guise, Francisco Albano, 149, 173, 181

Haroldo, 145, 147, 153  
Havaí, baile do, 58  
Hayes, Warren, 260  
Hayworth, Rita, 10, 91, 155, 158, 290  
Heizer, Teixeira, 291  
Henríquez, Jorge, "Chompi", 214  
Hércules, 53, 69, 71  
Hitler, Adolf, 22, 34, 43, 71, 74, 111  
Hodges, Eddie, 283  
Holiday, Billie, 132  
"Homem Borracha", 129; *ver também* Leôni-das da Silva  
*Homem chamado Gilda, Um*, 271  
Horta, Fábio, 235, 236, 241  
Hotel Savoy, 102, 103, 149-50  
Hotel Vogue, 137, 138, 173, 221, 244, 260

Howshall, 122  
Hudson, Rock, 266, 284

Ida, 14  
"Intentona Comunista", 32  
Ipojucan, 197, 199, 205  
Isaiás, 71, 94 *ver também* "os três patetas"  
Ivan, 87, 99, 116, 238

Jaime, 129  
Jaime, "goleiro", 99  
James, Harry, 132  
Japiassu, Moacir, 169  
Joel, 78  
Joreca, 94  
Jorginho, 99, 105, 115  
Joyce, James, 132,  
Juiz de Fora, 13, 63, 248, 250, 252, 277  
Juvenal, 142, 156, 172, 183, 192, 245, 270, 291

Kaize, Oswaldo, 277  
"Kanela", 31, 63, 64, 65, 75, 110, 136, 144, 166, 195  
Kaye, Danny, 182  
Klabin, Beki, 138  
Klabin, Horácio, 83  
Krueschner, Dori, 47, 54  
Kubitschek, Juscelino, 284, 304 n.23

La Bombonera, 176, 180, 185  
Labruna, Angel Amadeo, 129, 196  
Lacerda, Carlos, 205  
Ladamy, Nicolas, 82  
Lage, família, 58

Lago, Mário, 271  
Lamarr, Hedy, 228  
Lampião, 43  
Landi, Chico, 68  
Landolfi, Egídio, "o Paraguaio", 172, 192  
Lane, Virginia, 85, 238  
Leite, Carvalho, 31, 42, 47, 51, 52, 54, 56, 66, 79, 220, 291  
Lelé, 71, 75, 94; *ver também* "os três patetas"  
Leme, 78, 219, 221, 283  
Lemos, Fafá, 84-5  
Lenk, Maria, 33, 77  
Léo Peteca, 149  
Lespian, 150  
Lewgoy, José, 209  
Liga Pirata, 208, 211, 212, 238, 299  
Light, 23  
Lima, 94, 210  
Lima, Elba de Pádua, 61, 208; *ver também* Tim  
Lima, Faria, 28, 94  
Lima, Heleno de, 221  
Limoeirinho, 91, 95  
Lisboa, Ilma Miranda Corrêa, 160-70, 173, 181, 182, 187, 190, 195,  
200, 202, 209, 227, 230, 231, 267, 289, 290  
Lispector, Clarice, 132  
Lobato, Monteiro, 70  
Lobo, Fernando, 183, 220  
"locutor de alto quilate, o", 80  
López, Nereo, 214  
López, Valeriano, 208  
Losteau, 104, 129, 196  
Lugosi, Bela, 74  
Luís, Washington, 22, 60  
Luizinho, 71  
Lula, 75  
Luna, Reinaldo, 208  
Lyra Filho, João, 46, 53, 54, 59, 66, 102, 104, 108, 290

Macaé, 63  
Macedo, Eliana, 209  
Machado, Carlos, 83, 85, 195  
Machado, Cristiano, 220  
Madalena, 52  
Magaldi, Augustin, 185  
Magalhães, Rafael de Almeida, 68, 201  
Magalhães, Raymundo, 149, 181  
Magno, Paschoal Carlos, 44  
Magnones, 61, 63  
Maneca, 197, 199, 203, 205, 234  
Maneco, 63, 153, 237; *ver também* "Saci de Irajá"  
Manzon, Jean, 133, 136, 284  
Maracanã, 46, 160, 206, 208, 237, 238, 240, 242, 245  
Marante, José Manuel, 175, 188  
Marechal, 67  
Margarida, 20  
Maria, Ângela, 138  
Maria Bonita, 43  
Marighela, Carlos, 159  
Marinho, 172  
Marinho, Roberto, 47, 136  
Márquez, Gabriel García, 214-5, 226, 228, 291  
Martins, Clóvis, 301 n.6 e 7  
Martins, Herivelto, 84  
Martins, Lindoia Porto Alegre, 169  
Martins, Raul, 235, 236, 241, 260  
Martins, Ribeiro, 80; *ver também* "o speaker galã"  
Marujo, 203  
Maspoli, 104  
Matarazzo, Ermelino, 84, 110, 138, 148, 181, 187  
Matarazzo, família, 137  
Matarazzo, Francesco, 110  
"Mato Grosso", 97  
Mature, Victor, 228, 249  
Mauá, praça, 25

Máximo, João, 147, 250, 291, 300 n.3, 302 n.8  
Mayrink Veiga, família, 137  
Meazza, Giuseppe, 122  
Medina, 106  
Meira, Roberto, 225  
Mendes, Luiz, 12, 155, 159, 160, 177, 178, 193, 251, 260  
Méndez, 291  
Méndez, Norberto, "Tucho", 104, 107, 129, 130  
Mendonça, René, 18  
Menezes, Ademir Marques de, 99, 104, 105, 107, 108, 126, 128, 129, 131, 146, 153, 156, 197, 199, 200, 201, 202, 204, 205  
Menezes, Ari, 42  
Mesquita, Custódio, 271  
"Mestre Ziza", 169  
Mico, Mauro, 61  
Mignone, Francisco, 23  
Miguelzinho, 100  
Mille, Cecil B. de, 228  
Miller, Glenn, 99  
Milton, 63  
Mina, Felix, 208  
Miranda, Carmen, 24, 44, 70, 118, 133  
Miranda Corrêa, família, 173  
Moisés, 53  
Mollas, Lorenzo, 164  
Monte Carlo, boate, 195  
Monte Castelo, 98, 99, 105, 107, 123  
Montenegro, Fernanda, 101  
Moraes, Dulcina de, 44  
Moraes, Octavio Sergio da Costa, 109; *ver também* Otávio  
Moraes, Vinicius de, 182  
Morais, Ângelo Mendes de, 161  
Morales, 94  
Moreira, Carlos Roberto de Aguiar, 149  
Morel, Edmar, 133  
Moreyra, Aymoré, 52, 233

Moreyra, Sandro, 30, 33, 35, 61, 217, 246

Moreyra, Zezé, 47, 59, 139, 163, 191, 270

Mossoró, 97

*Mr. Brown*, 178

Müller, Filinto, 39

Müller, Maneco, 137; *ver também* Jacinto de Thormes

Murce, Renato, 80, 209

Mussolini, Benito, 23, 43, 111

Nascimento, Odilon Hermont do, 254, 256, 257, 276, 277, 282, 305

Navarro, Enrique, 208

Nazareth, Ernesto, 29

Negresco, hotel, 57

Negri, 178, 180

Negrinhão, 116

Neiva de Figueiredo, 149

Nélson, 52, 56, 59

"Neném Prancha", 26, 27, 28, 29, 35, 37, 75, 166, 246, 290, 291

Néri, Adalgisa, 58

Nerino, 172

Nestor, 197, 199, 201, 210

Neto, Accioly, 133

Neto, Gagliano, 80, 114; *ver também* "o *speaker* do mundo"

Neto, Orlando Monteiro, 232

Netto, João Coelho, 35; *ver também* "Preguinho"

Neves, Délio, 237, 239, 241

Neves, Jader, 263

Niemeyer, Carlinhos, 68, 118, 201, 284

Nilo, 79

Nilton, 12, 99, 107, 146, 167

Nivaldo, 237

Noce, Ângelo Della, 150

Nogueira, 63

Nogueira, Armando, 55, 97, 125, 197, 301 n.6

Norival, 99, 129

Noronha, 153, 167  
Nunes, Bené, 195  
Nunes, Max, 238  
Nyjinski, 291

Obregón, Alejandro, 213-4  
Oiticica, Sonia, 44  
Oliveira, Antônio Ferreira Franco de, 26; *ver também* "Neném Prancha"  
Oliveira, Augusto Vieira de, 232, 313; *ver também* "Tite"  
Oliveira, Dalva de, "a voz deliciosa", 84, 221  
Oliveira, Eduardo Henrique Martins de, 118, 200  
Oliveira, Marinho Rodrigues de, 208  
Oliveira, Mariozinho de, 88, 118, 137, 138, 150, 154, 181, 182, 194, 200, 224, 246  
Oliveira, Olga Mendes de, 120  
Ornstein, Oscar, 84, 137  
Oscarito (Oscar de Freitas), 13, 200, 313  
Oscarito, 15, 101, 158, 209, 238  
Osni, 123, 236, 238  
Oswaldo, 75  
Otaviano, Francisco, 57, 250  
Otávio, 9, 109, 114, 115, 120, 123, 127, 128, 141-3, 155, 158, 161, 163, 172, 191, 192, 198, 205, 245, 264, 292, 304  
Otelo, 44, 228, 291  
Otelo, Grande, 44, 76, 83, 209

Pacheco, 52 Pacífico, oceano, 71  
Padilha, 118  
Padín, Ruben, 208  
Pagã, Elvira, 209  
Paiva, Miguel, 271, 313  
Paiva, Wilson, 277  
Panair do Brasil, 118, 200  
Paone, Nicola, 185

Partido Comunista Brasileiro (PCB), Partidão, 28, 111, 159  
Pascoal, 52, 69  
Patachou, 222  
Patesko, 52, 84, 86  
Pathé, cinema, 74  
Pato Donald, 164  
Patureba, Ganso, 64  
Pedrera, Adolfo Alfredo, 129, 208, 212, 216  
Peixoto, Carlos, 149, 150, 154, 181, 195  
Peixoto, Ênio, 263  
Peixoto, Floriano, 18  
Peixoto, José Pereira, 54, 217, 300 n.3  
Pellicciari, Romeu, 71  
Perácio, 59, 71, 73, 121, 122, 123, 141  
Perácio, José, 95  
Pérez, Ospina, 211  
Pernambuco, Betinho, 149  
Pernambuquinho, Almir, 283  
Perón, Evita, 186, 187, 264; *ver também* Eva Duarte  
Perón, Juan Domingo, 174, 186  
Perroncino, 178  
Pescia, Natalio Augustín, 178  
Pessanha, Manoel, "Lelé", 75  
Pessoa, Epitácio, 14, 57, 300 n.3  
Pessoa, João, 22  
Pigalle, boate, 284  
Pignatari, Baby, 149, 221  
Pimenta, Ademar, 54-5, 59, 86  
Pingo de Ouro, Orlando, 10, 152  
Pinheiro, Carlos, 14, 203  
Pinheiro, Israel, 231, 304 n.23  
Pinheiro, João Batista Carlos, 203  
Pinto, Dario de Mello, 173  
Pinto, Jair Rosa, 71, 94, 104, 106, 125, 128-31, 154, 167, 283, 313;  
*ver também* "os três patetas"  
Pinto, Ronaldo Mello, 173, 195, 291, 314

Pinto, Vânia, 42  
Pinto, Walter, 45, 101, 238  
Pirica, 28, 61-3, 84, 119, 120  
Pirillo, Sylvio, 69, 71, 119, 141, 164, 168, 172, 183, 184, 191, 192  
Polo, Heitor, 149  
Ponce de Leon, Norival Cabral, 164  
Pontoni, René, 104, 107, 180, 208  
Portinari, Cândido, 100  
Porto, Mauricinho, 33  
Porto, Paulo, 44  
Porto, Roberto, 166, 169, 198, 229, 255, 291, 304 n.20, 314  
Porto, Sérgio, 28, 30, 35, 40, 61, 88, 118, 204, 230, 284; *ver também* Stanislaw Ponte-Preta  
Posto 4 Futebol Clube, 26, 27, 30, 34, 35, 90, 169, 290  
Prado Júnior, Caio, 24  
"Preguinho", 35, 36  
Presley, Elvis, 283  
Prestes, Júlio, 22  
Procópio, Zezé, 52, 129  
Provenzano, Mário, 80; *ver também* "o locutor de alto quilate"

Queiroz, Rachel de, 39  
Quitandinha, 136, 137, 149

Ramos, Graciliano, 39  
Ramos, Irene, 16  
Rangel, Carlos, 89, 183, 234, 238, 240, 248, 300 n.3, 301 n.6 e 7, 302 n.8  
Rangel, George, 33  
Raul, 42, 235  
Ray Ventura, orquestra de, 85  
Redondo, Jaime, 83  
Rego, José Lins do, 70, 310  
Reinaldo, 172, 208  
Reis, Emérito dos, 97; *ver também* "Mato Grosso"

Renault, Abgar, 82  
Resende, 27  
Resende, Rubens, 277  
Ribeiro, Alberto, 133  
Ricardi, 94  
Richmond, 176, 177, 187  
Rio Branco, avenida, 23, 58, 193, 284  
Rio de Janeiro, 13, 15, 21, 22, 39, 68, 78, 101, 117, 131, 135, 153,  
196, 208, 213, 218, 229, 250, 253, 254, 288, 299, 300, 305 n.26  
Roberti, Roberto, 133  
Rocha, Carlito, 136, 148, 152, 162, 164, 173, 183, 191, 192, 221,  
291  
Rocha, Carlos Martins da, 162; *ver também* Carlito Rocha  
Rocha, Martha, 254  
Rocha, Olincio Monteiro da, 96; *ver também* Bidon  
Rodrigues, Milton, 76  
Rodrigues, Nelson, 70, 91, 186, 209, 212, 238, 284  
Rodrix, Zé, 271  
Rogers, Ginger, 24, 284  
Rolla, Joaquim, 82-4, 135, 136  
Romeu, 53, 69, 71  
Romeu Silva, orquestra, 80  
Rongo, 69  
Roosevelt, Franklin, 22  
Rosa, Noel, "o poeta da Vila", 40, 138  
Rossi, Néstor, 208, 212  
Rúbia, Mara, 238  
Rubin, Sacha, 137, 283  
Rubinho, 68, 84  
Rui, 107, 167  
Rushing, Jimmy, 132  
Russo, 62, 63, 69  
  
Sá, 68  
Sabiá, 35, 269

Sablon, Jean, 58  
Sacha's, boate, 283  
"Saci de Irajá", 237  
Saladini, Mário, 117, 149, 154, 291, 313  
Salazar, 22  
Saldanha, João, 25, 31, 32, 42, 61, 66, 73, 76, 90, 131, 167, 230, 270, 283, 291, 301 n.7  
Salgar, 212  
Salles, Walther Moreira, 103  
Salvador, Henri, 85  
Sánchez, Gómez, 178, 188  
Santa Helena, 15  
Santiago, 102, 103, 106, 107  
Santo Cristo, 158, 164  
Santoro, Fada, 209  
Santos, Alfredo dos, 107, 204, 205  
Santos, Ary Agostinho dos, 96; *ver também* Timbira  
Santos, Gerson dos, 11, 109, 115, 208  
Santos, Nilton, 168, 172, 192, 245, 270, 291, 313; *ver também* "Enciclopédia do Futebol"  
Santos, Silvio, 124  
São Bento, 25, 35  
São João Nepomuceno, 13, 14, 36  
Sarlanga, Jaime, 189  
Satã, Madame, 100  
Schaaf, Ernie, 26  
Schiller, Glorinha, 260  
Schiller, Valdemar, 260  
Schmidt, Augusto Frederico, 75, 89, 92  
Schubert, Lee, 44  
Seabra, família, 58  
Sênior, Afonso, 217  
Serran, Ricardo, 113  
Servílio, 104  
Setúbal, Sebastião Rodrigues, 194, 314  
Shaw, 122

Shore, Diana, 103  
Silva, Arthur da Costa e, 103  
Silva, Geraldo Romualdo da, 7, 40, 113, 172, 177, 291  
Silva, Labatut Rodrigues da, 97  
Silva, Leônidas da, "Diamante Negro", 32, 45, 53, 56, 71, 101, 125, 126, 128, 165, 225  
Silva, Luís de Paula e, 66  
Silva, Orlando, 23, 48  
Silva, Oswaldo Alfredo da, 144; *ver também* Oswaldo Baliza  
Silva, Thomaz Soares da, "Zizinho", 47, 56; *ver também* "Mestre Ziza"  
Silveira, Martim, 61, 92, 95, 139, 163  
Silvestre, J., 237  
Sinatra, Frank, 103, 283  
Sirica, 68  
Soares, Togo Renan, 31; *ver também* "Kanela"  
Sodré, Mimi, 66, 92  
Solberg, Ruy, 291, 314  
Soledade, Paulo, 118, 195, 220  
Sosa, 178  
Souto, Sergio Monteiro, 219, 244  
Souza, Cláudio Mello e, 246, 291, 313  
Souza, Guilherme de, 252  
Souza, Kleber Mazziero de, 302 n.8, 313  
"speaker do mundo, o", 80 "speaker galã, o", 80  
Spinelli, 62, 115  
Stevenson, Robert Louis, 143  
Stuck, Hans, 26  
Stuckart, barão Von, 137  
Sued, Alberto Mustafá, 77, 149  
Sued, Ibrahim, 77, 137, 182, 284  
Sueiros, Jamyr, 192; *ver também* Macaé  
Sumac, Yma, 83

Taberna da Glória, 100

Tadique, 52  
Tavares, Antônio Rodrigues, 196  
Theatro Municipal, 58  
Teffé, Manuel de, 26  
Teixeirinha, 11, 158  
Terra, Jayme, 35, 61  
Tesourinha, 103, 104, 107, 108, 129, 154, 207  
Teté, 261  
Tetito, 149  
Thormes, Jacinto de, 137, 182  
Tim, 53, 54, 61, 62, 63, 71, 84, 109, 110, 120, 125, 208, 212, 213, 216, 217  
Timbira, 96  
Tiradentes, 55  
"Tite", 232, 233, 313  
Titica, Odair, 233  
Tollendal, José Theobaldo, 254, 255, 258, 260, 261, 266, 269, 274, 276, 281, 285, 313  
Torquato, Henrique Fernandes, 97; *ver também* Dunga  
Tovar, Jair, 148  
Tovar, Luiz Paulo Neves, 69, 147  
Tracy, Spencer, 74  
"três patetas, os", 71, 94  
Trindade, Eduardo de Góis, 66, 71-2  
Trindade, Hermano, 271  
Troilo, Aníbal, 185  
Trompowski, Gilberto, 74  
Trotta, Fredímio Biasotto, 303 n.15  
Truman, Henry, 132  
Turner, Lana, 149  
Tuta, 199  
  
Vacca, 178  
Valadares, Benedito, 103  
Valença, irmãos, 23

Valente, Assis, 58  
Valentim, Paulo, 270  
Valentini, Nobel, 104, 129, 131  
Valentino, Rodolfo, 9  
Valverde, Belmiro, 43  
Varela, Obdulio, 104, 216  
Vargas, Alzira, 58  
Vargas, "Bejo", 117, 124  
Vargas, Benjamim, 117, 124; *ver também* "Bejo" Vargas  
Vargas, Darcy, 58  
Vargas, Getúlio, 12, 22, 29, 34, 38-9, 43, 48, 51, 65, 70, 74, 83, 98, 102, 111, 117, 124, 166, 220, 255  
Vargas, Pedro, 137  
Vargas Neto, Getúlio, 290  
Vaz, João Domingues, 95  
Veloso, Catulino, 28  
Ventura, Zuenir, 314, 315  
Verri, Luis, 150  
Vevé, 69  
Viana, Orlando de Azevedo, "Orlando Pingo de Ouro" 10, 152  
Vianna, Mário, 56  
Vianna, Oduvaldo, 44  
Vicente De la Mata, 129, 130, 190  
Vicentini, 76  
Vidor, Charles, 10  
Vieira Souto, avenida, 171 Vieira, Oto, 203  
Villa-Lobos, Heitor, 96  
Vinhais, Luís, 165  
Vinyes, Ramón, 213  
Vitória (time), 294, 296, 298  
Vogue, boate, 137, 138, 170, 195  
Volante, 77  
Volusia, Eros, 76, 238  
  
Wainer, Samuel, 230

Walter, 75  
Washington, Ned, 138  
Wayne, John, 195  
Welles, Orson, 62, 73  
Wilson, 205  
Wunsch, Fery, 58

Young, Lester, 132  
Young, Victor, 138  
Yustrich, 56

Zacharias, 58  
Zágari, Ema, 21, 250, 251, 252, 300 n.2  
Zágari, Francisco, 14  
Zágari, Luiz Sérgio, 251  
Zarci, 78  
Zezinho, 205  
Ziembinski, 91  
Zita, 119  
Zizinho, 47, 56, 71, 78, 79, 98, 99, 102, 104, 105, 107, 127, 129,  
130, 154, 169, 217; *ver também* "Mestre Ziza"  
"Zum-zum tá faltando um", 220

Copyright © 2006, 2012, Marcos Eduardo Neves

Copyright desta edição © 2012:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º andar | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Tamara Sender, Mônica Surrage | Indexação: Nelly Praça

Capa: Dupla Design

Foto da capa: © Carlos Moskovics/Acervo Instituto Moreira Salles

As imagens aqui incluídas pertencem ao acervo da família de Heleno de Freitas/RT Features e foram gentilmente cedidas para reprodução nesta obra. Todos os esforços foram feitos para identificar possíveis detentores de direitos. Caso tenha havido alguma violação involuntária, eventuais omissões serão incluídas em futuras edições

Edição digital: março 2012

ISBN: 978-85-378-0832-0

---

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**

---